

O ENSINO DE CONDUÇÃO AUTOMÓVEL A PESSOAS SURDAS EM PORTUGAL

Dissertação

Zita Hermínia de Jesus Luís

Trabalho realizado sob a orientação de

Catarina Mangas, ESECS – IPLEIRIA

Célia Sousa, ESECS – IPLEIRIA

Leiria, março 2017

Mestrado em Comunicação Acessível

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Professora Doutora Catarina Mangas e co-orientadora Professora Doutora Célia Sousa pela disponibilidade e orientação prestadas desde o primeiro momento.

Aos meus pais, irmãos, cunhadas e sobrinhos pelo apoio incondicional, pela força e coragem sempre dadas, não me deixando desistir e por terem criado todas as condições para que conseguisse chegar até aqui. No fundo, por todo o amor revelado, de diferentes formas, ao longo destes anos.

Aos meus amigos, não nomeando para não esquecer nenhum, pela motivação e compreensão pelo tempo que com eles não partilhei.

A todos os instrutores entrevistados, pela disponibilidade e simpatia com que me receberam.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste trabalho.

A todos, um imenso obrigada!

RESUMO

Em Portugal, tal como nos restantes países da União Europeia, é conferida habilitação legal para obtenção de carta de condução às pessoas surdas. No entanto, o facto de estas poderem conduzir constitui ainda uma questão controversa essencialmente pela suposta relação direta entre falta de audição e insegurança rodoviária. Apesar de ser atribuída aos fatores sensoriais, incluindo a audição, uma evidente importância para a condução, esta tarefa assume-se como predominantemente visual. O presente estudo centra o seu tema na formação dos condutores surdos. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, que visa compreender como se processa o ensino da condução a esta população, considerando as condições apresentadas pelas escolas de condução, bem como as dificuldades encontradas e as estratégias de comunicação aplicadas. Para esse efeito utilizaram-se entrevistas semiestruturadas a instrutores de todos os distritos de Portugal continental com experiência no ensino a alunos surdos. Através da análise destas entrevistas, podemos concluir que não existem, nas escolas de condução em que os participantes exercem funções, materiais de formação especificamente adaptados às pessoas surdas. Conclui-se, também, que as principais dificuldades reveladas pela maioria dos instrutores se prendem com a pouca experiência relativa ao ensino de pessoas surdas e com a falta de formação específica nesta área, nomeadamente ao nível da Língua Gestual Portuguesa. Considera-se ainda que os entrevistados, apesar de nunca terem tido formação específica para trabalhar com pessoas surdas, adotam algumas estratégias sugeridas pelos especialistas da área como a utilização de materiais com recursos visuais, falar de frente para o aluno nas aulas de código ou a demonstração nas aulas práticas, o que tem conduzido ao sucesso destes alunos.

Palavras-chave

Comunicação, ensino de condução automóvel, pessoas surdas

ABSTRACT

In Portugal, as in all the other countries of the European Union, it is granted to deaf people legal authorization to obtain a driving license. However, the fact that deaf people are allowed to drive is still a controversial issue, mainly because of the supposed direct relationship between hearing impairment and road insecurity. Although it is attributed to sensory factors, including hearing, an obvious importance for driving, this task is predominantly visual. The present study focuses its theme on the teaching of deaf drivers. This is a qualitative study, which aims to understand how the teaching of driving to deaf people is done, considering the conditions presented by driving schools, as well as the difficulties and the communication strategies applied. For this purpose, semi-structured interviews to driving instructors of all the districts of Portugal with experience in teaching deaf people were used. Through the analysis of interviews, we can conclude that there are no training materials specifically adapted to deaf people in the schools where our participants teach. It is also concluded that the main difficulties revealed by most driving instructors are related to the lack of experience in teaching deaf people and the lack of knowledge in Portuguese Sign Language. It is also considered that although the interviewees have never had specific training to work with deaf people, they adopt the strategies suggested by specialists such as the use of materials with visual aids, speaking in front of the student in the theory classes or the demonstration in the practical classes, which has led to the success of these students.

Keywords

Communication, teaching driving, deaf people

ÍNDICE GERAL

| | |
|--|------|
| Agradecimentos..... | iii |
| Resumo | v |
| Abstract | vii |
| Índice Geral..... | ix |
| Índice de Quadros..... | xiii |
| Abreviaturas | xv |
| Introdução | 1 |
| Parte I - Enquadramento teórico..... | 5 |
| 1.1 Deficiência auditiva/surdez | 5 |
| 1.1.1 Caracterização | 5 |
| 1.1.2 A pessoa surda e a comunicação..... | 8 |
| 1.2 A condução automóvel..... | 12 |
| 1.2.1 Habilitação Legal para conduzir em Portugal..... | 12 |
| 1.2.2 A Tarefa da Condução | 15 |
| 1.3 Fatores sensoriais que influenciam a condução..... | 17 |
| 1.3.1 O caso particular da audição na condução | 18 |
| 1.3.2 A surdez e a segurança rodoviária..... | 21 |
| 1.4 O Ensino de Condução automóvel a pessoas surdas | 24 |
| 1.4.1 Legislação..... | 24 |
| 1.4.2 Material Pedagógico e Estratégias de Comunicação | 25 |
| Parte II - Metodologia..... | 35 |
| 2.1 Questão de investigação e objetivos..... | 36 |
| 2.2 Tipo de estudo | 37 |
| 2.3 Cenário da investigação e participantes do estudo | 38 |

| | |
|--|-----|
| 2.4 Instrumento de recolha de dados - Entrevista | 39 |
| 2.5 Conduta ética e procedimentos de recolha de dados..... | 40 |
| 2.6 Tratamento dos dados – Análise de conteúdo..... | 45 |
| Parte III – Apresentação dos dados e discussão de resultados..... | 49 |
| 3.1 Perfil dos Entrevistados | 49 |
| 3.2 Condições da escola de condução para o ensino de alunos surdos | 51 |
| 3.2.1 Materiais Pedagógicos..... | 51 |
| 3.2.2 Condições Humanas | 53 |
| 3.3 Comunicação entre instrutor e alunos surdos | 55 |
| 3.3.1 Interação..... | 55 |
| 3.3.2 Estratégias de comunicação – aulas teóricas | 56 |
| 3.3.3 Estratégias de comunicação – aulas práticas | 58 |
| 3.3.4 Dificuldades | 60 |
| 3.3.5 Estratégias de comunicação para ultrapassar as dificuldades..... | 64 |
| 3.4 Desempenho dos alunos surdos..... | 66 |
| 3.4.1 Caraterísticas Específicas..... | 66 |
| 3.4.2 Aulas Teóricas e Práticas | 68 |
| 3.4.3 Exames Teóricos e Práticos | 69 |
| 3.4.4 Segurança Rodoviária | 70 |
| Conclusões, limitações e sugestões para futuras investigações | 77 |
| Referências bibliográficas..... | 83 |
| APÊNDICES..... | 91 |
| Apêndice 1 - Carta de Apresentação do estudo | 93 |
| Apêndice 2 – Consentimento Informado | 95 |
| Apêndice 3 – Guião da entrevista | 97 |
| Apêndice 4 - Transcrição da entrevista - AVR | 101 |

| | |
|--|-----|
| Apêndice 5 - Transcrição da entrevista – BJA..... | 113 |
| Apêndice 6 - Transcrição da entrevista - BRG | 119 |
| Apêndice 7 - Transcrição da entrevista – BGC..... | 127 |
| Apêndice 8 - Transcrição da entrevista – CTB | 133 |
| Apêndice 9 - Transcrição da entrevista – CBR1..... | 141 |
| Apêndice 10 - Transcrição da entrevista – CBR2..... | 149 |
| Apêndice 11 - Transcrição da entrevista – EVR..... | 153 |
| Apêndice 12 - Transcrição da entrevista – FAR..... | 161 |
| Apêndice 13 - Transcrição da entrevista – GRD | 167 |
| Apêndice 14 - Transcrição da entrevista – LRA | 173 |
| Apêndice 15 - Transcrição da entrevista – LSB1..... | 181 |
| Apêndice 16 - Transcrição da entrevista – LSB2..... | 189 |
| Apêndice 17 - Transcrição da entrevista – PTG..... | 201 |
| Apêndice 18 - Transcrição da entrevista – PRT | 209 |
| Apêndice 19 - Transcrição da entrevista – STR | 219 |
| Apêndice 20 - Transcrição da entrevista – STB | 227 |
| Apêndice 21 - Transcrição da entrevista – VCT | 233 |
| Apêndice 22 - Transcrição da entrevista – VRL | 239 |
| Apêndice 23 - Transcrição da entrevista – VIS | 245 |
| Apêndice 24 – Grelha de análise de conteúdo – AVR | 253 |
| Apêndice 25 – Grelha de análise de conteúdo – BJA | 257 |
| Apêndice 26 – Grelha de análise de conteúdo – BRG | 259 |
| Apêndice 27 – Grelha de análise de conteúdo – BGC | 261 |
| Apêndice 28 – Grelha de análise de conteúdo - CTB | 263 |
| Apêndice 29 – Grelha de análise de conteúdo – CBR1 | 267 |
| Apêndice 30 – Grelha de análise de conteúdo – CBR2 | 271 |

| | |
|--|-----|
| Apêndice 31 – Grelha de análise de conteúdo – EVR | 273 |
| Apêndice 32 – Grelha de análise de conteúdo – FAR..... | 277 |
| Apêndice 33 – Grelha de análise de conteúdo – GDR..... | 279 |
| Apêndice 34 – Grelha de análise de conteúdo – LSB1 | 281 |
| Apêndice 35 – Grelha de análise de conteúdo – LSB2 | 283 |
| Apêndice 36 – Grelha de análise de conteúdo – LRA..... | 287 |
| Apêndice 37 – Grelha de análise de conteúdo – PRT..... | 291 |
| Apêndice 38 – Grelha de análise de conteúdo – PRT..... | 295 |
| Apêndice 39 – Grelha de análise de conteúdo – STR..... | 297 |
| Apêndice 40 – Grelha de análise de conteúdo – STB..... | 301 |
| Apêndice 41 – Grelha de análise de conteúdo – VCT..... | 303 |
| Apêndice 42 – Grelha de análise de conteúdo – VRL..... | 303 |
| Apêndice 43 – Grelha de análise de conteúdo – VIS..... | 309 |

ÍNDICE DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - Classificação dos graus de surdez, de acordo com a perda auditiva em dB (Afonso, 2008, p.21) | 7 |
| Quadro 2 - Codificação dos distritos de cada participante no estudo | 44 |
| Quadro 3 - Quadro das categoriais e subcategorias da análise de conteúdo..... | 46 |

ABREVIATURAS

EEE - Espaço Económico Europeu

EUD - European Union of Deaf

IMT, IP - Instituto da Mobilidade e dos Transportes, IP

IMTT - Instituto da Mobilidade e dos Transportes Terrestres

INR – Instituto Nacional para a Reabilitação

LGP - Língua Gestual Portuguesa

SMS - Short Message Ssystem

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

WFD- World Federation of the Deaf

INTRODUÇÃO

O presente trabalho centra-se no estudo do ensino de condução automóvel a pessoas surdas em Portugal.

Em Portugal, de acordo com o Inquérito Nacional de Incapacidades, Deficiências e Desvantagens (INR, IP - Instituto Nacional para a Reabilitação) em 1996, existiam 115.066 pessoas com deficiência auditiva e 19.172 com surdez. Segundo os dados dos Censos de 2001, existiam na altura 84.172 deficientes auditivos. Os Censos mais recentes, de 2011, não são muito claros na área da deficiência e nomeadamente no que diz respeito às pessoas surdas, uma vez que distinguem apenas a população com dificuldades na realização de algumas atividades diárias como "ouvir", o que pode ser causado por vários motivos, tais como questões de saúde ou de idade.

De acordo com uma notícia recentemente publicada no Jornal Económico (<http://www.jornaleconomico.sapo.pt/noticias/condutores-surdos-tem-agora-apoio-pioneiro-118139>) estima-se que, em Portugal, num universo de 115 mil cidadãos surdos, 70 mil têm carta de condução e conduzem. Para além de Portugal, este direito é também exercido noutros países, nomeadamente nos da União Europeia. No entanto, países da Ásia, Arábia e África ainda não permitem exercer esse direito (Jokinen, 2009).

Apesar deste elevado valor, a investigação na temática da condução automóvel pela população surda é ainda escassa, sendo que a habilitação legal conferida a estas pessoas é considerada uma questão controversa, causadora de surpresa ou curiosidade por parte das pessoas ouvintes. Lane (1996) refere mesmo que os ouvintes se questionam acerca da forma como as pessoas surdas conseguem conduzir.

Com efeito, num estudo de 2010, Hersh, Ohene-Djan e Naqvi abordam a necessidade de investigar o modo como é realizado o ensino da condução às pessoas surdas já que esta questão afeta não só a qualidade da aprendizagem como poderá ter impacto na sua segurança enquanto condutores.

A par do reduzido número de estudos nesta área, contribuiu também para a escolha da temática, a proximidade familiar da investigadora com o ensino de condução automóvel, que levou à formulação da questão ‘De que modo se processa o ensino de condução automóvel a pessoas surdas em Portugal?’.

Este estudo teve como objetivo geral analisar a forma como o ensino de condução automóvel a pessoas surdas se concretiza, caracterizando, nomeadamente, a comunicação que se estabelece entre os instrutores de condução e os alunos surdos, as dificuldades sentidas e as estratégias utilizadas para as ultrapassar.

No que concerne aos aspetos estruturais, este documento encontra-se organizado e dividido em três partes: enquadramento teórico, metodologia e apresentação e discussão dos resultados.

No enquadramento teórico desenvolvem-se os temas da deficiência auditiva/surdez, da tarefa da condução automóvel e do ensino de condução a pessoas surdas, sendo que no primeiro capítulo é abordada a surdez assim como a pessoa surda e a comunicação com o objetivo de compreender e ajustar as temáticas em análise.

No segundo capítulo, referente à condução automóvel na escola, apresenta-se a legislação existente associada à habilitação legal para conduzir em Portugal; faz-se uma abordagem à tarefa da condução assim como aos fatores sensoriais que influenciam a condução, especificando de seguida, o caso particular da audição na condução, relacionando ainda a surdez e a segurança rodoviária.

No terceiro capítulo, que diz respeito, ao ensino de condução automóvel a pessoas surdas, foca-se a legislação vigente, identificam-se os materiais pedagógicos de apoio para a formação de condutores surdos e são ainda elencadas as estratégias de comunicação utilizadas no ensino de condução.

A segunda parte do trabalho trata dos aspetos metodológicos que orientaram a presente investigação qualitativa. Inclui a apresentação do estudo exploratório-descritivo, a identificação dos participantes, a descrição do instrumento e dos procedimentos de recolha e análise de dados.

A terceira parte remete-nos para a apresentação e discussão dos resultados obtidos a partir do instrumento de recolha de dados utilizado: a entrevista semi-estruturada.

Por último, apresentam-se as conclusões do estudo, suas limitações e recomendações decorrentes das mesmas. São apresentadas ainda sugestões para investigações futuras que poderão complementar o presente estudo.

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 DEFICIÊNCIA AUDITIVA/SURDEZ

1.1.1 Caracterização

A audição pode ser definida como sendo a função sensorial pela qual o ouvido capta as vibrações sonoras à sua volta, as quais são transmitidas pelos nervos auditivos até ao centro auditivo do cérebro (córtex auditivo) (Monteiro, 2014).

De um modo geral, pode considerar-se a surdez como uma redução ou ausência da capacidade de audição. Contudo, verifica-se uma variação terminológica entre diferentes autores, no que se refere à definição de surdez. Baptista (2012) refere que na literatura são utilizadas expressões como hipoacusia e deficiência auditiva como sinónimo de surdez. O termo hipoacusia é apresentado como sendo de uso principalmente médico para designar surdez e refere-se a transtornos na função de audição, relacionados com o órgão do ouvido e com o nervo auditivo (Correia, 2013).

Numa perspetiva clínica, ser surdo significa apresentar uma deficiência auditiva resultante de lesão no aparelho auditivo traduzindo-se na impossibilidade de ouvir ou na dificuldade em ouvir determinados sons (*ibidem*).

A deficiência auditiva pode assim ser definida como a diminuição da capacidade de ouvir, ou seja, quando esta capacidade se torna débil perante as tarefas que o indivíduo realiza (Nielsen, 1999).

Segundo Afonso (2008), a deficiência auditiva ou surdez é geralmente caracterizada do ponto de vista médico-audiológico, atendendo a três aspetos essenciais: causa, tipo e grau.

Relativamente à causa, a surdez pode ter origem genética ou hereditária, congénita e adquirida. A surdez hereditária pode ser classificada em síndrómica e não síndrómica, sendo que a primeira é responsável por 30% dos casos

infantis. Na surdez não sindrómica podem estar envolvidos entre 30 a 100 genes. Não se devendo diretamente a fatores genéticos ou hereditários, a surdez congénita ocorre durante o tempo de gestação e poderá ser causada por diversos fatores de natureza viral, bacteriana e tóxica, afetando o desenvolvimento do bebé através da mãe. Como exemplos, poder-se-á falar em rubéola, papeira, toxoplasmose, meningite e toma de antibióticos. Quanto à surdez adquirida, esta pode surgir durante o parto ou em qualquer outro momento da vida da pessoa (Afonso, 2008).

Em relação ao tipo de surdez, este define-se pela localização da lesão no ouvido humano e também pelas consequências que trará ao aparelho auditivo (*ibidem*). Os diferentes tipos de surdez podem ser classificados em surdez: de transmissão ou condução, referente a um problema do ouvido médio e/ou externo, na maioria dos casos temporário; surdez neuro-sensorial ou de perceção, referente a um problema do ouvido interno e/ou nervo auditivo e de carácter definitivo; e surdez mista, referente a uma conjugação dos dois tipos de perda (Afonso, 2008; Correia, 2013).

A terceira característica a ter em conta é o grau de surdez. As classificações dos graus de perda auditiva baseiam-se nos limiares auditivos, expressos em decibéis (dB), obtidos nas frequências médias da fala e expressas em hertz (Hz). Com efeito, quanto maior a perda, maior o limiar (Baptista, 2012).

Verifica-se que a classificação dos graus de surdez difere, ainda que pontualmente, no que respeita à terminologia utilizada e a alguns valores dos intervalos dos graus de surdez, essencialmente, na consideração ou não de categorias.

Apresenta-se de seguida o quadro de classificação dos graus de surdez, segundo vários autores enunciados por Afonso (2008), de acordo com a perda auditiva em dB (Quadro 1).

| Kirk e Gallagher, 1995 | | Yssedkyyke e Algozzine, 1995 | | Nunes, 1998 | | Lima, 2000 | |
|--------------------------------------|---------------|--|---------------|------------------------|---------------|-------------------------------------|---------------|
| Perda leve | 27 dB - 40dB | Perda auditiva funcional leve | 26 dB - 40 dB | Hipoacusia Ligeira | 21 dB - 40 dB | Deficiência auditiva ligeira | 21 dB - 40 dB |
| Perda moderada | 41 dB - 55 dB | Perda auditiva funcional suave | 41 dB - 55 dB | Hipoacusia Moderada | 41 dB - 60 dB | Deficiência auditiva média | 41 dB - 70 dB |
| Perda moderada- mente grave | 56 dB - 70 dB | Perda auditiva funcional moderada | 56 dB - 70 dB | Hipoacusia Severa | 61 dB - 80 dB | | |
| Perda grave | 71 dB - 90 dB | Perda auditiva funcional severa | 71 dB - 90 dB | Hipoacusia Profunda | > 81 dB | Deficiência auditiva severa | 71 dB - 90 dB |
| Perda Profunda | > 91 dB | Perda auditiva funcional profunda | ≥ 91 dB | | | Deficiência auditiva profunda | >90 dB |

Quadro 1 - Classificação dos graus de surdez, de acordo com a perda auditiva em dB (Afonso, 2008, p.21)

Cardona, Gomar e Sadurni (2013) apresentam uma classificação mais recente, referindo ainda alguns dos comportamentos auditivos consoante os diferentes tipos de perda. Segundo estes autores, os graus de perda classificam-se em:

- **Perda leve:** quando o limiar auditivo está compreendido entre os 20 e 40 decibéis (dB) permitindo a perceção da palavra, ainda que possam captar com dificuldade certos elementos fonéticos (por exemplo, a vibração). Verificam-se dificuldades quando a mensagem é emitida em voz baixa;
- **Perda moderada:** quando o limiar auditivo está entre os 40 e 70 dB. Torna-se necessário o uso de próteses para captar os elementos fonéticos da fala. Uma

pessoa neste limiar também terá dificuldades para captar a linguagem, sobretudo em ambientes barulhentos;

- **Perda severa:** O limiar auditivo está entre 70 e 90 dB. Apresenta uma dificuldade considerável na percepção da palavra. É necessária a leitura labial e, sobretudo, o uso de prótese. O desenvolvimento da linguagem oral não se dá de forma espontânea e é necessário apoio em terapia da fala.
- **Perda profunda:** O limiar auditivo é superior a 90 dB. A aprendizagem de uma linguagem oral está muito comprometida. São necessárias pistas visuais e leitura labial. Para o desenvolvimento da linguagem oral é imprescindível o uso de próteses e o apoio da terapia da fala.

Afonso (2008) optou por distinguir pessoa com deficiência auditiva e surdo. Deficiência auditiva é, segundo o autor, uma deficiência na audição, permanente ou temporária, que afeta negativamente o desempenho educacional do sujeito, não se incluindo, no entanto, na definição de surdez.

Entende-se por surdo a pessoa que tem uma perda auditiva acima dos 90 dB e, como tal, tem uma surdez profunda de tipo neuro-sensorial que o impede de ter acesso à linguagem oral, através da audição. Esta perda auditiva acentuada (superior a 90dB) em que assenta a surdez tem como uma das suas principais consequências uma menor exposição à informação e ao mundo envolvente (Afonso, 2008).

1.1.2 A pessoa surda e a comunicação

O ponto quatro dos Princípios da EUD (European Union of Deaf) mencionada por Nunes (1998, p.129) refere que “Todas as políticas e serviços deveriam procurar promover a integração dos surdos no meio normal, respeitando, simultaneamente, a sua própria cultura. O meio ambiente deveria ser adaptado às necessidades dos surdos e não o contrário”.

Uma redução da capacidade auditiva implica, inicialmente, uma dificuldade na relação com o meio que desconhece frequentemente em que medida a incapacidade auditiva

pode constituir uma barreira na comunicação e no acesso à informação e, por conseguinte, para a aprendizagem e relações sociais (Cardona *et al.*, 2013).

Os autores reforçam que o meio não só se deverá adequar à sua maneira de interagir mas deverá apoiá-lo no seu processo de conhecimento, adotando ainda estratégias de comunicação facilitadoras do acesso à informação e à aprendizagem.

Para as pessoas surdas, a comunicação e o acesso à informação e ao conhecimento ainda é uma barreira a tentar ultrapassar diariamente.

De facto, o maior desafio da pessoa surda é a comunicação. A barreira comunicacional e a forma como esta pode afetar as relações com os outros e com o próprio é o principal problema psicossocial que se coloca quando se pensa na surdez (Schwarz & Haber, 2006; Felizes, 2015).

Deste modo, apesar do impedimento de comunicar através da via oral, as pessoas surdas fazem-no através da via visual-espacial. Segundo Coelho (2010, p.42) “as pessoas surdas percebem o mundo através dos seus olhos, a língua está nas suas mãos e é impossível conter essa necessidade imperiosa de comunicar”.

No caso das pessoas surdas, a língua gestual é considerada a língua materna (primeira língua que o indivíduo aprende) e nativa (língua que identifica o indivíduo com uma cultura ou comunidade), já que a sua comunicação, perceção e compreensão do mundo é predominantemente visual (França & Ono, 2016).

De acordo com o artigo 30º da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2009), as pessoas com deficiência têm direito, em condições de igualdade com os demais, ao reconhecimento e apoio da sua identidade cultural e linguística específica, incluindo a língua gestual e cultura dos surdos.

Com efeito, as pessoas surdas sentem-se orgulhosas na sua língua e cultura. Estando privadas da audição, usam a língua gestual, que constitui uma resposta diferente à necessidade de comunicação, com recurso a outro modo sensorial, sendo por isso, uma forma de construção e de afirmação da sua identidade pessoal e cultural (Coelho, 2010).

Os princípios gerais da Carta Social da Pessoa Surda (Federação Portuguesa de Associações de Surdos, 2012, p.2) estão em consonância ao considerarem que se deve: “valorizar a pessoa surda enquanto cidadão pleno de direito, permitindo-lhe um acesso livre a todos os domínios da vida económica, social e cultural e garantindo as devidas condições de igualdade de oportunidades e a uma informação plena”.

Ainda no domínio do acesso à comunicação, Coelho (2010) revela que em Portugal a importância da LGP (Língua Gestual Portuguesa) tem vindo a ser cada vez maior, inserindo-se num contexto socioeducativo em mudança.

De salientar que a LGP é reconhecida, pela Constituição da República Portuguesa, desde 1997. A alínea h) do seu artigo 74º contempla a comunidade surda portuguesa, quando estabelece: “Proteger e valorizar a língua gestual portuguesa enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e à igualdade de oportunidades”. Esta medida assume um papel fundamental ao assegurar a comunicação e a acessibilidade de pessoas surdas em vários campos da vida social.

Neste sentido, Amaral e Coutinho (2005) destacam as recomendações oriundas do Parlamento Europeu em 1988 e que desde 1997 se cumprem em Portugal, salientando o reconhecimento da língua gestual usada pela comunidade surda de cada país membro e a abolição de todos os obstáculos relativos ao uso da língua gestual.

Afonso (2008) alerta, no entanto, para o problema de nem sempre se dominar, por completo, o código gestual de forma a conseguir uma interação comunicativa como emissor ou recetor.

Segundo as “Normas sobre igualdade de oportunidades para pessoas com deficiência” (Organização das Nações Unidas, 1995, p.24) devem ser “utilizadas as técnicas adequadas para que as pessoas surdas ou com deficiência auditiva ou com dificuldades de compreensão possam ter acesso à informação oral”.

No domínio da receção da comunicação Bautista (1997) e Afonso (2008) consideram que é frequente serem consideradas outras formas de comunicação como a leitura labial, representação gráfica, informação escrita, expressão corporal e gestual que,

embora desempenhando um papel menor, podem ajudar o surdo na decodificação da mensagem.

Gomes, Ataíde e Falcão (2005) reforçam ainda que na leitura labial a pessoa surda observa os lábios de quem está a produzir um enunciado oral, a sua expressão facial e os seus gestos. Há, no entanto, algumas dificuldades nesta forma de comunicação, dado que muitas palavras não são perceptíveis ao nível dos lábios e grande parte delas pode ainda ser confundida com outras palavras. Apesar disso, muitos indivíduos desenvolveram grande competência na leitura dos lábios.

Coelho (2010), a este respeito, apresenta o conceito de acessibilidade como uma chave para a inclusão, cabendo à sociedade, segundo Schwarz e Haber (2006), eliminar todas as barreiras para que as pessoas com deficiência tenham acesso a serviços, espaços, informações e bens necessários para o seu desenvolvimento pessoal, social, educacional e profissional.

O Decreto-Lei nº 163/2006 de 8 de agosto reforça esta ideia, considerando que a promoção e garantia da acessibilidade é uma característica elementar à qualidade de vida das pessoas e ao exercício dos seus direitos, como membros de uma sociedade democrática, no sentido de garantir a sua verdadeira inclusão e participação cívica.

A acessibilidade comunicacional, no caso em análise, consiste, portanto, em facilitar a comunicação dos surdos com surdos e dos surdos com os ouvintes, o que acaba por depender em muito da utilização da língua gestual nas escolas, universidades, hospitais, lojas, entre outros estabelecimentos públicos. O ideal seria dispor de um profissional que conheça a língua gestual. Com efeito, a presença de tradutores e intérpretes de língua gestual em serviços públicos seria fundamental, uma vez que se tornariam agentes facilitadores para a inclusão social e cultural do indivíduo, podendo exercer assim, uma cidadania plena (Schwarz & Haber, 2006; França & Ono, 2016).

Deste modo, é emergente, não apenas o direito à comunicação, à informação e à participação, mas essencialmente o direito de ser capaz de se expressar. O direito a poder comunicar está diretamente relacionado com a liberdade de expressão sendo considerado essencial para a concretização dos restantes pressupostos (Coelho, 2010).

1.2 A CONDUÇÃO AUTOMÓVEL

1.2.1 Habilitação Legal para conduzir em Portugal

De acordo com a WFD (World Federation of the Deaf) nos países da União Europeia as pessoas surdas podem obter carta de condução. O mesmo não acontece em trinta e um países, tal como em algumas partes da Ásia, Arábia e África, onde lhes é interdito conduzir. Ao proibi-las de obter a carta de condução, estão a limitar as suas possibilidades de emprego, assim como a sua autonomia de deslocação e acesso a diferentes serviços e áreas da vida social em geral (Haualand & Allen, 2009).

Em Portugal, conforme Regulamento da Habilitação Legal para Conduzir (RHLC), presente no Decreto-Lei nº 138/2012 de 5 de julho e Monteiro (2014) só pode conduzir um veículo a motor na via pública quem estiver legalmente habilitado para o efeito. O documento que titula a habilitação legal para conduzir automóveis, motociclos, triciclos e quadriciclos designa-se «carta de condução».

A carta de condução habilita a conduzir uma ou mais categorias de veículos no entanto, iremos apenas focar a categoria B que habilita a conduzir veículos automóveis ligeiros, uma vez que se relaciona com o tema em estudo. De acordo com o Decreto-Lei n.º 40/2016, de 29 de julho, estes são definidos como: “veículos a motor com massa máxima autorizada não superior a 3500 kg, concebidos e construídos para transportar o máximo de oito passageiros, excluindo o condutor, a que pode ser atrelado um reboque com massa máxima autorizada não superior a 750 kg, desde que a massa máxima do conjunto assim formado não exceda 3500 kg”.

O Manual da Carta de Condução (IMT,IP, 2014, p.9) refere que para a obtenção de título de condução da categoria B é necessário que o interessado satisfaça os seguintes requisitos: “ter 18 anos de idade; dispor da aptidão física e mental (necessária também avaliação psicológica para condutores de ambulância, de veículos de bombeiros, de transporte de doentes, de transporte coletivo de crianças e de automóveis ligeiros de passageiros de aluguer); aprovação em exame de condução; não ser titular de carta de condução de igual categoria emitida por outro Estado-membro da União Europeia ou

do Espaço Económico Europeu (EEE); não se encontrar a cumprir sanção de proibição ou de inibição de conduzir ou medida de segurança de interdição de carta de condução; encontrar-se no decurso do prazo legalmente estabelecido após cassação da carta de que era titular, para obtenção de novo título; não ser nem tiver sido titular de carta de condução apreendida, suspensa ou anulada por outro Estado-membro da União Europeia ou do EEE; e ter residência habitual em território nacional há, pelo menos, 185 dias”.

Segundo o Despacho Conjunto do Presidente do Instituto da Mobilidade e dos Transportes, IP e do Diretor-Geral da Saúde, de 3 de fevereiro de 2017, o Código da Estrada, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 114/94, de 3 de maio, alterado pelos Decretos-Lei n.ºs 44/2005, de 23 de fevereiro, 113/2008, de 1 de julho, 113/2009, de 18 de maio e 138/2012, de 5 de julho e pelas Leis n.ºs 78/2009, de 13 de agosto, e 46/2010, de 7 de setembro, 72/2013, de 3 de setembro e 116/2015, de 28 de agosto, impõe que os condutores e os candidatos a condutor disponham da necessária aptidão física, mental e psicológica para exercerem com segurança a condução de veículos a motor. Destacam-se, em especial, a coordenação motora, a capacidade de reação, a atenção e o tratamento da informação que lhes permitam exercer a condução em segurança, condições essas que devem ser aferidas em avaliações próprias.

Os Anexos V e VI do Regulamento da Habilitação Legal para Conduzir (RHLC), aprovado pelo Decreto-Lei nº 138/2012, de 5 de julho, alterado pelos Decretos-Lei n.ºs 37/2014, de 14 de março e 40/2016, de 29 de julho, apresentam as normas mínimas de aptidão física, mental e psicológica exigidas aos candidatos a condutores.

No que respeita ao Anexo V - Normas mínimas relativas à aptidão física e mental para a condução de um veículo a motor – apenas sofreram alterações as relacionadas com a acuidade visual, doenças neurológicas, drogas e medicamentos e disposições diversas.

Com efeito, as restantes normas, incluindo as respeitantes à audição, mantêm-se inalteradas face à legislação anterior (Decreto-Lei nº 37/2014, de 14 de março).

De referir ainda que as normas supramencionadas estão agrupadas de acordo com as condições clínicas/doenças a avaliar no exame físico e mental, como já acontecia na

legislação anterior, tendo por base o normativo e requisitos definidos a nível europeu e que foram integradas na legislação nacional por transposição obrigatória da Diretiva 2014/85/UE da Comissão, de 1 de julho de 2014 e Diretiva 2015/653/UE da Comissão, de 24 de abril de 2015, relativas à carta de condução.

Com efeito, no que diz respeito à audição é indicado que, surgindo dúvidas sobre a acuidade auditiva, deve realizar-se um audiograma tonal e, caso se justifique, solicitar parecer de médico otorrinolaringologista.

Para condutores do grupo 1 - candidatos ou condutores de veículos das categorias A, B, BE, subcategorias A1 e B1, ciclomotores, motociclos de cilindrada não superior a 50 cm³ e veículos agrícolas – é emitido ou revalidado o título de condução a quem sofra de *deficit* auditivo, devendo ter em conta a possibilidade de compensação.

Indica-se no decreto-lei em vigor que a surdez profunda deve ser compensada, sempre que possível, por prótese ou implante coclear, sendo a aptidão condicionada a parecer favorável de médico otorrinolaringologista.

Para condutores do grupo 2 – candidatos ou condutores de veículos das categorias C, CE, D e DE, das subcategorias C1, C1E, D1 e D1E, bem como condutores da categoria B que exerçam a condução de ambulâncias, veículos de bombeiros, de transporte de doentes, transporte escolar e de automóveis ligeiros de passageiros de aluguer, pode ser emitido ou revalidado o título de condução ao candidato que sofra de *deficit* auditivo, condicionado à possibilidade de compensação e a parecer favorável de médico otorrinolaringologista.

O processo de emissão do atestado médico para a carta de condução mantém-se inalterado desde o Decreto-Lei nº 138/2012, de 5 de julho pressupondo a realização de avaliação física e mental e posterior emissão de atestado médico.

De acordo com o Regulamento da Habilitação Legal para Conduzir (Decreto-Lei n.º 40/2016), o titular de carta deve respeitar as restrições, adaptações ou limitações que lhe foram impostas, relativas ao condutor, ao veículo ou às condições de circulação, registadas no título de condução de forma codificada, nos termos da secção B do

Anexo I, intitulada “Códigos harmonizados da União Europeia e códigos nacionais de restrições e adaptações”.

Respeitante às restrições específicas para pessoas surdas o Regulamento da Habilitação Legal para Conduzir datado de 1998 no Decreto-Lei nº 209/98, de 15 de julho indicava como restrição para condutores surdos, que o veículo devia de possuir retrovisores exteriores bilaterais. De referir que nessa data, era unicamente obrigatório a existência do espelho retrovisor exterior esquerdo em todos os veículos.

Atendendo à legislação atual, o referido para todos condutores surdos é apenas que se para conseguir alcançar os valores mínimos de acuidade auditiva for necessária a utilização de prótese (s) auditiva (s) deve impor-se como restrição o seu uso durante a condução. Esta restrição encontra-se designada na secção B do Anexo I do Decreto-Lei n.º 40/2016, de 29 de julho com o código 2 – “Prótese auditiva/ajuda à comunicação”.

Em suma, segundo a legislação em vigor em Portugal, qualquer pessoa surda pode obter carta de condução, sendo que legalmente não há qualquer obstáculo que impeça a obtenção do referido título em igualdade de condições com os demais condutores. Desta forma, apenas é exigido, que à semelhança de qualquer outra pessoa, cumpra os requisitos de aptidão física, mental e psicológica em conformidade com a própria lei.

1.2.2 A Tarefa da Condução

Quando conduz o indivíduo cumpre a tarefa da condução e tem mecanicamente que executar um conjunto de procedimentos permitindo-lhe interagir com o ambiente rodoviário. A condução é compreendida como uma tarefa complexa que requer do condutor estar na posse de todas as capacidades psicofísicas a fim de poder adotar comportamentos e atitudes ajustados às diversas situações de trânsito (Monteiro, 2015).

Segundo Barros (1995) o processo de condução é definido através de uma diversidade de variáveis associadas aos quatro elementos do trânsito: o condutor, o veículo, o meio e as normas de circulação.

O Manual do Ensino de Condução (IMTT, 2010) reforça a complexidade e dinâmica da tarefa de condução, referindo, ainda, a necessidade de interação de vários processos psicológicos por parte do condutor que tem de recolher e tratar a informação, para decidir, em cada momento, a próxima ação a desempenhar.

O comportamento do condutor durante a condução pode, portanto, ser entendido do seguinte modo: primeiramente, o condutor percebe, recebendo através dos sentidos, as informações provenientes quer do exterior, quer do interior do seu veículo; posteriormente analisa a situação, prevendo o que poderá suceder e decide o que deve fazer e, por último, age sobre os comandos do veículo (Monteiro, 2014).

Wickens (1998, citado por IMTT, 2010) também abordou a função da condução como uma atividade complexa uma vez que implica a realização simultânea de diferentes subtarefas. Deste modo, e segundo o referido autor a condução segura e proativa é dependente do estado físico e emocional do condutor e da sua capacidade de perceção e elaboração de uma estratégia conducente a reduzir o risco, dependendo ainda da determinação de ações planeadas e de uma capacidade permanente de reação.

Conduzir é, assim, uma tarefa que integra, para além das competências técnicas, as competências pessoais do condutor.

Ser condutor assume, por um lado, a necessidade de um grande sentido de responsabilidade do sujeito, dando-lhe, por outro lado, um sentimento de liberdade e um profundo impacto sobre a sua saúde e bem-estar. A proibição de conduzir, independentemente de ser voluntário ou involuntário (pela cassação da carta de condução, por exemplo), pode ter um número de consequências negativas associado à diminuição da qualidade de vida dos indivíduos (Owsley, 2010).

1.3 FATORES SENSORIAIS QUE INFLUENCIAM A CONDUÇÃO

O ser humano está constantemente a receber informações através dos seus sentidos e a interagir com o meio que o circunda. Tal como noutros ambientes, é precisamente isso que se verifica no trânsito (Monteiro, 2014).

A condução pressupõe a receção de estímulos através dos órgãos sensoriais (a maioria através da visão), o seu reconhecimento e descodificação por processos percetivos com o objetivo de executar uma ação. O condutor utiliza, assim, os seus sentidos, especialmente o da visão e da audição, para recolher e analisar informação. As imagens que lhe chegam através do que vê e os sons que ouve facultam-lhe muitos dos elementos que necessita para conseguir compreender as situações do trânsito e continuar a interagir com as mesmas.

No Manual do Ensino de Condução (IMTT, 2010) é salientado o facto dos estímulos presentes no meio envolvente poderem ser detetados por diversas vias: visual, auditiva, olfativa, gustativa e tátil. A perceção destes sinais oriundos dos órgãos dos sentidos permite ao ser humano fazer uma interpretação da realidade que o rodeia. Com efeito, segundo o manual mencionado, o sentido da visão permite receber os estímulos que chegam ao sistema visual, possibilitando ao condutor identificar as formas, as cores, a intensidade luminosa e os movimentos dos elementos presentes no ambiente rodoviário. É referido que este sentido se revela de extrema importância na realização da tarefa de condução, uma vez que através dele o condutor recebe uma grande quantidade de informação do ambiente rodoviário e também do seu próprio veículo. Reconhece-se a deteção dos estímulos visuais e a sua identificação como fundamentais para o controlo do veículo e para que o condutor possa orientar-se na rede rodoviária, envolvendo-se de forma segura com os restantes utentes da via.

Por conseguinte, considera-se que a tarefa de condução requer uma quantidade significativa de atenção visual. Num estudo de 2012, Zodda, Schmitt, Crisologo, Plotkin, Yates e Halla avaliaram condutores surdos e ouvintes enquanto estes executavam uma tarefa de simulação de condução e, simultaneamente estabeleciam uma comunicação na sua língua preferida. Os resultados indicaram que os condutores ouvintes podem

ter uma vantagem de desempenho em relação aos condutores surdos. No entanto, os autores referem que o grau de significância deste resultado sugere que este pode não ser visto numa situação real de trânsito.

Pelo atrás exposto, a visão parece ser a função primordial a ter em conta na condução e nos problemas rodoviários.

Contudo e apesar de vários especialistas referirem que é através do sentido da visão que recebemos 90% da informação necessária para conduzir, não há evidências em como a referida percentagem corresponde efetivamente à quantidade de informação visual recolhida pelo condutor (Sivak, 1996; Monteiro, 2014).

Tal como no que diz respeito à visão, também a importância da audição para a condução não é considerada de modo consensual. Segundo Allen (2016) a audição não é entendida como um sentido necessário para a condução. A título de exemplo, sugere que é possível verificar pelo sentido do tato as vibrações da buzina do carro assim como utilizar meios visuais durante a condução, observando as luzes dos veículos prioritários (ambulância ou polícia). O tato e a visão são assim salientados como recursos essenciais no desempenho da condução para as pessoas surdas.

O sentido do tato, permite a deteção de estímulos que chegam à pele, possibilita ao ser humano reconhecer a forma e o tamanho dos objetos em contacto com o corpo bem como a temperatura dos mesmos sendo, por isso, mais importante do que se possa pensar para a condução, contribui igualmente para a noção do movimento do veículo. Tome-se por exemplo a sensação da aceleração: quando o condutor acelera, sente a parte posterior do seu tronco contra o banco, o que dá indicação do movimento do veículo (IMTT, 2010).

1.3.1 O caso particular da audição na condução

Tal como referido no ponto anterior, a condução é uma tarefa predominantemente visual, embora a audição seja também considerada uma das funções sensoriais determinantes para o seu exercício. Assim, apela-se a que os ouvidos estejam saudáveis, permitindo que o condutor distinga com clareza os sons úteis, a sua

intensidade e a sua direção, tendo em vista uma circulação segura. Por prescrição médica, o condutor pode estar dependente do uso de prótese auditiva. Esta restrição consta na carta de condução, o que obriga o titular ao seu uso sempre que exercer a tarefa da condução (Monteiro, 2015).

De acordo com o exposto no Manual de Ensino de Condução (IMTT, 2010) o sentido da audição é responsável pela captação dos sons provenientes do ambiente rodoviário e também do veículo. Através deste sentido é também possível identificar timbres, alturas e frequências dos sons, intensidades sonoras, ritmos e também a localização da fonte sonora. Deste modo, quando é detetado um determinado som, como por exemplo o de uma buzina, o condutor é capaz de detetar a fonte que o emitiu, bem como ter a noção do posicionamento dessa mesma fonte sonora.

Especificamente à tarefa da condução, Monteiro (2015) refere que a deficiência auditiva pode afetar a capacidade de ouvir sirenes, buzinas, apitos ou outros sons que, geralmente, alertam para situações potencialmente perigosas no trânsito.

Este sentido pode, inclusivamente, em determinadas situações, sobrepor-se à visão. A título de exemplo, o facto de quando um condutor ouve um som (sinal sonoro) ao aproximar-se de uma curva de visibilidade reduzida, antes de ver, ele ouve algo que o informa da presença de outro veículo (Monteiro, 2014).

A relevância da audição na condução segura é referida no Manual do Ensino de Condução (IMTT, 2010), que expõe alguns exemplos que atestam que uma boa audição é sinónimo de boa condução. Os condutores geralmente ouvem o som da sirene da ambulância, antes de a verem no espelho retrovisor, ou ouvem a aceleração do motor do carro, que os vai ultrapassar, antes de verem esse veículo. É considerado que as informações que o condutor capta através da audição são muito importantes para que possa conduzir em segurança, uma vez que contribuem para que se aperceba com antecedência do que está a acontecer na estrada para poder agir atempadamente em conformidade.

Os estímulos auditivos captados pelo condutor podem ser divididos em duas categorias: com e sem utilidade para a tarefa de condução. Os estímulos com utilidade

para a condução são os que contribuem para que o condutor consiga realizar uma tarefa de condução em segurança como por exemplo: buzinas de outros veículos, que podem avisar de algum perigo; sirenes de veículos em marcha de emergência; apitos que alertam para a proximidade de um comboio ou de uma passagem ferroviária; ou até sinais sonoros que avisam que o sinal verde está aberto para os peões. Dentro do próprio veículo, considera-se que existem igualmente sinais que ajudam o condutor a perceber o estado do veículo (como por exemplo, o ruído do motor que permite reconhecer a sua aceleração), que permitem recordar a utilização de determinados dispositivos de segurança (como o sinal de aviso que o cinto de segurança não está colocado), ou até auxiliar em algumas manobras (como é o caso dos avisos sonoros dos sensores de marcha-atrás ou dos sensores de estacionamento) (IMMT, 2010).

Os sons úteis para a realização da tarefa de condução em condições de segurança podem ser confundidos com sons irrelevantes. Um exemplo de uma situação como esta é quando o condutor coloca música muito alta, podendo desta maneira não detetar buzinas, sirenes ou outros sons cruciais para a sua segurança (*ibidem*).

A precisão e a importância atribuídas a determinados sons detetados são distintas de condutor para condutor.

Refletindo sobre a influência da falta de audição na condução, várias investigações indicam que apesar da perda de audição, os condutores surdos podem efetivamente possuir algumas vantagens exclusivas sobre os condutores ouvintes. Durante a tarefa da condução, as pessoas surdas irão recorrer à sua visão de forma mais ampla do que os condutores ouvintes (Cokely & Bakery, 1991; Hamilton, 2015).

Estes estudos parecem demonstrar que as pessoas surdas possuem uma melhor visão periférica e capacidade de processar movimentos muito mais rapidamente do que aqueles que não apresentam dificuldades auditivas. Deste modo, numa experiência de condução diária, esta vantagem visual sugere que um indivíduo surdo é capaz de responder mais rapidamente a um veículo ou peão que detete a partir de ambos os lados da sua linha de visão (Hamilton, 2015).

Assim como o ouvinte ouve as buzinas e as sirenes, as pessoas surdas têm uma boa capacidade de visão e conseguem através das informações visuais, conduzir de forma segura. A linguagem que o trânsito utiliza é favorável para as pessoas surdas, uma vez que é predominantemente visual (Souza *et al.*, 2016).

1.3.2 A surdez e a segurança rodoviária

Embora os alguns estudos considerem, tal como se constatou no capítulo anterior, que a informação recolhida pela audição é importante na condução (por exemplo, feedback sonoro sobre o desempenho do veículo a motor, avaria mecânica, presença de outros utentes da estrada através de ruído, buzinas), ainda existe uma falta de dados empíricos sobre os efeitos da mesma no desempenho e do seu impacto na segurança rodoviária (Dobbs, 2005; Hersh *et al.*, 2010; Hamilton, 2015).

Existem, contudo, trabalhos que apresentam situações nas quais a audição desempenha um papel importante na condução e segurança rodoviária, por exemplo, quando uma limitação nesta função pressupõe uma incapacidade de ouvir informação sonora como alarmes, buzinas ou sirenes levando a um aumento da probabilidade de ocorrência de incidentes (Miyazaki & Ishida, 1987, citados por Hersh *et al.*, 2010). Estes autores concluem mesmo que numa grande percentagem dos acidentes rodoviários que envolvem pessoas surdas, a incapacidade de ouvir informações sonoras pode ter contribuído para o acidente. Para além da incapacidade de aceder a estas informações, os autores referem a incapacidade de ouvir o som do motor e de estarem conscientes como outras causas relevantes nos acidentes analisados.

Apesar disso, Allen (2016) e Zodda *et al* (2012) reforçam que a audição, não sendo necessária à condução, não limita, de modo algum, a capacidade de uma pessoa conduzir um automóvel ou qualquer outro veículo. Os condutores surdos são capazes de usar a visão para responder às pistas do ambiente assim como o próprio corpo para sentir o motor acelerar, não constituindo, por isso, a falta de audição, um risco para a segurança rodoviária.

Segundo Haualand & Allen (2009, p.6): “There are no known reports that Deaf drivers are a threat to other road users in the countries where Deaf people are allowed to

obtain a driver's license, or that they are involved in more traffic accidents or injuries than the general."

A WFD (World Federation of the Deaf) considera também que não há nenhuma evidência que comprove que os condutores surdos estejam envolvidos em mais acidentes de viação, ou apresentem um maior risco na estrada do que aqueles com audição normal. Segundo a mesma entidade, de acordo com estudos realizados na Finlândia verifica-se, pelo contrário, que os automobilistas surdos estão envolvidos em menos acidentes de carro que os condutores ouvintes.

As estatísticas e dados recolhidos através da Associação Nacional de Surdos Americana, do Departamento de Saúde, Educação e Bem-estar e do Departamento de Transportes dos Estados Unidos para o estudo de Hersh *et al.*(2010) mostram, efetivamente, que, no geral, os condutores surdos têm tendência para serem melhores condutores que os condutores ouvintes.

De acordo com mesmo estudo, quase todas as decisões inerentes à condução são baseadas na visão e não no som (especialmente se as janelas estão abertas, o ar condicionado ou o rádio estiverem ligados). Assim, o condutor surdo não é funcionalmente diferente do condutor ouvinte no que concerne à tomada de decisões relativas à condução automóvel.

A este respeito Zodda *et al* (2012) reforçam, pela sua investigação, que os condutores surdos revelaram mais atenção à condução do que os participantes ouvintes, pois estes últimos distraem-se mais, ao conversar com as pessoas que transportam no carro.

O mito de que os condutores surdos são piores condutores dificultou, no passado, e ainda dificulta nalguns países, as pessoas surdas de obterem carta de condução, o que lhes negou a possibilidade de viajar em segurança e de forma autónoma, aspeto considerado de extrema relevância para a sua participação em muitos aspetos da vida quotidiana (Hersh *et al.*, 2010).

Lane (1996) entende mesmo que a discriminação contra as pessoas surdas passa, efetivamente, pela proibição destas poderem obter a carta de condução.

Relacionando a importância da tarefa da condução e as pessoas surdas, é ainda de referir o artigo 3 da Lei n.º 38/2004, de 18 de agosto que destaca a necessidade de “Promoção da igualdade de oportunidades, no sentido de que a pessoa com deficiência disponha de condições que permitam a plena participação na sociedade”.

Deste modo, os resultados dos estudos da década de 60 por Coppin e Peck (1963, p. 64) que indicavam que as pessoas surdas, enquanto grupo, revelavam desempenhos inferiores na condução que os ouvintes são contestados por vários autores (Cokely & Baker, 1991; Haualand & Allen, 2009) ao afirmar que estudos mais recentes não o conseguiram comprovar: “(...) recent studies have failed to provide convincing evidence that individuals with hearing impairments are at a higher risk for motor vehicle crashes.” (Haualand & Allen, 2009, p. 19)

Conclui-se que ao contrário dos estudos que envolvem o uso de telemóvel ou ingestão de bebidas alcoólicas em que os resultados praticamente por unanimidade concordam que são prejudiciais para o desempenho da condução, existem alguns autores que concordam com o facto de que os condutores surdos representam um risco de segurança significativo e aqueles que argumentam que os condutores surdos não representam um risco de segurança rodoviária (Hamilton, 2015).

1.4 O ENSINO DE CONDUÇÃO AUTOMÓVEL A PESSOAS SURDAS

1.4.1 Legislação

De acordo o artigo 4º da Lei n.º 14/2014, de 18 de março, entende-se por ensino de condução o ensino teórico e prático com vista à aquisição ou reacquirição de competências para a condução em segurança.

Distinguindo as duas modalidades referidas, o ensino teórico é definido como o ensino que tem por objetivo a aquisição de competências e conhecimentos relativos a regras de trânsito e de sinalização, normas sancionatórias e processuais pela prática de contraordenações rodoviárias, responsabilidade e avaliação dos riscos para a circulação rodoviária segura, mobilidade sustentável e a preservação do ambiente. Por seu turno, o ensino prático tem por objetivo a adaptação do candidato a condutor ao ambiente rodoviário de condução, o domínio do veículo em circulação, a circulação rodoviária segura e a preservação do ambiente.

Ao indivíduo que pretende obter a habilitação para conduzir uma ou mais categorias de veículos dá-se o nome de “candidato a condutor”.

Segundo o mesmo artigo, “escola de condução” é o nome atribuído ao estabelecimento onde é ministrado o ensino da condução para obtenção de carta de condução emitida em Portugal e, subsidiariamente, a formação associada à condução e atividades administrativas conexas.

Considera-se importante mencionar a forma definida para a prova teórica constante no Artigo 42.º do Decreto-Lei nº 40/2016 de 29 de julho, por não conter elementos áudio no seu formato. Segundo a legislação, esta prova consiste num teste de aplicação interativa multimédia, estando as salas de exame equipadas com um computador por candidato, que transmite simultaneamente imagens, figuras e respetivas questões. De acordo com o Artigo 43º do mesmo Decreto-Lei, as respostas são de escolha múltipla, entre duas e quatro respostas possíveis, podendo cada questão ter uma única resposta correta.

Contudo, no que se refere especificamente ao ensino de condução a pessoas surdas apenas é mencionado no Artigo 44.º do Decreto-Lei nº 40/2016, de 29 de julho - Intérprete e tradutor - que na realização da prova de exame teórico, quando o examinando for surdo, pode ser requerido ao serviço competente do IMT, I. P., a intervenção de intérprete de língua gestual credenciado para estar presente durante a realização da prova.

1.4.2 Material Pedagógico e Estratégias de Comunicação

De acordo com o Manual de Qualidade e Serviços de Ensino da Condução (IMTT, 2010) cada escola de condução tem disponível o material pedagógico necessário para a formação, respetivamente o livro de código e o livro de exercícios de preparação para o exame teórico em formato digital.

As escolas de condução têm também à venda materiais pedagógicos tais como *pen usb* com testes multimédia para os alunos, desenvolvidos pelas empresas de informática, certificadas pelo IMT. Estão ainda disponíveis testes de código online.

Com a entrada em vigor da Portaria n.º 185/2015 de 23 de junho que regulamenta a Lei n.º 14/2014, de 18 de março apresentam-se definidos os conteúdos a ministrar assim como os materiais pedagógicos a serem disponibilizados pelas escolas de condução. São considerados equipamentos pedagógicos mínimos para a ministração do ensino teórico os seguintes: meios audiovisuais ou multimédia contendo situações reais de trânsito, toda a sinalização do trânsito, a sua colocação e utilização e casos concretos de aplicação de regras de trânsito e de segurança rodoviária; equipamento de projeção adequado; quadro para escrita ou dispositivo idêntico. De acrescentar que a escola terá que ter o código da estrada e legislação complementar, bem como legislação sobre o ensino da condução e exames de condução.

No que se refere ao quadro, nele o instrutor poderá desenhar livremente situações de trânsito ou qualquer outro esquema.

Segundo informação disponível na página web www.ensinaraconduzir.pt, uma das editoras, certificadas pelo IMT, destinadas a desenvolver soluções informáticas para o

setor do ensino e formação rodoviária, o equipamento multimédia designado por Sala Virtual Multimédia, contém todo o material pedagógico indispensável para ensinar o código da estrada numa sala de aula.

Com esta ferramenta, o instrutor pode apresentar aos alunos qualquer sinal de trânsito, de forma fácil e rápida, bem como situações reais onde este é aplicado. Pode exibir filmes que demonstram como se executam as manobras, ou casos específicos das regras da prioridade, da cedência de passagem e do cruzamento de veículos. Este programa contém toda a informação sobre os veículos e habilitação legal e ainda a possibilidade de simular qualquer situação de trânsito com recurso a imagens ou vídeos.

Considera-se ainda material pedagógico tradicional o quadro magnético em que o instrutor pode dispor diversas viaturas e sinalização sobre uma superfície onde já se encontram desenhados cruzamentos, entroncamentos, uma rotunda e outras configurações rodoviárias.

A escolha e a forma de utilização do material pedagógico apresentado deverão ir ao encontro do público a que se destina, facilitando o ensino da condução, tal como referido por IMTT (2010) ao sugerir que o instrutor deve selecionar métodos e material didáticos que favoreçam a aquisição de conhecimento por parte do aluno.

Considera-se que para além da forma de utilização do material, a literatura reforça a importância das estratégias de comunicação adotadas.

Na sala de aula teórica de uma Escola de Condução as estratégias facilitadoras da comunicação e aprendizagem, propostas por diversos autores consultados, são semelhantes às de qualquer sala de aula frequentada por alunos surdos num estabelecimento escolar.

A literatura (Schwarz & Haber, 2006; Cardona *et al.*, 2013) lista alguns dos cuidados a ter num contexto de ensino a pessoas surdas como falar sempre de frente para o aluno, a pouca distância e colocando-nos à sua altura para favorecer o uso da leitura labial. Considera-se essencial que a posição do aluno permita que este olhe

diretamente e de frente para o professor, diminuindo o esforço para fazer leitura labial e aumentando a oportunidade de usar pistas visuais. Não é aconselhável que o professor se volte para o quadro enquanto fala ou passeie de um lado para o outro durante as explicações (Bautista, 1997; Schwarz & Haber, 2006; Cardona *et al.*, 2013).

Nielsen (1999, p.47) especifica que o aluno, na sala de aula, “deve encontrar-se a cerca de 3 metros do professor, o que lhe permitirá ler nos lábios e também interpretar sinais visuais”.

De acordo com Miller e Stacey (2014) é essencial falar claramente, um pouco mais lentamente e num espaço com boa iluminação.

O aluno não deve ser colocado de frente para a luz. A leitura labial é melhor se a luz vier de trás do aluno. Considera-se também que a iluminação da sala de aula não deve incidir diretamente sobre o rosto do formando, dado que este, nessas circunstâncias, poderá ter dificuldade em observar o professor. A leitura dos lábios ou interpretação dos sinais visuais emitidos pelo professor poderá também estar dificultada se este se posicionar de costas para uma janela ou para uma fonte de luz (Bautista, 1997; Nielsen, 1999).

Com efeito, deve garantir-se a qualidade da receção visual, sendo aconselhável, uma boa iluminação do rosto e dos lábios da pessoa que fala, evitando que estas partes estejam ocultas com a mão, papéis ou outro objeto. Alguns aspetos como a pouca movimentação dos lábios ou o uso de bigode também dificultam a leitura labial (Schwarz & Haber, 2006; Cardona *et al.*, 2013).

No que diz respeito ao modo de falar, Bautista (1997, p.369) refere que “falar devagar e de forma clara é melhor do que gritar ou falar com movimentos exagerados da boca” e que se “deve utilizar a comunicação total: os gestos naturais usados pelo aluno e pelo professor, escrita, expressões faciais, etc...”.

Nielsen (1999) vai ao encontro de Bautista (1997), quando recomenda que se mantenha a voz dentro dos limites habituais, sendo, para o autor, indispensável que o professor fale pausada e distintamente, para ajudar o aluno a compreender o que está

a ser dito. Nielsen (1999) também reforça que não se devem exagerar os movimentos produzidos com a boca uma vez que confunde o aluno surdo, impedindo ainda a correta leitura labial.

A repetição simples do que foi dito também não é, por si só, uma forma de melhorar a compreensão para o surdo, sendo mais conveniente reformular a informação dada com novas estruturas ou palavras.

Miller e Stacey (2014) salientam que a leitura labial depende tanto da clareza dos movimentos dos lábios do falante como da capacidade da pessoa na formulação do enunciado. Neste sentido, é recomendável que o aluno surdo receba por escrito os exames ou provas realizadas na sala, para anular possíveis confusões de compreensão no caso de informações retiradas a partir do quadro ou por leitura labial (Bautista, 1997).

Relativamente ao conteúdo considera-se útil planear o conteúdo dos temas: vocabulário introduzido pela primeira vez, linguagem técnica, etc. Assim, deve-se fornecer um guia escrito dos conteúdos teóricos que sejam necessários, para que o aluno surdo possa adquirir alguns temas (Bautista, 1997).

Cada recurso visual tem a sua função: um vídeo pode fornecer a sequenciação de factos e situações; um esquema permite ordenar os conhecimentos, mas todos os recursos visuais têm um papel facilitador no acesso e elaboração de conhecimento, não só para as pessoas surdas como para as demais. São ainda considerados facilitadores de expressão oral, programas informáticos de apresentação que poderão facilitar a expressão do conteúdo (Cardona *et al.*, 2013).

Bautista (1997) atribui igualmente grande importância às ajudas visuais, diferenciando-as: projetor, uso do quadro, documentos escritos, quadros sinópticos, gráficos, especialmente quando se trata de uma informação nova. Salienta ainda que ao utilizar o quadro como meio de transmissão de informação, deve-se fazê-lo com uma certa ordem e sempre dando ao aluno indicações que lhe permitam seguir a informação (assinalar com o dedo, sublinhar, utilizar cores distintas...), concluindo que no aspeto

visual os recursos devidamente usados em diversas situações serão facilitadores do processo de ensino-aprendizagem com alunos com perda auditiva.

Relativamente à metodologia, o aluno surdo não consegue escrever e copiar ao mesmo tempo, sendo necessário que não seja esquecido em momentos em que necessite de tomar apontamentos, olhar para mapas ou livros ao mesmo tempo que se dá uma explicação (Bautista, 1997).

Bautista (1997) e Cardona *et al.* (2013) relevam o impacto das novas tecnologias nesta comunicação. Os rápidos progressos tecnológicos dos últimos anos vão tendo também a sua aplicação no campo da educação dos surdos. As TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) possuem uma grande capacidade de motivação sobre os alunos. A comunicação é bidirecional, ou seja, desde o computador até ao aluno e vice-versa. O projetor é referenciado como outro dos instrumentos visuais que pode utilizar-se na sala de aula. Não sendo necessário apagar as luzes, o professor ensina de frente para os alunos, possibilitando a leitura labial.

Segundo Cardona *et al.* (2013) os recursos informáticos facilitam tanto o acesso imediato à informação gráfica e escrita, como a sua gestão através da utilização de programas específicos. Por outro lado, existem ainda programas sobre temáticas que são objeto de estudo. Também a legendagem das imagens e o uso generalizado de painéis informativos poderão ajudar na comunicação e aprendizagem. Por vezes estes apoios baseiam-se na utilização pontual ou esporádica da mímica ou de gestos mais ou menos codificados, em situações determinadas, para ajudar o aluno com problemas de audição no acesso à informação oral. A legendagem em produções multimédia é indicada quando se procura informação visual e escrita clara e acessível (Coelho, 2010).

Desta forma, a existência de outros meios visuais disponíveis para o sistema educativo e que estão relacionados com a fotografia e vídeo, por exemplo, assumem um grande impacto na aprendizagem de surdos (Bautista, 1997).

No que diz respeito às aulas práticas, no início destas é necessário definir qual é o melhor meio de comunicação a utilizar, ainda com o carro estacionado. Para este

efeito, Miller e Stacey (2014) defendem que a expressão facial, no ensino de condução, é muito útil. Referem que quando se ensina, deve-se assegurar que as expressões faciais não são contraditórias com o que se está a transmitir verbalmente.

Os gestos também podem ser usados em detrimento das palavras em algumas situações. As mãos podem demonstrar como o pedal da embraiagem funciona, por exemplo. No entanto, há movimentos que podem causar distração aos alunos, podendo ser perigoso. Para controlar os gestos, deve-se estar atento aos mesmos, especialmente àqueles que poderão causar distração.

Os gestos recomendados não são, necessariamente, de acordo com os sinais utilizados em língua gestual e devem, portanto, ser explicados e entendidos completamente pelos dois intervenientes desde a primeira aula (gestos simples como: colocar o polegar para cima para "correto", ou o polegar para baixo para "incorreto") (Miller & Stacey, 2014).

No mesmo sentido, Gomes *et al.* (2005) referem que o sucesso dos alunos surdos passa necessariamente pela existência de um código linguístico comum entre eles e o professor, que sirva de base de comunicação. Os surdos precisam de alguém que lhes traduza o mundo e lhe dê significado. Precisam também de pessoas que acreditem nas suas potencialidades e na capacidade que possuem de desenvolvimento e de concretização.

De destacar ainda que Reed (2012) criou um guia de ensino de condução a alunos surdos, mencionando estratégias passíveis de serem implementadas essencialmente nas aulas práticas, através de ilustrações e informações escritas potenciando a aprendizagem. A utilização de uma combinação de gestos, assim como o uso da sensibilidade, são essenciais para que a comunicação entre instrutor e aluno seja estabelecida e completamente compreendida. A demonstração das tarefas inerentes à condução também é referida pelo autor.

O autor confere, ainda, realce à familiarização do aluno com o código da estrada mas em termos mais simples. Este recomenda que se garanta que o aluno entenda completamente o que estes exercícios apresentados no guia criado pretendem ilustrar

e considera que os surdos podem e conseguem falar, apesar de nem sempre ser fácil para as pessoas com uma audição normal entenderem o que estão a dizer. Também considera recomendável trazer sempre um bloco para escrever, à mão, e pedir ao aluno que escreva a sua pergunta. É possível que os alunos surdos aprendam o código da estrada se o instrutor simplificar a linguagem que é usada e formular perguntas por escrito. Revela ainda que as respostas às perguntas elaboradas pelos alunos surdos deverão ser dadas com uma linguagem igualmente simples.

Alexandre (2012, p.26) ao dar conta do modo como se deve comunicar com os surdos, reforça ainda que “se não perceber, peça para repetir, o importante é comunicar, apesar de eventuais dificuldades. Se for necessário, recorra à escrita”.

No que respeita à escola regular, Lacerda (2006) indica que os estabelecimentos de ensino assim como os professores conhecem muito pouco sobre a surdez e as suas especificidades, não conseguindo compreender adequadamente o aluno surdo, a sua realidade e as suas dificuldades de linguagem.

Com efeito, apesar do facto de não se ouvir poder consistir uma barreira à aprendizagem, a compreensão dos problemas específicos do aluno surdo poderá permitir que esses problemas sejam ultrapassados (Miller & Stacey, 2014).

Os referidos autores reforçam que as pessoas surdas não se consideram incapacitadas, salientando ainda que a surdez não é classificada como uma deficiência impeditiva para a condução.

O facto de esta não ser impeditiva não implica que os instrutores de condução se sintam capacitados para ministrar formação a alunos surdos, sobretudo devido à falta de experiência no relacionamento com pessoas surdas e consequentemente das diferentes formas de comunicação a utilizar. Para alguns instrutores, a tarefa de ensinar pessoas surdas a conduzir, pode parecer demasiado assustadora (Miller & Stacey, 2014).

De facto, segundo com os resultados apresentados por Hersh *et al.* (2010) verifica-se uma falta de experiência e de sensibilidade de alguns instrutores no ensino de condução a pessoas surdas.

O estudo, no qual foram avaliadas 38 pessoas surdas através de questões relativas à segurança rodoviária e à aprendizagem da condução, com ênfase na comunicação com instrutores e examinadores de condução, na participação de um intérprete de língua gestual em exames de condução e na possibilidade do código da estrada estar disponível em formatos alternativos, concluiu que a maioria dos participantes relatava problemas de comunicação tendo um quinto destes respondido que frequentemente ou muito frequentemente se confrontou com este tipo de problema comunicacional.

Os entrevistados também indicaram algumas das estratégias utilizadas para facilitar a comunicação, incluindo a aplicação de um espelho adicional para facilitar a leitura labial durante a condução, assim como o uso de caneta e papel e ainda sinais ou gestos acordados com o instrutor. Outras das sugestões incluem o uso de imagens e a utilização de palavras relacionadas com veículos.

Os participantes no estudo indicaram a importância do instrutor ser paciente e estar sensibilizado para a surdez, bem como a experiência no ensino de condução a pessoas surdas no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com a informação recolhida os autores concluíram que o facto destes indivíduos disporem de oportunidade para aprenderem o básico primeiro com a família ou amigos antes de se ter aulas com um instrutor de condução pode ser vantajoso. Como sugestões para melhorar a comunicação com instrutores, os autores referem o direito de se pedir para ter aulas com um instrutor que articule bem as palavras, tornando mais fácil fazer leitura labial, e a existência de algum conhecimento em língua gestual por parte dos instrutores.

No âmbito particular do ensino de condução automóvel, Allen (2016) sugere mesmo que as autoridades e as escolas de condução deveriam certificar-se que as pessoas surdas recebem a formação em língua gestual, que é considerada a sua primeira língua, destacando a importância da presença de intérpretes de língua gestual para a mediação de todo o processo de obtenção da carta de condução.

O estudo de Souza, Mascarenhas, Antas, Soares e Andrade (2015) refere que, a este nível, embora se verifiquem alguns progressos, ainda se constata inúmeras falhas no que se refere à acessibilidade de pessoas surdas, tanto no trânsito quanto no processo de obtenção da carta de condução.

Hersh *et al.* (2010) destacam, no entanto, que depois da adaptação da prática pedagógica dos instrutores aos alunos surdos, a experiência é caracterizada como gratificante e enriquecedora.

Em suma, apesar de o ensino da condução a pessoas surdas ser importante para a sua autonomia e de alguns avanços terem já sido realizados neste campo, esta aprendizagem não é sempre disponibilizada devidamente a esta população. E, mesmo quando estes têm acesso, muitas vezes o modo como a transmissão de conhecimento ocorre não é totalmente adequada às suas necessidades e possibilidades, sendo, por isso, importante perceber de que modo se processa o ensino teórico e prático de condução, pois só conhecendo esta realidade será possível apresentar medidas específicas que contribuam para o verdadeiro acesso destes indivíduos a esta aprendizagem.

PARTE II - METODOLOGIA

A parte II desse trabalho tem como objetivo fundamentar a metodologia adotada bem como apresentar o objeto da investigação.

Seguiu-se, neste estudo, um paradigma qualitativo que segundo Bogdan e Biklen (1994) é descritivo, debruçando-se, os investigadores, essencialmente no processo e não tanto nos resultados. Com efeito, neste tipo de investigação, deve-se ter particular cuidado em descrever de forma clara e organizada um dado procedimento que poderá ser esclarecedor dos resultados alcançados. Os referidos autores salientam ainda que a investigação qualitativa tem na sua essência o facto de o investigador se interessar, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências.

Contrariamente à investigação quantitativa, que utiliza dados numéricos que lhe possibilitam provar relações entre variáveis, a investigação qualitativa utiliza essencialmente metodologias que possam criar dados descritivos, permitindo observar o modo de pensar dos participantes numa investigação (*ibidem*).

Esta parte encontra-se dividida em seis pontos: o primeiro onde se apresenta a questão de investigação assim como os objetivos do estudo; o segundo onde se expõe o tipo de estudo elaborado; o terceiro, que apresenta o cenário da investigação e os participantes; o quarto que aborda a entrevista como instrumento usado para a recolha dos dados; o quinto onde se descrevem os procedimentos seguidos ao longo do trabalho e, por último, um ponto dedicado à forma como foram tratados e analisados os dados recolhidos.

2.1 QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO E OBJETIVOS

Como vimos anteriormente, as orientações teóricas e a legislação europeia atual preveem que as pessoas surdas obtenham a carta de condução. No entanto, o ensino de condução automóvel a estas pessoas é uma temática ainda pouco investigada, especialmente em Portugal. Por essa razão, a questão de investigação foi formulada nos seguintes moldes: “De que modo se processa o ensino de condução automóvel a pessoas surdas em Portugal?”

A resposta a esta questão torna o estudo inovador, podendo contribuir para aumentar o conhecimento nesta área e alterar as práticas das escolas de condução, tornando o ensino de condução automóvel a pessoas surdas mais eficaz.

Com base no objetivo geral, que se assume como a análise da forma como decorre o processo de ensino de condução automóvel a formandos surdos no contexto português, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

- Caracterizar as condições apresentadas pelas Escolas de Condução para a formação dos condutores surdos;
- Compreender como se estabelece a comunicação entre os instrutores e os alunos surdos;
- Determinar quais as dificuldades sentidas pelos instrutores na comunicação com os referidos alunos;
- Determinar quais as estratégias de comunicação utilizadas para ultrapassar as dificuldades sentidas pelos instrutores;
- Caracterizar o desempenho dos alunos surdos na tarefa de condução automóvel.

2.2 TIPO DE ESTUDO

O presente estudo assume-se como exploratório-descritivo.

A pesquisa exploratória tem como objetivo compreender as motivações que levam a determinadas atitudes e comportamentos, proporcionando uma melhor compreensão do problema a estudar (Santos, 1991).

Segundo Sampieri, Collado e Lucio (1991), os estudos exploratórios são realizados, normalmente, quando o objetivo da pesquisa é examinar um tema ou problema de investigação pouco estudado ou que ainda não tenha sido abordado, o que se verifica no caso do ensino de condução automóvel a pessoas surdas em Portugal, tema central deste trabalho.

Muitas investigações exploratórias são também descritivas, procurando “estudar, compreender e explicar a situação atual do objeto da investigação” (Carmo & Ferreira, 1998, p. 213). Estas poderão envolver o levantamento bibliográfico e entrevistas a pessoas com experiências práticas no problema a investigar, sendo as que, geralmente, são realizadas pelos pesquisadores sociais, preocupados com a atuação prática (Gil, 2008).

O estudo desenvolvido teve precisamente este aspeto em consideração, ao ter selecionado como participantes pessoas que, não só têm conhecimentos aprofundados sobre a área em estudo, como atuam regularmente em contextos reais de ensino-aprendizagem da condução automóvel a pessoas surdas.

2.3 CENÁRIO DA INVESTIGAÇÃO E PARTICIPANTES DO ESTUDO

Em Portugal existem dezoito distritos e duas regiões autónomas, sendo que neles estão registadas 1045 escolas de condução, segundo dados consultados na página web do IMT.

De forma a ter uma visão holística, foram contactadas escolas de condução de todos os distritos e regiões autónomas, procurando escolher entidades que garantissem dispersão geográfica e diversas tipologias de contextos. Para além destes aspetos, o critério principal prendeu-se com a existência de instrutores com experiência de formação de condução automóvel a pessoas surdas, considerando uma escola de condução, por cada distrito e região autónoma de Portugal.

Apesar da tentativa de estabelecer contacto com escolas de condução das vinte zonas geográficas de Portugal, as regiões autónomas (Açores e Madeira) não participaram no estudo pelas razões que se apresentarão mais à frente neste trabalho

Neste sentido, foram incluídos, numa primeira fase, dezoito escolas/instrutores como participantes, um por cada distrito de Portugal Continental.

Em duas escolas de condução (Lisboa e Coimbra) foram entrevistadas mais do que uma pessoa. Em Lisboa, foi entrevistada a proprietária do estabelecimento de ensino, uma vez que relatou a história da instituição mencionando ainda a relação com as pessoas surdas. Por sua vez, em Coimbra foram entrevistados dois instrutores, pois cada um deles apenas ministra uma das componentes de ensino: código ou condução.

Deste modo, contabilizam-se vinte entrevistados.

2.4 INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS - ENTREVISTA

No que se refere aos instrumentos, a entrevista emergiu como a técnica de recolha de dados mais apropriada, atendendo às características do referido instrumento, à temática estudada e aos objetivos estabelecidos para o estudo. É ainda considerada uma técnica característica do método qualitativo, que tal como referido anteriormente, é o utilizado na presente investigação.

Em relação às outras técnicas, como por exemplo, questionários, Rosa (2006) e Gil (2008) referem como vantagens da entrevista, a flexibilidade na aplicação, a riqueza da informação obtida e o esclarecimento de respostas.

Na perspetiva de Gil (2008), o questionário é utilizado sobretudo quando o universo a ser pesquisado é constituído por um grande número de elementos, o que não corresponde à presente investigação.

A entrevista, considerada por Yin (2003) como uma das mais importantes fontes de recolha de Informação, pode ser definida como a técnica em que o investigador se apresenta frente a frente com o entrevistado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obter dos dados que interessam à investigação (Gil, 2008).

A entrevista implica necessariamente um processo de comunicação em que ambos atores (entrevistador e entrevistado) podem influenciar-se mutuamente, seja consciente ou inconscientemente (Aires, 2015). Permite ao entrevistador observar a forma como o entrevistado responde às questões colocadas já que o seu tom de voz, a expressão facial, e outros sinais mostram emoções que numa resposta escrita nunca seria possível obter (Bell, 2008).

A conversa com o entrevistado pode ser entendida como a chave do processo técnico da entrevista pela evidente interação direta existente durante a mesma (Carmo & Ferreira, 2008), o que exige não só ter conhecimento do tema em questão, como também assumir que a pessoa a ser entrevistada é detentora do saber e produtora de conhecimento sobre a realidade a investigar (Yin, 2003; Gil, 2008)

Este aspeto foi tido em consideração neste trabalho uma vez que constitui critério de seleção dos entrevistados, instrutores conhecedores da realidade estudada e com experiência em formação de condutores surdos.

Neste estudo, optou-se por aplicar entrevistas semiestruturadas ou semidiretivas pois estas permitem-nos abordar com profundidade a perspetiva dos entrevistados, facilitando a emergência de questões imprevistas mas pertinentes tendo em vista os objetivos do estudo.

Pretendia-se, por um lado, obter informações concretas, através das entrevistas e, simultaneamente que os entrevistados respondessem o mais livremente possível às questões.

Segundo Quivy e Campenhoudt (2005), a entrevista semiestruturada não é inteiramente aberta nem orientada por um certo número de perguntas definidas. Com este tipo de entrevista, o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à pergunta formulada (Minayo, 2008).

Este instrumento, na perspetiva de Bogdan & Biklen (1994), permite que a recolha dos dados seja feita de forma descritiva, recorrendo a citações dos agentes envolvidos, neste caso os instrutores de condução, que ilustrem e fundamentem o fenómeno a observar (o processo de ensino de condução automóvel a pessoas surdas em Portugal).

2.5 CONDUTA ÉTICA E PROCEDIMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

O primeiro procedimento realizado nesta investigação foi o levantamento das escolas de condução através da página web: www.segurancarodoviaria.pt/ensino/escolas-de-conducao, onde consta a listagem de escolas de condução por distrito com os respetivos nomes e contactos.

Optou-se por iniciar o contacto com escolas de condução da capital de distrito, por se considerar que existiria uma maior probabilidade de terem tido experiência com

alunos surdos, devido também à proximidade das Associações de Surdos. Os contactos foram estabelecidos telefonicamente ou via email.

Tratou-se de um processo moroso em que se procedeu à apresentação da investigadora, da temática em estudo e questionou acerca da experiência no ensino de condução a pessoas surdas. Nesta primeira fase, foram contactadas aproximadamente setenta escolas de condução. De salientar que em vários distritos houve necessidade de mais do que um telefonema até se conseguir a experiência exigida e o interesse na participação.

No caso das regiões autónomas dos Açores e da Madeira, apesar das várias tentativas de contacto, não foi possível integrar escolas destes locais por estas não se manifestarem disponíveis para participar, apesar de referirem experiências anteriores com alunos surdos.

A existência de instrutores interessados e com a experiência referida evidenciou-se, portanto, nos dezoito distritos de Portugal Continental, que após aceitação informal da participação no estudo, tiveram a oportunidade de ler a carta de apresentação do estudo que lhes foi enviado por correio eletrónico (Apêndice 1), no sentido de respeitar as questões éticas.

De facto, uma das preocupações mantidas ao longo do estudo refere-se às questões éticas indissociáveis do ato de investigar. Segundo Bogdan e Biklen (1994) entre os requisitos básicos a considerar na avaliação ética de um projeto de investigação inclui-se: a garantia que as pessoas envolvidas no estudo participem de forma voluntária, o respeito dos direitos dos participantes (especificamente o consentimento informado) bem como a confidencialidade e proteção dos dados.

Posto isto, elaborou-se o referido documento onde se especifica o objetivo do estudo e o pedido de autorização para a realização das entrevistas, assegurando-se que são respeitados todos os princípios éticos e deontológicos da investigação científica. Estas considerações práticas estão em conformidade com o sugerido por Minayo (2008) ao referir que estas devem ser tidas em conta essencialmente na formalidade de uma entrevista. O orientador da investigação deverá escrever uma carta introdutória, tal

como consta do Apêndice 1, mencionando os aspetos principais do estudo, destacando ainda a garantia de anonimato e sigilo dos dados.

As entrevistas foram agendadas, tentando conciliar a disponibilidade da investigadora e dos entrevistados, tendo sido realizadas entre os meses de janeiro e dezembro de 2015 a uma amostra de vinte instrutores de condução automóvel com experiência na formação de condutores surdos. De referir que as entrevistas tiveram duração média de vinte minutos.

Das vinte entrevistas, dezoito foram realizadas presencialmente, nos estabelecimentos de ensino das respetivas escolas de condução (Aveiro, Beja, Braga, Coimbra, Castelo Branco, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, Vila Real, Viseu), por solicitação dos instrutores entrevistados. Duas das entrevistas foram realizadas via Skype, nomeadamente as referentes aos distritos de Bragança e Viana do Castelo, uma vez que os demais instrutores afirmaram que não tinham acesso a esta ferramenta de comunicação, exigindo a deslocação aos respetivos locais.

Este constrangimento tornou o processo de recolha de dados extremamente moroso, alargando o período inicialmente previsto para o efeito.

Seguidamente, elaborou-se o guião de entrevista semiestruturada (Apêndice 3) tendo em conta as etapas de construção de um instrumento deste tipo e a definição prévia dos dados a recolher face aos objetivos do estudo.

As questões formuladas incluíram inicialmente informações para legitimação da entrevista e motivação do entrevistado, seguindo-se perguntas para caracterização do perfil dos instrutores participantes e das respetivas escolas de condução.

Posteriormente, os blocos temáticos centraram-se nos conhecimentos e experiência dos instrutores em relação à comunicação com alunos surdos ao longo da sua prática profissional.

O guião construído foi analisado por peritos, de forma a ser reformulado e validado, ao nível do conteúdo e da aparência. Este procedimento vai ao encontro do que é considerado por Fortin (1999) como relevante no processo de preparação de

instrumentos de recolha de dados, referindo a autora que o recurso a especialistas com o objetivo de identificar e eliminar eventuais problemas e ambiguidades, não reconhecidos pelo investigador pelo envolvimento direto no estudo, permitirá aperfeiçoar e validar o referido instrumento de recolha de dados. O principal objetivo da validação, segundo a mesma autora, é assegurar a formulação das questões de um modo claro e perceptível para que possam ser compreendidas e respondidas pelos entrevistados.

Na data definida para a realização da entrevista, os entrevistados assinaram primeiramente o consentimento informado (Apêndice 2), aplicando-se posteriormente o guião pré-estabelecido.

Procurou-se que as entrevistas decorressem num ambiente favorável ao diálogo e em que os entrevistados se sentissem descontraídos e capazes de se exprimir livremente, indo ao encontro do sugerido por Bogdan e Biklen (1994). Estes autores evidenciam que para se considerar uma boa entrevista, os entrevistados deverão sentir-se desinibidos para falarem sem restrições. Considera-se que o facto da grande maioria das entrevistas deste estudo terem sido realizadas nos estabelecimentos de ensino de condução, favoreceu a criação desse clima e facilitou o fluir do diálogo.

As entrevistas foram realizadas individualmente e registadas através de uma gravação áudio, inclusivamente no caso das duas entrevistas realizadas via Skype.

De seguida, foram realizadas pela própria entrevistadora, as transcrições integrais das mesmas a partir das gravações efetuadas, para uma posterior análise detalhada do seu conteúdo (Apêndice 4, Apêndice 5, Apêndice 6, Apêndice 7, Apêndice 8, Apêndice 9, Apêndice 10, Apêndice 11, Apêndice 12, Apêndice 13, Apêndice 14, Apêndice 15, Apêndice 16, Apêndice 17, Apêndice 18, Apêndice 19, Apêndice 20, Apêndice 21, Apêndice 22, Apêndice 23).

De salientar que, por questões éticas, a identificação dos entrevistados foi mantida em sigilo, codificando-se os participantes através de um conjunto de três letras representativas do nome dos distritos, possibilitando uma perceção dos mesmos.

Optou-se pela escolha desta designação tendo-se adotado o código (abreviatura) de três letras dos municípios portugueses, com origem na tabela dos dígitos identificadores das câmaras municipais emissoras de licenças de condução presentes no Apêndice IV do Decreto-Lei nº 209/98 de 15 de julho.

| Código de três letras | Distrito |
|------------------------------|------------------|
| AVR | Aveiro |
| BJA | Beja |
| BRG | Braga |
| BGC | Bragança |
| CTB | Castelo Branco |
| CBR1 | Coimbra |
| CBR2 | Coimbra |
| EVR | Évora |
| FAR | Faro |
| GRD | Guarda |
| LRA | Leiria |
| LSB1 | Lisboa |
| LSB2 | Lisboa |
| PTG | Portalegre |
| PRT | Porto |
| STR | Santarém |
| STB | Setúbal |
| VCT | Viana do Castelo |
| VRL | Vila Real |
| VIS | Viseu |

Quadro 2 – Quadro de codificação dos distritos envolvidos no estudo

2.6 TRATAMENTO DOS DADOS – ANÁLISE DE CONTEÚDO

Na presente investigação, com o objetivo de tornar a comunicação de cada um dos instrutores entrevistados mais fácil de tratar, conservando todos os aspetos pertinentes, procedeu-se a uma análise de conteúdo.

Segundo Amado (2000), a análise de conteúdo não se trata de um método, mas sim de uma técnica de tratamento de dados. Esta pode ser entendida como um “processo de busca e de organização sistemática de transcrições de entrevistas (...) com o objetivo do investigador aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 205).

A análise de conteúdo também é definida por Bardin (2009) como um conjunto de técnicas que permite analisar discursos e que conduz à inferência do conhecimento do modo como é vivenciada determinada situação. Esta deve orientar-se pelas fases de pré-análise, seguida da exploração do material e, por último, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Na fase de pré-análise é feita uma leitura flutuante dos dados recolhidos para verificar as temáticas principais que auxiliam a divisão do texto em alguns blocos, que se poderão aperfeiçoar, eventualmente, se o desejarmos. Esta divisão permite definir categorias de análise que são classes significativas, a partir das quais o conteúdo será classificado, segundo carateres comuns (*ibidem*).

As categorias e subcategorias definidas para a análise de conteúdo dos dados recolhidos através das entrevistas, atenderam aos principais objetivos da investigação e ao resultado da pesquisa bibliográfica, sendo por isso categorias temáticas.

No entanto, a categoria ‘Desempenho dos alunos surdos’ emergiu a partir da análise dos dados recolhidos, tendo-se considerado que, apesar de não estar inicialmente prevista, era fundamental para a compreensão da temática e enriqueceria os resultados do estudo.

As subcategorias de análise emergiram, naturalmente, a partir da organização dos dados em blocos temáticos.

As categorias e subcategorias definidas para análise de conteúdo estão expressas no quadro abaixo.

| Categorias | Subcategorias |
|---|---|
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade |
| | Formação para exercer a profissão |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos |
| | Experiência como instrutor |
| | Experiência com alunos surdos |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas |
| | Materiais - Aulas Práticas |
| | Humanas |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas |
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas |
| | Dificuldades - Aulas Teóricas |
| | Dificuldades - Aulas Práticas |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas |
| | Aulas |
| | Exames |
| | Segurança Rodoviária |

Quadro 3 - Quadro das categoriais e subcategorias da análise de conteúdo

Posteriormente, procedeu-se à construção de vinte grelhas parametrizáveis que correspondem ao número de distritos abrangidos. As grelhas tiveram em conta as categorias do quadro anterior, recorrendo-se a unidades de registo representativas, obtidas a partir da transcrição das entrevistas (Apêndice 24, Apêndice 25, Apêndice 26,

Apêndice 27, Apêndice 28, Apêndice 29, Apêndice 30, Apêndice 31, Apêndice 32, Apêndice 33, Apêndice 34, Apêndice 35, Apêndice 36, Apêndice 37, Apêndice 38, Apêndice 39, Apêndice 40, Apêndice 41, Apêndice 42, Apêndice 43).

Por fim, foram analisadas as grelhas cujos dados e respectivos resultados serão discutidos na Parte seguinte.

PARTE III – APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Tal como exposto anteriormente, o presente estudo envolveu a construção, realização e análise de vinte entrevistas, cujos dados se apresentam de seguida, estabelecendo um paralelismo com a respetiva discussão dos resultados obtidos.

Esta Parte está dividida em quatro grandes pontos referentes aos principais temas da entrevista e consequentemente das categorias; respetivamente: Perfil dos entrevistados; Condições da escola de condução para o ensino de alunos surdos; Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo e Desempenho dos alunos surdos.

3.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

O grupo de participantes no estudo é constituído por vinte instrutores de condução automóvel, sendo cinco do sexo feminino e quinze do sexo masculino.

No que respeita ao nível de escolaridade, dois possuem o antigo 7ºano; sete têm o 11º ano de escolaridade; sete possuem o 12º ano e quatro são licenciados em diferentes áreas.

No tocante à formação específica para trabalhar com pessoas surdas, nenhum dos entrevistados afirmou ter frequentado ações nesta área. No entanto, quatro dos instrutores, nomeadamente dos distritos de Lisboa, Guarda, Viseu e Bragança, referiram que o contacto com familiares, amigos surdos ou com indivíduos especializados em Língua Gestual Portuguesa, facilitou o processo de ensino de condução. Os instrutores de Lisboa e do Porto mencionaram, ainda, que devido à sua ampla experiência com alunos surdos, já tem algum conhecimento em LGP, mesmo não tendo qualquer formação.

Quanto ao número de alunos surdos que já ensinaram a conduzir, este é muito díspar variando entre apenas um, respetivamente nos distritos de Bragança, Castelo Branco,

Évora, Viseu e Vila Real, a aproximadamente cem, nomeadamente nos distritos de Coimbra, Lisboa e Porto.

No que diz respeito à experiência com alunos surdos, todos os entrevistados caracterizaram a experiência de ensino a pessoas surdas como positiva e enriquecedora. A título de exemplo destacam-se as seguintes unidades de registo: *“Uma experiência linda, espetacular, fora de série. Foi uma experiência única e que gostei muito. Gostava de repetir.”* (BRG); *“Um instrutor de condução aprende sempre com os alunos. Foi uma experiência enriquecedora, não há dúvidas nenhuma, a maneira de comunicar é completamente diferente mas o instrutor aprende com todos. Tem que se adaptar à pessoa que leva ao lado embora o instrutor com alguma experiência vai identificando grupos de alunos, vai enquadrando nesses grupos”.* (EVR); *“Para mim foi uma experiência super gratificante e tenho pena de não ter tido mais.”* (LRA).

3.2 CONDIÇÕES DA ESCOLA DE CONDUÇÃO PARA O ENSINO DE ALUNOS SURDOS

3.2.1 Materiais Pedagógicos

No que respeita ao material utilizado no ensino de condução a alunos surdos, a maioria dos entrevistados assumiu que o existente, tanto para as aulas teóricas como práticas, consegue atender às necessidades tendo em vista o êxito da aprendizagem. Em relação a este assunto, vários informantes responderam da seguinte forma: *“Temos bastante material, e muitas vezes trabalhamos dessa forma.”* (AVR); *“Sim, sim. Perfeitamente adequados e corretos. Tem muito o recurso à imagem, à exemplificação e ao sistema de pergunta-resposta. Portanto, dá perfeitamente para complementar e conseguir um bom resultado.”* (STR).

No entanto, o entrevistado de Castelo Branco discorda, referindo: *“Não estão direcionados para eles, nem há no mercado. Mesmo sendo visuais... têm uma linguagem muito trabalhada.”* (CTB).

De salientar ainda que três dos entrevistados mencionaram a utilização de materiais específicos, como sendo um baralho de cartas e o recurso a carros de pequena dimensão, utilizados também no quadro magnético. Referem, a este respeito: *“Tínhamos um baralho de sinais, era tipo um baralho de cartas mas com os sinaizinhos todos. Perguntávamos: Que sinal é este? Era fácil comunicar com eles dessa forma. Porque eles conseguiam ler nos lábios”.* (PTG); *“Tínhamos que ter um quadro, ainda hoje se não tivérmos sala virtual, temos que ter um quadro magnético com os cruzamentos e carrinhos...”* (PTG); *“Então eu tentava procurar mesmo com carrinhos pequenos, que eu tenho ali, fazer a situação real para elas perceberem o que poderia efetivamente acontecer ou não: se houvesse um incumprimento ou se tivessem que cumprir o código da estrada”.* (LRA); *“Depois, temos outro quadro magnético no qual eu ensino o que diz respeito à cedência de passagem em cruzamento, entroncamento, rotundas. Explico a sinalização diversa das marcas rodoviárias.”* (PRT).

No que se refere aos materiais pedagógicos, verifica-se que os materiais mencionados pelos instrutores entrevistados são considerados suficientes e estão em conformidade com a legislação apresentada na Parte I deste trabalho.

Especificando os referidos materiais, foram destacados os que permitem a veiculação da informação através da escrita. Deste modo, concluiu-se que a grande maioria dos instrutores utiliza o papel, ou o quadro como forma de comunicação com os alunos surdos: *“Quando não consegue perceber, a aluna recorre ao texto. Ela escreve em papel: “O que é isto?”. E eu explico-lhe”.* (VRL); *“Isso é uma das práticas que um instrutor que está na parte teórica tem que ter sempre em cima da mesa para se escrever. Ter um marcador, para exemplificar no quadro, fazer um desenho aqui ou ali...”* (BRG); *“(...) eu ia pelo método do desenho quer no quadro, quer na folha”.* (LRA); *“Muitas vezes também fazia esquemas, através de papel e caneta para as rotundas, cruzamentos, por exemplo”.* (BGC); *“Tal como faço com os outros alunos, uso um caderno, onde por vezes também escrevo indicações como por exemplo: encostar ao eixo da via...”* (VRL).

As considerações dos entrevistados vão ao encontro do expresso por Bautista (1997) e Miller e Stacey (2014) reconhecendo a utilidade de um quadro magnético na sala de aula teórica para recriação de situações de trânsito de forma simples e rápida. Por outro lado, a utilização da informação escrita é salientada por Ohen *et al.* (2010) ao identificarem a potencialidade de uma caneta e um caderno na comunicação com pessoas surdas. No âmbito da formação de condução a alunos surdos, é aconselhado por diversos autores (Reed, 2012; Miller & Stacey, 2014) que o instrutor tenha sempre um bloco de notas disponível de modo que todas as perguntas e respostas possam ser escritas.

Particularizando os materiais existentes para o ensino teórico, foi destacada a sala de aula virtual, um dos exemplos de TIC também assinalado no Enquadramento Teórico. Deste modo, dez informantes de nove distritos referiram que a utilizam regularmente na sala de aula de código: *“Depois recorremos muito a imagens. Temos um software, sala virtual, em que ao clicar, por exemplo no sinal de código, aparece o texto a explicar o que é. O texto associado à imagem ajuda muito”.* (VLR); *“(...)muitas vezes*

também temos a parte interativa e os nossos quadros interativos e acabam por facilitar.” (LSB2).

Ainda no que respeita à utilização das TIC, três distritos referiram a importância da legendagem para o aluno surdo: *“Nós temos sala de aula virtual, nós colocamos tudo no quadro e o instrutor tem a opção de colocar ou não colocar legenda. E ele (aluno surdo) foi através das legendas, que aprendeu os sinais e tudo”. (BRG); “E depois temos projeções que facilitam bastante e depois também está escrito por baixo.” (LSB2).* Um dos entrevistados referiu ainda a pen disk e a realização dos testes online: *“(…) o manual de código vende-se muito pouco....a partir do momento em que o IMT publicou os testes de exame na internet (...) os candidatos começaram a ir à internet e fazer os testes de exame através da internet. (...) O que se tem vendido é a pen com os testes.” (PRT).*

O recurso ao vídeo foi ainda tido em consideração por um dos entrevistados: *“Nós temos sala de aula virtual(...) Tem situações reais do trânsito em vídeo.” (BRG).*

Com efeito, no que respeita à utilização das TIC, as evidências estão em conformidade com o referenciado por Bautista (1997) e Cardona *et al.* (2013) no que se refere ao impacto revelado pelas TIC na comunicação e no processo de ensino-aprendizagem para alunos surdos, mencionado na primeira Parte deste trabalho.

Especificamente, o reconhecimento pelos instrutores da importância das legendas para surdos, está de acordo com a sugestão de Coelho (2010).

3.2.2 Condições Humanas

No tocante à presença de intérprete de língua gestual na sala de aula de código, verifica-se que apenas quatro escolas de condução apresentam essa possibilidade aos seus alunos, respetivamente nos distritos de Beja, Coimbra, Guarda e Lisboa.

O reconhecimento do valor da LGP como meio de comunicação com formandos surdos é realçado pelos instrutores destes locais, em comentários como os que se apresentam

seguidamente: *“Ela, a intérprete, vem ao sábado fazer a tradução das aulas. Não vem durante a semana porque não é fácil conciliar com todas as pessoas surdas, porque um pode a uma determinada hora, outro pode a outra. Então, criamos ao sábado duas aulas em que ela está a fazer a tradução em linguagem gestual”*. (LSB1); *“ (...) A senhora professora vem às horas conforme os alunos que vêm. Desloca-se à aula de código. Está de frente, juntamente com o instrutor, virada para o aluno e aquilo que diz o instrutor, ela transmite ao aluno. O aluno assim compreende (...)* (GDR); *“Com intérprete torna-se mais fácil. Quando temos mais quinze alunos, sem a intérprete seria mais difícil. Uma delas já tinha sido professora deles na escola.”* (BJA).

As escolas de condução que contam com a sua presença na sala de aula consideram que é um recurso determinante e facilitador do ensino-aprendizagem sendo que a ausência da mesma é sentida pelo instrutor de Castelo Branco: *“Para se fazer um bom trabalho, um trabalho bem feito, com surdos deveria ser com profissionais. O trabalho em parceria seria o ideal. Não vejo outra alternativa.”* (CTB)

Lacerda (2006) também valoriza o papel do intérprete dentro da sala de aula definindo-o como meio de comunicação entre o aluno surdo e o professor ouvinte.

Neste sentido, é necessário reconhecer que a sua presença no referido espaço tem como objetivo tornar os conteúdos acessíveis ao aluno surdo. Segundo o mesmo autor, a principal questão não é traduzir os conteúdos, mas torná-los compreensíveis para o sujeito surdo em formação.

3.3 COMUNICAÇÃO ENTRE INSTRUTOR E ALUNOS SURDOS

3.3.1 Interação

A relação interpessoal foi referida por quatro dos entrevistados tendo também sido apontadas emoções como a afetividade, que mesmo no decorrer da entrevista se sentiu pela forma como se expressaram: *“Não é pela deficiência mas é um elo de ligação mais íntima, uma ligação mais profunda entre nós. Ligamo-nos muito mais.(...)* Temos uma ternura maior, porque há mais feedback. É recíproco. E eu gosto de lidar com os alunos surdos. É gratificante”. (CBR1) ; *“Sinto que tenho uma grande facilidade de relacionamento, de comunicação...até um sentido paternal em relação à aluna surda.”* (VLR).

O reforço positivo como incentivador da aprendizagem foi também salientado por um dos entrevistados: *“Depois no final, dou-lhe sempre um reforço positivo e isso sim é mesmo importante para ela.”* (VLR).

No que refere ainda à interação pessoal que se relaciona diretamente com o ensino, um dos entrevistados revelou a sua preocupação na forma como trabalha com as pessoas surdas: *“A maior preocupação é tratá-los como igual. Porque eles gostam. É muito engraçado, chegar aqui ao sábado, porque essas aulas são ao sábado, e se juntam aqui 10 e 11 ...aquilo é muito engraçado com as linguagens deles. Eles tentam explicarmos os gestos para bom dia, boa tarde e no outro dia já estamos a baralhar tudo”* (LSB1).

Outro instrutor, neste caso de Viana do Castelo, referiu ainda que ao sentir pena, sente também necessidade em ajudar este público-alvo: *“Eu tenho muita pena deles. Porque é um problema que eles não criaram. Nós temos que os ajudar a tornar a vida mais facilitada.”* (VCT).

As questões emocionais, bem como o recurso ao reforço positivo, expressos pelos entrevistados, vão ao encontro do referido por Nielsen (1999), no que respeita ao papel do professor no processo de inclusão de pessoas com necessidades educativas

especiais. O autor menciona que o professor deve-lhes transmitir sentimentos positivos assim como revelar-lhes afeto.

3.3.2 Estratégias de comunicação – aulas teóricas

No que diz respeito às estratégias de comunicação utilizadas durante o ensino teórico os entrevistados revelaram outras para além do recurso aos materiais pedagógicos já mencionados anteriormente.

Verifica-se, após a análise das entrevistas, que a informação escrita é o meio privilegiado de comunicação na sala de aula teórica.

Dos vinte entrevistados apenas um afirmou que recorre pouco à escrita: *“E se for necessário ainda recorre à escrita? Pouco, pouco, pouco.”* (FAR)

As estratégias comunicacionais evidenciadas pelos entrevistados vão ao encontro do aconselhado por Cardona *et al.*, (2013) ao referir que no ensino a pessoas surdas, deve-se potenciar o uso da linguagem escrita como principal via de acesso à informação, combinada com outros recursos.

Uma outra estratégia muitas vezes utilizada por pessoas surdas para comunicar com pessoas ouvintes é a leitura labial. Conforme referido no enquadramento teórico, esta estratégia é particularmente útil a pessoas com esta característica.

Uma comunicação através de leitura labial, para ser eficaz, pressupõe que tanto o emissor como o recetor assumam uma posição favorável para que ambos possam manter o contacto visual.

Neste levantamento, verificou-se que catorze instrutores têm em consideração esse facto, sendo que sete dos quais assumem adotar estratégias facilitadoras da leitura labial. Os comentários recolhidos são transversais ao ensino teórico e prático e demonstram o relevo deste recurso: *“Nós colocamos o aluno mais à frente e de frente para o instrutor. Ele vai conseguir fazer a leitura labial com mais facilidade”*. (BRG); *“Tenho que falar só mais calmamente para eles lerem os lábios. Já sei que não posso*

colocar um instrutor que tenha bigode ou barba porque é mais difícil”. (LSB1); “Ou então tento falar um bocado mais devagar do que o normal. Se não tiver ninguém com essa deficiência na sala, se calhar falo um bocadinho mais rápido. Se estiver com essas pessoas falo mais pausadamente de modo a que consigam compreender.” (CBR1).

No entanto, os instrutores dos distritos de Leiria e Viseu referiram que *“Não recorrem à leitura labial”*. (LRA); *“Não fazia leitura labial... era mais por gestos ou através de desenhos”*. (VIS)

Neste sentido, no que concerne à leitura labial, pelos resultados obtidos verificamos que as estratégias implementadas pelos entrevistados se aproximam das sugeridas pelos autores Bautista (1997); Nielsen (1999); Hersh *et al.* (2010); Cardona *et al.* (2013) e Miller e Stacey (2014). A preocupação particular referida pelo distrito de Lisboa em escolher um instrutor que não tenha bigode ou barba é apontada por Schwarz e Haber (2006) ao mencionar alguns aspetos que dificultam a leitura labial, como pouca movimentação dos lábios e o uso de bigode.

Uma outra solução identificada para a transmissão dos conhecimentos foi o recurso a imagens presentes também no equipamento multimédia designado por Sala de Aula Virtual. Com efeito, cinco dos entrevistados referiram a sua utilização nas aulas teóricas: *“Tem muito o recurso à imagem, à exemplificação e ao sistema de pergunta-resposta.” (STR); “Depois recorremos muito a imagens”(…) (VRL); “Na teórica, é fácil: eles lêem, captam através de esquemas, imagens.. ” (BRG).*

Quanto à utilização de imagens, os entrevistados aproximam-se da opinião dos autores Baustista (1997) e Hersh *et al.* (2010) que relevam o impacto significativo do recurso a imagens no processo de comunicação e de ensino-aprendizagem com alunos surdos. Referindo-se ainda à população surda, Campello (2006) acrescenta que atualmente os recursos visuais disponíveis são amplos, incluindo inúmeras possibilidades de imagem e composição de espaços virtuais propiciados pelo mundo tecnológico facilitando, deste modo, o processo de ensino-aprendizagem.

Ainda no que concerne às estratégias na sala de aula teórica, a grande maioria dá formação aos alunos surdos na mesma sala em que decorrem as aulas de formandos ouvintes. Porém, dois instrutores mencionaram que o preferiam fazer individualmente: *“Conjuntamente com os outros? No nosso caso, não. É sempre separadamente. É de um para um. É assim que aqui... que eu sempre funcionei (...) e tem funcionado”*. (AVR); *“Fiz uma grande maioria das vezes individualmente, para conseguir comunicar com eles. Ninguém trouxe intérprete.”* (PTG).

Independentemente do ensino ser ou não individualizado, os resultados obtidos estão em conformidade com Cardona *et al.* (2013) ao sugerirem que o meio deve adotar um conjunto de estratégias comunicativas que sejam ajustadas às características das pessoas surdas, devendo ter em conta que necessita tanto de apoio visual, para fazer leitura labial e para captar outras pistas visuais, como auditivo, para poder obter o máximo de rendimento dos seus resíduos auditivos.

3.3.3 Estratégias de comunicação – aulas práticas

Os instrutores entrevistados expressaram-se quanto às estratégias adotadas na parte prática do ensino da condução automóvel.

Da análise das respostas dadas em entrevista, concluiu-se que os gestos foram o principal meio de comunicação evidenciado pela grande maioria dos entrevistados, essencialmente nas aulas de condução.

Deste modo, quinze distritos referiram que a comunicação gestual já é muito utilizada nas aulas tendo apenas, por vezes, que readaptar os gestos às características da pessoa surda: *“Os nossos gestos são mais: virar, apontando para a esquerda ou para a direita. Quando tem o conta-rotações nos carros, a gente aponta e dizemos quando é que deve passar ou não. A passagem das mudanças... eles têm um poder de adaptação muito grande”*. (VCT); *“Faço o gesto com o braço e mão para virar à direita ou à esquerda. Basta chegar-me um pouco mais à frente.”* (VRL); *“Com gestos que inventava também. Tentava captar a atenção deles e depois fazia o gesto de parar (...) arranjava gestos combinados quase unicamente entre nós.”* (STR).

As opiniões expressas no que respeita ao recurso à comunicação gestual vão ao encontro das ideias de Hersh *et al.* (2010) e Miller e Stacey (2014) ao referirem que para dar indicações, pode ser acordada uma simples forma de linguagem gestual entre o instrutor e o aluno surdo para uma decisão e compreensão dos gestos a serem utilizados. Reforçam que estes sinais gestuais, que serão usados enquanto o veículo está em andamento, não deverão ser os mesmos do que os utilizados na língua gestual. Devem ser previamente explicados e devidamente compreendidos pelos alunos surdos.

No tocante às estratégias aplicadas na parte prática, verifica-se que tal como na parte teórica, a escrita é também muito utilizada: *“Muitas vezes também fazia esquemas, através de papel e caneta para as rotundas, cruzamentos, por exemplo. (BRG); “Tal como faço com os outros alunos, uso um caderno, onde por vezes também escrevo indicações ou informações importantes, como por exemplo: encostar ao eixo da via...” (VRL).*

De referir que em dois distritos os instrutores enunciam que atualmente utilizam a escrita através do telemóvel como meio de comunicação: *“Depois também me enviam mensagens por telemóvel e às vezes dava para perceber as dificuldades que eles sentiam”. (BJA); “Antes, tinham que explicar numa folha que não percebem. Agora é através do telemóvel. Escrevem se não perceberem e nós respondemos na mesma. Esquerda, direita, era por gestos... mas quando era coisas mais complicadas...ele escreve no telemóvel que não percebe e o condutor transmite.” (GRD).*

A este respeito, as considerações dos entrevistados corroboram com diferentes autores. Segundo Reed (2012) é aconselhável que o instrutor traga um bloco para escrever, à mão, e pedir ao aluno que escreva a sua pergunta. O domínio da língua escrita e a sua utilização pelos surdos tem sido objeto de investigações que revelam que, apesar das dificuldades, os surdos usam a escrita para comunicar também via sms (*short message system*) (Power & Power, 2004).

Com o aparecimento das novas tecnologias, onde se inclui o sms, foram colmatadas algumas das implicações da surdez na comunicação, tornando-se muito mais fácil comunicar (Breivik, 2005).

Outra das estratégias utilizadas nas aulas práticas é a paragem do carro da instrução para que o instrutor possa explicar a manobra ou dar mais informações. Assim, seis entrevistados revelaram que tiveram essa necessidade: *“Mas quando eles não entendem, o melhor é parar o carro e tentar explicar a situação”*. (LSB2); *“Com uma das alunas, lembro-me que tinha muitas vezes de parar.”*(BRG); *“Por vezes, há necessidade de parar e às vezes com alguma linguagem gestual e alguma verbalização que eles entendem através dos lábios para transmitir a mensagem. Outras vezes, escrevendo também, obviamente nas paragens.”* (STR).

As estratégias que incluem a paragem do veículo e a demonstração vão ao encontro das sugestões apresentadas por Miller e Stacey (2014) ao referirem que a comunicação entre instrutores e alunos com qualquer dificuldade auditiva, mesmo que seja através da utilização de pistas visuais ou de gestos, deve ser reforçada com a paragem do veículo, seguida de demonstração.

3.3.4 Dificuldades

No que concerne às dificuldades sentidas pelos instrutores no ensino a alunos surdos, vários instrutores referiram ser a certificação de que a mensagem foi efetivamente compreendida, atendendo à dificuldade do *feedback*: *“Mas temos sempre dificuldade em perceber o feedback”*. (CTB); *“No fim de fazermos um esforço, não temos nenhuma ferramenta que nos permita que nos garanta que houve compreensão.”* (CTB).

As dificuldades de interpretação e compreensão evidenciadas pelos alunos surdos bem como o vocabulário por eles usado, foram apontados por oito entrevistados como uma dificuldade acrescida no processo de ensino-aprendizagem: *“(...) há uma barreira muito grande entre aquilo que nós queremos dizer, ou melhor, aquilo que dizemos e aquilo que eles entendem”*. (VCT); *“O mais difícil a nível de comunicação muitas vezes é tentar, para mim, tentar procurar palavras que eles entendam. Muitas vezes não é à primeira que chego... “Não, também não entendo esta...”*. (AVR); *“O que eu notei também foi a interpretação. Há palavras que eles não conhecem como por exemplo, fiquei estupefacto como muitos deles não conheciam a palavra “jejum”. (...) O Vocabulário é muito diferente, mais limitado.”* (BJA).

Porém, os instrutores da Guarda, Porto e Viseu apresentam uma opinião diferente, ao considerarem que os alunos surdos não apresentam as referidas dificuldades:

“Eles têm uma capacidade de interpretação e de perceber as coisas muito rápidas”. (VIS); “Eles têm uma certa tendência para fixar muito bem”. (GDR); Um deles então era um crânio. Não ouvia nada, podia rebentar uma bomba, o sino que ele não ouvia. Mas de qualquer maneira, tinha uma interpretação, desenhava tudo...sinais e tudo, por forma a compreender bem e fez o exame de código sem dificuldade alguma.” (PRT).

As dificuldades de compreensão sentidas pelas pessoas surdas traduzem-se numa dificuldade também para alguns instrutores, uma vez que por vezes exige que se encontrem outras formas de ensinar.

As respostas dadas nas entrevistas pelos distritos de Aveiro, Beja e Viana do Castelo estão em conformidade com Cardona *et al.* (2013) que menciona o facto de os professores deverem ser sensíveis a fim de captarem as dificuldades de compreensão sentidas pelos alunos. Refere que o professor, ao mudar a forma linguística, aplicar outros recursos ou utilizar sinónimos ou descrições, estará a facilitar a compreensão dos conteúdos. Cabe ao professor, também, uma análise cuidadosa do vocabulário do discurso a fim de determinar que palavras, possivelmente desconhecidas pelo aluno, são inferíveis a partir do contexto, quais não são e quais precisam de uma definição também contextualizada (Pereira, 2009).

Salienta-se que um dos entrevistados referiu que nem sempre é fácil identificar um aluno surdo na sala de aula teórica, se este não menciona a sua deficiência: *“Os alunos deviam dizer logo os seus problemas ou dificuldades e nós tentamos ajudar. O nosso dever é esse. Mas se nós não sabemos, vamos descobrindo...mas pode já ter passado algum tempo, para prejuízo deles e nosso.” (BRG).*

Apesar de apenas um dos entrevistados identificar como dificuldade o facto de não reconhecer facilmente uma pessoa surda, no sentido de poder aplicar de imediato estratégias adequadas, importa reforçar este aspeto, uma vez que também o instrutor de Setúbal referiu esta característica remetendo para o facto de os sujeitos surdos, mesmo enquanto condutores na via pública, não serem imediatamente identificáveis, realizando normalmente a sua tarefa de condução. Com efeito, Silva (1997) defende

que ao contrário da cegueira ou da incapacidade associada ao movimento, por exemplo, a surdez é invisível. Só se torna visível quando a pessoa surda se envolve em alguma ação comunicativa.

A posição em que o instrutor se encontra obrigatoriamente no decorrer das aulas práticas dentro do veículo automóvel, é outra das dificuldades identificadas. O facto do aluno e o instrutor se encontrarem sentados lado a lado, constitui uma posição pouco favorável ao recurso da leitura labial enquanto estratégia de comunicação: *“A nível da condução, há uma dificuldade, em primeiro lugar, pela posição em que estamos”*. (STR); *“Porque nós estamos no interior do veículo e a pessoa surda não consegue ler nos nossos lábios, não é? Por isso, há muito mais dificuldade”*. (STR); *“As aulas práticas são, não vou dizer que são mais engraçadas, mas são bem diferentes. Não conseguimos estar a falar, nem sequer podemos pedir para que olhem para nós para poderem ler nos lábios”*. (LSB2)

Efetivamente, e de acordo com as estratégias apresentadas na Parte I – capítulo 1.4.2 expressas por diferentes autores (Bautista, 1997; Nielsen 1999; Cardona *et al.* 2013) deve falar-se sempre de frente para o aluno surdo. No entanto, nesta situação de ensino é impossível. Deste modo, Miller e Stacey (2014) reforçam que se deve continuar a usar essas estratégias quando o carro está estacionado e apostar na comunicação gestual quando o veículo se encontra em movimento, mas de modo a que o aluno surdo consiga visualizar os respetivos gestos.

O facto de durante a aula de condução, não ser possível a habitual conversação entre o instrutor e o aluno não é visto da mesma maneira pelos entrevistados. Enquanto que o instrutor do Porto referiu: *“A única chatice que há para um instrutor, na aula prática, com um surdo é que não fala para eles. (...) Não há aquele diálogo a que estamos habituados”*. (PRT), o de Faro mencionou que: *“E eu gosto muito do sossego e não me importo de dar aulas a alunos surdos.”* (FAR).

Outra das dificuldades apontadas pelos entrevistados foi de não contarem com a presença de intérprete de LGP nas aulas aliado à falta de conhecimento na referida língua: *“Disse-lhes que não tinha formação em linguagem gestual que a comunicação ia ser difícil.”* (CBT); *“Onde fez realmente falta (intérprete de LGP) foi na prática,*

porque ele não podia, de forma alguma, ir a olhar para o instrutor e aí era mais difícil”. (EVR); *“Já não sabia o que fazer à minha vida, porque em termos de língua gestual, eu não percebia nada.”* (PTG).

A ausência de intérprete LGP nas aulas teóricas e a falta de conhecimento da referida língua destacadas por alguns dos entrevistados é uma evidência sentida também por pessoas de outras áreas: polícias, médicos, enfermeiros ou administrativos, sentindo-se igualmente limitações na comunicação entre pessoas ouvintes e surdos nos serviços públicos (Schwarz & Haber, 2006; Hersh *et al.*, 2010; França, 2011).

Uma dificuldade pessoal pela falta de experiência e exigência foi identificada por um dos entrevistados como um problema enfrentado: *“Eu, com a primeira aluna surda, passado uma semana, na parte prática tive para desistir, no final da semana.” (...)* *Então, no final da primeira semana lembro-me de pensar: “Desisto disto, isto é uma complicação.”* (PTG).

Este sentimento é partilhado por Miller e Stacey (2014) quando referem que a tarefa de ensinar pessoas surdas a conduzir pode ser demasiado assustadora, pela novidade e exigir dinâmicas diferentes de ensino. No entanto, tal como referido Enquadramento teórico deste trabalho, parece que também nestes casos a adaptação pedagógica aos alunos surdos é possível, tornando a experiência muito gratificante e enriquecedora.

Não obstante os problemas apresentados, dez instrutores afirmaram que as dificuldades em ensinar alunos surdos não são significativas ou muito diferentes de ensinar qualquer outro aluno: *“Sim, eles na parte da aprendizagem teórica, não têm qualquer diferença entre uns e outros.”* (STR); *“Eu acho que é até muito idêntico com um outro aluno que não é surdo e eu volto a frisar: primeiro porque eles lêem e a informação é muito visual.”* (LSB); *“Não sinto grandes dificuldades. Sinto que tenho uma grande facilidade de relacionamento, de comunicação...até um sentido paternal em relação à aluna surda.”* (VRL).

De referir, no entanto, que o participante do distrito de Castelo Branco assumiu que sentiu uma grande diferença no ensino: *“Nas aulas práticas, foi completamente*

diferente daquilo que é feito com os outros candidatos” (CTB). “A comunicação é sempre difícil.” (CTB).

A par desta expressa dificuldade, também outros entrevistados assumem que o ensino de condução a pessoas surdas pode gerar dificuldades iniciais que exigem uma adaptação às necessidades particulares destes alunos: *“Poderá haver barreiras de ordem vária, depois cabe-nos a nós identificá-las e tentar transpô-las, melhor que podemos e sabemos. Temos que analisar pois cada caso é um caso”. (STB); “Mas eu acho que o pior é eles não dizerem porque depois temos que ser nós a adaptarmo-nos a eles”. (BRG); “Não tem sido difícil. Uma pessoa adapta-se à situação. É importante é perceber logo que a pessoa tem deficiência auditiva e tentar fazer uma coisa diferente. Tentar perceber sempre se ela está a conseguir acompanhar.” (CBR2).*

A referida necessidade está em consonância com as opiniões de França (2011) e Cardona *et al.* (2013) expressas na primeira Parte deste documento. A referida adaptação também foi tida em consideração nos Princípios da EUD (European Union of Deaf) mencionados por Nunes (1998), quando reconhecem que o meio ambiente deveria ser adaptado às necessidades dos surdos e não o contrário.

3.3.5 Estratégias de comunicação para ultrapassar as dificuldades

Para ultrapassar as dificuldades evidenciadas, os entrevistados aplicam determinadas estratégias específicas tendo em conta a população surda, com vista à melhoria da comunicação e do processo de ensino-aprendizagem. Com efeito, todas as estratégias utilizadas têm também como objetivo reduzir ou superar as dificuldades.

Neste âmbito, para além das estratégias que já foram referidas nos pontos anteriores, importa realçar o recurso ao intérprete de LGP na sala de aula, que também está incluída nesta discussão de resultados enquanto condição humana que algumas escolas de condução apresentam.

Com efeito, no tocante à presença do intérprete de Língua Gestual Portuguesa na sala de aula teórica, esta é valorizada pelos entrevistados que a disponibilizam. De destacar a definição apresentada pelo artigo 2º da Lei 89/99 de 5 de julho, ao considerar

Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa (LGP): “os profissionais que interpretam e traduzem a informação de Língua Gestual para a Língua Oral ou Escrita e vice-versa, de forma a assegurar a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes”. Estes profissionais assumem uma significativa importância para ultrapassar as barreiras comunicacionais entre pessoas ouvintes e surdas.

Relativamente às aulas práticas, no domínio das estratégias, dez distritos fizeram alusão ao conta-rotações como estratégia visual para o aluno saber quando tem de alterar a mudança: *“De qualquer forma, o esquerdo e direita é fácil, o não e o sim, também. E também é fácil: os carros hoje têm um sistema de rotações, que lhes é explicado. Eles já sabem que a mudança tem que se colocar na rotação x ou y”* (LSB1); *“Portanto, hoje em dia, os carros até têm conta-rotações. A partir do momento que as rotações aumentam é sinal de que a mudança que tem naquele momento já não serve, não é? Têm que por outra mais forte”* (VIS); *“A única técnica que temos é olhar para o conta-rotações do motor e por aí guiar-se mais ou menos para trabalhar com a caixa de velocidades.”* (BRG).

A par da importância do conta-rotações a nível visual, onze entrevistados referiram que é através da vibração ou trepidação do motor que os alunos surdos conseguem perceber quando devem ou não alterar as mudanças: *“Começou a associar o conta-rotações e a vibração e começou a conseguir aperceber-se do momento exato para realizar as mudanças.”* (EVR); *“E a partir daí, elas sentiam aquela trepidação do volante, que nós nem pensamos o quanto importante é para elas. Foi através daí”*. (LRA); *“A trepidação do carro também é sinal que é preciso mudar a mudança.”* (VRL).

No respeitante ao recurso do conta-rotações e à vibração do motor as considerações expressas pelos entrevistados aproximam-se dos autores Zodda (2012), Miller e Stacey (2014) e do referenciado no Manual de Ensino de Condução (IMT, 2010) que defendem que para os alunos surdos, a visão e o tato tornam-se muito mais evidentes e isso ajuda a superar a limitação de não ser capaz de ouvir. Consequentemente, muitas vezes adquirem controlo de embraiagem e coordenação com o acelerador com bastante facilidade.

Após análise das entrevistas, verificou-se que cinco dos entrevistados recorrem à demonstração como técnica para o ensino-aprendizagem com alunos surdos tendo sido mencionado: *“O método demonstrativo aqui predomina. A gente tem que mostrar, exemplificando alguns comportamentos da máquina e essencialmente do conta-rotações e depois daí tirar algumas ilações”*. (CTB); *“No princípio, eu ponho-me no lugar do aluno as vezes que forem precisas. Ele põe-se no meu lugar, coloca-se no meu banco e eu faço o que pretendo com gestos”*. (FAR); *“Muitas das vezes exemplificava e depois ele repetia e nessas manobras... parava, explicava bem: gestual ou pelos lábios, tentava ver se ele percebeu. Se ele não conseguia, exemplificava eu e depois repetia ele... e foi dessa forma que eu consegui que eles tivessem êxito.”* (BRG).

A importância da demonstração das tarefas inerentes à condução no ensino a alunos surdos é também destacada por Reed (2012) e Miller e Stacey (2014) tal como mencionado na Parte I.

3.4 DESEMPENHO DOS ALUNOS SURDOS

3.4.1 Características Específicas

No que diz respeito ao desempenho dos alunos surdos foram realçadas algumas das suas características específicas como a capacidade de atenção/concentração assim como o interesse e dedicação pelas tarefas relacionadas com o ensino teórico e de condução.

A grande maioria dos entrevistados assume que as pessoas surdas são mais observadoras, atentas e cuidadosas. Por conseguinte, essa atitude irá influenciar positivamente a aprendizagem e manifestarão um comportamento seguro na estrada: *“Olhe que, realmente, são mais atentos, mais observadores...”*(AVR); *“De certeza que até são condutores mais atentos. Têm a consciência das dificuldades, e então tem uma atenção muito maior. Tem muito mais noção das coisas. Os condutores ditos normais estão mais atentos a outras coisas menos importantes à condução”*. (CBR1); *“Eles vão estar muito mais atentos, vão olhar muito melhor, vão explorar o mundo que os rodeia muito melhor. Porquê? Porque eles não ouvem.”* (STR).

Verifica-se também que cinco dos entrevistados consideraram que alunos surdos revelam maior interesse e empenho nas tarefas: *“Fixam muito mais do que os outros alunos. Têm muito mais vontade de aprender, por causa, se calhar, da deficiência que têm eles dedicam-se muito mais. São muito dedicados”*. (GRD); *Eles fixam muito bem. Têm muita vontade. Eles dedicam-se muito mais. Enquanto, aos outros ensinamos duas, três vezes. Para eles basta duas vezes.”* (GDR); *“Eles têm uma motivação muito grande para conseguir”* (VIS).

Com efeito, a grande maioria dos instrutores assumiu que as pessoas surdas revelam uma maior capacidade de atenção/concentração no desempenho da tarefa da condução, evidenciando mais interesse e empenho na sua concretização. As referidas opiniões estão em conformidade com os estudos de Cokely e Bakery (1991); Zodda (2012) e Hamilton (2015), segundo os quais as pessoas surdas têm normalmente um maior poder de concentração do que as que têm uma audição normal. São mais conscientes daquilo que está a acontecer na estrada, sendo capazes de dominar mais rapidamente determinadas situações de risco (Miller & Stacey, 2014).

Constata-se também que nove dos participante mencionaram que as pessoas surdas desenvolvem mais capacidades pela falta de um dos sentidos: *“Eles são muito inteligentes, desenvolvem outras competências que nós no dia-a-dia não precisamos de desenvolver”* (CTB); *“Da minha parte, posso dizer e provar que eles têm capacidades acrescidas de bons condutores”*. (VIS); *Como têm falta de ouvido, têm os outros sentidos mais afinadinhos”*. (FAR); *“Eles não têm esse sentido mas devido às circunstâncias desenvolveram outra capacidade de atenção que nós não temos.”* (PRT).

Ainda no domínio das características das pessoas surdas, foi reforçado o direito das pessoas surdas pela obtenção da carta de condução: *“Porque têm os mesmos direitos, não é? E conseguem, como os outros”*(AVR); *“Eu sinto orgulho de ter sido instrutor de alguns surdos-mudos e de saber que até hoje, destes que tiraram a carta, não tenho conhecimento de nenhum acidente grave”* (BJA); *“Foi um grupo que estavam relegados para canto e através destes métodos nós conseguimos integrá-los praticamente no nosso meio. É essencial tirarmos a carta.”* (PRT).

O direito à carta de condução pelas pessoas surdas, referenciado por seis entrevistados, é partilhado também por Lane (1996), Haualand e Allen (2009) e Owsley (2010), destacando-se o aumento da autonomia e qualidade de vida traduzidos pelo exercício da condução. A proibição do acesso à carta de condução por pessoas surdas em alguns países é considerada uma atitude discriminatória. Allen (2016) sugere ainda que todas as leis, políticas e práticas relativas à emissão de cartas de condução devem ser revistas para garantir a aplicação do princípio da não discriminação e o respeito do princípio da capacidade jurídica das pessoas surdas.

De evidenciar ainda a existência de três instrutores que revelaram considerar que as pessoas surdas se sentem inferiores: *“Eu não sei, mas eu acho que as pessoas, por terem essa deficiência, se calhar sentem-se inferiorizados, inferiores. Não deveriam, sem dúvida alguma...”* (AVR); *“E acho que as pessoas não se devem acanhar, não devem ter vergonha. E, claro que conseguem, como os outros, e devem, como é lógico, devem tirar a carta de condução”*. (AVR); *“(...)Eles acham-se inferiores, então é uma dedicação extraordinária...”* (GDR).

3.4.2 Aulas Teóricas e Práticas

Comparando o grau de dificuldade apresentado pelos alunos surdos nas aulas teóricas ou práticas, cinco entrevistados consideram que os alunos têm mais facilidade na parte prática, o que acaba por facilitar também o ensino da condução: *“Na parte prática é diferente, qualquer pessoa, mesmo com esse problema, consegue desenrascar-se nos cruzamentos”*. (EVR); *“Na condução foi fácil, era uma pessoa muito sociável, tornou-se meu amigo e foi fácil. Foi fácil, porque captou bem e já me conhecia das aulas de código e também já tínhamos confiança”*. (FAR); *“Na parte prática, é mais fácil.”* (VCT).

Com uma opinião contrária, encontra-se apenas o instrutor de Braga quando afirma: *“Depois na parte prática, é já mais complicado.”* (BRG).

3.4.3 Exames Teóricos e Práticos

A legislação (Decreto-Lei nº40/2016 de 29 de julho) prevê que, caso o aluno seja surdo, possa ser possibilitada a presença de um intérprete de Língua Gestual Portuguesa no exame de código.

Deste modo, salienta-se que alunos surdos de sete distritos recorreram à sua solicitação: *“No caso que se passou comigo, o senhor fez exame com intérprete de língua gestual. (EVR); “Ela pode haver da mesma maneira do que um que não seja surdo. Eles sabem ler. Têm a possibilidade de acompanhar o exame, um intérprete. A taxa é idêntica”. (LRA); “Os primeiros, aqui há muitos anos, não havia a possibilidade do intérprete. Agora, estes últimos já fizeram com a intérprete da língua gestual.” (BJA).*

Uma vez que a legislação apenas permite a presença do intérprete de LGP durante a prova teórica, verifica-se a preocupação dos instrutores facultarem alguma informação aos examinadores, nomeadamente sobre as estratégias usadas ao longo do processo de formação, antes dos exames: *“Estou a pensar conversar antes do exame com o examinador e dar-lhe os gestos que combinei com a aluna, para ele os poder usar, durante o exame”. (VRL); “Falei com o coordenador do centro de exames, que tem formação específica em língua gestual e foi quem lhe fez o exame.” (EVR).*

No que concerne à taxa de aprovação das pessoas surdas face às ouvintes, a diferença significativa da quantidade de alunos surdos e ouvintes, torna difícil determinar uma comparação expressiva de ambas as taxas de aprovação. Essa dificuldade foi também referida por três entrevistados: *“É difícil fazer uma relação, porque é uma diferença tão grande de números. Não tenho muito para dizer em relação a isso”. (CBR2); “É um pouco complicado comparar a taxa de aprovação, porque são menos. (...)” (GDR); “Só com esta percentagem, é difícil comparar. Tenho tido muita gente deficiente (motor) mas com esta deficiência auditiva são muito poucos.” (CBR1).*

Os instrutores afirmaram que devido ao facto do número de alunos surdos a frequentar cada escola de condução ser muito inferior ao de alunos ouvintes, não se verificando dados acerca desse número a nível nacional, se torna difícil fazer uma

comparação. No entanto, para alguns participantes, a taxa de aprovação das pessoas surdas é igual ou idêntica à das pessoas ouvintes, não sendo a deficiência determinante para o sucesso nos exames, uma vez que as estratégias usadas (pelos instrutores durante as aulas e a presença do intérprete de LGP no exame teórico), aliadas ao empenho dos alunos surdos permitiram o êxito destes: *“Embora haja uma outra reprovação, isso é normal em qualquer pessoa. Não é devido ao facto de serem surdos, porque até na prática, alguns têm mais dificuldades que outros mas tivemos alunos surdos muito melhores que alunos ouvintes”*. (BJA); *“Para mim, não está relacionada a deficiência e o sucesso da aprendizagem. Tem mais a ver com o empenho e o interesse do próprio candidato em si. O mesmo acontece com as pessoas que não têm essa deficiência.”* (CBR11); *“Não, não tem uma relação. O factor surdez não é impeditivo da taxa de aprovação ser ou não com sucesso. Nem no código nem na condução.”* (STR).

Deste modo, destaca-se que a presença do intérprete de Língua Gestual Portuguesa no exame teórico, solicitado pelos alunos surdos, tal como previsto na lei e já abordado neste capítulo, contribui para o sucesso no referido exame.

3.4.4 Segurança Rodoviária

Ao ser solicitado que relacionassem a falta de audição à segurança, a grande maioria dos instrutores afirmaram que esta limitação sensorial não está diretamente associada à falta de segurança rodoviária. Consideram que desconhecem situações, por falta deste sentido, que possam ser geradoras de insegurança, tal como confirmado na Prte deste trabalho referente ao Enquadramento Teórico. A título de exemplo: *“Não vejo uma relação direta entre a questão da falta de audição e a segurança. Tudo depende do próprio individuo em si, maneira de ser e de estar e depois há outros fatores para a segurança, para além dos sentidos. Muita coisa para além dos sentidos”*. (CBR1); *“Não, na minha opinião, pelo contrário. Eu costumo dar o exemplo que quando se anda de mota a alta velocidade, perdemos completamente a audição. Há medida que a velocidade começa a aumentar a audição quase que desaparece”*. (VIS); *“Não vejo assim um motivo à partida que diga: há alguma relação entre a falta de segurança rodoviária e os surdos? Eu acho que às vezes, há pessoas que ouvem muito bem e*

causam grandes faltas de segurança”. (LSB1); Em termos de circulação, não influencia nada.” (STB).

Referem também que a segurança depende mais do comportamento individual de cada um, da sua capacidade de atenção e visão e não tanto da falta de audição.

Contudo, dois entrevistados admitem existir uma relação entre a falta de audição e segurança rodoviária, ainda que pouco significativa: *“Tem que existir, minimamente mas tem que existir. Senão, não tinham as restrições que tinham”. (PTG); “Claro. Eles são mais limitados, existe uma pequena limitação mas de resto são condutores como qualquer outro.” (VCT).*

Os resultados obtidos pelas entrevistas expressam o mesmo que os autores Dobbs (2005) e Hamilton (2015) que reconhecem a necessidade de investigação que comprove a referida relação. Os autores supracitados consideram que os dados recolhidos nos seus estudos ainda não são suficientes e algumas pessoas acreditam que a falta de dados sobre audição e a segurança rodoviária pode ser devido ao facto de que a audição desempenha apenas uma pequena parte na tarefa de condução geral.

Uma das razões apontadas para a não existência de ligação entre a falta de audição e a segurança rodoviária prende-se com o facto dos entrevistados reconhecerem o importante papel que a visão desempenha na condução. Apesar de compreenderem que é através da visão e audição que o condutor recolhe e identifica a informação do ambiente rodoviário, nove dos entrevistados, reforçaram a relevância da capacidade visual em detrimento da auditiva na referida tarefa: *“Um dos sentidos mais importantes na condução é a visão e logo de seguida a audição”. (BRG); “Um bom condutor tem de ter uma boa visão. A audição para mim é muito subjetiva. (...) Numa determinada altura, a audição não é essencial.” (VIS); “Mas não é suficiente para determinarmos que causa insegurança ou torna mais inseguro a falta ou diminuição da audição. A visão é o mais importante e os surdos têm uma visão mais desenvolvida até para compensar a deficiência da audição.” (CBR1).*

Relativamente ao recurso dos sentidos da visão e da audição na condução, as respostas dos entrevistados estão em conformidade com Lee (1998) e Monteiro (2014) que defendem o facto da visão ser o sentido primordial da tarefa da condução.

De salientar que cinco dos instrutores enfatizaram a percentagem de informação captada pelo condutor, através da visão. No entanto, tal como mencionado no enquadramento teórico, não se verifica consenso no valor exato a atribuir. Deste modo, Aveiro, Évora e Lisboa indicaram que 80% da informação necessária para a condução é recolhida através da visão, enquanto Castelo Branco e Viseu referiram que a percentagem da informação visual é de 90%: *“É importante, mas o que detém a maior importância a nível da condução, 80% da importância é a visão, não é? E então eles têm esse; porque infelizmente, não é, as pessoas com... invisuais, não podem tirar a carta”. (AVR); “O mais engraçado, segundo o estudo que foi feito, 80% da informação que recolhemos, enquanto condutores, é visual. Os outros 20% são através dos outros sentidos. O que não será assim nada por ali além” (LSB2); “(...)já que 90 e tal por cento da informação é visual e isso sim é determinante.” (CBR1).*

A indefinição quanto à percentagem utilizada para a captação da informação visual vai ao encontro do considerado pelos autores Sivak (1996) e Monteiro (2014), exposto na Parte I deste documento.

Referindo-se às situações mais comuns em que os condutores ouvintes possivelmente recorrem primeiro à audição que à visão, como o caso da aproximação de ambulâncias e outros veículos prioritários que tenham assinalado devidamente a marcha de urgência, três entrevistados afirmaram que tal não consiste numa situação de risco de segurança, atendendo que os sinais sonoros são acompanhados de sinais luminosos: *“Se vier um veículo prioritário, ele vê, através dos sinais de luzes. Às vezes uma pequena buzina, podem não ouvir, mas são mais atentos, apercebendo-se mais das situações. Têm muito mais cuidado.” (BJA); “Eu acredito que na presença de um veículo prioritário possa ter mais dificuldade, porque a primeira chamada de atenção, a tendência é de usar o sinal sonoro. Mas depois eles, tendo em conta o comportamento dos outros carros, também se apercebem da presença de um veículo prioritário. O respeito é essencial.” (VCT); “Na minha opinião, até determinado barulho pode-me*

tirar a atenção para uma situação mais importante. Mesmo em situações de ambulâncias, por exemplo, o sinal luminoso é o mais importante.” (VIS).

Apesar de valorizarem a visão como o sentido principal para a condução e admitirem que as pessoas surdas possam ter mais dificuldades em desempenhar a tarefa, concluem que a falta de audição não prejudica a segurança rodoviária de forma expressiva: *“se for um caminhão, ou se for um trator agrícola, a gente para, porque a gente sente-o. Faz tremer o chão. O caminhão treme o chão. A gente sente-o chegar. Mas é mais difícil em termos de saída de uma garagem ou de um local de visibilidade reduzida”. (FAR); “A audição é importante porque nós ouvimos e estamos habituados a ouvir. Crescemos a ouvir os sons e a interpretá-los. Dizemos que os ouvidos recolhem informação exterior, a informação sonora, ruído exteriores, buzinas. Percebemos se está do lado direito, esquerdo, por trás, etc.” (PRT); “A audição é muito importante na condução. Saber quando se tem que mudar uma mudança é extremamente mais complicado, quando não se ouve.” (CBR2).*

De salientar que outro dos motivos para os entrevistados não considerarem que se verifique uma forte associação entre a falta de audição a segurança rodoviária remete para o excesso de ruído poder ser causador de insegurança. Este argumento foi referido por três instrutores: *“Pode haver situações em que o ouvido seja importante mas também podemos por em causa que o excesso de ruído também pode por em causa. A gente sabe que hoje dentro do carro também há muita poluição sonora. Quando as pessoas andam com música em alto som, se buzinares lá fora, também ninguém ouve, não é? Há pessoas com auscultadores, andam distraídas”. (CTB); “Porque, não existe o rádio a tocar, a música, distração, portanto concentram-se só naquilo que estão a fazer”. (VCT); “Até se diz que o silêncio é de ouro, não é? Para que é que eu quero o barulho?” (VIS)*

Estes resultados que focam o excesso de ruído para os ouvintes como uma fonte de distração, vão ao encontro do estudo de Zodda (2012).

Uma outra razão apontada pelos entrevistados, para a segurança rodoviária poder estar comprometida, reside na importância atribuída ao comportamento do condutor e não tanto à falta de audição. Sendo este quem controla o veículo de modo a realizar

as ações que escolheu desempenhar, as suas atitudes, para além das suas capacidades sensório-motoras, influenciam de forma significativa a segurança rodoviária.

Desta forma, e realçando igualmente as competências da pessoa surda para a condução anteriormente identificadas pelos instrutores, dez deles asseguram que os condutores surdos assumem um comportamento seguro e como tal não colocam em causa a segurança: *“A segurança depende do comportamento individual de cada pessoa.” (CTB); “Claro que faz falta (a audição), mas eles estão mais atentos aos espelhos do que a pessoa que ouve”. (BJA); “Como já disse, os surdos são muito mais atentos e observadores também enquanto conduzem. Ao cumprirem os limites não colocam tão facilmente em perigo a sua segurança e a dos outros condutores”. (VRL); “Como não ouvem, eles têm essa percepção que não ouvem, eles tentam captar com a vista o que não conseguem com os ouvidos. Por isso, acho até que eles são mais seguros e menos distraídos que os outros.” (STR).*

A importância atribuída ao comportamento do condutor é também relevada por Horta, Mendes e Oliveira (2009) ao referirem este fator como responsável por noventa por cento dos acidentes. Segundo os referidos autores, os traços de personalidade e determinados estados emocionais estão associadas à prática de comportamentos de risco na condução. Assim, as atitudes como a falta de respeito pelas normas e regras de circulação, bem como pelo desrespeito dos outros utentes da via, são considerados fatores de risco para a segurança rodoviária.

As opiniões dos entrevistados estão ainda em consonância com Hersh *et al.* (2010), Hamilton (2015) e Allen (2016) por considerarem que a falta de audição não é impeditiva para a prática da condução nem constitui risco para a segurança.

Não obstante considerarem que não se verifica uma relação representativa entre a insegurança e a falta de audição, seis dos entrevistados apresentaram a necessidade de algumas das pessoas surdas terem restrições na sua carta de condução: *“Ele já usava a prótese auditiva. E tinha que ter espelhos duplos exteriores. (BRG); “É umas das restrições: espelhos retrovisores exteriores bilaterais. Outra das restrições é para-brisas inamovível.” (PRT); “Sim, tem restrições. São fixadas pelo médico, tanto no caso*

como noutro, recordo-me dos espelhos retrovisores de maiores dimensões e não me recordo se havia uma limitação de velocidade, já não posso precisar.” (STB).

No que concerne à aplicação de restrições nas cartas de condução das pessoas surdas, pelos médicos, os entrevistados referenciam as constantes na secção B do Anexo I do Regulamento da Habilitação Legal para Condução, presente no Decreto-Lei nº 40/2016, de 29 de julho e no Decreto-Lei nº 209/98, de 15 de julho como por exemplo, espelhos exteriores bilaterais e para-brisas inamovível.

CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES

O presente trabalho de investigação procurou analisar o modo como é processado o ensino de condução automóvel a pessoas surdas.

Para o atingirmos, foi necessário percorrer várias fases, desde a pesquisa de estudos e autores de referência nesta área, expressos no Enquadramento Teórico deste trabalho, até à preparação dos procedimentos a adotar na recolha dos dados, efetuada através de entrevistas semiestruturadas, analisadas pela técnica de análise de conteúdo.

Tendo como base os objetivos definidos inicialmente nesta dissertação e considerando-os orientadores da mesma, chegámos às conclusões que seguidamente se apresentam.

Após a análise e discussão dos resultados, verifica-se que as entrevistas realizadas vieram confirmar as ideias expressas na literatura, tanto no que se refere às condições das escolas de condução para o ensino de alunos surdos, como às estratégias de comunicação adotadas entre instrutores e este tipo de alunos.

É interessante constatar que os instrutores entrevistados, apesar de não terem formação específica para ensinar pessoas surdas, baseando-se apenas na sua sensibilidade e experiência, se encontram a agir de acordo com o que é cientificamente aconselhado.

No que se refere às condições apresentadas pelas escolas de condução, constata-se que estas são semelhantes às dos outros alunos, no que diz respeito ao material disponibilizado (quadro, livro de código, sala de aula virtual, testes-online), não estando estes adaptados para o ensino de pessoas com surdez.

No entanto, relativamente às condições humanas, identificou-se uma lacuna entre o referido na literatura e o contexto real no que diz respeito à ausência de intérpretes de Língua Gestual Portuguesa. Esta parece dever-se sobretudo a fatores económicos. Nas escolas de condução que oferecem a presença de intérprete, esta oportunidade é vista como uma mais-valia para o estabelecimento de ensino na medida em que o torna uma escolha mais provável para estes alunos.

De facto, o empenho, a atenção e interesse são características consistentemente referidas pelos instrutores quando descrevem o desempenho destes alunos. As referidas atitudes permitem que eles sejam considerados condutores seguros.

De destacar ainda que, de acordo com os entrevistados, estas mesmas características justificam a elevada taxa de sucesso nos exames.

No que diz respeito à comunicação entre instrutor e alunos surdos e apesar do número de experiências dos instrutores ao nível do ensino da condução automóvel a alunos surdos ser muito diferente, constata-se que as estratégias implementadas são similares (aplicação de materiais com recursos visuais, posicionamento favorável à leitura labial nas aulas de código, utilização de gestos acordados entre instrutor e alunos ou demonstração nas aulas práticas). No entanto, as dificuldades evidenciadas são maiores nas escolas de condução com menos experiência, como seria expectável.

As principais dificuldades sentidas pela maioria dos instrutores e que estes consideram que podem condicionar a aprendizagem e a comunicação são a reduzida experiência com alunos surdos, a falta de conhecimento em Língua Gestual Portuguesa e a posição em que o instrutor e o aluno se encontram durante a aula de condução, não favorecendo a leitura labial.

De referir também que alguns instrutores revelaram não sentir grandes dificuldades no ensino a pessoas surdas, afirmando que a comunicação apenas é garantida de outra forma.

Com efeito, caso os instrutores utilizassem materiais adequados e estratégias específicas, a qualidade do ensino e o sucesso poderiam ser ainda mais significativos,

embora este pareça não ser um problema significativo no que aos alunos surdos diz respeito, já que, na generalidade, são alunos empenhados que acabam por ser aprovados em sede de exame.

Ainda no que diz respeito à interação criada, alguns instrutores salientaram que o ensino de pessoas com surdez que, inicialmente os deixou renitentes, se revelou, no fim, uma experiência muito gratificante.

Salienta-se também o facto dos entrevistados terem partilhado boas práticas ou recomendações fruto da sua experiência, que se consideram muito pertinentes tendo em conta este público.

Uma das sugestões apresentadas pelos entrevistados relaciona-se com o comportamento do instrutor durante a aula prática, devendo este evitar fazer muitos movimentos com as mãos, uma vez que os alunos surdos tendem a considerar que se trata de uma tentativa de comunicar em Língua Gestual Portuguesa. Esta situação pode ainda perturbar a condução, uma vez que causa distração.

Outra das sugestões prende-se com a escolha do motor, referindo que o motor a gasóleo, uma vez que vibra mais do que o motor a gasolina, é o mais indicado para um condutor surdo.

Ainda no que respeita à vibração do motor, foi sugerido pelos entrevistados, evitar a utilização do rádio durante as aulas de condução, pois o som deste interfere com o vibrar do motor, tornando-se mais difícil para o condutor surdo sentir a sua vibração.

O interesse e a necessidade em aprender Língua Gestual Portuguesa foram indicados por alguns instrutores que não contam com a presença de intérprete nas escolas de condução onde exercem funções. Por conseguinte, revelaram que seria importante ser-lhes dada formação nesta área.

Apesar das conclusões alcançadas responderem, claramente, aos objetivos traçados para esta investigação, importa analisar algumas das suas limitações. Uma delas prende-se com o facto de apenas se ter entrevistado um instrutor por cada distrito,

considerando-se válida a experiência de ensino de condução automóvel a pessoas surdas expressa pelos próprios.

Tendo como objetivo abranger todo o território português, foi critério de seleção para a amostra, qualquer escola de condução que tivesse formado com sucesso, pelo menos um condutor surdo. Surge assim, outra limitação, no sentido que a experiência das escolas de condução entrevistadas era diferenciada, sobretudo nos estabelecimentos de ensino situados em grandes centros urbanos como Lisboa, Porto ou Coimbra, que têm, claramente, um maior número de experiência formando com surdez.

Outra das limitações prende-se com o horizonte temporal que qualquer trabalho de investigação implica, e que nem sempre se conjuga com outras áreas de ação do investigador, nomeadamente pelo facto de este estudo ter implicado a realização presencial de entrevistas de norte e sul do país.

Face a estas limitações, e uma vez que se assume que o investigador pode “sugerir aperfeiçoamentos do seu modelo de análise ou propor pistas de reflexão e de investigação para o futuro” (Quivy & Campenhoudt, 1998), expressam-se, de seguida, algumas sugestões para futuras investigações.

De facto, a presente investigação poderá ser continuada por outros investigadores, alargando o tipo de participantes, incluindo, desta forma, outros agentes envolvidos no processo de ensino de condução automóvel a pessoas surdas, tais como os próprios formandos surdos ou os intérpretes de Língua Gestual Portuguesa.

O alargamento do estudo também poderá ser efetuado de modo a recolher dados sobre a forma como decorrem os exames teóricos e práticos, entrevistando para tal, os examinadores dos centros de exames.

Outra sugestão que apresentamos seria a criação de um guia específico para o ensino de formação automóvel a condutores surdos, à semelhança de outros documentos orientadores em diferentes áreas, a saber: “Atendendo bem pessoas com deficiência” (2006), “Guidance to Police: Communicating with deaf People” (2008) assim como o “Guia de Boas Práticas para Jornalistas” (2012).

A criação de um manual de código digital adaptado ou um livro de código com linguagem mais simples são outras das propostas que se poderão ter em conta em investigações futuras.

Pelas sugestões elencadas, facilmente se percebe que, sendo a investigação sobre o ensino de condução automóvel a pessoas surdas ainda escassa e pouco aprofundada, muitas serão as linhas de ação que se podem seguir, assumindo-se este estudo como um contributo nesta área. Entende-se, portanto, como uma parte de um todo que se pretende concretizar, tendo em vista uma melhoria significativa do processo de ensino de condução automóvel a pessoas surdas em Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, C. (2008). *Reflexões sobre a surdez: A problemática específica da surdez*. Vila Nova de Gaia: Gailivro.
- Alexandre, D. (2012). *A Deficiência na Comunicação Social - Guia de Boas Práticas para Jornalistas*. Lisboa: Gabinete para os Meios de Comunicação Social.
- Allen, C. (2016). *WFD statement on deaf people's right to drive a car or other vehicles, 31 August 2016*. Helsínquia, Finlândia. Consultado em 17 jan. 2017. Disponível em <http://wfdeaf.org/wp-content/uploads/2016/11/WFD-statement-on-right-to-drive-a-car-or-other-vehicles-FINAL-31-Aug-2016.pdf>
- Amado, J. (2000). *A Técnica da Análise de Conteúdo*. Referência 5, pp. 53-63.
- Amaral, M. A., Coutinho, A. (2005). Inovação, teoria e prática no ensino bilingue de crianças surdas. In O. Coelho, *Perscrutar e escutar a Surdez* (107-117). Santa Maria da Feira: Afrontamento.
- Baptista, M. (2012). *Educar e Comunicar na Surdez: duas faces do mesmo desafio*. Coimbra: Grácio Editor.
- Barros, A. M. (1995). *Avaliação de atitudes e da intencionalidade dos condutores em cometerem transgressões*. *Análise Psicológica*, 18 (pp. 343-347).
- Bautista, R. (1997). *Necessidades Educativas Especiais*. (1ªed). (Colecção Saber Mais). Lisboa: Dinalivro.
- Bogdan, R., Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Campello, A. R. S. (2007). *Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos*. In: Quadros, R. M.; Pelin, G. (orgs). *Estudos Surdos II*. Petrópolis: Arara Azul, pp. 100 - 131.
- Cardona, M. C., Gomar, C., & Sadurni, N. (2013). *Compreender a perda auditiva*. Porto: Porto Editora.

Carmo, H., Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Federação Portuguesa de Associações de Surdos. (2012). *Carta Social da Pessoa Surda*. Amadora. Consultada em 19 nov. 2014. Disponível em www.dgs.pt/em-destaque/carta-social-da-pessoa-surda-pdf.aspx.

Coelho, O. (2010). *Um copo vazio cheio de ar Assim é a Surdez*. Oliveira de Azeméis: Livpsic.

Correia, L. (2013). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais: Um guia para educadores e professores*. Porto: Porto Editora.

Dobbs, B. M. (2005). *Medical Conditions and Driving: A Review of the Literature (1960 – 2000)*. Barrington, Illinois: U.S. Department of Transportation National Highway Traffic Safety Administration.

Felizes, R. (2005). Considerações sobre a construção de significados pela pessoa surda, na ausência de um sistema de linguagem estruturado. In O. Coelho, *Perscrutar e escutar a Surdez* (176 - 185). Santa Maria da Feira: Afrontamento.

Fortin, M. (1999). *O Processo de investigação: Da concepção à realização*. (3ª ed.). Loures: Lusociência

França, A., Ono M. (2011). *Interação de pessoas surdas mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação*. Cadernos Gestão Pública e Cidadania, São Paulo, v. 16, n. 59, pp. 260-276.

Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª. ed. São Paulo: Atlas

Gomes, M., Ataíde, A. & Falcão, A. (2005). A Importância da Mediação e da Metacognição no Desenvolvimento da Criança Surda. In O. Coelho, *Perscrutar e Escutar a Surdez* (pp. 187-210). Lisboa: Edições Afrontamento.

Hamilton, P. T. (2015). *Communicating through Distraction: A Study of Deaf Drivers and Their Communication Style in a Driving Environment*. Thesis. New York: Rochester Institute of Technology.

Haulaund, H., & Allen, C. (2009). *Deaf People and Human Rights*. Helsínquia, Finlândia.

Hersh, M., Ohene-Djan, J., & Naqvi, S. (2010). *Investigating Road Safety Issues and Deaf People in the United Kingdom: An Empirical Study and Recommendations for Good Practice*. Journal of Prevention & Intervention in the Community, vol.38/nº4, pp. 290-305.

Horta, M., Mendes, R. & Oliveira, R. (2009). *Condução, Risco e Segurança – Introdução à Psicologia do Tráfego*. Coleção DFP ISPA, Lisboa: Competências Humanizadas.

IMT - Instituto da Mobilidade e dos Transportes, I.P (2014). *Manual da Carta de Condução*. Lisboa.

IMTT. (2010). *Manual de Saúde, Segurança e Higiene no Trabalho*. Lisboa.

IMTT. (2010). *Manual de Qualidade e Serviços de Ensino da Condução*. Lisboa.

IMTT. (2010). *Manual do Ensino da Condução*. Lisboa.

Instituto Nacional de Estatística (2003). *Censos Definitivos 2001*. Lisboa: INE

Consultado em 03 nov. 2016. Disponível em

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=377711&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554

Instituto Nacional de Estatística. (2012). *Censos Definitivos. Portugal- 2011*. Lisboa: INE

Consultado em 03 nov. 2016. Disponível em

http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1

INR. (1996). Inquérito Nacional de Incapacidades, Deficiências e Desvantagens.

Consultado em 12 fev-2016 em 03 nov. 2016. Disponível e

www.inr.pt/uploads/docs/infestatistica/InqueritoSNR.rtf

Jornal Económico. (2017). *Condutores surdos têm agora apoio pioneiro*. Consultado em

6 fev. 2017. Disponível em <http://www.jornaleconomico.sapo.pt/noticias/condutores-surdos-tem-agora-apoio-pioneiro-118139>

Jokinen, M. (2009). *WFD statement on deaf people's right to drive a car or other*

vehicles. Helsínquia, Finlândia. Consultado em 29 nov 2014. Disponível em

http://www.academia.edu/4730722/Legal_Seat_WORLD_FEDERATION_OF_THE_DEAF_WFD_STATEMENT_ON_DEAF_PEOPLES_RIGHT_TO_DRIVE_A_CAR_OR_OTHER_VEHICLES

Lane, H., Hoffmeister, R., & Bahan, B. (1996). *A Journey Into the Deaf-World*. San Diego, California: Dawnsingpress.

Lee, S. (1998). *Role of Driver Hearing in Commercial Motor Vehicle Operation: An Evaluation of the FHWA Hearing Requirement*. Faculty of the Virginia Polytechnic Institute and State University: Dissertation - Doctor of Philosophy in Industrial and Systems Engineering.

Miller, J., & Stacey, M. (2014). *Practical Teaching Skills for Driving Instructors*. 9th Edition. Londres: KoganPage.

Minayo, M. (2008). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.

Monteiro, V. (2014). *O Código da Estrada*. Lisboa: Edições Segurança Rodoviária.

Monteiro, V. (2015). *Módulo de Segurança Rodoviária*. Lisboa: Edições Segurança Rodoviária.

Nielsen, L. (1999). *Necessidades Educativas Especiais na Sala de Aula: Um Guia para Professores*. Porto: Porto Editora.

- Nunes, R. (1998). *Controvérsias na Reabilitação da Criança Surda*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- Ohene-Djan, J., Hersh, M., & Naqvi, S. (2010). *Road Safety and Deaf People: The Role of the Police*. *Journal of Prevention & Intervention in the Community*, 38, 4, pp. 316-331.
- Owsley, C. & McGwin, G. (2010). Vision and driving, *Vision Research*, 50, 23, pp. 2348-2361
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2ª ed., Lisboa: Gradiva.
- Reed, E. (2012). *Teaching deaf people to drive - Handbook for driving instructors*. The Institute of Master Tutors of Driving.
- Rosa, M., ARNOLDI, M. (2006). *Entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Santos, J. V. T. (1991). A construção da viagem inversa. *Cadernos de Sociologia, ensaio sobre a investigação nas ciências sociais*. Porto Alegre. v. 3, n. 3, p. 55-88, jan./jul.
- Sampieri, R. H.; Collado, C. F.; Lucio, P. B. (1991). *Metodología de la investigación*. México: McGraw-Hill.
- Schwarz, A., & Haber, J. (2006). *Atendendo bem pessoas com deficiência*. São Paulo: Febraban – Federação Brasileira de Bancos.
- Silva, T. (1997). A política e a epistemologia do corpo normalizado. *Revista Espaço. Rio de Janeiro: INES*, n. 8, pp. 3-15, dez.
- Sivak, M. (1996). The information that drivers use: is it indeed 90% visual. *Perception*, Vol. 25, 1081-1089.
- Souza V., Mascarenhas, V., Antas, L., Soares J. & Andrade W. (2016). A inclusão de surdos no trânsito. *Rev. CEFAC*. maio-jun; 18(3), pp. 677-687.

Zodda, J., Schmitt, N., S, S., Crisologo, A., Plotkin, R., Yates, M., Halla, W. (2012). Signing While Driving: An Investigation of Divided Attention Resources Among Deaf Drivers. *Journal of the American Deafness & Rehabilitation Association*, 45(3), pp. 314-329.

Legislação

Constituição da República Portuguesa: VII Revisão Constitucional (2005). Assembleia da Republica. Consultado em 25 nov. 2016. Disponível em <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>

Despacho Conjunto do Presidente do Instituto da Mobilidade e dos Transporte, IP e do Diretor-Geral da Saúde de 3 de fevereiro de 2017. Consultado em 20 fev. 2017. Disponível em <https://www.dgs.pt/outros-programas-e-projetos/paginas-de-sistema/saude-de-a-a-z/cartas-de-conducao.aspx>

Decreto-Lei nº 163/2006 de 8 de agosto. Diário da República, 1.ª série, Nº152. Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. Lisboa. Consultado em 23 set. 2016. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicos/acessibilidade/dlei_163_2006_edificios.pdf

Decreto-Lei nº 138/2012, de 5 de julho. Diário da República, 1.ª série. N.º 129. Lisboa: Ministério da Economia e do Emprego. Consultado em 10 fev.2016. Disponível em <https://www.citius.mj.pt/portal/article.aspx?ArticleId=1162>

Decreto-Lei nº 37/2014 de 14 de março. Diário da República, 1.ª série, N.º 52. Lisboa: Ministério da Economia. Consultado em 23 set. 2015. Disponível em <https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/2014/03/05200/0191701984.pdf>

Decreto-Lei n.º 40/2016, de 29 de julho. Diário da República, 1.ª série, N.º 145. Lisboa: Planeamento e das Infraestruturas. Consultado em 15 jan 2017. Disponível em <https://dre.pt/application/file/75058316>.

Diretiva 2014/85/UE da Comissão de 1 de julho de 2014. Jornal Oficial da União Europeia. Bruxelas: Comissão Europeia. Consultado em 22 fev.2016. Disponível em <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32014L0085&from=PT>

Diretiva 2015/653/UE da Comissão de 24 de abril de 2015. Jornal Oficial da União Europeia. Bruxelas: Comissão Europeia. Consultado em 22 fev.2016. Disponível em <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=OJ:L:2015:107:FULL&from=PT>

Lei n.º 14/2014 de 18 de março. Diário da República, 1.ª série, N.º 54. Lisboa: Assembleia da República. Consulta em 12 abr. 2015. Disponível em <https://www.parlamento.pt/ActividadeParlamentar/Paginas/DetalheDiplomaAprovado.aspx?BID=18013>

Lei nº 89/99 de 5 de julho. Diário da República, I série-A, Nº 104. Lisboa: Assembleia da República. Consultado em 18 abr. 2015. Disponível em <http://www.portaldocidadaosurdo.pt/Portals/2/pdf/InterpretesLGP.pdf>

Lei n.º 38/2004, de 18 de Agosto. Lisboa: Assembleia da República. Consultado em 16 fev. 2016. Disponível em <https://www.parlamento.pt/ActividadeParlamentar/Paginas/DetalheDiplomaAprovado.aspx?BID=5474>

Portaria N.º 185/2015 de 23 de junho. Diário da República N.º 120/2015, Série I. Lisboa: Ministério da Economia. Consultado em 10 fev. 2016. Disponível em <https://dre.pt/application/file/a/67541960>.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - CARTA DE APRESENTAÇÃO DO ESTUDO



Exmo. Sr. Diretor da Escola de Condução,

Sou uma estudante do Curso de Mestrado em Comunicação Acessível da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, e encontro-me a desenvolver um projeto de investigação sob a orientação da Professora Doutora Catarina Mangas e coorientação da Professora Doutora Célia Sousa. O título do referido projeto é: O ensino de condução automóvel a alunos surdos em Portugal. Este tem como principal objetivo analisar o modo como se processa o ensino de condução automóvel a alunos surdos desde as aulas teóricas e práticas à realização dos respetivos exames.

Vimos por este meio, solicitar a autorização para a realização de uma entrevista a V.^a Ex.^a como Diretor da Escola de Condução ou um instrutor que o represente, garantindo que não será possível a sua identificação e que todas as informações serão mantidas em sigilo, sendo utilizadas apenas para este estudo.

O período previsto para a realização da entrevista será entre os meses de janeiro a março do presente ano e poderá ser realizada presencialmente ou à distância, via skype, de acordo com a sua disponibilidade. Serão respeitados todos os princípios éticos e deontológicos da investigação científica. Os resultados desta pesquisa poderão ser publicados e/ou apresentados com o objetivo científico. O direito à total liberdade de recusar a participar nesta pesquisa em qualquer momento, sem penalização ou prejuízo algum, será respeitado.

Agradecemos desde já a sua atenção e disponibilidade para a concretização deste projeto.

Encontramo-nos disponíveis para qualquer esclarecimento que considere necessários.

Leiria, 5 de janeiro de 2015

Com os melhores cumprimentos,

Zita Luís

919404849 (tlm) [|zitaluis@gmail.com](mailto:zitaluis@gmail.com)

As docentes orientadoras,

Catarina Mangas

Célia Sousa

APÊNDICE 2 – CONSENTIMENTO INFORMADO



Tema do Estudo: O ensino de condução automóvel a alunos surdos em Portugal

Investigadora responsável: Zita Hermínia de Jesus Luís

Orientação: Professora Doutora Catarina Mangas (Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria)

Co-Orientação: Professora Doutora Célia Sousa (Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria)

CONSENTIMENTO INFORMADO

Estamos a solicitar a sua participação num estudo sobre o ensino de condução automóvel a alunos surdos em Portugal.

Com este estudo pretende-se analisar o modo como se processa o ensino de condução automóvel a alunos surdos desde as aulas teóricas e práticas à realização dos respetivos exames.

A sua participação será voluntária pelo que poderá pedir para parar a entrevista em qualquer momento.

Para assegurar o rigor da análise dos dados recolhidos é desejável proceder à gravação áudio desta entrevista. A gravação poderá ser interrompida em qualquer momento se assim o desejar.

Tudo o que disser será estritamente confidencial, pois os resultados serão codificados.

Gostaríamos de saber se aceita participar nesta entrevista e se autoriza a gravação da mesma.

Data: ____/____/____

Assinatura da investigadora: _____

Nome do Entrevistado: _____

Assinatura do entrevistado: _____

Apêndice 3 – GUIÃO DA ENTREVISTA

GUIÃO DA ENTREVISTA

Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução

Objetivo Geral:

- Recolher dados relativos à forma como se processa a formação a alunos surdos na Escola de Condução em que exerce funções.

Objetivos Específicos:

Recolher dados que permitam caracterizar:

- As condições apresentadas pelas Escolas de Condução para a formação dos condutores surdos;
- As dificuldades sentidas pelos instrutores na comunicação com os referidos alunos;
- As estratégias de comunicação utilizadas para ultrapassar as dificuldades sentidas pelos instrutores;
- O desempenho dos alunos surdos na tarefa de condução automóvel.

Estratégia: Entrevista Semiestruturada. Os blocos temáticos da entrevista encontram-se no guião ordenados de forma lógica; as temáticas dentro de cada bloco e respetivas questões servem apenas de referência para a entrevistadora, permitindo ser adaptado de acordo com as respostas do entrevistado. Pretende-se levar o entrevistado à explicitação e clarificação dos seus pontos de vista, relativamente às temáticas abordadas.

| Blocos Temáticos | Objetivos | Questões | Ações a desenvolver/Tópicos |
|--|---|---|--|
| A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado | <p>Informar acerca das finalidades da investigação.</p> <p>Motivar o entrevistado a participar, realçando o valor da colaboração.</p> <p>Assegurar a confidencialidade e o anonimato das declarações prestadas.</p> <p>Obter autorização para a gravação da entrevista.</p> | <p>1. Aceita que grave a entrevista de modo a registar os dados mais facilmente?</p> <p>2. Deseja saber mais alguma coisa acerca deste estudo?</p> <p>Tem alguma questão que queira ver esclarecida?</p> | <p>- Importância da participação do entrevistado como colaborador da investigação.</p> <p>- Confidencialidade e anonimato das informações prestadas.</p> |
| B Perfil do Entrevistado | <p>Caracterizar o entrevistado, em termos académicos e profissionais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Experiência profissional - Formação - Relação com a instituição em que exerce funções | <p>3 – Qual o seu nível de escolaridade?</p> <p>4 – Há quanto tempo tem o curso de instrutor?</p> <p>5 – Tem realizado formação de atualização/reciclagem?</p> <p>6- Quais as funções que exerce neste estabelecimento de</p> | <p>- O que mais gosta na sua profissão?</p> <p>- Considera o relacionamento/empatia com os alunos como essencial para o ensino de condução?</p> |

| Blocos Temáticos | Objetivos | Questões | Ações a desenvolver/Tópicos |
|---|--|---|---|
| | - Formação específica para pessoas com deficiência | ensino? 7- Há quantos anos trabalha neste estabelecimento? 8- Teve alguma formação específica para ensinar pessoas com deficiência? | - Que tipo de formação foi e quais as áreas trabalhadas? - Teve alguma formação sobre como comunicar com pessoas surdas? |
| C Caraterização as condições da Escola de Condução | Caracterizar a Escola de Condução em termos de: número total de alunos, número de alunos surdos até ao momento da entrevista. - Condições (Humanas e Físicas) - Taxa de aprovações (exames teóricos e práticos) dos alunos surdos. | Pode-me falar um pouco da história desta Escola de Condução? 9- Há quantos anos existe? 10 – Qual o número total de alunos até ao momento? 11 – Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola? 12- Sabe se há algum aluno surdo a tirar a carta neste momento? 13 – Tem conhecimento da relação da taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos? | - História, missão, valores. - Número de alunos surdos e total. - Taxa de Aprovações. - Iniciativas e projetos. |
| D Comunicação com alunos surdos. | - Identificar as estratégias de comunicação entre instrutores e alunos surdos e as dificuldades sentidas na comunicação entre os instrutores e os alunos surdos. | 14 - Como se processa a comunicação entre um aluno surdo e o instrutor durante as aulas teóricas? 15 – Quais as dificuldades mais evidentes na comunicação? 16 – E no que respeita às aulas práticas? | - Que estratégias usam? Têm algum conjunto de gestos (código) definido? Há instrutores com formação em Língua Gestual Portuguesa, recorrem a um intérprete ou a |

| Blocos Temáticos | Objetivos | Questões | Ações a desenvolver/Tópicos |
|-------------------------------------|---|--|--|
| | - | 17 - Sendo a audição um elemento essencial na condução, como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo e o ambiente que o rodeia? | leitura labial e os materiais disponíveis são, por si só, suficientes? - Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança? |
| E Pedidos de exame | - Averiguar o número de alunos que solicitam a interpretação do exame de código em Língua Gestual Portuguesa. | 18 - Tem conhecimento se existem muitos alunos a solicitarem a interpretação do exame de código em Língua Gestual Portuguesa? | - Caso o número seja reduzido, perguntar a razão? Não necessitam ou não sabem da possibilidade? |
| F Finalização | - Recolher informações adicionais junto do entrevistado | 19 - Há mais algum aspeto que gostaria de referir relativamente a esta temática? 20 - Tem alguma sugestão a fazer? | - Agradecer a disponibilidade e valorizar a participação; - Recolher as sugestões do Entrevistado. - Disponibilizar a gravação e a transcrição ao entrevistado. |

Apêndice 4 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA - AVR

Entrevistado: AVR

Entrevistadora: Investigadora (I)

Data da realização: 18/02/2015

Local: Aveiro

Duração: 00:23

Meio de realização da entrevista: Presencial

Investigadora (I): Boa tarde.

Entrevistada (AVR): Boa tarde.

I: Primeiro queria perguntar se aceitava que gravasse a entrevista de modo a registar os dados mais facilmente...

AVR: Sim, sim.

I: Deseja saber mais alguma coisa acerca do estudo? Tem alguma questão?

AVR: Não..., não. Para já não tenho questão nenhuma.

I: Então, sobre si: qual o seu nível de escolaridade?

AVR: Eu tenho bacharelato em Design (risos), que não tem nada a ver com esta área... não tem nada a ver com esta área... mas pronto, tenho esse curso.

I: E há quanto tempo tem o curso de Instrutor?

AVR: O curso de Instrutora, tirei em 2001. Ah... Estou desde 2001 a exercer esta profissão.

I: E tem realizado formação de atualização e de reciclagem?

AVR: Sim, fiz uma atualização, ah..., para o ano vou fazer a segunda atualização... tenho feito reciclagem, não é, que é obrigatório de cinco em cinco anos... e também fiz, entretanto também fiz o CAP – formação de formadores – e também tenho dado alguma formação fora da instrução, também.

I: E quais as funções que exerce, neste estabelecimento de ensino?

AVR: Eu no estabelecimento sou instrutora de teoria e de prática “misturadamente”.

I: Há quantos anos trabalha? Aqui, na escola?

AVR: Aqui na escola trabalho desde 2010. Ah, porque eu estive a viver em Madrid, três anos, estive a viver em Madrid desde 2007 até 2010, a exercer, também lá, instrução.

I: Ai, que giro...

AVR: Sim. E entretanto, quando voltei, vim para esta escola. Por isso, nesta escola, estou desde 2010.

I: Isso é experiência... no estrangeiro.

AVR: Sim (risos).

I: Teve alguma formação específica para ensinar pessoas com deficiência?

AVR: Ah, não, infelizmente não. Mas na altura em que tive as primeiras pessoas com deficiência – surdos, mudos... - ah, por acaso pensei fazer uma formação em linguagem gestual, mas depois, entretanto nunca mais se proporcionou; tenho imensa pena mas gostaria. Mas pronto, também não justifica, a quantidade de pessoas neste momento, que nós temos, a tirar a carta de condução. Porque, até hoje, nestes anos todos, eu tive quatro pessoas sem... com esta deficiência. E acho que conseguimos lidar bem, mesmo sem o curso de língua gestual.

I: (risos). E o que é que mais gosta, na sua profissão?

AVR: Ensinar...

I: Considera que a relação com os alunos influencia o ensino?

AVR: bastante, bastante. Nós aqui criamos uma empatia muito grande... acabamos por ser ah... quase pais, mães... não é? Criamos muita empatia porque são, além da teoria, depois são trinta e duas horas na prática, mínimas, obrigatórias, não é... e criamos aqui uma empatia. É uma relação de amizade, até com bastantes...

I: E depois perdura...? (não é?) acaba por perdurar...?

AVR: E perdura...

I: E sobre a escola de condução? Há quantos anos existe?

AVR: Esta escola de condução é das primeiras escolas de condução a terem sido fundadas aqui em Aveiro. Eu não posso precisar ao certo, ah..., mas depois se quiser podemos tentar ver isso junto dos donos...

I: Não, (não é preciso), só para saber se é uma escola recente..., se não é?

AVR: Não , não... . É das mais antigas. Não foi a primeira a ser fundada em Aveiro, mas foi a segunda escola. Se não me engano, tem mais de trinta anos...

I: Tem uma grande história...

AVR: Exatamente, o fundador esteve em Angola e em Angola tinha escola...

I: E qual o número total de alunos até ao momento? Sabe?

AVR: Ah...bastantes, muitos...Nós vamos... É assim, a partir de momento em que tivemos que fazer registo informático, nós vamos numerando. Neste momento vamos em vinte e quatro mil... para cima... Mas antes de haverem registos informáticos eles já tinham bastantes alunos... Por isso imagine..., né?

I: Sim, mesmo muitos...

AVR: Bastantes... Já funcionavam muitos anos antes... de haver registos informáticos.

I: Era tudo manualmente...

AVR: Ainda há pouco tempo andámos a por algumas coisas que já estavam há muitos anos aí... e que ainda eram os registos manuais...

I: Sobre a quantidade de alunos que já tiraram a carta nesta escola? Sabe quantos são?

AVR: Ah, mais ou menos à volta de quatro, cinco alunos. Sim, que neste momento temos um inscrito...ah, nestes últimos anos, desde que eu comecei a trabalhar cá na escola, é esta a inscrição que temos, recentemente. Até à data, tiveram... mas também, não muitos.

I: E tem conhecimento da relação, se existe, entre a taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos? Se eles reprovam mais?

AVR: Não, não reprovam mais. A nível da aprendizagem, prolongam mais o processo de aprendizagem é mais prolongado, devido ao problema... Mas porquê? Porque aqui nós também temos que tentar fazer... um ensino de um para um...

I: sim, quase personalizado...

AVR: Personalizado, não é? Não podemos juntar estes alunos com os outros, numa sala teórica e dar uma aula teórica. Podemos colocá-los lá, mas eles não vão perceber, não vão entender, não é? Então tem que ser uma aprendizagem personalizada, não é? Ah... então, dependendo do tempo, da disponibilidade...não é, poder-se-á prolongar um bocadinho mais a aprendizagem, também por, eles terem lá uma falha ao nível de alfabeto... Não perceberem determinadas palavras...

I: ...têm um vocabulário mais reduzido...?

AVR: O vocabulário é mais reduzido..., temos que ir procurar outras palavras...Ah..., eu utilizo bastante a escrita...

I: Ia-lhe perguntar como é que se processa a comunicação nas aulas teóricas? Pela escrita?

AVR: É, é... Ter que ir procurar palavras que eles conheçam, para lhes explicar outras que eles nunca ouviram na vida, não é? Que acho que é a dificuldade...

I: Muitos não recorrem ao intérprete de língua gestual... quando vêm assistir às aulas?

AVR: Não, não...Nos que eu cá tive nenhum quis recorrer a... linguagem gestual, não. Porque acho que há... é assim, uma questão de tempo, e dedicação, e neste caso, também da nossa parte. Sabemos que é uma situação especial e dedicarmos algum tempo para...

I: Não tinham as aulas... As aulas não eram ao mesmo tempo com as outras...

AVR:... conjuntamente com os outros? No nosso caso, não. É sempre separadamente. É de um para um. É assim que aqui... que eu sempre funcionei...com as pessoas que...

I: Funcionou e tem funcionado..., tem dado resultado, não é?

AVR: Tem funcionado, exatamente.

I: E recorre... agora, os materiais disponíveis, o Manual...e agora a parte toda tecnológica também facilita...

AVR: Suficiente... e facilita; exatamente, facilita. Nós aqui temos, ah, hoje em dia temos muita, ah..., muitos exames, não é?, que é a prova final que eles têm que fazer, não é, o exame teórico, e temos bastante material, e muitas vezes trabalhamos dessa forma. Marcamos umas horas, para estar com eles, no computador, e irmos fazendo também exames e irmos explicando as dúvidas que lhes vão surgindo e incidir naquela matéria que tiveram dúvidas; percebemos as dúvidas deles, também, não é, que aí acabamos por perceber que há palavras que eles desconhecem e que nos perguntam “não sei o que é isto”, não é... e tentar procurar uma forma de lhes explicar. Para além de... Tem sido sempre assim...

I: E tem funcionado..., isso é o mais importante.

AVR: Exato.

I: Depois cada um... usa as estratégias mais... que achar melhor...

AVR: Exato.

I: E recorre também ao desenho? [ruído]

AVR: Ao desenho, escrita e parte gráfica, sem dúvida alguma ... bastante, mesmo.

I: E ajuda muito, não é?

AVR: Muito mesmo.

I:... a compreensão...

AVR: Muito mesmo.

I: Até para os ouvintes, quanto mais...

AVR: Exatamente. Isso até para as pessoas que ouvem, eu recorro bastante a imagens, a desenhar, não é? Ah...

I: Esquemas?

AVR: A fazer esquemas, para eles, então, resulta muito bem.

I: E quais as dificuldades mais evidentes na comunicação? Se é que considera que haja dificuldades.

AVR: O mais difícil a nível de comunicação muitas vezes é tentar, para mim, tentar procurar palavras que eles entendam, não é... Muitas vezes não é à primeira que chego... “Não, também não entendo esta...”. E tentar ir procurar mais palavras que tenham aquele significado que eles querem saber, portanto, aquela palavra que eles desconhecem, aquele exame que apareceu, não é? Ou no livro, que estavam a ler e não percebem aquela palavra. A dificuldade maior que eu tenho tem sido, às vezes, aí. Não é? Porque tenho que ir procurar uma... também não...

I: Tem que ser criativa, também...!

AVR: Exatamente!

I: E no que respeita às aulas práticas? Como é que consegue fazê-lo?

AVR: As aulas práticas, eu acho que eles têm muito mais facilidade para a parte prática. Pelo menos, da experiência que eu tenho, com os alunos que tive. Acho que na parte prática eles têm muita facilidade... Porque, claro, falta-lhes ali um dos sentidos – acho que se focam. A nível de indicações, é fácil, também. Detalhamos no início, como é que vamos dar indicação para a direita, para a esquerda, as manobras...

I: Os gestos...?

AVR: As manobras que têm que fazer por gestos, porque no exame acaba por ser também assim, não é? Porque também não vai ninguém que saiba linguagem gestual, e aqui é difícil porque é o examinador vai à frente com eles a fazer o exame, e então

delineamos logo como é que... damos as indicações gestualmente e até hoje não tive problemas nenhuns. Muito fácil, mesmo.

I: E mesmo as manobras? Para indicar as manobras?

AVR: Sim, sim, também. Detalhamos logo. “Olha, esta manobra... vou-te dar indicação desta forma...”, não é?

I: Têm um código, um conjunto de códigos já pré-definidos?

AVR: Um conjunto de códigos já pré definidos, para eles já saberem. Se vais parar...; o pisca, como é que tens que fazer o pisca.... O indicador de mudança de direção, não é...? Pronto... (risos)

I: Recorre também ah, à parte gráfica, na parte prática?

AVR: À parte gráfica. Hum, mas aí também faço com os outros alunos, não é, e aqui, então, mais, também. Normalmente paro sempre o veículo, e, se tiver que fazer alguma coisa a nível gráfico para explicar, claro que faço, também . E é mais fácil, exatamente, para compreender.

I: Sendo a audição um elemento essencial na condução, como ensina os alunos surdos a compreenderem o veículo e também o ambiente que o rodeia?

AVR: É importante, mas o que detém a maior importância a nível da condução, 80% da importância é a visão, não é? E então eles têm esse; porque infelizmente, não é, as pessoas com... invisuais, não podem tirar a carta;

I: Exato.

AVR: Para já, pelo menos. Já há investigações, viaturas a serem... para por pessoas invisuais a conduzir, já puseram.

I: Hum, hum.

AVR: Mas claro, neste momento não é viável ainda, dessa forma, para eles poderem vir assim tirar a carta. E com as pessoas com surdez, o facto de perceberem o carro, entendem-nos perfeitamente. Basta nós pensarmos que não temos audição, é-nos complicado, mas, seria muito mais difícil sem a visão, não é? Nós vamos percebendo o carro doutras formas. Ah, ah...

I: Tem uma parte visual, também, não é? O próprio painel...

AVR: Tem um painel, não é, onde eles vão buscar informações. O aluno também sente o carro, o tacto... não é?

I: A vibração...

AVR: A vibração do carro , essas coisas sentem-se, não é? Claro que a audição também tem alguma importância mas eles vão procurar de outra forma, não é? A aproximação de veículos prioritários, que muitas vezes nós detetamos porque as pessoas que ouvem detetam através da audição – eles, claro, a atenção deles visual tem de ser superior; tanto que eles, a nível de viatura para aprenderem, e depois para conduzirem, eles têm que ter espelhos bilaterais, ou seja, espelhos exteriores obrigatoriamente, e o espelho interior, não é? Nós só temos a obrigação de dois espelhos...

I: ... dá um campo visual muito maior, não é?

AVR:... mas eles têm de ter mais – porquê? – para terem maior amplitude visual; porque é aí que eles se vão focar, não é? Na visão vão procurar tudo à volta deles. E têm. Porque eles acabam por ter muito mais atenção visual, não é? do que nós, que ouvimos e vemos.

I: Houve um senhor que, nas entrevistas, que disse que o perfil, dada a especificidade da surdez, mas que um surdo tinha um perfil indicado de um bom condutor.

AVR: Olhe que, realmente, são mais atentos, mais observadores...

I: ... e às vezes os sons, são mesmo ruído, ou seja, distraem-nos até a nós.

AVR: Exatamente. E eles têm, têm. E a nível do carro, também. Aí está. Por isso, a parte de sentirem o carro e de o perceberem, eles percebem-no perfeitamente.

I: Porque é que acha que, mesmo assim, há tão poucos? Quer dizer, teve poucos, ah...

AVR: Eu não sei, mas eu acho que as pessoas, por terem essa deficiência, se calhar sentem-se inferiorizados, inferiores. Não deveriam, sem dúvida alguma...

I: Claro, sim...

AVR:... porque têm os mesmos direitos, não é? E conseguem, como os outros.

I: Conseguem. E muitas vezes, até, a motivação e o interesse é muito maior...

AVR: Exatamente...

I:... e conseguem, com mais facilidade aprender.

AVR: Exatamente. Por isso...Mas eu acho que, por outro lado, se calhar ainda há muitos que se sentem inferiorizados por ter esta deficiência, não é?, e então, acaba-se por ter muito poucas pessoas, é, é.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança rodoviária?

AVR: Eu acho que sim. Ah... Neste caso, ah, eu imaginando que sendo surda e a tirar a carta, ah... e eu acho que isto é um mal, de certa forma, o que eu vou dizer... porque acho que isto, toda a gente devia ter essa mesma responsabilidade, mesmo vendo e ouvindo, a segurança deve estar acima de tudo, não é?

I: De tudo. Sim.

AVR: Mas se eu não tiver a audição, se calhar sinto-me mais responsável de andar com segurança, para mim e para os outros.

I: Para os outros, hum hum.

AVR: Não é? Porque acho que isso deveria ser, deveríamos que ter todos isso em consideração. Mas como só vejo e não oiço, tenho mais atenção às coisas, não é?, ando com muito mais atenção. Observo tudo de outra forma; antevejo, prevejo as coisas com muito mais antecedência que um condutor que ouve e vê... Que deveriam todos...

I: Sim, facilitamos muito...

AVR: Exatamente. Por ouvirmos, não é?

I: É...

AVR: E eu acho que devíamos todos fazer – se bem que é proibidíssimo, nas aulas de condução, andar-se com auriculares e isso – mas se calhar devíamos todos fazer uma prova que era, tirarem-nos a audição, grande parte da audição, e conduzirmos só a ver. (risos)

I: Se calhar melhorávamos os comportamentos...

AVR: Se calhar melhorávamos os comportamentos, um bocadinho, a nível de condução...

I: Sim... Tem conhecimento se existem muitos alunos a solicitarem a interpretação do exame de código em Língua Gestual Portuguesa?

AVR: De todos os que eu conheci, não sendo meus alunos ou sendo, não conheço nenhum a solicitar. Já tive, em outras alturas – que eu também trabalhei, antes de ir para Madrid, estive a trabalhar, pouco tempo, uns amigos meus têm uma escola em Faro – e eles lá tinham muitas pessoas inglesas; e esses sim, solicitavam a tradução do exame.

I: Ah... do exame, sim.

AVR: A nível de pessoas surdas-mudas, acabam por achar que conseguem perfeitamente fazer o exame e normalmente não solicitam.

I: Também, se não recorrem nas aulas teóricas, depois se calhar também não... o exame também não.

AVR: Exatamente.

I: Pronto, olhe, terminámos. Tem mais alguma sugestão a fazer? Ou, como é que resumiria esta experiência com os alunos surdos?

AVR: A sugestão que eu tenho a fazer é um bocado naquele sentido, como eu disse agora há pouco, de não haver tantas pessoas com esta deficiência. E acho que as pessoas não se devem acanhar, não devem ter vergonha. E, claro que conseguem, como os outros, e devem, como é lógico, devem tirar a carta de condução. Até porque a pessoa que nós temos neste momento – temos uma pessoa na escola inscrita com este problema – e ele tem licença para conduzir ciclomotores, por exemplo...

I: Sim, sim...

AVR: Ah... e como é lógico, também consegue perfeitamente tirar a carta para conduzir automóvel. E neste caso, é uma pessoa que nem teve a sua formação em Portugal, a nível escolar.

I: Ah...

AVR: Teve a formação em França, o que ainda tem um acréscimo...

I: Pois é! É estrangeiro, mas a língua já não é a mesma...

AVR: Mas acho que devem, se têm vontade de tirar a carta de condução, têm que o fazer exatamente igual como os outros. E vão ver que ainda vão, se calhar, ser melhores que as pessoas, que muitos outros.

I: Porque há ainda países... na Europa todos são... é permitido tirar a carta, mas ainda há outros países que não...

AVR: Que não permitem, exatamente.

I: Tendo esta possibilidade...

AVR: Nós, por exemplo, tivemos uma altura em que nos era permitido ah..., as pessoas que não sabiam escrever, por exemplo, podiam tirar a carta...

I: Exame oral...

AVR: Tínhamos os exames orais; deixou de ser permitido – obrigatoriedade de saber ler e escrever. Mas se eles sabem ler e escrever como os outros, não têm porquê se acanharem de tirar a carta de condução. Não é?

I: Mas mesmo quando eu comecei a dizer do tema, “Ah, mas não! Mas é um perigo, então, não ouvem, como é que é?”

AVR: O perigo é não ver.

I: É não ver, sim...

AVR: E é o que eu digo; há tantas pessoas que veem, mas não veem nada. (risos)

I: Mas mesmo as escolas de condução no Porto, que contactei telefonicamente, diziam “Mas claro que não, mas como é que é possível? Não dava! Isso não dava!”

AVR: Não, não... Nós aqui, nesse sentido, ...

I: Vem é da sensibilidade, e do bom senso...de cada um. Porque somos todos diferentes e ...

AVR: Exatamente. Não, e eu, sempre que tive contacto com pessoas com deficiência surda, muda, ou até invisuais, eles têm muito mais sensibilidade noutros sentidos.

I: É, noutros sentidos.

AVR: Não é? Neste caso eles, graças a Deus, veem e estão muito atentos... ao nível de campo visual estão muito mais atentos que um aluno que ouve e vê. São pessoas com uma grande sensibilidade

I: Como é que resumiria então, esta sua experiência com os alunos surdos-mudos?

AVR: Fantástica! Gostei muito, e tenho pena de não ter mais alunos surdos-mudos. Já há muitos anos que eu não tinha e eu agora, quando apareceu este moço, fiquei muito feliz (risos).... De voltar, porque adoro. Adoro a dedicação que lhe dou, ah...

I: Também é recíproca, se calhar, da parte deles?

AVR: Exatamente, exatamente. O tentar, às vezes, explicar-lhes... Adoro, fantástico...! (risos) Que haja mais! (risos)

I: Sim...!

AVR: Que isto sirva para virem mais pessoas tirar a carta.

I: Sim! Também acho que sim, esperemos que sim. Se der algum contributo, também, que seja nesse sentido.

AVR: Exatamente.

I: Há mais algum aspeto que gostaria de referir? Ou...

AVR: Assim de momento, que me lembre, acho que não, que tenho tudo o que queria dizer.

I: Olhe, muito obrigada, mais uma vez. Depois posso disponibilizar-lhe a gravação da entrevista e depois os resultados, - o que é mais importante.

AVR: Exatamente, pois, era o que eu ia dizer. Gostaria de saber, não é?, que isto serve de alguma coisa, como é lógico.

I: Sim...! Esperemos que sim! Muito obrigada, mesmo!

Apêndice 5 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – BJA

Entrevistado: BJA

Entrevistadora: Investigadora (I)

Data da realização: 27/03/2015

Local: Beja

Duração: 00:22

Meio de realização da entrevista: Presencial

Investigadora (I): Boa tarde, antes de mais gostaria de agradecer a sua colaboração neste estudo através desta entrevista. Gostaria de perguntar se aceita que seja gravada de forma a ser mais fácil recolher os dados?

Entrevistado (BJAA) Claro, claro.

I: Tem alguma questão que queira ver esclarecida?

BJAA: Não. Você já explicou que é para fazer um estudo para o seu mestrado sobre os surdos e como eles aprendem. Portanto não há necessidade de mais nada.

I: Obrigada. Então, vamos começar, o primeiro bloco é sobre si, como entrevistado.

Qual o seu nível de escolaridade?

BJA: 11ºano.

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

BJA: Há 26 anos.

I: E tem em realizado formação de atualização e de reciclagem?

BJA: Somos obrigados de 5 em 5 anos para renovar a licença de instrutor e diretor de escola e temos mesmo que frequentar essa formação.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

BJA: Sou instrutor de código, condução e todas as categorias ministradas no ensino de condução, diretor, sócio-gerente e administrativo. Faço tudo.

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

BJA: Desde 2003.

I: Teve alguma formação específica durante o curso de formação base ou nas formações de atualização para ensinar pessoas com deficiência?

BJA: Nunca tivemos formação sobre isso. Nem faz parte do nosso currículo.

I: E o que mais gosta na sua profissão?

BJA: Lidar com miúdos é o que eu mais gosto. De ensinar.

I: Da relação com as pessoas?

BJA: Sim, sim, sim.

I: E nesse sentido, considera o relacionamento/empatia com os alunos como essencial para o ensino de condução?

BJA: Sim é essencial mesmo. Não se faz omeletes sem ovos. Se não houver duas pessoas que se dêem bem e que se conheçam bem, a nível da parte prática, se uma pessoa não se sente à vontade, nunca consegue aprender aquilo que lhe queremos inculcar.

I: Pode falar um pouco sobre a Escola de Condução: Há quantos anos existe?

BJA: Esta escola existe 2000. Há 15 anos.

I: Qual o número total de alunos até ao momento?

BJA: 3100 alunos.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola?

BJA: Apontamos para uns 15 alunos.

I: Neste momento há algum a tirar a carta?

BJA: Não. A última fez exame há 2 meses.

I: Tem conhecimento da relação da taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

BJA: Embora haja uma outra reprovação, isso é normal em qualquer pessoa. Não é devido ao facto de serem surdos, porque até na prática, alguns têm mais dificuldades que outros mas tivemos alunos surdos muito melhores que alunos ouvintes. Até tivemos um aluno que tirou a categoria de mota. Antes da aula, era-lhe comunicado no papel o trajeto que iriam percorrer. Até ao hospital por exemplo, tínhamos que passar aqui, aqui e aqui. Muitas vezes, o instrutor, passava só para ver a reação do aluno e o aluno fazia tudo certinho como tinham combinado no início. Muito esperto. Como os alunos surdos se reuniam na associação em Évora. Tive um de Faro, já tinha estado em algumas escola de condução, e como não lhe arranjavam intérprete de língua gestual e o tratavam da mesma maneira do que os outros, depois ele teve conhecimento em Évora e vem para aqui e tirou a carta connosco. Eles próprios é que aconselham outros a vir. Dizem como foram tratados e dizem para vir para aqui. Tenho um filho de 22 anos que me ajudava aqui na escola e também começou a aprender algumas coisas em língua gestual para comunicar com eles. Havia trocas de mensagens de telemóveis entre uns e outros e sentiam-se muito acolhidos aqui.

I: Então todos pediram para ter interprete?

BJA: Sim, sim. Os primeiros, aqui há muitos anos, não havia a possibilidade do intérprete. Agora, estes últimos já fizeram com a intérprete da língua gestual.

I: Agora iremos entrar na relação com os alunos surdos. Durante as aulas teóricas, como se processa a comunicação entre o instrutor e os alunos surdos? Que estratégias são utilizadas?

BJA: Eu solicitei à tradutora gestual o horário para saber quando ela podia aparecer. Estruturei uma formação, em que apenas estava o instrutor, o aluno e a professora de língua gestual e facultei manuais para que a interprete pudesse estar a par do código

atual, porque apesar de ter a carta, desconhecia regras novas de sinalização. Depois, os alunos já frequentavam as aulas em sala de aula normal, com a intérprete. Fazíamos também simulação de testes dos exames. O que eu notei também foi a interpretação. Há palavras que eles não conhecem como por exemplo, fiquei estupefacto como muitos deles não conheciam a palavra "jejum". Havia uma pergunta em que dizia que quando um condutor ingere bebidas alcoólicas em jejum se era o mesmo que quando bebia bebidas alcoólicas depois do almoço. O Vocabulário é muito diferente, mais limitado. Depois também me enviam mensagens por telemóvel e às vezes dava para perceber as dificuldades que eles sentiam, por determinadas palavras que se usam nos testes de exames. Se muitas pessoas ouvintes já acham difícil...

I: Por ser vocabulário muito específico.

BJA: Isso mesmo.

I: Então, dentro das estratégias, ia perguntar se existiam instrutores com formação em língua gestual?

BJA: Não, mas há alguns instrutores que com a experiencia, já utilizam alguns gestos da língua gestual.

I: Também fazem leitura labial?

E: Sim, sim.

I: Os materiais disponíveis na sala de aula também recorrem muito à imagem?

BJA: Muito, muito, muito. A Informática ajuda muito.

I: Quais as dificuldades mais evidentes na sala de aula?

BJA: Com intérprete torna-se mais fácil. Quando temos mais 15 alunos, sem a intérprete seria mais difícil. Uma delas já tinha sido professora deles na escola.

I: E no que respeita às aulas práticas?

BJA: Tentar comunicar com eles. Quando houvesse alguma coisa, escrevíamos.

Comunicamos por gestos e quando tinham dificuldade, escrevíamos.

I: Sendo a audição um elemento importante na condução, já referiu como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo. Agora gostaria de perguntar como ensina a compreender o ambiente que o rodeia?

BJA: Por vezes, logo inicialmente, para quem nunca conduziu, não se torna logo muito fácil dizer quando se deve mudar de mudança, mas nós demonstramos a conduzir. Provamos que derivado da reação do veículo, é preciso mudar de mudança, automaticamente eles percebem. Muitos até conseguem fazer as tarefas melhor que os ouvintes. Alguns já tinham bases de condução.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança?

BJA: Nesta idade em que eles nos aparecem penso que não. Claro que faz falta, mas eles estão mais atentos aos espelhos do que a pessoa que ouve. Se vier um veículo prioritário, ele vê, através dos sinais de luzes. Às vezes uma pequena buzina, podem não ouvir, mas são mais atentos, apercebendo-se mais das situações. Têm muito mais cuidado.

I: Tem conhecimento do número de alunos a solicitar a interpretação do exame teórico em LGP?

BJA: Sim. Os pais também são logo informados que existe a possibilidade da vinda da intérprete. É uma despesa que eles têm que pagar. Mas depois compensa.

I: Para terminar, como definiria a sua experiência de ensinar alunos surdos?

BJA: Eu sinto orgulho de ter sido instrutor de alguns surdos-mudos e de saber que até hoje, destes que tiraram a carta, não tenho conhecimento de nenhum acidente grave. Temos orgulho que eles consigam tirar a carta.

I: E no que respeita às restrições:

BJA: Uns eram obrigados a usar os aparelhos auditivos, outros limites de velocidade.

I: Há mais algum aspeto que gostaria de referir relativamente a esta temática?

BJA: Não, penso que não.

I: Muito obrigada mais uma vez, pela sua colaboração. No final, posso disponibilizar-lhe a entrevista e apresentar os resultados do estudo.

BJA: Agradecia. Obrigada.

Apêndice 6 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA - BRG

Entrevistado: BRG

Entrevistadora : Investigadora (I)

Data da realização: 23/02/2015

Local: Guimarães (distrito de Braga)

Duração: 00:28

Meio de realização da entrevista: Presencial

Investigadora (I): Bom dia, agradeço desde já a disponibilidade da entrevista. Depois de já ter explicado os objetivos do estudo, aceita que grave a entrevista de forma a registar os dados mais facilmente?

Entrevistado (BRG): Sim, sim.

I: Deseja saber mais alguma coisa sobre este estudo? Tem alguma questão que queira ver esclarecida?

BRG: Não. Estamos esclarecidos.

I: Então, começamos a primeira parte que é sobre si. Qual o seu nível de escolaridade?

BRG: O 11ºano. Tive mais, mas depois não concluí. Fiquei por aqui. Na altura, era o exigível. Temos mais formações. Até sou examinador de condução.

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

BRG: Desde 1992, cerca de 23/24 anos.

I: E tem em realizado formação de atualização e de reciclagem?

BRG: Sim, sim. Obrigatoriamente, de 5 em 5 anos temos que fazer.

I: Teve alguma formação específica durante o curso de formação base ou nas formações de atualização para ensinar pessoas com deficiência?

BRG: É assim, ao contrário de outros instrutores, o meu curso e do meu irmão foi na Prevenção da Rodoviária Portuguesa. E ao contrário de muitas outras entidades formadoras, eles são muito exigentes e nós tivemos muitas disciplinas obrigatórias que incluíam formações como socorrismo e aprofundámos mesmo muito. Perante outros colegas, eu e o meu irmão sentimo-nos uns felizardos porque a nossa formação foi mesmo muito bem estruturada.

I: E que tipo de deficiências focaram?

BRG: Na parte pedagógica, não sei assim técnicas mais focadas para isso, de momento não me lembro. Mas eles eram muito exigentes e hoje, muitas experiências que tenho, a nível de socorrismo e outras matérias devo-as a essa formação.

A experiência é que depois nos obriga a explorar. A nossa formação foi mesmo muito exigente, com aulas práticas. Na minha formação, tivemos a situação prática em que o formador fazia de aluno e punha-nos mesmo à prova. E achamos isso muito espetacular e benéfico. Sendo um grande ponto de partida para a nossa carreira.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

BRG: Aqui sou socio-gerente e instrutor das duas componentes. Também sou formador e desde 2008 também sou examinador.

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

BRG: Neste? Desde que abrimos. Abrimos em 21 de abril de 1999.

I: E o que mais gosta na sua profissão?

BRG: É o relacionamento com os alunos, com as pessoas. Aprendemos muito muito com os alunos....aprendemos sempre, não somos nós que sabemos... aprende-se sempre qualquer coisa. Como diz o ditado: "Estamos sempre a aprender e morremos sem saber". Isso enquadra-se perfeitamente aqui...

I: Considera o relacionamento/empatia com os alunos como essencial para o ensino de condução?

BRG: Sim, sem dúvida. O relacionamento instrutor-aluno é muito importante. Se nós não o pormos o aluno à vontade nas primeiras aulas, como é que ele vai? Se ele vai com medo... com o volante nas mãos... se não o pormos à vontade a formação não terá o êxito que deveria de ter.

I: Pode falar um pouco sobre a Escola de Condução, já disse quando foi fundada, não é?

Qual o número total de alunos até ao momento?

BRG: Somos uma escola que fazemos em média, nos primeiros anos, uns 700, depois de 2001/2002 uns 350 alunos por ano. Podemos considerar-nos uma boa escola.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola?

BRG: Meus, tive uns 3 alunos. o meu irmão uns 1 ou 2. No total, uns 5 alunos. Não posso precisar.

I: Neste momento existe algum a tirar?

BRG: Não, neste momento não temos nenhum.

I: Acha que pode haver alguma relação entre a taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

BRG: É assim, acho que influencia um bocadinho. O facto de nós depois sabermos da dificuldade deles, vamos tentar focarmo-nos mais neles...vamos tentar arranjar uma forma de lhes conseguir incutir a mensagem que queremos transmitir. Mas tem sempre um aspeto negativo e depois há uma coisa que a meu ver, que vai influenciar muito que é: ele chega à sala de código e não nos diz nada, nós não conseguimos descobrir, muitas das vezes. Alguns, por exemplo, não ouvem, não é? mas não nos dizem. Depois na condução, é que descobrimos e perguntamos como faziam no código e eles respondem: lia nos lábios. É a única técnica que eles têm. Mas muitas vezes, não nos dizem, por vergonha...nós normalmente temos sempre bastantes alunos no código, e podem sentir-se envergonhado de dizer o seu problema. E só nos dizem

passado uns tempos. Olhe, até lhe vou contar uma história: Tivemos aqui um aluno que era daltónico. Ele chumbou duas ou três vezes, não posso precisar.

Um dia fui pô-lo a casa e ele disse: este portão verde. E eu: verde? estás a brincar? E ele disse: não é verde, este portão? Isto é castanho? Ui, não sabes as cores? Eu confundo-as. És daltónico. Porque não dizes nada? Então, depois fizemos a formação mais vocacionada para a deficiência dele e da próxima vez que ele foi a exame, passou. Nós demos-lhe técnicas para ele se conseguir enquadrar na pergunta e responder de forma acertada.

Os alunos deviam dizer logo os seus problemas ou dificuldades e nós tentamos ajudar. O nosso dever é esse. Mas se nós não sabemos, vamos descobrindo...mas pode já ter passado algum tempo, para prejuízo deles e nosso.

I: Como se processa, durante as aulas teóricas, a comunicação entre o instrutor e os alunos surdos? Que estratégias são utilizadas?

BRG: Durante as aulas teóricas, é mais fácil, um bocadinho de resolver o assunto.

Nós colocamos o aluno mais à frente e de frente para o instrutor. Ele vai conseguir fazer a leitura labial com mais facilidade. Depois na parte prática, é já é mais complicado. Com uma das alunas, lembro-me que tinha muitas vezes de parar. Aprendi a dizer, agora já me esqueci, a dizer Guiante (nome da escola de condução) em língua gestual. Ela ensinou-me uma série de coisas. Muitas vezes tinha que parar e escrever. Algumas vezes, também não percebia muito bem. Foi bastante mais complicado mas nós lá nos desenrascamos e agora vejo-a todos os dias a andar na estrada e nunca teve nenhum problema.

I: Ainda a respeito das aulas teóricas, considera que os materiais/recursos existentes são suficientes?

BRG: Nós temos, sou suspeito mas perguntando aos alunos poderá ver, que nós temos qualquer coisa que saia nova, situações de imagens... tentamos sempre, de todas as formas e sempre que possível em investir a pensar nas dificuldades que os alunos poderão tentar e minimizar essa dificuldade.

I: Recorre também ao desenho e aos esquemas?

BRG: Sim, sim, sim, claro. Isso é uma das práticas que um instrutor que está na parte teórica, tem que ter sempre em cima da mesa. Ter um marcador, para exemplificar no quadro, fazer um desenho aqui ou ali...para todos mas sobretudo para os surdos. Mas no fundo é mesmo para todos. Às vezes eles não conseguem perceber uma coisa mais complexa porque eu acho que em Portugal, as perguntas de código, o nível cultural, não é igual. E quem faz uma pergunta de código a um aluno em Lisboa não é igual a em Bragança. Quer queiramos, quer não, não é. E então quem faz as perguntas, faz para aquele meio cultural e acabou. Mas eu acho que não deveria ser assim. Eu acho que o código em Portugal é muito complexo e deveria ser muito mais acessível. Porque eu para perguntar se isto é uma caneta, não preciso ir até Lisboa e depois voltar e dizer: “Isto afinal é uma caneta”. Há pessoas que não conseguem distinguir entre uma informação e a interrogação. E há muitas pessoas que não têm esse nível cultural e é só mesmo para complicar. O código devia ter questões mais diretas.

I: Quais as dificuldades mais evidentes na comunicação, ainda nas aulas teóricas?

BRG: Uma das maiores dificuldades é eles não dizerem a dificuldade que têm. E depois há casos que nós temos mesmo dificuldade em explicar. Há alunos que com um exemplozito nosso, até conseguem chegar à solução mas há outros que não há hipótese. Mesmo que exemplifiquemos, temos que andar uma, duas e três vezes e batalhar outra vez no mesmo. Mas eu acho que o pior é eles não dizerem porque depois temos que ser nós a adaptarmo-nos a eles.

I: Nas aulas práticas e sendo a audição um elemento importante na condução como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo e o ambiente que o rodeia?

BRG: Essa parte de conhecer o veículo...por exemplo na caixa de velocidades, eles não está a ouvir o veículo, ele não ouve o motor, então uma das técnicas, é ver no conta-rotações e vermos a rotação em que o motor está. A única técnica que temos é olhar para o conta-rotações do motor e por aí guiar-se mais ou menos para trabalhar com a caixa de velocidades.

Agora os veículos novos até dizem lá: “Ponha a 1ª, ponha a 2ª ” mas nos veículos mais antigos tem que ser mesmo por aí.

Mesmo com os veículos prioritários que assinalam a marcha de urgência, temos que lhes dizer para olhar logo para cima, para as luzes. Eles também têm mais percepção do que nós temos. A única técnica é dizer para olhar para as luzinhas de cima.

I: Como lhes pedia para fazer as manobras?

BRG: Muitas das vezes exemplificava e depois ele repetia e nessas manobras... parava, explicava bem: gestual ou pelos lábios, tentava ver se ele percebeu. Se ele não conseguia, exemplificava eu e depois repetia ele... e foi dessa forma que eu consegui que eles tivessem êxito.

Às vezes também exemplificava. Parava e pedia para fazer a manobra.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança rodoviária?

BRG: Penso que não há. Eles por saberem da sua dificuldade, são mais cuidadosos. Pela experiencia que eu tive são bastantes mais cuidadosos do que os alunos que acham que têm as suas capacidades a 100%, porque muitas vezes não têm e falham.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos a solicitar a interpretação do exame em LGP?

BRG: Pediram só para o exame, mas para as aulas não foi preciso. Só um é que não pediu.

I: Como definiria a sua experiência de ensinar alunos surdos?

BRG: A experiência foi enriquecedora para minha atividade profissional. Embora lhe explicamos as técnicas de condução, mas aprendemos muitas coisas com eles também. Já sabia muita coisa em linguagem gestual.

I: Muito obrigada mais uma vez, pela sua colaboração e disponibilidade. Há algum aspeto que gostaria de referir?

BRG: Dentro da minha experiência, penso que disse tudo.

I: No final, posso disponibilizar-lhe a entrevista e apresentar os resultados do estudo.

BEG: Muito Obrigada.

Apêndice 7 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – BGC

Entrevistado: BGC

Entrevistadora: Investigadora (I)

Local: Tomar

Data: 28/11/2015

Duração: 00:23:21

Meio da Entrevista: Via Skype

Investigadora (I): Bom dia. Muito obrigada por ter aceite colaborar no estudo através da entrevista.

Entrevistada (BGC): Bom dia.

I: Aceita que grave a entrevista de modo a registar os dados mais facilmente?

BGC: Sim, com certeza.

I: Deseja saber mais alguma coisa acerca deste estudo? Tem alguma questão que queira ver esclarecida?

BGC: Não, a senhora já me esclareceu e sendo o tema tão importante, fico muito feliz por me ter convidado e em participar.

I: Obrigada. Então, iríamos começar. O primeiro conjunto de perguntas é sobre si: Qual o seu nível de escolaridade?

BGC: 12ºano.

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutora?

BGC: Desde 1997, portanto, há quase 20 anos.

I: Tem realizado formação de atualização/reciclagem?

BGC: Sim, somos obrigados, é de lei, de 5 em 5 anos.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

BGC: Faço um pouco de tudo, desde o trabalho administrativo, assim como instrutora da componente teórica e prática.

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

BGC: Há 13 anos.

I: Teve alguma formação específica para ensinar pessoas com deficiência?

BGC: Não.

I: O que mais gosta na sua profissão?

BGC: De tudo. É uma profissão engraçada: ensina-se a conduzir, não é? Depois é engraçado quando vamos na rua e vemos pessoas que ensinámos a conduzir e há amizade e o reconhecimento.

I: Considera o relacionamento/empatia com os alunos como essencial para o ensino de condução?

BGC: Sim, acima de tudo. É, porque um instrutor que não seja simpático e que não tenha empatia com os alunos, o próprio aluno irá rejeitá-lo.

I: Teve nenhuma formação para comunicar com pessoas surdas?

BGC: Não, por acaso tenho uma sobrinha que é licenciada em Língua Gestual. Não tive formação nenhuma, só que acho uma coisa muito bonita e ela, a minha sobrinha ensinou-me muita coisa em relação a isso.

I: E sobre a escola de condução... Há quantos anos existe?

BGC: A escola existe desde 1989 e é a segunda escola aqui neste concelho e é uma escola pacata, simples e gosto de trabalhar lá.

I: Qual o número total de alunos até ao momento?

BGC: Até ao momento? Desde o início, não faço a mínima ideia mas foram mesmo muitos alunos.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola?

BGC: Desde que eu estou a trabalhar lá, foi apenas um.

I: Sabe se há algum aluno surdo a tirar a carta neste momento?

BGC: Não, neste momento.

I: Tem conhecimento da relação da taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

BGC: O meu aluno era mudo e tinha 20% de audição. Um dos sentidos mais importantes na condução é a visão e logo de seguida a audição. Falar não falava, era mudo, mas o facto de ter 20% ajudou muito. Na teórica é uma coisa, mas na prática é outra.

I: O próximo bloco de perguntas irá mesmo focar-se nas duas componentes. Como se processa a comunicação entre um aluno surdo e o instrutor durante as aulas teóricas?

BGC: Nós temos sala de aula virtual, nós colocamos tudo no quadro e o instrutor tem a opção de colocar ou não colocar legenda. E ele (aluno surdo) foi através das legendas,

que aprendeu os sinais e tudo. Tem situações reais do trânsito em vídeo. Antigamente se calhar era um bocado impossível porque eram as salas tradicionais. Até 2005, as pessoas que não sabiam ler nem escrever podiam tirar a carta, era através de texto e das legendas.

I: Considera que os materiais existentes são suficientes?

BGC: Sim, sim...para o ensino de condução, são suficientes.

I: Quais as dificuldades mais evidentes na comunicação?

BGC: - Ele como não falava... O instrutor durante a aula vai fazendo perguntas aos instruendos, não é? E essa parte, claro, como era mudo, era um bocado complicado. Muitas vezes era através de gestos. E ele como ouvia um bocadinho, ele era interessado. Tentava ele próprio fazer as perguntas. Eu tentava explicar, foi através dos testes. Ele fazia os testes e quando ele errava, eu tentava explicar melhor a situação.

Muitas vezes ele estava a fazer os testes e mostrava-lhe depois na parte real do programa, porque é que ele errou. Faz um bocado de falta não ter aquela formação, de poder comunicar com a pessoa surda.

Uma pessoa tenta...ele também sabia ler nos lábios e portanto, não foi muito difícil. Também era jovem e por isso foi fácil.

I: E também recorreu a esquemas, fazia desenhos no quadro?

BGC: Sim, sim, eu também opto, em relação ao ensino...eu resumo sempre as matérias. Ao resumir as matérias, eu escrevo sempre no quadro e ponho aquelas palavras base, que costumam sair nas perguntas. Se eles depois se lembrarem dessas palavras, eles por norma, conseguem acertar nas perguntas. Eu escrevo muito. Ao fim de cada matéria, resumo aquilo que disse e depois faço um teste. Temos que avaliar o aluno.

Para um instrutor que escreva e faça resumos, é fácil.

I: Não tendo um instrutor na escola, com essa formação em LGP...acha que a experiência com a sua sobrinha, ajudou?

BGC: Sim, ajudou muito.

I: E no que respeita às aulas práticas?

BGC: No caso dele, ele não era totalmente surdo. Ele para tirar a carta, teve que fazer testes psicotécnicos para ser avaliado por um psicólogo. Por acaso como ele tinha 20% de audição. Se fosse um aluno totalmente surdo ia ser difícil.

Na teórica, é fácil: eles lêem, captam através de esquemas, imagens... na prática ia ser difícil se não ouvisse os 20%. Foi um bocado engraçado.

Eu mandava ir para a direita e fazia através de gestos, com o braço, porque eu dizia-lhe: direita... e depois quando íamos a ver ele não fazia. Mas depois usava os gestos e foi fácil. Tinha que falar um bocadinho mais alto, também. Aprendeu muito facilmente. Muitas vezes também fazia esquemas, através de papel e caneta para as rotundas, cruzamentos, por exemplo.

I: Tinha um conjunto de gestos, combinados entre os dois?

BGC: Há uns sinais no código da estrada, dos condutores. Na avaria das luzes, temos sinais que podemos fazer manualmente. E foi uma coisa que quando eu dei na teórica, que fiz com que ele compreendesse bem os sinais. O de parar, arrancar. Temos os sinais próprios... e eu fazia o gesto... foi muito fácil.

Não dei só eu a prática. Nas primeiras aulas fui eu mas tanto eu como os meus colegas. Não achámos dificuldade.

I: Sendo a audição um elemento importante na condução, como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo e o ambiente que o rodeia?

BGC: Através do conta-rotações. E a vibração do volante. Foi fácil.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança?

BGC: A surdez a 100%, é diferente. São pessoas um bocado diferentes, mas são iguais. Por isso penso que não faz muita diferença, pois estão mais atentos. Se nós vamos num carro e através dos espelhos nós vemos tudo, não sei porque um aluno surdo possa ter tanta dificuldade em tirar a carta.

I: Tem conhecimento se existem muitos alunos a solicitarem a interpretação do exame de código em Língua Gestual Portuguesa?

BGC: Não. O meu aluno não pediu.

I: Como definiria a experiência com o aluno surdo?

BGC: Uma experiência linda, espetacular, fora de série. Foi uma experiência única e que gostei muito. Gostava de repetir.

I: Sabe se tinha restrições na carta de condução?

BGC: Tinha sim. já foi a alguns aninhos... Ele já usava a prótese auditiva. E tinha que ter espelhos duplos exteriores.

I: Há mais algum aspeto que gostaria de referir relativamente a esta temática?

BGC: Aceitei fazer a entrevista que sem dúvida é um estudo muito bonito, sinceramente.

I: Tem alguma sugestão a fazer?

BGC: Sugestão não. Desejo-lhe muita sorte na Vida.

I: Muito Obrigada. Depois irei disponibilizar a entrevista e os resultados do estudo.

BR: O estudo sim, a gravação não precisa.

I: Muito Obrigada.

BGC: Obrigada eu.

Apêndice 8 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – CTB

Entrevistado: CTB

Entrevistadora: Investigadora (I)

Local: Castelo Branco

Data: 29/01/2015

Duração: 00:32:04

Meio da Entrevista: Presencial

Investigadora (I): Boa tarde. Muito Obrigada pela sua colaboração nesta entrevista. Como sabe, o principal objetivo é analisar de que modo a comunicação se processa no ensino de condução a alunos surdos e uma vez que a vossa escola tem experiência.

Entrevistado (CTB) Não tem sido muitas as situações que têm aparecido. Eu pessoalmente só tenho experiência em duas situações. Uma era uma menina. Veio inscrever-se. A comunicação é sempre difícil. A gente não sabe a linguagem gestual. Ela levou algum material, foi estudando. Veio a uma aula ou outra. Mas temos sempre dificuldade em perceber o feedback.

Acena a cabeça mas mesmo assim é difícil. Na altura, a lei permite que nestas situações haja um intérprete para realizar o exame e ela fazia parte de uma associação e ela solicitou uma intérprete credenciada. Mas correu muito mal. A senhora veio de comboio, mas o comboio atrasou-se. Chegou atrasada ao exame. Depois não queriam mudar o exame. Depois uma outra polémica, foi a posição que o intérprete tinha que ter relativamente ao computador. Estava habituada a estar numa determinada posição mas não havia ninguém no IMT, IP que autorizasse a ter aquela posição. O que eles diziam era que tinha que ter uma posição em que a aluna via os gestos dela mas não podia ser interpretada como sendo uma ajuda. Não poderia influenciar na resposta. A posição pode condicionar isso e na altura foi um problema. Na altura, não a deixaram ficar na posição que ela queria.

I: Uma das perguntas que gostaria de fazer era se tinha conhecimento se existem muitos alunos a solicitarem a interpretação do exame de código em Língua Gestual Portuguesa?

CTB: Só uma é que pediu mas correu muito muito mal. A candidata estava muito nervosa. E isto foi em 2003/2004 e havia alguma resistência no IMT fazer aquilo. São coisas muito raras. Não se nota que haja um à vontade... que se criem boas condições para isso. Portanto, esta foi a primeira experiência. A segunda experiência, são coisas que a gente tem de ter sempre muito cuidado porque eles emocionam-se muito, são muito emotivos.

Depois também têm objetivos, metas.

O último, ainda foi o ano passado, surdo-mudo, trabalha lá em baixo na padaria. É padeiro... e veio tirar carta. Inicialmente a família veio cá, acompanhou. Disse-lhes que não tinha formação em linguagem gestual que a comunicação ia ser difícil. Eles que lidavam com ele todos os dias, teriam de procurar ver se me ajudavam. O grande problema é nós termos a certeza que do outro lado houve compreensão. O facto de abanar a cabeça não nos garante que haja compreensão, porque ele não comunica. E a primeira vez que foi a exame reprovou. Depois, pediu uma segunda vez e reprovou outra vez. E aqui, o problema é que ele não tinha forma de requisitar o intérprete. Ou porque estava longe desses meios ou porque não estava inscrito na associação. O intérprete foi sempre uma dificuldade, não havia. Primeiro disseram que sim mas depois o interprete nunca apareceu. Depois, a família disse que eu não o estaria a ajudar suficientemente ao nível que ele precisava. Disseram que no fundo, o estava a explorar.

I: - Considera que os recursos existentes (manuais e material audiovisual) são suficientes?

CTB: Não estão direccionados para eles, nem há no mercado. Mesmo sendo visuais, tem uma linguagem muito trabalhada. Então, mesmo os que ouvem e lêem bem falham muitas vezes...é porque é difícil. Bem, então combinei com os pais do aluno e

disse-lhes: Então, para verem como é injusto o que estão a dizer. Consegui convencê-los e sentei a família toda ali numa sala, num sábado e comecei a dar uma aula. Percebia tudo e eles começaram a ver que desde aquilo que eu explicava até receber um feedback vai uma grande distância. Se eu não sei comunicar gestualmente, não sei até que ponto só o abanar com a cabeça responde à verdade.

Às tantas, já todos queriam ir embora. Estavam fartos de me ouvir e também ao filho pois ele fazia: “oh, oh, oh”, fazem assim este estilo de barulho. E assim perceberam que a minha tarefa era muito ingrata.

A gente pode falar horas e horas mas nunca temos a certeza se o objetivo foi atingido ou não.

Então depois ficou acordado que como não tinham capacidade para arranjar interprete e eu também não, que iam-se tentando fazer tentativas até ele ser aprovado.

Vinha, fazia exames, às vezes explicava com esquemas, desenhos. Mas o problema é sempre o mesmo.

A gente explica de diferentes maneiras. Eles concordam sempre a dizer que sim. Mas a concordância não garante que o objetivo fosse atingido. Depois à terceira vez, foi e passou.

I: E no que respeita à parte prática. Como se processou a comunicação?

CTB: Nas aulas práticas, foi completamente diferente daquilo que é feito com os outros candidatos. A gente tem que mostrei primeiro, não é? Temos mesmo que fazer, exemplificar mesmo. O conta-rotações ali é uma peça fundamental para perceber. Mas em muitas circunstâncias também é difícil passar a informação. Porquê? Porque há alturas em que a gente tem que trocar de mudanças. O conta-rotações tem uma informação mas o carro vibra, por exemplo, às vezes o carro ia abaixo e ele só depois de um bocadinho é que se apercebia disso e não percebia porque é que tinha ido

abaixo. E esta comunicação era muito difícil porque não há o auditivo, há só a sensibilidade física.

É uma aprendizagem mais difícil mas para ele correu bem porque ele já trazia alguma experiência de condução que tinha adquirido porque ele já tinha uns 40 anos.

I: Sendo a audição um elemento essencial na condução, como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo e o ambiente que o rodeia?

CTB: O método demonstrativo aqui predomina. A gente tem que mostrar, exemplificando alguns comportamentos da máquina e essencialmente do conta-rotações e depois daí tirar algumas ilações.

I: Como lhes indica a mudança de direção ou realização de manobra?

CTB: Com o braço, gestualmente. Conversa não dá, porque ele tem que ir atento à estrada. Eles são muito inteligentes, desenvolvem outras competências que nós no dia-a-dia não precisamos de desenvolver. Aí não senti dificuldade. As dificuldades estão em coisas, como por exemplo porque é que para mudar de direção é à esquerda nuns sítios temos que nos colocar à esquerda, noutros colocamo-nos no eixo da via. Então é preciso passar muitas vezes por alguns sinal, fazer uns bonecos... no papel. Tem de se trabalhar de forma diferente. É muito por tentativa e erro. Passamos num determinado sítio, de propósito para o erro acontecer e depois passa-se a seguir para que o erro seja menor.

Naquele sítio, tem-se que se passar uma data de vezes para que o erro seja eliminado.

I: Recorre muito também ao papel?

CTB: Sim, a gente tem que trazer sempre uma folha limpa e fazer bonecos. Porque é a única forma de passar a informação.

Ele, como disse já tinha alguma experiência, senão ia ser mais difícil para compreender a trepidação, por exemplo. Ele era cru no código mas não era cru na condução.

No fim de fazermos um esforço, não temos nenhuma ferramenta que nos permita que nos garanta que houve compreensão. Só havendo um intérprete de língua gestual. Mas eu acho que não era capaz de aprender língua gestual, porque aquilo requer muita agilidade dos dedos e eu não tenho essa agilidade. Se um dia tiver que aprender, vai ser um tormento, vai ser muito difícil.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança?

CTB: É sempre muito subjetivo. A segurança depende do comportamento individual de cada pessoa. E há milhares de variáveis que podem influenciar isso. Se as variáveis que influenciam uma pessoa dita normal influenciam mais ou menos. Em termos de conversa não é importante. Em termos de ouvido, é. Ou seja, o código da estrada, os especialistas, os médicos entendem que com algumas restrições eles podem conduzir. Não poe isso como um obstáculo, já que 90 e tal por cento da informação é visual e isso sim é determinante. Pode haver situações em que o ouvido seja importante mas também podemos por em causa que o excesso de ruído também pode por em causa. A gente sabe que hoje dentro do carro também há muita poluição sonora. Quando as pessoas andam com música em alto som, se buzinares lá fora, também ninguém ouve, não é? Há pessoas com auscultadores, andam distraídas.

I: Sem dúvida.

CTB: Penso que poderá haver uma propensão em determinadas situações maior mas se compararmos a falta de ruído com o excesso de ruído caímos na mesma falácia. Tudo depende das pessoas. Depende da forma como eles vão conduzir. Que seja importante, é, mas não quer dizer que a pessoa que tenha essa capacidade lhe dê essa importância que ela tem. Pode ouvir bem e ser surda em determinados sítios. Ouvem bem mas são surdos. Cada condutor é um condutor, não se pode comparar.

I: Temos um bloco de perguntas sobre si: Qual o seu nível de escolaridade?

CTB: Tenho formação superior em Economia.

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

CTB: Desde 1989.

I: Tem realizado formação de atualização/reciclagem?

CTB Somos obrigados. É uma coisa de lei. Até porque a lei é opaca, tem que ser aquilo, não há liberdade. Posso fazer formações noutras áreas e não servem. Aquilo que se chama atualização, fazemos todos os dias, quando sai uma nova lei, a gente tem que a ver, tem que se adaptar. Mas temos que interpretar... e é um problema, porque pode ser interpretadas de diferentes maneiras. E há coisas muito ambíguas e depois cada um aplica à sua maneira. Não é fácil. Como por exemplo conduzir bem. É uma coisa que leva a muitas discussões. O que é? Primeiro é cumprir a lei e respeitar os outros utentes e isso é uma coisa que não se faz. Não se cumpre nem se respeita. Por isso, toda a gente conduz mal. É uma leitura que a gente faz.

Se não cumprem e não respeitam, conduzem mal. Agora se são capazes de fazer peões, cavalinhos e andam no rally isso pois são habilidades que nem toda a gente tem. Mas isso não é conduzir bem. O conceito de conduzir bem não é igual para toda a gente.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

CTB: Todas. Sou Proprietário, instrutor, diretor e administrativo.

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

CTB: Aqui, desde 2005.

I: Teve alguma formação específica para ensinar pessoas com deficiência?

CTB: Não, nunca tive e penso que o mercado é reduzido. É uma cidade pequena, não existem muitas pessoas surdas. Eu pessoalmente conheço muito pouca gente surda.

I: Pode-me falar um pouco da história desta Escola de Condução? Há quantos anos existe?

CTB: Esta existe 1998 mas eu só estou desde 2005.

I: Qual o número total de alunos até ao momento?

CTB: Aproximadamente 3.000.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola?

CTB: Aqui nesta escola, com esta deficiência apenas um.

I: Sabe se há algum aluno surdo a tirar a carta neste momento?

CTB Não, há um que ficou de se inscrever mas ainda não está inscrito.

I: Tem conhecimento da relação da taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

CTB: Só com esta percentagem, é difícil comparar. Tenho tido muita gente deficiente (motor) mas com esta deficiência auditiva são muito poucos.

I: Muito Obrigada pela sua participação. Tem algum aspecto que gostaria de referir? Ou uma sugestão a fazer?

CTB: Se este trabalho tem como objetivo potencializar ou desenvolver para este tipo de gente, penso que só as próprias associações é que se podem mexer no sentido de fazer isso.

I: Se calhar não é o caso, uma vez que tem pouca procura...

CTB: Tenho agora, no futuro, a gente não sabe.

I: Se tivesse formação, consideraria útil?

CTB: A gente está sempre disposto a aprender, mas aquilo é uma matéria muito difícil. Pelo menos no início é tudo muito engraçado, mas depois é preciso um esforço. Não acredito que seja fácil. Acho que todo o dinheiro gasto nisso seria mal empregue porque eu nunca serei um intérprete. Isto do ponto de vista de cidadania: qualquer

cidadão deveria ter formação em língua gestual, pois pode-lhe aparecer um surdo e... para o poder ajudar. Tinha que se facultar algum material. Mas agora, eu pelo menos, não vejo as coisas assim, não vamos parar a economia... agora toda a gente deixa de trabalhar para ajudar esta gente.

I: Mas também temos o bom senso...

CTB: Sim mas não chega, tem de ser feito por profissionais. As outras coisas, a gente ajuda, quando pode e quer. Quando se quer, encontra-se sempre maneira de ajudar. Agora, quando estamos a falar de vias profissionais...ou o individuo é instrutor e interprete ou se contrata alguém, não é? Cada um é profissional na sua área e hoje cada vez. O caminho é a especialização. Por isso eu estar a tentar fazer uma coisa dessas é utópico. Tudo caminha no sentido inverso. Quem é especialista naquilo é que tem que fazer aquilo.

É muito subjetivo. Eu sou apologista que deveria ser feita por profissionais, com competências para isso.

Para se fazer um bom trabalho, um trabalho bem feito, com surdos deveria ser com profissionais. O trabalho em parceria seria o ideal. Não vejo outra alternativa.

I:Obrigada mais uma vez. Depois disponibilizarei a entrevista e os resultados.

Apêndice 9 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – CBR1

Entrevistado – instrutor da parte Teórica: CBR1

Duração: 00:20:43

Entrevistadora: Investigadora (I)

Local: Coimbra

Data: 11/02/2015

Meio da Entrevista: Presencial

Investigadora (I): Bom dia, primeiro que tudo gostaria de perguntar se aceitava que gravasse a entrevista de modo a registar os dados mais facilmente?

Entrevistado (CBR1) : Bom dia. Sim, sim.

I: Gostaria de saber mais alguma coisa sobre este estudo?

CBR1: Não, já percebi.

I: As primeiras perguntas serão sobre si, como entrevistado. Qual o seu nível de escolaridade?

CBR1: 12ºano.

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

CBR1: Já estou a dar instrução, há cerca de 25/26 anos.

I: E tem em realizado formação de atualização e de reciclagem?

CBR1: É mesmo uma questão obrigatória, na nossa atividade. De 5 em 5 anos, para validar a respetiva licença de instrutor fazer uma mesmo uma formação. Senão, não se pode exercer a profissão.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

CBR1: Neste momento, estou a dar as aulas teóricas.

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

CBR1: Nesta escola, há cerca de 25/26 anos. Desde que comecei a dar aulas.

I: Teve alguma formação específica para ensinar pessoas com deficiência, na formação de base ou outras?

CBR1: Não temos. Tentamos acompanhar na medida do possível. Mas depois também depende daquelas pessoas, se têm mais dificuldades ou não. Se não, há um intérprete que o pode acompanhar, precisamente.

O candidato pode ter um intérprete que o pode acompanhar quer durante as aulas teóricas, quer inclusive o exame de código.

I: A escola tem tido experiência, nesse sentido?

CBR1: Têm vindo intérprete para acompanhar esses candidatos. Há outros candidatos que preferem não ter intérprete porque eles percebem bem. Percebem perfeitamente bem, fazem leitura labial e então não querem o intérprete. Fica ao critério do próprio candidato, se quer o intérprete ou não. Pomos logo essa hipótese. Se eles nos entendem perfeitamente, são os primeiros a dizer que não querem intérprete. Eles conseguem levar a coisa a bom porto, sem o intérprete. Há outros que logo de início requerem o intérprete que faz sempre o acompanhamento até ao próprio exame.

I: O que mais gosta na sua profissão?

CBR1: Dar as aulas de código. Sem dúvida nenhuma.

I: E considera o relacionamento/empatia que cria com os alunos como essencial para o ensino de condução?

CBR1: É sim. A relação que se estabelece com o candidato é sempre muito importante, até por uma questão de motivação, também.

Tem de haver uma relação, quase de amizade entre nós e os próprios candidatos. Tornamo-nos mais amigos, do que a pessoa que está a ensinar e o outro a aprender.

Acabamos por ser mais uns amigos. Há espaço para trocar algumas ideias, para além do próprio código, em si. É muito importante a relação, de amizade, de compreensão que se tem que se estabelecer uns com os outros, para que a aprendizagem tenha sucesso.

I: Sobre a Escola de Condução: Há quantos anos existe?

CBR1: 20 e tal anos.

I: Qual o número total de alunos até ao momento?

CBR1: Isso é difícil, dizer um número exato não sei. Mas são muitos, mesmo muitos.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola?

CBR1: À vontade, mais de 100. À volta disso, ao longo destes anos. À volta de 100, mais ou menos, não posso precisar o número, mas é à volta disso.

I: Neste momento não há nenhum aluno surdo a tirar a carta?

CBR1: Neste momento temos aqui dois candidatos: um a tirar mota, outro ligeiros.

I: Acha que pode haver uma relação entre a taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

CBR1: Não. É uma questão também de empenho do próprio candidato e do seu interesse e não pela dificuldade. Já tive candidatos com essa deficiência que tinham um nível de aprendizagem muito maior do que aqueles que tinham uma situação normal. Até porque o nível de concentração é maior nesses indivíduos. Os outros são um bocadinho mais baldas como se costuma dizer e eles não. Para mim, não está relacionada a deficiência e o sucesso da aprendizagem. Tem mais a ver com o empenho e o interesse do próprio candidato em si. O mesmo acontece com as pessoas que não têm essa deficiência.

Se se empenharem, terão muito mais sucesso do que aqueles que não se empenham. Não vejo diferença nenhuma, nem normalmente se estabelece diferença entre os candidatos surdos e os ouvintes precisamente porque sabemos que eles têm condições de aprendizagem iguais ou maiores que os outros.

Eu noto que a concentração é muito maior e o empenho acaba por ser maior. Se calhar até mesmo para mostrar que não é por serem assim, que deixam de ser bons condutores.

I: E dentro mesmo da sala de aula teórica, como se processa a comunicação entre o instrutor e os alunos surdos?’

CBR1:Eu tento olhar sempre para eles, no momento em que eu explico qualquer coisa, que é para eles conseguirem ler os lábios. Ou então tento falar um bocado mais devagar do que o normal. Se não tiver ninguém com essa deficiência na sala, se calhar falo um bocadinho mais rápido.

Se estiver com essas pessoas falo mais pausadamente de modo a que consigam compreender.

I: Quando não está o intérprete, não é?

CBR1:Exato, quando não há interprete. Quando há, o intérprete vai logo traduzindo precisamente aquilo que eu vou dizendo. Através de esquemas ou desenhos no quadro, ou até mesmo projeção de imagem. Ou então, através de imagens no quadro, para que eles consigam compreender o que eu estou a dizer. Como sabe, por vezes, uma imagem vale mais do que mil palavras, não é? Então, depois tento complementar aquilo que eu disse, através de imagens projetadas no ecrã ou através de esquemas que eu faço no quadro.

I: Ia perguntar se achava que os materiais disponíveis eram suficientes?

CBR1: Sim, são! Nós temos já componentes visuais, temos os projetores com programas multimédia. A informação é escrita e visual. Quando não é possível transferir para imagem, como por exemplo, a questão do álcool e os seus efeitos

psicológicos...é difícil.... e nesses casos uso a escrita ou esquemazinhos. Para que consigam visualizar aquilo que vamos dizendo que acaba por ajudar precisamente em algumas situações.

I: Acha que existe algum tipo de dificuldade na comunicação?

CBR1: Eu suponho que quando eles nos percebem, a comunicação estabelece-se bem. Pode haver um caso ou outro, que também já aconteceu, praticamente é impossível mesmo perceber o que eles dizem e eles também não nos entendem. Alguns nem tem essa facilidade de ler nos lábios, ou não conseguem ler tão rápido como outros e então aí o interprete é fundamental. Agora, quando nos percebemos bem como acontece com os que agora estão a tirar a carta, não é necessário o intérprete e a comunicação percebe-se muito bem.

A maioria consegue perceber-se bem. Têm aparelho e é fácil, percebê-los. Nunca houve uma barreira de comunicação. Quando acontece, recorre-se à escrita.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança?

CBR1: Não. A audição é uma componente importante na condução automóvel, mesmo porque há determinadas coisas que só chegamos através do som. O caso da buzina, chamando a atenção de uma situação perigosa. Se não ouvimos, a situação pode acontecer, não é?

Mas não é suficiente para determinarmos que causa insegurança ou torna mais inseguro a falta ou diminuição da audição. A visão é o mais importante e os surdos têm uma visão mais desenvolvida até para compensar a deficiência da audição.

Então, aí não vejo que se se pode fazer uma confirmação do tipo: "oh, por ter essa deficiência aumenta a segurança". Para mim, isso não. Compensa a audição noutras coisas mais importantes na condução automóvel, que é o caso da visão.

De certeza que até são condutores mais atentos. Têm a consciência das dificuldades, e então tem uma atenção muito maior. Tem muito mais noção das coisas. Os condutores ditos normais estão mais atentos a outras coisas menos importantes à condução.

Na minha opinião pessoal, não vejo uma relação direta entre a questão da falta de audição e a segurança. Tudo depende do próprio indivíduo em si, maneira de ser e de estar e depois há outros fatores para a segurança, para além dos sentidos. Muita coisa para além dos sentidos.

A nossa condução depende um bocadinho de nós. Há pessoas que têm as faculdades todas, mas a personalidade de cada pessoa pode causar mais insegurança.

I: Tem conhecimento se existem muitos alunos a solicitarem a interpretação do exame de código em Língua Gestual Portuguesa?

CBR1: Aqui na nossa escola, apenas uns 10, 20 solicitaram. Todos os outros, foi sem intérprete e com sucesso.

I: Muito Obrigada. Há mais algum aspeto que gostaria de referir, também sobre a sua experiência com alunos surdos?

CBR1: É gratificante. É diferente lidar com eles do que com os outros. Requer uma atenção diferente e depois individualmente existe um carinho diferente. Não é por pena, mas é aquele carinho que se estabelece com a pessoa. Não é pela deficiência mas é um elo de ligação mais íntima, uma ligação mais profunda entre nós. Ligamo-nos muito mais. Tem tendência a ligarem-se mais. Os outros são mais desprendidos. Temos uma ternura maior, porque há mais feedback. É recíproco. E eu gosto de lidar com os alunos surdos. É gratificante.

Tenho pena de não ter conhecimento de língua gestual. Ajudava muito se tivéssemos formação nesse sentido. Não havia necessidade do intérprete.

Não temos qualquer formação. Seria sempre uma mais-valia se nós entendêssemos a língua gestual. Se tivéssemos esse conhecimento sairíamos todos a ganhar. Mas há sempre a possibilidade de ter o intérprete na aula e no exame, ao lado do aluno. Daqui

a uns anos, podem introduzir a componente, da língua gestual na formação dos instrutores.

I: Muito obrigada pela sua colaboração. Depois posso disponibilizar a entrevista e depois mais tarde os resultados do estudo.

CBR1: Já agora, se fiz o favor. Muito Obrigada.

Apêndice 10 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – CBR2

Entrevistado- instrutor da parte prática: CBR2

Duração: 00:11:00

Entrevistadora: Investigadora (I)

Local: Coimbra

Data: 11/02/2015

Meio da Entrevista: Presencial

I: Bom dia, primeiro que tudo gostaria de perguntar se aceitava que gravasse a entrevista de modo a registar os dados mais facilmente?

CBR2: Sim.

I: Gostaria de saber mais alguma coisa sobre este estudo?

CBR2: Não.

I: As primeiras perguntas serão sobre si, como entrevistado: Qual o seu nível de escolaridade?

CBR2: 12ºano.

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

CBR2: À cerca de 4 anos.

I: E tem em realizado formação de atualização e de reciclagem?

CBR2: Ainda não. A licença vai caducar em junho, só então terei de fazer.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

CBR2: Dou aulas de condução e trabalho na secretaria da escola.

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

CBR2: Desde 1997.

I: Teve alguma formação específica para ensinar pessoas com deficiência, na formação de base ou outras?

CBR2: Não, nunca tive.

I: O que mais gosta na sua profissão?

CBR2: Gosto de ensinar, na condução. Código não me atrai mas gosto de ensinar na parte prática. Gosto de ver e ajudar na progressão dos alunos.

I: E considera o relacionamento/empatia que tem com os alunos como essencial para o ensino de condução?

CBR2: Sim, sem dúvida.

I: Neste momento não há nenhum aluno surdo a tirar a carta?

CBR2: Completamente surdo não. Há com dificuldades auditivas, usam aparelho.

I: Entrevistadora: Acha que pode haver uma relação entre a taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

CBR2: É difícil fazer uma relação, porque é uma diferença tão grande de números. Não tenho muito para dizer em relação a isso.

I: Como se processa a comunicação entre o instrutor e os alunos surdos? nas aulas práticas?

CBR2: Usando os gestos: virar à direita ou à esquerda. Através do gesto, consegue fazer-se entender. Falar um pouco mais alto, mais direcionado ao aluno. Ele também vai fazendo um esforço para tentar captar. Vou tentando perceber se ele entendeu ou não.

Quando o carro está parado para fazer uma manobra, tentar explicar alguma coisa que ficou por perceber. Tentar fazer uma adaptação à situação.

I: Acha que existe algum tipo de dificuldade na comunicação?

CBR2: Claro que existem. A fala é extremamente importante. Para quem não ouve, nós temos que estar a dar orientação. Se não ouve e não percebe o que estamos a dizer é complicado.

Demora muito mais tempo a chegar ao objetivo.

I: Sendo a audição um elemento importante na condução, como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo e o ambiente que o rodeia?

CBR2: A audição é muito importante na condução. Saber quando se tem que mudar uma mudança é extremamente mais complicado, quando não se ouve.

Tem que se explicar ao aluno pela própria velocidade: a gente não pode ir a 60km em 1ª . à medida que imprimimos velocidade ao carro temos que ir passando a mudança.

O carro também tem conta rotações e conta rotações não pode ir para o vermelho. Portanto, ali nas 3000 rotações passar à mudança seguinte. Mesmo não ouvindo totalmente, mesmo com os alunos que ouvem, pode dizer-se que dentro de uma determinada velocidade, pode andar-se dentro de determinadas mudanças, no geral. Há que procurar outras situações que os permitam perceber. Ouvindo alguma coisa, dá sempre uma ajuda.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança?

CBR2: Sim. A visão é muito importante na condução. A audição também é mas não chega aos calcanhares da visão. Mas há situações, ouvindo buzinas, em cruzamentos ou entroncamentos de pouca visibilidade, o som é importante. Às vezes abro o vidro do carro, para o aluno ouvir de onde vem o som. Um aluno que não oiça, não considerar sentir essa aproximação, pois é um som muito ténue. Aí, tem de usar mais a visão. Não tendo a audição, desenvolve mais outros sentidos. Tenta compensar por aí. Mas tem uma desvantagem em relação a não conseguir ouvir.

I: Estamos a terminar. Como caracteriza a sua experiência?

CBR2: Não tem sido difícil. Uma pessoa adapta-se à situação. É importante é perceber logo que a pessoa tem deficiência auditiva e tentar fazer uma coisa diferente. Tentar perceber sempre se ela está a conseguir acompanhar.

Nós, seres humanos, conseguimos adaptarmo-nos facilmente às situações. Falar mais pausadamente, um pouco mais alto. Evitar que ela se vire, quando nós falamos. A tendência é virar-se, para ler nos lábios. Tentar explicar quando estamos parados, que é mais fácil.

I: Tem recorrido também à caneta e ao papel?

CBR2: Isso com qualquer um. Muitas vezes faço um desenho, para compreenderem melhor.

Ando sempre com uma folha para fazer esquemas.

I: No que respeita a restrições...

CBR2: Tem velocidade limitada para além dos aparelhos, que usa.

I: Muito Obrigada pela sua colaboração.

CBR2: De nada. Espero ter ajudado.

Apêndice 11 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – EVR

Entrevistado: EVR

Entrevistadora: Investigadora (I)

Local: Évora

Data: 02/02/2015

Duração: 00:25:06

Meio da Entrevista: Presencial

Investigadora (I): Boa tarde, depois de já ter explicado os objetivos do estudo, aceita que grave a entrevista de forma a registar os dados mais facilmente?

Entrevistado (**EVR**): Sim, sim.

I: Deseja saber mais alguma coisa sobre este estudo? Tem alguma questão que queira ver esclarecida?

EVR: Não. Pode começar.

I: Então, a primeira parte é sobre si. Qual o seu nível de escolaridade?

EVR: 12ºano.

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

EVR: Desde os 20 anos. Há 23 anos.

I: E tem em realizado formação de atualização e de reciclagem?

EVR: Tenho. Somos obrigados a fazer atualizações de instrutores de 5 em 5 anos. Dos quais, até sou formador. Dou formação nesses cursos de atualização de instrutores.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

EVR: Neste estabelecimento de ensino eu exerço todas as funções desde empregado da secretaria, instrutor, diretor.

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

EVR: Nesta escola, há 10 anos. Antes trabalhava na escola de condução dos meus pais, em Sousel, na escola de condução de Fronteira.

I: Teve alguma formação específica durante o curso de formação base ou nas formações de atualização para ensinar pessoas com deficiência?

EVR: Não. Sabe que o curso de instrutor é muito específico e como é que hei-de explicar, a parte da psicopedagogia é um bocado pobre. Tem a ver com a experiência do instrutor no dia-a-dia. Assim é que vai enriquecendo. A formação inicial fica assim um bocado aquém do que realmente faz falta no dia-a-dia. Não apenas no caso de instruendos com dificuldades auditivas mas para os outros sem dificuldades. A experiência é que vai colmatar todas essas deficiências.

I: E o que mais gosta na sua profissão?

EVR: O que mais gosto da minha profissão é receber dinheiro. Não, estou a brincar... é dar instrução, na prática, é gratificante.

I: Considera o relacionamento/empatia com os alunos como essencial para o ensino de condução?

EVR: Sim é muito importante. Senão, não podíamos tirar proveito do candidato a condução, se não o pusermos à vontade para que ela possa experimentar o automóvel.

Certamente já tem a carta de condução e muitas vezes lembra-se, quando vai a conduzir das frases que o instrutor disse. A figura de um instrutor fica sempre presente porque quase sempre só se tem um.

Nas escolas em que há mais que um instrutor, há-de haver um que se destaca: ou deu mais aulas ou é mais simpático...

I: Pode falar um pouco sobre a Escola de Condução, já disse que existe há 10 anos. Qual o número total de alunos até ao momento?

EVR: 464. É uma escola pequena.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola?

EVR: Um aluno, um senhor que era surdo-mudo e tirou a carta com êxito. Ficou bem da primeira vez no exame de código e à primeira, na condução.

I: Tem conhecimento da relação da taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

EVR: Há-de ser muito difícil. Aqui tivemos sucesso, mas não quer dizer que noutras escolas que tenham tido piores resultados. Foi trabalhoso, mas conseguimos.

I: É dessa experiência que agora vamos falar mais aprofundadamente. Durante as aulas teóricas, como se processa a comunicação entre o instrutor e os alunos surdos? Que estratégias são utilizadas?

EVR: Durante as aulas teóricas, o aluno que tinha, percebia-se mal o que se dizia mas conseguia-se perceber. Não há dúvidas nenhuma, com alguma dificuldade e quando era coisas mais difíceis recorriamos a escrever num papel e com uma caneta.

Ele percebia-me a mim com muita facilidade através dos lábios, fazia leitura labial. Quando havia mais dificuldade, também recorriamos ao papel e à caneta.

Mas na teoria não fez falta. Onde fez realmente falta foi na prática, porque ele não podia, de forma alguma, ir a olhar para o instrutor e aí era mais difícil.

I: E no que respeita às dificuldades. Quais eram as mais dificuldades?

EVR: Sabe que derivado ao problema que têm da audição, a orientação também é um problema.

No cruzamento, perceber a ordem correta de passagem. Identificar se um veículo vem da direita ou da esquerda dele, na figura que lhe é apresentada, eles têm alguma dificuldade inicialmente. Mais tarde com a prática, a experiência superou.

Uma imagem apresentada de um cruzamento para saber a ordem correta de passagem, o aluno tinha dificuldade em orientar-se na figura qual era a esquerda do veículo.

Na parte prática é diferente, qualquer pessoa, mesmo com esse problema, consegue desenrascar-se nos cruzamentos. Na teoria, muitas vezes tem problemas em perceber como é que funciona.

I: Nas aulas práticas, que estratégias costumam utilizar?

EVR: Eu apercebi-me que era um aluno muito especial. Quando percebia, ficava percebido. Não era preciso, como muitos alunos, repetir e voltar a repetir. Era preciso era ele perceber bem.

O que fazia com que muitas das vezes, para fazer coisas novas, parasse o carro e tivesse que escrever no papel. Só depois é que arrancávamos, o que acabou por demorar mais tempo. Foi mais trabalhoso mas conseguiu-se.

I: E para lhe dar instruções, como fazer manobras?

EVR: Utilizava-se muito, a linguagem gestual. Havia muita cumplicidade entre mim e o aluno e usava-se bastante a linguagem gestual: encosta ali à direita e para. Para ao lado daquele carro.

A ordem era acompanhada por gestos. Ele não podia estar a olhar para o instrutor. Tinha que ser com gestos.

A ordem na instrução é quase sempre a mesma. Quando era para chamar a atenção de alguma coisa mais complexa, tinha que se recorrer ao papel: parar o carro e escrever.

I: E no que respeita ainda à alteração de mudança?

EVR: Sabe que nós para conduzirmos recebemos cerca de 80% da informação através da visão. 20 dessa informação vai chegar através dos outros órgãos do sentido, incluindo a audição.

Essa parte faz falta ouvir o barulho do motor...

I: Sendo a audição um elemento importante na condução como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo e o ambiente que o rodeia?

EVR: O veículo, ao meter as mudanças é muito fácil, através do conta-rotações. Ele próprio começou a conseguir aperceber-se até pela própria vibração do automóvel, ou seja, ele não ouve mas sente a vibração do automóvel... é muito importante.

Começou a associar o conta-rotações e a vibração e começou a conseguir aperceber-se do momento exato para realizar as mudanças.

O meio em redor, ele tinha a vantagem de não ser uma pessoa nova. Era um individuo com 50 e tal anos. Uma pessoa madura, cautelosa até da própria circulação da via publica como peão ele já sabia de muitos cuidados a ter, o que fazia com que também o ajudasse no carro.

Tive que o chamar a atenção de algumas situações que poderiam vir a acontecer mas ele era muito cauteloso, o que tornava tudo mais fácil.

Não sei se serão todos dessa forma, apenas tive um candidato.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança rodoviária?

EVR: É muito difícil nós estarmos a fazer essas conclusões assim precipitadas porque os condutores são todos diferentes, o que faz com que isto não seja uma implicação... a falta de audição implique na falta de segurança. Não há dúvida nenhuma que se uma pessoa tiver noção das limitações que tem e que conduza com cautela e com velocidade moderada, consegue conduzir em segurança.

I: Tem conhecimento se muitos alunos solicitam o intérprete de língua gestual para o exame teórico?

EVR: Não tenho informação. No caso que se passou comigo, o senhor fez exame com interprete de língua gestual. Na condução, falei com o coordenador do centro de exames, que tem formação específica em língua gestual e foi quem lhe fez o exame. O

exame correu maravilhosamente, os dois conversaram para ali que foi uma coisa séria, eu é que não os percebi. Mas durante a instrução nunca teve intérprete.

I: E no exame de condução?

EVR: Temos uma boa relação com os técnicos. E quem fez o exame foi o examinador que tinha formação em língua gestual.

I: E sente falta dessa formação?

EVR: No caso de haver muitos alunos, teria que me adaptar. Se me aparecesse outro, tentava desenrascar-me da mesma forma, sem fazer o curso. Se aparecessem muitos, teria que fazer.

I: Como definiria a sua experiência de ensinar alunos surdos?

EVR: Um instrutor de condução aprende sempre com os alunos. Foi uma experiência enriquecedora, não há dúvidas nenhuma, a maneira de comunicar é completamente diferente mas o instrutor aprende com todos. Tem que se adaptar à pessoa que leva ao lado embora o instrutor com alguma experiência vai identificando grupos de alunos, vai enquadrando nesses grupos. Há sempre pessoas que destoam, que criam grupos novos. O instrutor naturalmente vai associando esse aluno era com o x ou y. São grupos criados ao longo da experiência.

I: Há mais algum aspeto que gostaria de referir relativamente a esta temática?

EVR: Como sabe os sinais sonoros têm perdido cada vez mais o impacto que tinham. No primário código da estrada que tínhamos, de 1944 o condutor ao iniciar a marcha tinha que sinalizar com o sinal sonoro. Primeiro apitava e depois é que iniciava a marcha.

As pessoas não estavam habituadas aos automóveis. Estavam parados a conversar à frente do automóvel e nem se apercebiam que o carro tinha o motor a trabalhar e que ia arrancar.

Era obrigatório o condutor ter que utilizar o sinal sonoro para poder iniciar a marcha. No código da estrada que temos hoje, como sabe, os sinais sonoros, simplesmente no caso de perigo iminente. Não funcionam como prevenção.

Só para alertar. Antigamente, era para alertar, buzina-se, ou pouca visibilidade, em vez de reduzir a velocidade, mantinha a velocidade e buzina-se.

Os veículos prioritários vêm acompanhados de sinais luminosos, hoje em dia, com a tecnologia, com leds... Deviam dispensar os sinais sonoros que usam que se calhar é exagerado. O condutor vê os sinais sonoros perfeitamente. Só assusta.

I: Muito obrigada mais uma vez, pela sua colaboração. Há algum aspeto que gostaria de referir?

EVR: Não. Penso que falamos do mais importante. Tive uma aluna inscrita nesta escola mas não conseguiu acabar. Os problemas que têm não são bem ser surda-muda. Os pais também são surdos-mudos e tem uma dificuldade enorme em ler, interpretar e compreender o código como ele é apresentado. Se o intérprete alterar as perguntas...mas assim não consegue.

Muitas das perguntas que lá aparecem no exame, são difíceis de entender por pessoas ouvintes, quanto mais por pessoas com estas condições. Torna-se impossível.

Se houvesse um recurso há prova, já seria mais fácil. Porque o que estamos a avaliar não é os conhecimentos de português mas os conhecimentos do código da estrada.

Se o recurso fosse avaliar concretamente os conhecimentos do código e não de português da pessoa, se calhar, iria ajudar a resolver alguns casos.

I: Obrigada mais uma vez. No final, posso disponibilizar-lhe a entrevista e apresentar os resultados do estudo.

EVR: Muito Obrigada.

Apêndice 12 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – FAR

Entrevistado: FAR

Entrevistadora: Investigadora (I)

Local: Albufeira

Data: 27/03/2015

Duração: 00:21:30

Meio da Entrevista: Presencial

Investigadora (I): Boa tarde, antes de mais gostaria de agradecer a sua colaboração e a possibilidade de dar esta entrevista. Primeiro gostaria de perguntar se aceitava que gravasse a entrevista de modo a registar os dados mais facilmente.

Entrevistado (FAR): Claro, claro, claro.

I: Gostaria de saber mais alguma coisa sobre este estudo?

FAR: Não, já percebi que há intenção e há vontade na compreensão de alguma coisa e então estou disposto a ajudar.

I: Obrigada. Então, a primeira parte das perguntas é sobre si, como AL. Qual o seu nível de escolaridade?

FAR: Tenho o 12ºano.

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

FAR: Não sei, talvez mais de 25 anos.

I: E tem realizado formação de atualização e de reciclagem?

FAR: Sim, de 5 em 5 anos fazemos a atualização, não é? Também fiz uma formação CAP. Também sou formador.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

FAR: Sou gerente e instrutor da teoria, código e da prática, condução.

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

FAR: Neste, mais ou menos há 4 anos.

I: Teve alguma formação específica para ensinar pessoas com deficiência, na formação de base ou outras?

FAR: Não, nunca tive.

I: Não faz parte dos programas?

FAR: Não faz parte, não.

I: O que mais gosta na sua profissão?

FAR: De ensinar. Gosto muito da relação com o aluno... do resultado final. O resultado final é muito importante para um professor. Saber que um aluno, eu não considero os candidatos a condutores, candidatos. Considero-os alunos, porque o meu estabelecimento chama-se escola. Na escola há alunos e professores.

I: O termo que se usa...

FAR: Não é o mais correto. Sou católico, apostólico, romano, gosto muito dos jesuítas e esses homens incutiram-me no espírito a vontade de ensinar. E a vontade de ensinar, eu consigo transmiti-la em pouco tempo. Qualquer aluno comigo fica embasbacado.

I: Acredito. A pergunta seguinte vem nesse seguimento, considera o relacionamento/empatia com os alunos como essencial para o ensino de condução?

FAR: É a coisa mais importante. É a aproximação, principalmente com os mais jovens. Os mais jovens tentam estudar-nos. A primeira coisa que fazem é medir-nos de alto a baixo. Eu deixo-me medir e depois, a seguir, dou-me a conhecer. E eles gostam todos. Não houve nenhum que não gostasse. Também lhe digo que somos das escolas em albufeira, há cerca de 6 escolas, somos de longe a que tem mais alunos.

I: Também é mérito seu.

FAR: Claro, não sou meu mas da equipa que trabalha comigo. Começa na secretaria, que é uma pessoa que faz o chamado manual de acolhimento. E depois, o resto da equipa que está tudo a pensar no mesmo.

I: Isso é muito importante e depois os resultados veem-se. Sobre a Escola de Condução: Há quantos anos existe?

FAR: Esta escola de condução já existe há volta de 14 anos mas só é minha há volta de 3 anos e qualquer coisa.

I: Qual o número total de alunos até ao momento?

FAR: 360 alunos é o número atual.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola?

FAR: Já tive vários semi-surdos, com aparelho. Pessoas que ouviam bastante mal, mesmo com aparelho, mas já todos conduzem. Já todos têm carta de condução.

I: Neste momento não há nenhum aluno surdo a tirar a carta?

FAR: Neste momento não há.

I: Tem conhecimento da relação da taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

FAR: Têm um bocadinho mais dificuldade nas aulas teóricas mas adotámos o sistema: temos uma *pen* com um programa e os testes. Os alunos levam para casa a *pen* e desenrascam-se em casa. Quando há um aluno surdo na turma, eu tenho o cuidado de falar pausadamente e direcionado para ele.

I: O que iria perguntar a seguir era acerca da relação com os alunos surdos tanto nas aulas teóricas como práticas. Durante as aulas teóricas, como se processa a comunicação entre o instrutor e os alunos surdos?

FAR: Os alunos levantam a mão quando querem falar. Percebe-se quando um aluno tem uma dúvida sobre um assunto: tenho um projetor, projeta a imagem na tela, eles apontam para a imagem e eu explico. Ao princípio é um bocadinho complicado mas a pouco e pouco se o aluno vier assiduamente às aulas, entramos depressa no rodar da carruagem.

I: Que estratégias são utilizadas? Há instrutores com formação em língua gestual?

FAR: Não, mas nós usamos muito a linguagem gestual, mesmo com os alunos ditos normais, está a ver? O gesto da alavanca, encaminhar a mão para o pisca, mudança de direção, pôr as mãos no sítio do volante.

Quer dizer, nós utilizamos muito a linguagem gestual. Assinalar que um carro vem (brrr) mas o principal são as vibrações, sentir as vibrações.

I: Considera que as dificuldades são mais no início?

FAR: Sim, são mais no início.

I: Os alunos conseguem fazer leitura labial?

FAR: Conseguem, conseguem. Conseguem porque eu tenho o cuidado. Eu estudei nos Jesuítas e então tenho um bocadinho de conhecimentos a esse nível. Apesar de não ter nenhum curso, mas eu capto. Basta ver a maneira como uma pessoa está a olhar para mim, para ver se uma pessoa está a perceber ou não. Falo mais pausadamente, como já disse e um pouco mais alto.

I: E no que respeita às aulas práticas?

FAR: É muito importante a vibração e a repetição, a mecanização dos gestos. Como têm falta de ouvido, tem os outros sentidos mais afinadinhos.

Eu explico-lhe, às vezes tirando o meu sapato, não tem dificuldade nenhuma, que a grossura da sola do sapato influencia muito a captação da vibração do automóvel, do motor.

Eu gosto que os alunos surdos aprendam em carro com motor *diesel* pois vibra mais um bocadinho do que o motor de gasolina. Captam melhor as vibrações num motor *diesel*. O motor a gásóleo será o indicado a um surdo.

I: Pode, por favor, reforçar a utilização da linguagem gestual nas aulas práticas?

FAR: Eu faço com o braço (com o gesto para a direita) ou para a esquerda, para a mudança de direção. Ele vai sentado ao meu lado mas eu faço assim (um pouco mais à frente). A pessoa percebe perfeitamente.

I: E para as manobras?

FAR: Com as manobras é um bocadinho mais complicado. No princípio, eu ponho-me no lugar do aluno as vezes que forem precisas. Ele põe-se no meu lugar, coloca-se no meu banco e eu faço o que pretendo com gestos. É muito fácil ensinar a conduzir um surdo porque eu faço os mesmos gestos que faço com os outros alunos.

I: E se for necessário ainda recorre à escrita?

FAR: Pouco, pouco, pouco. Gosto mais de lidar com pessoas mais jovens e tenho muita gente jovem e gente, engraçado, que já andou em várias escolas em outros locais e vieram para aqui.

Mudaram-se para aqui e alguns até aprenderam a ler aqui. Tenho um caso de um aluno semi-surdo que andava a tentar tirar a carta há 9 anos, já tinha corrido várias escolas de condução inclusivamente foi lá para o norte.

Aqui, adotou a estratégia que eu lhe disse que era: todos os dias nas aulas. À primeira vez chumbou no código mas à segunda passou. Na condução foi fácil, era uma pessoa muito sociável, tornou-se meu amigo e foi fácil.

Foi fácil, porque captou bem e já me conhecia das aulas de código e também já tínhamos confiança.

I: Sendo a audição um elemento importante na condução, como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo e o ambiente que o rodeia?

FAR: O pior é a saída das garagens. A saída das garagens e locais de má visibilidade. Nos locais de má visibilidade, reduzir a velocidade devagarinho, entrar com calma e olhar para todos os lados.

Por exemplo, se for um camião, ou se for um trator agrícola, a gente para, porque a gente sente-o. Faz tremer o chão. O camião treme o chão. A gente sente-o chegar. Mas é mais difícil em termos de saída de uma garagem ou de um local de visibilidade reduzida.

Os alunos surdos vão sempre muito mais atentos.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança?

FAR: Na estrada não. Nas localidades vejo algumas diferenças sim. Dentro das localidades, há maior intensidade de trânsito e é um bocadinho mais complicado. Mas eu sou a favor de que toda a gente deve ter carta d condução.

A educação e a formação é o mais importante. Havendo educação e formação, as pessoas devidamente formadas não vejo grandes diferenças, apesar de saber que as há. Mas nunca lhes digo que as há.

Há um ponto, para além da grossura dos sapatos que é o treino da visão periférica. A visão periférica tem de ser muito bem treinada, porque eles não têm ouvido, têm que utilizar mais a visão periférica.

O campo visual deles é a primeira coisa que eu começo a treinar no código. Meter a mudança, através da visão periférica, ver se vem alguém dos lados, tem que se treinar.

I: Tem conhecimento se existem muitos alunos a solicitarem a interpretação do exame de código em Língua Gestual Portuguesa?

FAR: Não tenho grandes conhecimentos disso. Fizeram sem intérprete. O exame de código é escrito. Os que eu tive não tiveram necessidade de recorrer.

I: Para terminar, como definiria a sua experiência de ensinar alunos surdos?

FAR: Realmente, considero como quase normal. Ensinei quase da mesma maneira, apenas não ouvia sons. Havia vibrações. E eu gosto muito do sossego e não me importo de dar aulas a alunos surdos.

Comunica-se de outra maneira, há tanta maneira de comunicar...até o olhar. Não tenho problemas em ensinar alunos surdos.

I: Quero agradecer mais uma vez a sua disponibilidade.

FAR: Sempre às ordens, quando quiser. A Escola de Condução está ao dispor para qualquer coisa sempre a favor do ensino. Um dos nossos lemas é: Escola para todos.

I: O facto de ter alunos de outras nacionalidades como já disse, é reflexo disso.

FAR: É engraçado como na mesma sala juntamos católicos, apóstólicos romanos, protestantes, hindus, muçulmanos, tudo na mesma turma. E estamos de acordo, que vêm para aprender. A comunicação é bastante divertida.

I: Muito obrigada. No final, posso apresentar-lhe os resultados do estudo e esta entrevista,

FAR: Está bem. Obrigado.

I: Eu é que agradeço.

APÊNDICE 13 - Transcrição da entrevista – GRD

Entrevistado: GRD

Entrevistadora: Investigadora (I)

Local: Guarda

Data: 14/02/2015

Duração: 00:25:10

Meio da Entrevista: Presencial

Investigadora **(I)**: Boa tarde, primeiro que tudo gostaria de agradecer a sua participação neste projeto e perguntar se aceitava que gravasse a entrevista de forma a registar os dados mais facilmente?

Entrevistado **(GRD)**: Certo.

I: Deseja saber mais alguma coisa sobre este estudo? Tem alguma questão que queira ver esclarecida?

GRD: Já me disse que era sobre os alunos surdos. Estou pronta para colaborar.

I: Comecemos então com um conjunto de perguntas sobre si. Qual o seu nível de escolaridade?

GRD: 12ºano.

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

GRD: Há uns 20 e tal anos.

I: E o que mais gosta na sua profissão?

GRD: No geral gosto de tudo o que faço. Sinceramente gosto de tudo, tendo em conta que se nós aplicarmos as técnicas com as quais nós aprendemos e que não são as suficientes, às vezes a experiência enquanto instrutores ao longo do tempo, vai-nos dar mais técnicas para percebermos até que ponto podemos ir, no sentido de perceber que efetivamente o instruendo assimilou toda a informação que a gente lhes deu. Essa

é a parte mais complicada e confesso que talvez pela idade, sinto alguma desmotivação. Não por parte daquilo que eu estou a fazer mas acho que o feedback do formando é um feedback muito desinteressado. Sobretudo, esta geração dos anos 90. Estou assustada com esta geração. Começa com o ano 1988 e depois é o descalabro total.

Nós como formadores temos que gastar o triplo ou quadruplo das energias e as vezes o resultado é para ser uma coisinha mínima.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

GRD: Estou ligada mais à parte administrativa.

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

GRD: Desde o início de formação da escola.

I: Tem realizado formação de atualização/reciclagem?

GRD: Sim, sim.

I: Teve alguma formação específica durante o curso de formação base ou nas formações de atualização para ensinar pessoas com deficiência?

GRD: Não. Eu só tinha era conhecimento através da função pública, onde também trabalho. Lidava com meninos que tinham certas dificuldades e que ia interpretando aquilo que eles diziam.

Não cheguei a fazer o curso mas ainda estive em algumas sessões algumas aulas de língua gestual para poder compreendê-los. Como era a escola pública e lá era o meu trabalho, aprendi a lidar com eles.

E daí, a escola de condução aceitar meninos com essas condições. Depois, todos aqueles surdos que tiraram a carta connosco todos eles trabalham comigo e estiveram desde o 7º ano ao 12ºano.

Como eu tinha escola de condução, e tinha uma senhora professora que também lidava com eles e ela disse-me que alguns tinham a intenção de tirar a carta de condução e como você já os conhece como alunos, poderíamos nos adaptar. “Eu vou às aulas de código. O instrutor fala e eu transmito em língua gestual aquilo que o senhor instrutor diz na aula”. Então, a parte teórica tem sido assim realizada. A senhora professora vem às horas conforme os alunos que vêm. Desloca-se à aula de código. Está de frente, juntamente comigo, virada para o aluno e aquilo que digo, ela transmite ao aluno

O aluno assim compreende e já são, neste momento, 6 cartas, a alunos nessas condições e agora presentemente, também temos 1 que está inscrito e ainda anda nas aulas de código.

I: E nas aulas de condução, que estratégias são utilizadas?

GRD: As aulas de condução foram comigo e com outro instrutor que já está habituado com eles, porque teve um grande amigo que é surdo-mudo. Entende-se muito bem com ele e como tal, como tem essa experiência pessoal, colaborou com estes meninos.

Eles têm uma certa tendência para fixar muito bem. Enquanto que os outros alunos, ao ensinar-lhe o ponto de embraiagem, tentam mas muitas vezes esquecem ou não ligam, a estes alunos, dizemos-lhes como se faz e não se esquecem.

Fixam muito mais do que os outros alunos. Têm muito mais vontade de aprender, por causa, se calhar, da deficiência que têm eles dedicam-se muito mais. São muito dedicados.

A gente diz-lhe: Olha para fazer o ponto de embraiagem, dá-se o sinal de ponto de embraiagem e fazem...são extraordinários...

Portanto, à segunda vez já não é preciso ensinar-lhes, eles fixam muito bem. Têm muita vontade. Eles dedicam-se muito mais. Enquanto, aos outros ensinamos duas, três vezes. Para eles basta duas vezes.

O ponto de embraiagem que é o que por vezes custa mais na condução... eles são brilhantes.

I: Sendo a audição um elemento importante na condução como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo e o ambiente que o rodeia?

GRD: Por sinais. Explico-lhe na primeira aula e eles lêem nos lábios e percebem o que se diz. Quando há dificuldades eles fazem sinal que não percebem.

Antes, tínhamos que explicar numa folha o que não percebiam. Agora é através do telemóvel. Escrevem se não perceberem e nós respondemos na mesma: esquerda, direita, era por gestos... mas quando era coisas mais complicadas...ele escreve no telemóvel que não percebe e transmitimos.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança rodoviária?

GRD: Não, porque eles são muito atentos. São muito atentos, muito muito. Muito mais concentrados. Eles acham-se inferiores, então é uma dedicação extraordinária...

I: Sente que há dificuldades de comunicação?

GRD: Não. Se há alguma coisa mais complicada, pedimos à interprete e ela traduz e vice-versa.

I: Tem conhecimento se existem muitos alunos a solicitarem a interpretação do exame de código em Língua Gestual Portuguesa?

GRD: Sim. Pedem e vão com interprete daqui, a senhora professora deles. Houve uma menina que a irmã dela também tinha o curso e foi com ela a exame.

I: Sobre a História da Escola de Condução. Há quantos anos existe?

GRD: Desde 2000.

I: E sabe o número total de alunos?

GRD: São muitos.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta aqui na escola?

GRD: Seis e neste momento, um.

I: Considera que pode haver relação entre a taxa de aprovação de alunos surdos e ouvintes?

GRD: É um pouco complicado porque são menos. Eles têm é que ser acompanhados pelo intérprete. Na condução, antes de iniciar o instrutor explica ao examinador como há-de comunicar com ele.

I: Considera o relacionamento/empatia com os alunos como essencial para o ensino de condução?

GRD: A relação com eles é que faz tudo. Eu não tenho uma relação de aluno, tenho uma relação de amigos. Mas estes são amigos especiais. Podem contar comigo para o que precisarem...lá na escola. Eles já tem uma familiaridade comigo desde a escola.

I: O que mais gosta na sua profissão?

GRD: É de lidar com o público. Eu sempre estive ligada às pessoas. Eu sempre gostei muito de comunicar.

I: Como traduz a experiência em ensinar alunos surdos a conduzir?

GRD: Nos dias de hoje, os meninos normais são muito desleixados, não tem interesse. Perdem o interesse. Enquanto o surdo, dedica-se muito mais. São mais trabalhadores. Eles vêem as coisas com muita rapidez. Os reflexos deles são mais apurado e agora com os telemóveis... são excecionais para comunicarmos.

I: Muito obrigada pela colaboração.

GRD: Espero tê-la ajudado.

I: Sem dúvida. Obrigada.

APÊNDICE 14 - Transcrição da entrevista – LRA

Entrevistado: LRA

Entrevistadora: Investigadora (I)

Local: Leiria

Data: 30/01/2015

Duração: 00:30:10

Meio da Entrevista: Presencial

Investigadora **(I)** - Boa tarde, primeiro que tudo gostaria de perguntar se aceitava que gravasse a entrevista de forma a registar os dados mais facilmente?

Entrevistado **(LRA)** - Sim, sim.

I- Deseja saber mais alguma coisa sobre este estudo? Tem alguma questão que queira ver esclarecida?

LRA - Sim, qual o objetivo?

I - Este estudo faz parte da minha tese de mestrado e tem como objetivo perceber como se processa o ensino de condução a alunos surdos. Até que ponto as Escolas de Condução estão preparadas para receber os alunos com esta especificidade.

LRA - É apenas para efeitos do seu estudo, não é? Mas não quer dizer que não possa vir a ter efeitos práticos?

I- Seria o desejável, sim. Começamos com um conjunto de perguntas sobre si. Qual o seu nível de escolaridade?

LRA- 12ºano.

I -Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

LRA- Já desde 1988. Já são alguns dias.

I- E o que mais gosta na sua profissão?

LRA- No geral gosto de tudo o que faço. Sinceramente gosto de tudo, tendo em conta que se nós aplicarmos as técnicas com as quais nós aprendemos e que não são as suficientes, às vezes a experiência enquanto instrutores ao longo do tempo, vai-nos dar mais técnicas para percebermos ate que ponto podemos ir, no sentido de perceber que efetivamente o instruendo assimilou toda a informação que a gente lhes deu. Essa é a parte mais complicada e confesso que talvez pela idade, sinto alguma desmotivação. Não por parte daquilo que eu estou a fazer mas acho que o feedback do formando é um feedback muito desinteressado. Sobretudo, esta geração dos anos 90. Estou assustada com esta geração. Começa com o ano 1988 e depois é o descalabro total. Nós como formadores temos que gastar o triplo ou quadruplo das energias e as vezes o resultado é para ser uma coisinha mínima.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

LRA: Neste estabelecimento as funções é como sócio-gerente e instrutura (Teórica e prática)

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

LRA: Nesta escola, há 10 anos. Antes trabalhava na escola de condução dos meus pais, em Sousel, na escola de condução de Fronteira.

I: Tem realizado formação de atualização/reciclagem?

LRA: Sim, temos realizado quando é obrigatória. Sendo certo que esta profissão acho que não é vista, ainda aos olhos da nossa sociedade, como um bem para a sociedade pública. É visto o ensino escolar obrigatório e a formação para obter titulo de condução não é visto como tal, e infelizmente e cada vez menos.

Mesmo a nível do governo português, nós devíamos ter mais formação, mais e mais e mais. Nós temos aquela que é obrigatória, renovação da licença de instrutor. Claro que todas as outras que poderão eventualmente vir, elas crescem de custos financeiros. Para nos valorizarmos temos que empatar capital e depois também disponibilidade. A profissão de instrutor em termos de carga horária é excessiva, completamente.

I: Teve alguma formação específica durante o curso de formação base ou nas formações de atualização para ensinar pessoas com deficiência?

LRA: Não, mas gostava de ter tido. Esses casos são muito pontuais e quando me surgiu uma cliente, é claro que não lhe disse: "Vai-te embora". Eu preciso dessa cliente para financeiramente conseguir suportar a minha empresa. Vou ter que me desenrascar, encontrar uma forma de eu comunicar com ela e ela comigo. Foram duas experiências. Até eu já sabia algumas palavras: bom dia, os dias da semana. Mas já esqueci. Nessa altura, pensei na possibilidade de fazer uma formação em linguagem gestual.

Se me têm aparecido mais clientes, eu ia procurar uma forma de conseguir aprender linguagem gestual porque acho que é fundamental.

I: Considera o relacionamento/empatia com os alunos como essencial para o ensino de condução?

LRA: É mesmo muito...Se bem que eles não sabem muito bem fazer essa distinção entre aquela empatia que existe entre o instrutor e o candidato a condutor.

Começam por não conseguir distinguir as coisas, o que é amizade, o que é companheirismo, e trabalho.

Porque efetivamente nós somos instrutores mas somos formadores que estamos ali que temos que estar a dar as indicações de como é que eles têm que aprender.

Depois há aquela situação: é instrutor e tem que me dizer tudo. Eles não se esforçam e por vezes esquecem-se que o papel do instrutor é sempre ensinar, sempre ensinar e eles nunca põem na cabeça deles que eles também tem um papel fundamental que é assimilar.

E isso eles não têm...Não consigo perceber nem entender o porquê das situações mas não têm considerado que eles tem a parte deles a cumprir.

E depois disso, vem os familiares que ainda são mais complicados. O familiar entende porque o filho nunca ficou retido no seu percurso escolar, no ensino escolar obrigatório, claro que depois no ensino da condução também tem que ser um bom

aluno. Claro que o problema não é dele. E depois aí crescem os problemas e isso deixa-me assustada e triste.

I: Pode falar um pouco sobre a Escola de Condução...há quantos anos existe?

LRA: Desde 2001

I: Qual o número total de alunos até ao momento?

LRA: posso dar-lhe mais ou menos uma ideia...mais ou menos 1400 alunos.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola?

LRA: Aqui foram 2 alunos. Não existem alunos surdos neste momento.

I: Tem conhecimento da relação da taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

LRA: Ela pode haver da mesma maneira do que um que não seja surdo. Eles sabem ler. Têm a possibilidade de acompanhar o exame, um interprete. A taxa é idêntica.

Na prática, é diferente, porque os alunos com que eu trabalhei eram senhoras com trinta e tais anos. A dificuldade também é maior em termos de aprendizagem...está associada à idade.

E depois vem o fator económico, porque para haver uma aprendizagem, adequada a esse tipo de pessoas é preciso lecionar mais aulas, dar-lhe mais aulas de condução e aí eles vão ter que comprar. Para ter que comprar essas aulas, efetivamente precisam de dinheiro.

Pronto, aí está sempre o fator financeiro a ajustar a essa dificuldade porque acaba por ser uma situação relacionada com a outra.

I: Na relação específica com os alunos surdos, como se processa a comunicação entre o instrutor e os alunos surdos durante as aulas teóricas? Que estratégias são utilizadas?

LRA: Eu acho que é até muito idêntico com um outro aluno que não é surdo e eu volto a frisar: primeiro porque eles lêem e a informação é muito visual.

Ainda que eu tenha algumas dúvidas e eles não conseguiam perceber e eu ía pelo método do desenho quer no quadro, quer na folha. Fazia desenhos para perceberem e mesmo assim as vezes diziam-me que não percebiam. Então eu tentava procurar mesmo com carrinhos pequenos, que eu tenho ali, fazer a situação real para elas perceberem o que poderia efetivamente acontecer ou não: se houvesse um incumprimento ou se tivessem que cumprir o código da estrada. Penso que elas conseguiram perceber e eu consegui passar a mensagem tanto que nem uma nem outra no exame de código tiveram dificuldades.

I: Por falar em dificuldades, quais são as mais evidentes?

LRA: Exactamente na própria linguagem gestual. Elas tiveram aulas de linguagem gestual e aí havia esse problema, de eu não ter o conhecimento linguístico para poder falar com elas. Aí o problema era meu e não delas.

Como formadora, senti para além de ter conseguido ultrapassar essa barreira, se eu tivesse conhecimento da linguagem gestual seria muito mais fácil. Aí o problema foi meu e o esforço também.

Eu queria ficar com a certeza que aquilo que explicava, eles ficavam a perceber.

I: E no que respeita às aulas práticas?

LRA: Foram fascinantes as aulas práticas. Eu pensei logo, achava, achava não, tinha a certeza que na falta de um dos sentidos, os outros estarão certamente, muito mais apurados.

Partindo desse pressuposto eu só lhe dizia que veículo tinha mudanças. Fiz--lhe o desenho: tinha lá a alavanca da caixa de velocidades e que sabiam que aquilo havia que passar. Mas elas não sabiam quando é que havia de mudar.

Aí é que está o problema. E eu tinha-lhes que dizer que ela tinha que sentir e ela fez-me (gesto positivo) que sim, que estava a sentir. E a partir daí, elas sentiam aquela

trepidação do volante, que nós nem pensamos o quanto importante é para elas. Foi através daí. Uma teve mais dificuldade que a outra e uma foi através daí e não precisei de mais nada. Com a outra foi mais complicado e como vi que era mais complicado, achei que tinha que procurar outro sistema.

Mas também fiquei com um certo receio de lhe transmitir, o outro sistema, e isso iria implicar que ela não tivesse tanto cuidado com a trajetória do veículo na via.

E era dizer-lhe, orientá-la, pelo ponteiro das rotações do motor. Mas ela para fazer isso, como a experiência era muito pouca, ela fixava-se demasiado tempo a olhar para o ponteiro e esquecia-se da trajetória do veículo. E fiquei com um certo receio nesse sentido. Com essa teve que ser mesmo assim: o ela sentir, ela não conseguia. Tinha mais idade e eu tive que adoptar outro sistema. Ela já associava o ponteiro para o sentido do volante e ali ela já começou associar, um pouco mais tarde, mas conseguiu fazê-lo. A outra não, foi só com o sentir da trepidação do volante. Tanto que ela um dia disse-me assim: “Diz-me onde está a buzina”. “Sabes onde é que ela está, não sabes?” E ela disse-me que não. Fiz-lhe sinal e ela disse (com o gesto positivo). Tinha sentido muito bem a buzina. Impressionante. O ponto de embraiagem aprenderam muito bem.

I: E para lhe indicar a mudança de direção ou as manobras?

LRA: Aí tinha que gesticular bastante bem. Porque ao olhar para mim podia alterar a trajetória do veículo e eu então tinha que fazer bem os sinais para que me percebam perfeitamente. Chegava-me ligeiramente mais para a esquerda e indicava: direita ou esquerda.

Quando havia alguma dúvida ou quando não eu percebia que elas não estavam a perceber nada, eu encostava o veículo à berma sempre quanto possível para poder fazer a explicação ou gestual ou através do desenho. E elas aí entendiam, percebiam.

I: O papel e a caneta ainda são muito utilizados?

LRA: É o que melhor transmite. Senti a necessidade, pois não tinha outro método. Lá está, a tal falta do meu conhecimento em língua gestual ...

I: Não recorrem a nenhum intérprete de língua gestual?

LRA - Agora é que me estou a lembrar. Inicialmente, para uma delas, veio um. Entretanto ela deixou. Porquê? Esse interprete não veio a custo zero e implicava mais custos para ela. Tinha que pagar a carta de condução dela e mais as deslocações do intérprete e estar aqui com ele. ainda cá esteve um sábado ou dois. E depois ela acabou por desistir. Mas depois conseguiu esforçar-se mais e conseguiu sem ele.

I: E recorrem à leitura labial?

LRA: Creio que não.

I: Sendo a audição um elemento importante na condução como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo e o ambiente que o rodeia?

LRA: Através do volante e da conta-rotações como já disse.

Os surdos têm outro poder de observação que nós não temos. Então esta geração dos anos 90 não tem. As alunas surdas olhavam constantemente ao espelho. Por exemplo, nós ouvimos um veículo prioritário. É verdade, antes de o vermos, mas esses próprios veículos equipados como estão, elas observando continuamente os espelhos. Elas olhavam muito mais ao espelho do que qualquer jovem de agora. isso iria colmatar a tal falta de audição.

Mas tem um poder de observação muito superior...que os outros não têm.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança rodoviária?

LRA: Não. Porque têm o sentido de observação muito mais evoluído do que eu até. Eu acredito que esteja.

I: Tem conhecimento se existem muitos alunos a solicitarem a interpretação do exame de código em Língua Gestual Portuguesa?

LRA: Pediram o interprete para a hora do exame.

I: Para finalizar, queria agradecer muito a sua colaboração. Há mais algum aspeto relativamente a esta temática?

LRA: A nível condução, o ensino de condução é um ensino que tem vindo a ser degradado ao longo do tempo. Todos se queixam. Nem todos são sinceros no que dizem. É um setor que tem vindo a degradar-se a passos largos por culpa dos próprios industriais. Até mesmo enquanto instrutor.

Hoje o fator preço é fundamental e está a esquecer-se a qualidade. A comunicação social não entende que hoje adquirir este documento é uma arma e que ela precisa de ser usada com todo o cuidado e a sociedade civil não entende como tal.

Eu acho que estou a dar um contributo para a sociedade enorme e não é reconhecido como tal. Hoje o exame de condução é uma prova de comportamentos, saber estar na via pública, saber estar com os outros, respeitar e ser respeitado. Isto é uma bola de neve. Parte dos valores, é na primária, é na família... a falta de valores está a perder-se. Mas não são os miúdos que têm a culpa, penso que são os da minha geração, que agora são os pais. Se o aluno reprova, porque ele reprovou? O examinador não estava nos seus dias. Quando digo para os pais virem assistir a uma das aulas de código, pensa que aparece algum? A auto-estima vai deixá-los em baixo...a dos pais.

I: Como caracteriza a experiência com os alunos surdos?

LRA: Para mim foi uma experiência super gratificante e tenho pena de não ter tido mais. Há bastantes mas não moram tanto por aqui. Por exemplo, na zona de Torres Novas e mais em Leiria sei que há muitos. Mas gostava de ter tido a experiência de ter trabalhado com mais. E garanto-lhe que se tivesse mais alunos, eu ter-me-ia inscrito num curso de Língua gestual.

I: Obrigada mais uma vez pela colaboração. Depois vou disponibilizar-lhe a gravação e a transcrição da entrevista.

LRA: Está bem. Já agora, gostava de ficar. Obrigada.

Apêndice 15 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – LSB1

Entrevistado: LSB1

Duração: 00:19:54

Entrevistadora: Investigadora (I)

Local: Lisboa

Data: 27/01/2015

Meio da Entrevista: Presencial

Investigadora (I): Boa tarde, vamos caraterizar com o bloco de perguntas da caraterização da escola de condução. Pode-nos contar um pouco da história.

Entrevistado (LSB1) - Esta Escola de condução nasceu em Moçambique. O meu sogro emigrou para Moçambique com 17 anos. E depois, dentro das situações que lhe foram profissionalmente aparecendo resolveu abrir uma escola de condução.

Era a Escola de Condução Coimbra, na altura tudo o que havia em Moçambique, havia muita coisa designada por Coimbra. Era a padaria Coimbra, a sapataria Coimbra e acabou por ser Coimbra por causa disso.

E depois fruto da independência de Moçambique acabou por vir parar aqui. Portanto, eles abriram em Alverca a primeira escola de condução e depois mais algumas filiais. E abriram finalmente na Pontinha em 85.

Na altura que andávamos a fazer as obras de ampliação da escola de condução da Pontinha, trabalhava na montagem dos tetos e das estruturas metálicas, um senhor que era surdo mas que realmente tinha uma perspicácia fora do vulgar. Eu tive muita pena dele e achei que ele tinha que tirar a carta de condução, ele tinha mesmo necessidade de ter a carta, derivado ao trabalho que tinha, de levar as estruturas de um lado para o outro e foi aí que começou este interesse pelos surdos, já para aí em 89, talvez.

Passado alguns anos, fomos tendo alguns surdos, não muitos na altura, mas passado alguns anos, fomos contactados por uma senhora que é intérprete de linguagem

gestual, que o filho é surdo e a namorada também e ela propôs-se a vir, para ajudar o filho e a nora a tirarem a carta de condução. Nós, nessa altura, não só permitimos como pedimos a ajuda para outras situações iguais que aparecessem. Ela trabalha com a Escola Secundária de Benfica e conhece muito bem o Conselho Diretivo. Foi muito fácil chegar aos alunos a existência de uma escola de condução onde ela fazia a tradução para linguagem gestual das aulas de código. Os valores das cartas de condução não permitem grandes apoios mas nós temos ainda este apoio como gratuito. A senhora é remunerada mas a escola de condução assume isto. Ela vem ao sábado fazer a tradução das aulas. Não vem durante a semana porque não é fácil conciliar com todas as pessoas surdas, porque um pode a uma determinada hora, outro pode a outra. Então, criamos ao sábado duas aulas em que ela está a fazer a tradução em linguagem gestual.

Não lhe consigo dizer ao certo quantos alunos já tivemos com linguagem gestual, mas foram muitos, foram muitos e ao contrário daquilo que as pessoas possam pensar, o resultado final em termos de aprovação de exame, quer de código, quer de condução é bastante aceitável, é muito bom. O que é que eles têm mais dificuldades? É na conjugação das frases porque o português não é feito da mesma forma do que normalmente. Quando vão fazer exame de código, sentem essa dificuldade...eles podem levar a intérprete ao exame de código. Alguns deles, mas a maior parte não quer. É pago à parte, através da associação de surdos. É a associação. Foi um ponto assente, entre nós e a Teresa que a intérprete que faz a tradução das aulas, foi que ela não os acompanhasse a exame. Por uma questão de transparência.

O aluno vem aqui, faz as aulas, e ela faz a tradução. Quando vai a exame, o aluno requer à associação um tradutor oficial. Para não levar a mesma pessoa, para não haver uma cumplicidade que...A Teresa também aceitou isso perfeitamente e então trabalhamos assim.

I: E tem conhecimentos da existência de alunos surdos a solicitarem a interpretação do exame teórico em língua gestual portuguesa?

LSB1: Sim, eu até posso dizer que é capaz de ser 50 por 50. Há alguns alunos surdos que já estão em cursos superiores e a acabar o 12ºano e até nem sentem tanta

dificuldade na interpretação do exame de código. Mas há outros que por falta de meios no meio em que vive, não há tantos apoios a surdos e então estão um bocadinho por eles próprios, são autodidatas e aí têm mais dificuldade.

I: A intérprete apenas vem para as aulas de código?

LSB1: Só para as aulas de código. Nas aulas de condução, não há necessidade. O Pedro vai explicar melhor. Nas aulas de condução, a primeira aula é muito teórica. O Pedro, há tantos anos que trabalha com a Teresa que ele próprio já consegue quase dominar a linguagem gestual.

De qualquer forma, o esquerdo e direita é fácil, o não e o sim, também. E também é fácil: os carros hoje têm um sistema de rotações, que lhes é explicado. Eles já sabem que a mudança tem que se colocar na rotação x ou y.

Alguns carros, até mais recentes, até já têm umas setinhas verdes que acendem quando é para aumentar a mudança e uma seta vermelha quando se tem que baixar. De maneira que a condução é muito tranquila.

Não tem realmente grandes problemas para os surdos. O código tem, mais até pela interpretação, conjugação das frases e pela construção das frases. De resto, fazem com alguma tranquilidade.

Quando alguém diz assim: Mas um surdo tira a carta? Mas como um surdo pode andar a conduzir?

Para conduzir um automóvel, um condutor tem que estar mais alerta para a visualização do que para a audição. Para já é proibido utilizar os sinais sonoros. Portanto, não vale a pena andarmos aqui a buzinar uns aos outros.

Agora, o que é que os surdos precisam de saber? O que era necessário ouvir? O barulho do motor por causa das mudanças mas isso eles já têm as rotações, já sabem. Já têm as tais setinhas, ascendentes ou descendentes que facilita imensa.

Como condutora, é mais atenta ao som, quando alguém fala? Não.

O som não é uma coisa... Agora, precisamos de ver, o sinal vermelho, amarelo, o sinal, o peão na passadeira, o sinal de stop, estar atenta aos veículos da direita, da esquerda, às rotundas, para isso precisamos de ver.

Os veículos hoje em dia são tão eletrónicos que qualquer coisa se tiver que aquecer, falta de óleo...tem sempre a luz que reforça aquela situação.

Não vejo assim um motivo à partida que diga: há alguma relação entre a falta de segurança rodoviária e os surdos?

Eles só são surdos, não são invisuais ou com capacidades diminuídas.

I: O que referiu vem ao encontro da seguinte pergunta: considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança?

LSB1: Eu creio que não. Eu acho que às vezes, há pessoas que ouvem muito bem e causam grandes faltas de segurança.

Não, penso que não. Até porque regra geral, as pessoas que têm um sentido diminuído, são muito muito mais atentos, perspicazes. Temos também alguns alunos, que ao usarem aparelho auditivo, acabam por também conseguir alguns sons.

Tenho situações aqui, que estou a falar com alunos, como estou a falar com a menina. Tenho que falar só mais calmamente para eles lerem os lábios. Já sei que não posso colocar um instrutor que tenha bigode ou barba porque é mais difícil.

I: Essa preocupação também é fruto da sua experiência...

LSB1: Sabe, que é engraçado, nunca tive ninguém na minha família, felizmente com qualquer tipo... tive, quer dizer não era um problema... Um sobrinho meu que era canhoto, era e é. A primeira coisa que fiz quando abri a primeira escola de condução foi arranjar cadeiras com apoio à esquerda. Das 30 cadeiras, 27 seriam à direita e as outras à esquerda. Achei que havia aqui um mercado que não era trabalhado e era necessário. Eu acho que existe ainda na internet um aluno que tirou a carta connosco, surdo e que depois fez um comentário muito engraçado no sítio da associação.

Não me lembro se ele se chamava Hugo ou Nuno, ele tinha um nome pequenino. Mas para eles é muito importante. São conquistas muito importantes, estas de conseguir a carta...quer dizer, é uma conquista... Todos os dias é uma conquista, não é?

I: Sem dúvida. E abre-lhe novas portas, dá-lhes autonomia...

LSB1: E nota-se uma diferença, relativamente aos alunos que moram em Lisboa ou numa periferia de 20km e outros como nós tivemos de Alenquer ou de uma aldeia perto de Beja em que os apoios não são tantos a nível escolar e têm mais dificuldades em tirar a carta.

I: Falando ainda das preocupações no sentido de facilitar a leitura labial...

LSB1: A maior preocupação é tratá-los como igual. Porque eles gostam. É muito engraçado, chegar aqui ao sábado, porque essas aulas são ao sábado, e se juntam aqui 10 e 11 ...aquilo é muito engraçado com as linguagens deles. Eles tentam explicarmos os gestos para bom dia, boa tarde e no outro dia já estamos a baralhar tudo.

Temos aí um que já faz parte da mobília. Todos fugimos dele porque ele chega e diz assim, faz o gesto para caneta e papel e pronto e temos uma história de 40 páginas ali para ler.

É um rapaz complicado, tem dificuldades de leitura e então só escreve...precisa que nós escrevemos também. E às vezes ocupa muito tempo. De resto, há sempre uma preocupação grande por parte dos pais.

I: Gostaria de perguntar se os alunos são na sua maioria mais jovens?

LSB1: São mais jovens. Tive um casal de surdos, aqui a tentar a tirar a carta. Não concluíram mas por desistência inicial. Eram de Santa Iria da Azoia e a filha que não é surda vinha oferecer a carta aos pais.

Talvez por falta de integração, de serem todos muito jovens e eles não serem, há hábitos que se vão instalando. Acabaram por desistir.

São muito jovens, é uma faixa entre os 18 e os 25 anos. Anda por ali. São faixas muito jovens.

Como eu estava a dizer, o que nós sentimos mais em relação aos outros alunos é a preocupação dos pais: para saber, para acompanhar, para saber como é que é, porque, se calhar estão habituados a fazer isso desde muito pequeninos. Tiveram sempre que fazer uma proteção maior do que outros.

I: Gostaria de saber se, mesmo tendo a interprete, os instrutores têm uma formação específica para ensinar pessoas com deficiência?

LSB1: Não têm. Quer dizer, nós temos ensino para qualquer tipo de deficiência física: pessoas que não têm uma perna ou não têm um braço. Nós temos veículos adaptados mas os instrutores não têm realmente formação. Contamos só com o nosso bom senso e com a boa formação de cada um. Relativamente aos surdos, eu tentei em tempos, o apoio da associação de surdos. Eu não vou dizer que os senhores não quisessem mas não senti que as portas se abrissem como deviam. Quer dizer, não sei qual o apoio que um surdo tem da associação, mas eu, enquanto escola de condução, quando contactei não sei que eles achassem que nos deviam abrir portas ou participar ou integrar os nossos instrutores de alguma forma. Isto é uma coisa nossa, feita por nós. Por casmurrice. Há algum tempo, houve uma entrevista por parte de uma radio que também ficaram admirados por não termos apoio nenhum...mas não, não há apoios de lado nenhum. Também não os procurei depois.

Na altura, estava a gozar licença de parto e pensei em colocá-la a frequentar um curso de linguagem gestual...isto talvez já em 89/92 por aí... e pensei nisso mas não foi fácil.

I: Apesar de já ter mencionado, gostaria de reforçar se a empatia, o relacionamento com os alunos como essencial para o ensino da condução?

LSB1: Mas isso é para qualquer um, quer seja surdo ou não. Eu costumo dizer aos alunos: quando vamos a uma aula de código e isto, se tem carta de condução, vai-lhe parecer normal, criamos alguma empatia com a pessoa que nos está a dar código...ou não... Gostamos ou não gostamos mas é uma matéria que nós podemos estudar em

casa ou fazer testes. Mesmo que não temos ali uma empatia com o professor. Na condução, é diferente. A condução exige uma empatia grande entre a pessoa que está a aprender e o professor. Eu digo aos alunos, quando não estão satisfeitos para irem ao balcão e dizerem que não quero este professor, quero outro.

Não por uma questão de incapacidade daquele, mas por uma questão de temperamento de ambos. Eu posso gostar de uma pessoa que fale muito e que seja divertida ao meu lado. Ou posso achar que se quisesse ir ao circo, comprava um bilhete. Isto depende de pessoa para pessoa.

Eu, regra geral, gosto de ser eu a marcar as aulas de condução. Para já, porque conheço as pessoas que trabalham comigo, e depois vou-me apercebendo do temperamento daquilo aluno e tento que haja ali uma conjugação de feitios.

Há pessoas que preferem um instrutor que seja mais exigente, mais calado. Há outras pessoas que dizem: quero uma pessoas que seja agradável, simpática, bem disposta, mesmo que não aprenda tanto.

E temos que saber corresponder estas duas situações. Porque a pessoa se vier contrariada para as aulas, não terá o mesmo tipo de aprendizagem.

I: Muito Obrigada.

LSB1: Vou então chamar o instrutor. Se precisar de mais alguma coisa, é só dizer.

I: Obrigada mais uma vez.

Apêndice 16 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – LSB2

Entrevistado: LSB2

Entrevistadora: Investigadora (I)

Duração: 00:30:08

Local: Lisboa

Data: 27/01/2015

Meio da Entrevista: Presencial

I: Boa tarde, antes de mais gostaria de perguntar se aceitava que gravasse a entrevista de forma a registar os dados mais facilmente?

LSB2: Sem problemas nenhum.

I: A entrevista está estruturada em vários blocos. A Cecília já respondeu à parte destinada à caracterização da escola. Gostaria que reforçasse algumas coisas...

Deseja saber mais alguma coisa sobre este estudo? Tem alguma questão que queira ver esclarecida?

LSB2: Pode dizer-me a finalidade deste estudo?

I: Este estudo insere-se no âmbito do mestrado na área da Comunicação Acessível do Instituto Politécnico de Leiria e tem como objetivo analisar como se processa as escolas de condução ensinam os alunos surdos uma vez que a falta de audição poderia constituir uma barreira à comunicação.

LSB2: Parece-me uma boa matéria de estudo.

I: Obrigada. A vossa escola é bastante reconhecida pela enorme experiência com alunos surdos...

LSB2: Sim e pelo que tenho ideia, com intérprete, se não é a única, ou das únicas...penso que é a única que existe com tem intérprete de língua gestual para as aulas de código. Para as aulas de condução, não...mas para a parte teórica existe.

I: Então, podemos começar pela relação com os alunos surdos? Como se processa a comunicação entre os alunos surdos e o instrutor durante as aulas teóricas?

LSB2: No nosso caso, temos intérprete. No caso de não haver. Isto porque a intérprete só vem aos sábados, durante a semana os alunos também podem vir às aulas. Não estão proibidos de o fazer.

O que acontece é que ou eles nos dizem que são surdos e aí nós normalmente perguntamos se eles conseguem ler bem os lábios, se conseguem fazer leitura labial e normalmente estamos a dar a aula mais virados para eles, para assim poderem olhar mais para a nossa postura e para o que vamos dizendo.

No meu caso, como fui aprendendo com eles, alguma língua gestual, também vou facilitando a vida deles.

Não tive qualquer formação...fui aprendendo com eles, que ainda é melhor pois vamos aprendendo mais coisas e quando eu posso, acabo por ir facilitando. Para mim, como não tenho muita prática em língua gestual. Mas às vezes temos que estar a pensar no gesto que temos para fazer e ao mesmo tempo estarmos a pensar o que temos a dizer a todas as pessoas que estão na plateia. Enquanto que depois todas as pessoas estão a olhar para nós e nós acabamos por estar a pensar em todos e num ou dois surdos que estão na aula. Então às vezes não é muito fácil. Com um tradutor ao nosso lado é mais fácil, porque vamos falando. Com a nossa intérprete já é fácil, já conseguimos trabalhar bem um com o outro. É fantástica naquilo que faz e então acaba por ser uma coisa natural. Vamos falando e ela vai fazendo a tradução.

I: Considera que os materiais disponíveis são suficientes uma vez que recorrem muito à parte visual?

LSB2: Sim. Se não é no quadro, a escrever, porque há certas situações que é mais fácil de perceber pela imagem do que pela verbalização ou pela escrita, muitas vezes também temos a parte interativa e os nossos quadros interativos e acabam por facilitar.

E depois temos projeções que facilitam bastante e depois também está escrito por baixo. Em algumas situações, o grande problema é que, a maioria das pessoas não se apercebe, mas à medida que nós vamos trabalhando com as pessoas surdas percebemos que muitos deles a nível de gramática e de conseguir ler uma frase, às vezes não é tão fácil quanto isso. Então temos que nos aperceber se eles estão a entender, ou não estão a entender o que lá está escrito.

Às vezes uma ou outra pergunta facilita-nos a vida porque percebemos logo se eles responderam logo da mesma maneira porque não entenderam ou porque entenderam aquilo que se estava a dizer.

I: E quais são as dificuldades mais evidentes na comunicação?

LSB2: As dificuldades, nas aulas teóricas...eu acho que as dificuldades são de parte a parte. Quando não há um intérprete é tão difícil para nós perceber o que eles querem dizer, qual é a pergunta que eles estão a fazer, como para nós responder a essa pergunta e passar a informação. Muitas vezes recorremos, eu falo por mim, ao quadro, escrevemos ou fazemos um desenho. Às vezes até para os outros alunos é mais fácil, mas é porque as pessoas às vezes, nós falamos e muitas vezes temos termos técnicos. No geral, já é difícil, para um aluno que seja surdo, torna-se ainda mais difícil. Por vezes, recorremos à parte visual, o que facilita bastante a vida, quer para nós quer para eles. Mas normalmente, quando se sente que há falta de comunicação e não percebem o que queremos dizer, é por aí que vamos.

Quando não percebemos o que eles estão a dizer, aí não é tão fácil, mas às vezes também recorro ao mesmo. Peço-lhes para virem fazer o que eles querem. Há muitas situações que toda a gente vê na estrada, que aconteceram. Às vezes peço-lhes para eles desenharem o que aconteceu e depois explicar. Até porque pode ser uma situação difícil para eles, mas também para outra pessoa qualquer.

I: E no que respeita às aulas práticas, como se processa a comunicação?

LSB2: As aulas práticas são, não vou dizer que são mais engraçadas, mas são bem diferentes. Não conseguimos estar a falar, nem sequer podemos pedir para que olhem

para nós para poderem ler nos lábios. Então o que acontece? Muitas vezes, eu ao início quando comecei a trabalhar com surdos, o que é que eu fazia? Se fosse possível, parava o carro, tentava que eles olhassem para mim, para ver se eles percebiam o que eu estava a dizer. Ou então fazia um desenho, se fosse necessário. Com o passar do tempo como eu fui aprendendo alguma língua gestual, vai sendo mais fácil para mim passar a informação. Muitas vezes, já nem é preciso parar, basta fazer a língua gestual.

I: Têm sempre aulas consigo?

LSB2: Acabo por ser eu a dar-lhes aulas porque havia uma altura que eu dava sempre aulas ao sábado. Então coincidia que eles estavam comigo. Começaram-se a habituar. Normalmente quando eles passam e é assim, a comunidade surda é uma comunidade muito fechada, eles conhecem-se quase todos e então o que acontece é que eles começam a dizer: fala com ele, porque ele consegue falar contigo ou consegue perceber. E às vezes, quando chega cá alguém que é surdo, a D.Cecília diz-me. Veja lá o que é que ele quer. Às vezes eu também não consigo perceber algumas coisas, até porque o meu vocabulário é um bocado limitado mas mesmo assim o que vai acontecendo é que vamos tentando comunicar uns com os outros. Com o avançar do tempo é que eu fui aprendendo algumas coisas. Quando eu não sabia, eu perguntava como se dizia. E acabamos por conseguir falar de uma forma mais fácil.

Mas quando eles não entendem, o melhor é parar o carro e tentar explicar a situação.

I: E para lhes dar instruções de mudança de direção ou manobra?

LSB2: É a coisa mais fácil que existe. Da mesma maneira que se diz para alguém ir para a direita ou ir para a esquerda. Se não se poder falar é só apontar para um lado e para o outro e eles perfeitamente sabem.

I: E as manobras?

LSB2: As manobras também. Até porque o que acontece é que quando eu estou a dar as aulas práticas, o que eu faço é tentar fazer o gesto que possivelmente todas as pessoas fazem para dizer: direita, esquerda, vamos estacionar, inversão de sentido de marcha. Todas essas situações eu tenho que pensar que quando eles forem para fazer

exame de condução, têm alguém ao lado deles que pode ou não saber alguma coisa de língua gestual e que vai fazer os gestos mais simples e mais fáceis que possam existir e que normalmente a gente já está habituada a esses gestos. E então eles acabam até por aprender esses gestos e ser mais fácil para eles mesmo que venha outra pessoa.

I: A ajuda da intérprete também facilita não é, ou seja, os conceitos que são usados na prática já aprenderam no código?

LSB2: Sim, sim, sim. Se bem que na condução, tem que ser uma coisa simples e rápida. E depois é preciso ter cuidado, quase que não podemos mexer as mãos. Eu habituei-me que mesmo que eu tenha a mãos em cima das pernas ou mais à frente...se eu mexer as mãos por algum motivo eles acham que eu já estou a dizer alguma coisa.

E há outras situações que é mais fácil...quando é para dizer algo, tenho mesmo que chegar -me mais à frente que é para estar dentro do ângulo de visão deles e vou dizendo-lhe as coisas.

I: Sendo a audição um elemento importante na condução como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo e o ambiente que o rodeia?

LSB2: Da mesma maneira como se ensinam os outros todos. Exatamente igual. Primeiro que tudo, as pessoas já andaram de carro. Claro que há pessoas que já vêm com tendência mais direcionada, mais atentos ou menos.

No caso dos surdos, é preciso aprender a sentir o carro, ou seja, quando o carro treme, quando o carro acelera mais ou menos, eles não ouvem o acelerador, às vezes o acelerador está quase no fundo e eles não ouvem

Mas sentem o vibrar do carro que é diferente. Então, às vezes deixo-os ir um bocado com o acelerador quase a fundo que não faz bem ao carro mais pronto, só para eles sentirem, o acelerador e aquele vibrar e perceberem que aquilo é acelerar.

Quando o carro está a perder força, começa a tremer e então é dizer-lhes que quando isso acontece, o que é que o carro está a dizer ou a pedir que eles façam.

A nível de tudo o que está à volta deles, é como todos os outros, indicar-lhes se o outro tem um sinal, se vem um veículo da direita, ter atenção às passadeiras. Normalmente, apontar para os sinais, para os outros condutores, para os espelhos e essas coisas todas. Acaba por ser muito parecido...

I: Acha que utilizam muito mais os espelhos do que as pessoas ouvintes deveriam de usar?

LSB2: Eu não digo que eles utilizem mais os espelhos. Eles dão é mais atenção aquilo que está à volta deles. A nível visual, estão sempre a captar tudo o que existe. Se lhes dão a importância devida ou não, isso já é outra coisa. Agora que eles captam as coisas ligeiramente diferente... Há falta de um sentido os outros têm que estar mais apurados, isso é verdade...Agora se isso a nível de compreensão, se é diferente dos outros, eu acho que não. Porque eu posso estar a ver uma coisa e não lhe ligar nenhuma e no caso deles, a única coisa que existe é que eles conseguem captar muito mais informação e estão atentos a tudo o que mexe.

I: E nesse sentido não considera que haja uma relação entre a falta de audição e a segurança rodoviária?

LSB2: Sinceramente, acho que não, acho que não. Se assim fosse, seria proibido conduzir, se fosse surdo. Mas atenção, existe algo que a lei por vezes, impõe a certas pessoas, quando existem determinadas limitações e graus de limitação, a lei impõe que a pessoa tenha algumas limitações também na sua condução. Por exemplo, pode impor limites de velocidade, mais baixos que o normal. Pode por a obrigação de usar aparelho, se as pessoas têm. Vai um código, tal como para as pessoas quando precisam de óculos, quando uma pessoa tem uma prótese, têm um código. Pode obrigar ou não a ter um espelho maior ou mais pequeno e a obrigação de ter os três espelhos: o espelho de dentro e os dois laterais. Mas isso já vai depender de cada caso.

Por exemplo, um surdo profundo não vai precisar de ter aparelho. Porque para ele ter aparelho ou não ter, é gastar não sei quantos mil euros para nada. Já tivemos aqui um caso, de uma aluna surda profunda e por acaso foi engraçado. Foi para frança

trabalhar num supermercado e eu não sabia que em França há supermercados com caixas só para surdos e ela foi trabalhar para lá.

Quando ela disse que ia trabalhar para França e eu perguntei: então para o quê? E ela disse: para um supermercado. E eu? Para um supermercado? E ela, disse que era só para surdos. Tem mesmo um sinal por cima, de uma orelha com um traço, é engraçado.

Mas como eu estava a dizer, essas limitações, se a pessoa tem essa limitação pode ou não ser imposta restrição ou obrigatoriedade de usar algum aparelho ou espelho ou limites de velocidades. Mas de resto, acho que não há grandes diferenças.

Como já disse, perde-se um sentido mas apura-se bastante outros, normalmente a visão. Até de mota, podem andar.

O mais engraçado, segundo o estudo que foi feito, 80% da informação que recolhemos, enquanto condutores, é visual. Os outros 20% são através dos outros sentidos. O que não será assim nada por ali além. Até porque temos os espelhos conseguimos ver o que vem atrás. Tudo o resto, é visível à nossa frente.

Nós quando estamos a dar aulas a surdos, reparamos que quando um carro se aproxima, eles podem não ouvir, mas aí também se deve ao facto de eles não estarem ainda habituados a dar importância àquilo que já viram no espelho.

Eles ainda conseguem ter uma noção maior e estar mais atentos. Por vezes, é dar ou não a importância devida aquilo que está ali. Na verdade, podemos ver muita coisa e ignorar. Tem já depois a ver como a evolução da aprendizagem.

I: Sobre os pedidos de exame, uma vez que tem direito a pedir a interpretação do exame em língua gestual. Tem conhecimento se existem muitos alunos a solicitar para o seu exame de código?

LSB2: Existem bastantes alunos. Mais de 75% pede intérprete. São raros os que não pedem. O pedido implica gastos e por vezes eu penso que são 25€. Eles pedem à associação, é quem combina a pessoa que vai. E depois, eles pagam à associação. O

que acontece é que muitos deles já não estão em fase escolar. Muitos deles trabalham ou estão à procura de emprego, o que não é fácil para quem é surdo. Muitas vezes não há verba para gastar e arriscam ir sem intérprete e às vezes, chumbam e depois o que acontecem e na segunda vez já irem com intérprete.

I: Tem conhecimento da relação da taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

LSB2: Sinceramente daquilo que tenho visto não há grande diferença. Uma coisa é certa, eles passam muito mais tempo em frente ao computador a fazer os testes do que os ouvintes. Nós notamos mais isso porque temos intérprete só ao sábado.

Têm que estar de uma semana para a outra sem o intérprete. Podem vir durante a semana, não há problema. Eu já os conheço quase todos...eu às vezes estou ali e acabo por os ajudar. Como já estou sei algumas coisas de língua gestual acabo por facilitar...

De resto, muitas vezes quando os alunos já têm as aulas de código todas, a intérprete não vai para a sala. Fica na sala dos computadores a ajudar a traduzir as perguntas e respostas. Quando ela tem alguma dúvida e às vezes vem ter comigo para saber a resposta e eu respondo e ela traduz. Isso faz demorar mais tempo em relação aos outros. Nós aqui temos uma política que é: Não gostamos que os alunos peçam exame só porque acabaram as aulas de código. Nem pouco mais ou menos. Nós queremos é que os alunos peçam exame quando se sintam preparados. Nós dizemos que o ideal é que as pessoas errem zero ou uma. Quando as pessoas tiverem assim, fizerem 10 testes e não erraram nenhum, ótimo. É para pedir exame.

Podem lá chegar e reprovar, porque se enganaram ou estão nervosos ou outra coisa qualquer. Mas isso faz com o que a taxa de aprovação aumente bastante.

Mas se pudéssemos por o mesmo número de surdos e de ouvintes acabaria por andar ela por ela. Os surdos acabam por compreender bem e depois se pedirem interprete, ainda mais difícil é de eles reprovarem.

Entendem melhor as perguntas que estão a ser feitas e as respostas e acabam por conseguir responder acertadamente.

I: E sabe o número total de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola?

LSB2: Eu penso que à volta de 80.

I: E neste momento, quantos estão a tirar a carta?

LSB2: Aqui inscritos, estão eu penso que 4 ou 5 alunos.

I: Vamos então agora falar um pouco sobre si...Qual o seu nível de escolaridade?

LSB2: 12ºano mas neste momento acabei a licenciatura em Medicina Tradicional Chinesa.

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

LSB2: Desde 2006.

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

LSB2: Sempre trabalhei nesta escola, há 9 anos.

I: Tem realizado formação de atualização/reciclagem?

LSB2: Somos obrigados a isso mesmo. De 5 em 5 anos somos obrigados a fazer a atualização. Ainda fiz o ano passado.

I: E tem alguma formação específica para ensinar pessoas com deficiência?

LSB2: Nada. Não faz parte dos conteúdos do curso. Tudo o que nós sabemos, quer para surdos, ou deficiência motora é quase autodidacta.

No caso dos surdos, tudo o que sei, fui perguntando a eles, ou perguntando à intérprete e fomos evoluindo. Como tinha a oportunidade de praticar com eles, acabava por fazer mais qualquer coisa.

I: O que mais gosta na sua profissão?

LSB2: De tudo. Gosto quer de dar aulas teóricas, quer práticas. A profissão até acaba por ser engraçada. Lidamos com pessoas diferentes todos os dias: com idades

diferentes, feitos diferentes... e como o publico vai variando por ser sempre uma coisa nova. Durante 2 meses parece que temos sempre os mesmos alunos mas este aluno passou, vem um aluno diferente. Mesmo que faça coisas iguais, é sempre diferente. Por exemplo, ainda há pouco tempo, tive três alunos da mesma escola, na mesma turma, mas nenhum dos três tem a mesma personalidade. Conhecem-se os três mas são diferentes em si. Acaba por ser uma aula diferente todos os dias.

I: Considera o relacionamento/empatia com os alunos como essencial para o ensino de condução?

LSB2: Sim. Sim porque isto é um casamento. Um casamento com o divórcio já assegurado. Se a pessoa não está à vontade na aula de condução, não se sente à vontade com a pessoa que está ao lado dela, a sua evolução vai ser completamente diferente, vai demorar mais tempo...

E às vezes os alunos nem sempre estão virados, naquele dia, para conduzir. Então às vezes, nós temos que perceber, que talvez seja preferível andar só com o carro.

No dia em que ele estiver mais virado, então fazer mais manobras e andar menos. Às vezes temos que nos ir adaptando não só aos conhecimentos que eles já têm como também, ao estado de espírito com que eles vêm naquele dia.

Por vezes também acontece haver aquele casamento que parece que o divórcio já está feito ao fim de três aulas porque as vezes, as pessoas chocam um bocado.

Tentamos levar as coisas a bom porto. Tentamos que as coisas sejam num ambiente mais agradável possível.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

LSB2: Instrutor de código e condução.

I: Como caracteriza a sua experiencia com os alunos surdos?

LSB2: Bastante gratificante. Não só porque eu aprendo, mas acabo por ajudar alguém que de uma maneira geral tem uma limitação.

Todos nós temos limitações. Mas neste caso, é uma limitação que para a condução, por vezes não ajuda. Pode não ser muito limitativa. Mas se pudesse ouvir, tinha uma noção diferente das coisas.

Mas é bastante gratificante, ajudar as pessoas surdas e eu acabo por aprender uma coisa nova, que é o caso da língua gestual. E muitas das vezes parece estranho mas se tiver todos os dias em língua gestual chega a um ponto em que estamos a falar e a fazer o gesto ao mesmo tempo.

Eu tenho a noção que às vezes quero dizer uma coisa em voz alta mas não posso e ponho-me a fazer os gestos. Até que percebo que a outra pessoa não sabe o que eu estou a dizer, por isso não vale a pena continuar. Depois é engraçado, hoje em dia, ligamos a televisão e temos vários programas com o intérprete no quadradinho. Por acaso, a nossa intérprete até faz a tradução na assembleia. Às vezes dou por mim, a olhar em vez de ser para a imagem, para o quadrado para ver se consigo ir percebendo. Mas é bastante gratificante, quer o de instrutor quer com os surdos. Há uma situação engraçada com um colega instrutor que já não está. Ele estava a dar aulas com o rádio ligado. E o surdo desligou-lhe o rádio. E ele voltou a ligar e o surdo desligou novamente. E ele disse: "Queres ver? Ele não ouve e eu também não posso ouvir?" Ligou e o surdo fez-lhe ver para ele o desligar porque assim ele não conseguia sentir o motor. Porque o som do rádio interferia com o vibrar do motor. Não conseguia sentir o motor.

I: Há mais algum aspeto relativamente a esta temática?

LSB2: É uma despesa para as Escolas de Condução ter um intérprete nas escolas. Penso que deveria de haver formação para as escolas de condução e para as entidades como a polícia, em língua gestual. Até mesmo nos serviços públicos. Ter pelo menos alguém que soubesse comunicar com eles.

I: Muito Obrigada mais uma vez pela colaboração. Foi um contributo mesmo precioso.

LSB2: Se puder ajudar em mais alguma coisa...

I: Depois vou disponibilizar-lhe a gravação e a transcrição da entrevista.

Apêndice 17 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – PTG

Entrevistado: PTG

Entrevistadora: Investigadora (I)

Local: Portalegre

Data: 26/02/2015

Duração: 00:23:36

Meio da Entrevista: Presencial

Investigadora (I) - Boa tarde.

Obrigada pela sua disponibilidade e colaboração.

Entrevistado (PTG) - De nada.

I: Primeiro que tudo, gostaria de perguntar se aceitava que gravasse a entrevista de modo a registar os dados mais facilmente?

PTG: Claro, claro que sim.

I: Deseja saber mais alguma coisa acerca deste estudo? Tem alguma questão que queira ver esclarecida?

PTG: Não, estou esclarecido.

I: Iremos começar com um conjunto de perguntas sobre si. Qual o seu nível de escolaridade?

PTG: 12ºano.

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

PTG: Há 25/26 anos.

I: Tem realizado formação de atualização/reciclagem?

PTG: Sim. É obrigatório e também gosto de estar informado e vou tendo outras formações também.

I: Alguma dessas formações está relacionada com a temática da deficiência?

PTG: Não. Não, nunca tive.

I: Nem faz parte dos conteúdos da formação inicial?

PTG: Que me lembre não houve nenhuma formação que se falasse de alguns aspetos desses.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

PTG: Diretor e instrutor (prática e teórica.)

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

PTG: Aqui, desde que comprámos a escola, há acho que...12 anos. Desde 1999. Já vai para 16 anos.

I: A próxima pergunta é sobre a escola de condução e se gostaria de falar sobre a história.

PTG: É uma empresa familiar, onde pretendemos que o ensino seja eficiente logicamente e que os nossos alunos também se sintam na família que nós somos.

O meu pai tem a escola de condução já desde 1981 em Nisa, depois comprámos esta e vendemos há 10 anos a de Nisa e ficámos só com esta.

I: Há quantos anos existe?

PTG: 1999.

I: Qual o número total de alunos até ao momento?

PTG: Está na ordem dos 4000.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola?

PTG: Os que tiraram, é uma pergunta mais difícil. As inscrições são na ordem das 4. Mas temos alunos que se inscreveram e nunca mais apareceram. Houve poucos que pediram transferência e houve muito poucos que não conseguiram tirar.

I: Sabe se há algum aluno surdo a tirar a carta neste momento?

PTG: Neste momento, surdo, não, como lhe disse, foi em Nisa já, há cerca de 20 anos. E houve uma aqui, também. Foram no total três: um em Nisa, uma de Gafte, depois logo a seguir, uma aldeia, perto de Nisa...e depois passado três, quatro anos, foi uma mocinha e agora há 10 anos, a outra.

I: Acha que pode haver uma relação da taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

PTG: Olhe, nos casos que tive ficaram todos aprovados à primeira vez.

Eu, com a primeira aluna surda, passado uma semana, na parte prática tive para desistir, no final da semana.

Já não sabia o que fazer à minha vida, porque em termos de língua gestual, não percebia nada. Na parte teórica, conseguia comunicar com ela, devagarinho, ela ia lendo nos lábios e a coisa ia funcionando assim.

Mas na prática, ela não pode olhar para mim, e eu também não posso estar a olhar para ela. Então, no final da primeira semana lembro-me de pensar: Desisto disto, isto é uma complicação. E também me lembro do final do exame, o examinador quando chegámos quase ao final do exame, deu os parabéns à mocinha, do exame que estava a fazer e deu-me os Parabéns a mim. Para mim, naquela altura, foi uma coisa gratificante. Porque no final de cada semana só me apetecia desistir mas depois felizmente de uma forma ou de outra fomos mecanizando a coisa e conseguimos.

I: Ia perguntar isso mesmo, que estratégias é que utilizavam?

PTG: Posso dizer-lhe, por exemplo, sobre o ponto de embraiagem, uma coisa que nós não autorizamos, normalmente a fazer, a meter a mão na manete das mudanças como é que eu consegui arranjar ali um estratagema que ela conseguisse perceber que

estava no ponto de embraiagem: Tão simples como tudo isto: meter a mãozinha na manete. Quando a manete começasse a trepidar estava no ponto.

Lembro-me perfeitamente disto. Como é que nós ensinamos um aluno normal a fazer o ponto de embraiagem? Pé na embraiagem, pé no travão, levanta devagarinho a embraiagem até o som mudar.

E então, foi a manete a tremer que deu resultado.

I: E para indicar a mudança de direção e a manobras?

PTG: Por gestos, conseguia bem gestualmente.

I: Nunca foi necessário ter de demonstrar primeiro?

PTG: Não me recordo de nenhuma situação particular mas é muito natural que o tenha feito. Em termos de manobra, para lhe dizer esta ou aquela manobra era por gestos.

I: Chegou a recorrer a esquemas em papel?

PTG: Também sim, também. O segundo aluno a tirar a carta já foi mais fácil, o primeiro é que foi difícil... lembro-me perfeitamente e no final da primeira semana, como já disse, querer desistir.. pensava: como é que faço, como é que não faço? E depois, eu era muito mais novo, menos experiente... Gosto muito desta parte do ensino, de ver a evolução das pessoas mas o que mais gozo, mais gozo, sinceramente, no ensino, foi essa miúda. Foi recompensador...e ficou a conduzir muitíssimo bem.

I: O que mais gosta na sua profissão?

PTG: É ver a evolução do aluno. EU estar a ver uma evolução do aluno quer dizer que o meu trabalho está a valer, não é?

A minha missão é aquela, é um facto, mas há uma evolução. Agora, como também acontece, chegamos ali aquele ponto, uma, dez, cinquenta, cem e não sai dali, é frustrante mas temos que tentar dar a volta. Tem que se conseguir claro.

I: Considera o relacionamento/empatia com os alunos como essencial para o ensino de condução?

PTG: É e como lhe disse logo de início, a nossa empresa funciona como uma família. Um aluno entrou para aqui, eu não conheço de lado nenhum mas saiu um amigo.

Há aqueles que contactámos quase diariamente, ficámos amigos. Há aqueles que tiraram e depois passado 10, 15 anos...Então, está bom e tal?

I: E no que respeita às aulas de código, Como se processa a comunicação entre um aluno surdo e o instrutor?

PTG: Fiz uma grande maioria das vezes individualmente, para conseguir comunicar com eles. Ninguém trouxe interprete.

I: Acha que os recursos, materiais são suficientes?

PTG: Naquela altura era diferente de agora. Não havia tanta informática. Antes existiam os sinais postos na parede. Tínhamos que ter um quadro, ainda hoje se não tivermos sala virtual, temos que ter um quadro magnético com os cruzamentos e carrinhos...

I: É tudo muito visual....

PTG: Exatamente, isso. Tínhamos um baralho de sinais, era tipo um baralho de cartas mas com os sinaizinhos todos. Perguntávamos: Que sinal é este? Era fácil comunicar com eles dessa forma. Porque eles conseguiam ler nos lábios. Às vezes tinham dúvidas, claro, é natural mas conseguia-se. Havia um deles que andava numa escola específica para surdos. E isso ajudava também a compreender melhor.

I: No que se refere às aulas práticas, sendo a audição um elemento essencial na condução, como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo e o ambiente que o rodeia?

PTG: Para já, sobre o ambiente que o rodeia, temos que o alertar ainda mais para o espelho retrovisor do que uma pessoa normal. Insistimos sempre para olhar mas em termos de um surdo-mudo, temos que obrigar continuamente para os espelhos.

E outra coisa que eu achei, que me recordo disso, é que o atestado médico que eles tinham tinha uma restrição que era velocidade, salvo erro 80km/hora e era o espelho retrovisor concavo e com uma dimensão maior.

I: E compreender o veículo?

PTG: Foi pelo número de rotações do motor, pelo conta-rotação. Eles têm um sentido muito mais apurado na parte do tacto e depois pela vibração do volante.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança rodoviária?

PTG: Tem que existir, minimamente mas tem que existir. Senão, não tinham as restrições que tinham. A primeira mocinha que foi a exame, foi elogiada pelo seu desempenho, portanto, é como tudo na vida. Nem todos nascemos para o mesmo. Uma pessoa dita normal...pura e simplesmente, há pessoas que conduzem melhor que outras, nem todos são pilotos de fórmula 1. Há surdos-mudos que conduzem melhor que se calhar alguns que não têm surdez. Todos diferentes, todos iguais. Por isso não é por aí. Depende se tem mais aptidão ou não para a condução.

I: Tem conhecimento se existem muitos alunos a solicitarem a interpretação do exame de código em Língua Gestual Portuguesa?

PTG: Não pediram. Fizeram tudo normalíssimo...ai não. Houve uma que vinha às aulas com o intérprete. Ela era mesmo professora e queria vir acompanhar. E também foi ao exame. Lembro-me perfeitamente dessas aulas.

I: Estamos a finalizar. Muito Obrigada.

PTG: Nada, se nós ajudarmos, estamos sempre disponíveis.

Eu já não me lembro de tudo, mas sei que foi uma experiência muito Gratificante para mim. Para mim, foi a que me deu mais prazer, a primeira aluna surda.

I: Há mais algum aspeto que gostaria de referir relativamente a esta temática? Tem alguma sugestão a fazer?

PTG: Não, se for preciso mais alguma coisa, disponha sempre.

I: Irei depois, se quiser, disponibilizar a gravação e a transcrição.

PTG: Tudo bem.

I: Obrigada mais uma vez.

PTG: De nada.

Apêndice 18 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – PRT

Entrevistado: PRT

Entrevistadora: Investigadora (I)

Local: Porto

Data: 23/02/2015

Duração: 00:34:05

Meio da Entrevista: Presencial

Investigadora (I) - Boa tarde. Antes de tudo, gostaria de agradecer a sua disponibilidade pela entrevista. Aceita que grave a entrevista de modo a registar os dados mais facilmente?

Entrevistado: (PRT) - Com certeza.

I: Deseja saber mais alguma coisa acerca deste estudo? Tem alguma questão que queira ver esclarecida?

PRT: Não. Admira-me este estudo mas será uma forma de aprofundar mais o ensino a surdos. Poderá fazer as perguntas que entender e eu responder-lhe-ei.

I: Obrigada. Iremos começar com um conjunto de perguntas sobre si. Qual o seu nível de escolaridade?

PRT: Eu tenho o antigo 7ºano. É o curso complementar do liceu. Equivale atualmente ao 11ºano.

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

PRT: O curso de instrutor creio que tirei no ano de 1988. Até aí, estavam fechados os cursos e em 88 abriu-se essa possibilidade de curso de instrutor e eu já trabalhando na secretaria decidi portanto, tirar esse curso. Foi bastante útil na medida em que isto posteriormente entrou em declínio e eu tinha uma habilitação que me dava a possibilidade de continuar a trabalhar na escola de condução. Porque a parte da

secretaria que era aquela que eu desempenhava até então já não me absorvia o tempo suficiente. Posteriormente comecei a dar código, exatamente porque tinha essa habilitação. Se não tivesse, estaria na situação de alguns colegas meus de outras escolas que ficaram apenas pela secretaria...mais tarde os computadores começaram a tomar conta de tudo e eles foram relegados para canto.

I: Tem realizado formação de atualização/reciclagem?

PRT: Sim, sim. É obrigatório. Fiz aos 60 e aos 65 anos.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

PRT: As funções que eu exerço aqui é todo o trabalho de secretaria e a parte de código.

I: Aulas práticas, não dá?

PRT: Não, aulas práticas, nunca dei.

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

PRT: Desde a sua fundação....que começou abertamente, quando recebemos o alvará, em 11 de janeiro de 1979.

I: Teve alguma formação específica para ensinar pessoas com deficiência?

PRT: Não. Quem me tem dado a formação para ensinar as pessoas com deficiência tem sido os próprios deficientes. Nós temos a noção que eles são surdos. Eles não gostam que sejam chamados deficientes. Eles dizem que são surdos-mudos e não deficientes. Deficiente é uma pessoa que tem uma deficiência. Eles simplesmente não ouvem. Pronto, não têm essa característica de ouvir, que nós temos. Mas muitos deles sabem falar para nós e dizer qual é o gesto aplicável a determinadas palavras. Porque de resto, na grande maioria dos casos, se nós falarmos para eles com alguns gestos e abertamente eles até através dos lábios compreendem perfeitamente o que estamos a dizer. Meia dúzia de coisinhas, é o suficiente para eles perceberem o conteúdo.

A dificuldade que eu sinto relativamente a eles, não é nesse campo, é nos testes escritos, o significado das palavras. Só transmitindo em gestos. Por exemplo, há pouco tempo, um candidato chamou-me...e apontando para o livro, perguntou-me, (fazendo gestos): a ultrapassagem, o que é?

E eu, fazendo gestos com as duas mãos, representando os carros, eles percebeu. Ele estava a ler no livro, só não estava a compreender o significado. É como eu estivesse a ler um texto em alemão. Eu tenho ali aquelas letras mas não sei o querem dizer.

Longitudinal... o que quer dizer? Alguns conseguem dizer qualquer coisa. E eu lá dizia com gestos. Muitas vezes, o gesto não precisa de ser aquele gesto, científico, igual ao da televisão (língua gestual).

É tudo uma questão de falar diretamente para eles, abertamente e o gesto mais ou menos, e as palavras dizem tudo e e eles compreendem perfeitamente. Eu não tenho tido dificuldade nesse campo. Claro que às vezes há coisas que eu tenho que aprender, como por exemplo os números, tive que aprender. As letras, quando não sei uma palavra ponho as letras, ou como se faz uma letra. Por exemplo: guia. Faço o gesto da letra G, depois U, depois I e depois A. Claro que não faço com aquela destreza que eles fazem porque passaram a vida toda deles a fazer. Por exemplo, o meu I é assim (faz o gesto) e o meu dedo não endireita bem, não é? Mas sei que é G, U, I, A. Pronto, isto é um exemplo.

I: Nunca veio uma intérprete para dar as aulas consigo?

PRT: Não. Aqui há uns anos atrás, falou-se na possibilidade de vir cá uma intérprete para dar as aulas comigo. Eu falava e ele traduzia. Mas aí tínhamos que pagar ao intérprete. Tínhamos que aumentar o custo da carta.

Achávamos que não seria uma boa forma... o interprete não seria um ordenado muito pequeno, porque ele tinha que ser bem compensado, evidentemente, e adicionar esse custo ao custo da carta não me pareceu economicamente viável.

De maneira que continuamos nessa posição: eles pagam a carta como os outros. O valor é exatamente o mesmo. Eles só têm um inconveniente. Eles quando forem a exame de código podem ser acompanhados por um intérprete de linguagem gestual.

Esse intérprete tem que estar devidamente credenciado. Chega lá, à hora marcada e ele vai traduzir o que está no texto para a linguagem gestual.

I: Era uma das perguntas que tinha...se tinha conhecimento se existem muitos alunos a solicitarem a interpretação do exame de código em Língua Gestual Portuguesa?

PRT: A Todos os surdos-mudos eu aconselho a irem a exame com o interprete de língua gestual. Já tive um caso em que aconselhava a não ir. A aluna é muito boa, sabia muito bem os testes de código. Aconselhei-a a não ir com interprete mas mesmo assim ela achou melhor e levou o intérprete. Os gastos foram à conta dela. Aliás, era uma aluna surda-muda mas andava na faculdade e portanto, era uma aluna sem dificuldade nenhuma. Eu disse-lhe que não percebia porque ela levava intérprete, mas ela preferiu levar.

I: Pode-me falar um pouco da história desta Escola de Condução? Há quantos anos existe? Já disse, há 36 anos, não é?

PRT: Sim. Isso mesmo, 36 anos.

I: Qual o número total de alunos até ao momento?

PRT: Desde o início da escola? Iria apontar, ora bem, para cima de 20.000 alunos.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola?

PRT: Não tenho conhecimento do número, mas aponto para a casa das centenas. Uma centena, aproximadamente.

I: E sabe a partir de que ano, começaram a vir com maior afluência?

PRT: Olhe, não tenho bem presente mas acho que nos anos 80 já comecei a ter alunos surdos. Quer dizer, tanto quanto tenho conhecimento, um colega meu da instrução de condução, antes de entrar aqui para esta escola, encartou um outro surdo-mudo,

noutra escola. Pronto, os métodos eram diferentes, a nível de avaliação, mas ele encartou esse aluno. Ele até dizia que tinha sido o primeiro aluno surdo-mudo a tirar a carta no país. Não sei se foi ou não foi. Daí, para a frente, com o conhecimento desse, que viessem atrás desse instrutor e desde sempre desenrasquei sempre. Em contacto com eles, também os comecei a ensinar o código. E eles aprendiam muito bem. Um deles então era um crânio. Não ouvia nada, podia rebentar uma bomba, o sino que ele não ouvia. Mas de qualquer maneira, tinha uma interpretação, desenhava tudo... sinais e tudo, por forma a compreender bem e fez o exame de código sem dificuldade alguma. Daí para a frente, iam aparecendo surdo-mudos e eu ia ensinando-lhes o código e depois aí é que fui enfarinhando nalguns gestos que fazem parte da linguagem de código: os números, velocidade, importante, difícil ou fácil ou os meses (fazia o gestos).

I: Sabe se há algum aluno surdo a tirar a carta neste momento?

PRT: Neste momento, há um aluno a tirar a carta. Mas é um aluno que diz alguma coisa, fala, eu falo para ele e ele percebe perfeitamente, mas é um tal que as palavras para ele, o significado só entende por gestos. Já lhe disse para ele ir à associação e pedir a uma intérprete para o acompanhar no exame.

I: Tem conhecimento da relação da taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

PRT: Não têm mais dificuldade do que os outros. No exame código, com o interprete, que traduz aquilo para linguagem gestual e é muito raro um surdo-mudo que reprove. Eles também têm consciência da sua dificuldade e aplicam-se mais.

Daí que seja muito raro reprovarem no exame de código, até porque facilmente se apercebem do significado gesto que esta a ser feito pelo interprete.

I: Ainda sobre as aulas teóricas, que outras estratégias são utilizadas?

PRT: Desenho no quadro, mas é desenho para o comum dos alunos. Desenho cruzamentos, uma passagem estreita... isso faço, tanto a eles como os outros. Depois, temos outro quadro magnético no qual eu ensino o que diz respeito à cedência de

passagem em cruzamento, entroncamento, rotundas. Explico a sinalização diversa das marcas rodoviárias. O quadro magnético está pejado de marcas rodoviárias que também fazem parte da matéria, tenho que explicar o significado de tudo aquilo. Mas tanto é para eles como para os outros.

I: Para além desses recursos visuais, considera que os materiais são suficientes (manual, toda a parte multimédia?)

PRT: Olhe, é assim: o manual de código vende-se muito pouco. A partir do momento em que o IMT publicou os testes de exame na internet, empresas foram lá, copiaram os testes e analisaram a solução. E a partir dessa altura, os candidatos começaram a ir à internet e fazer os testes de exame através da internet. Conclusão, os autores de livros de testes acabaram. Tenho ali um livro de teste somente para recordação. Os manuais mantêm-se mas vende-se muito pouco. O que se tem vendido é a pen com os testes. E essa pen tem duas formas de fazer os testes: aleatória, 30 perguntas ao caso. Mas também tem a possibilidade fazer teste por teste. Eu acho essa forma bastante boa para o candidato. Faz um teste e toma nota da resposta que errou. Na próxima semana, volta a fazer o teste. se errou nas mesmas quer dizer, que ha qualquer coisa que não aprendeu. Depois, se houver dúvidas, vem e faz-me a pergunta: porque é que errei nesta resposta? E esclareço nesse sentido.

I: E no que respeita às aulas práticas, como se processa a comunicação entre o instrutor e aluno surdo?

PRT: Nós às vezes temos a ideia que eles são surdos e não nos ouvem mas com os gestos para eles, quaisquer que sejam, eles aprendem muito facilmente. A única chatice que há para um instrutor, na aula prática, com um surdo é que não fala para eles.

Normalmente, durante a aula, vão a falar: “Então, a vida está bem? O que é que faz?” Vai entrando assim numa conversa com o candidato. Porque vamos andar aqui bastantes vezes, não é? E portanto, o instrutor começa muitas vezes: “onde é que mora?”

Há coisas que não fazem parte da condução mas fazem parte da comunicação entre aluno e instrutor. Agora, num surdo-mudo, normalmente não acontece isso, digo e faço o gesto: Vire à direita, vire à esquerda... Não há aquele diálogo a que estamos habituados. Mesmo no exame prático, o examinador faz a mesma coisa (gestos).

I: Nunca houve necessidade parar o carro e fazer um esquema?

PRT: Não, nunca foi necessário. Mesmo nos outros exames, não se fala muito. Vire à direita, estacione, pare o carro e vai-se avaliando se o candidato faz os respetivos sinais, como ele se comporta, se ele reduz a velocidade numa travessia para peões. Ele não está a dizer isso, vê como o candidato se comporta mas está calado.

I: Sendo a audição um elemento essencial na condução, como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo e o ambiente que o rodeia? A audição é importante porque nós ouvimos e estamos habituados a ouvir. Crescemos a ouvir os sons e a interpretá-los. Dizemos que os ouvidos recolhem informação exterior, a informação sonora, Ruído exteriores, buzinas. Percebemos se está do lado direito, esquerdo, por trás, etc. Eles não têm esse sentido mas devido às circunstâncias desenvolveram outra capacidade de atenção que nós não temos. É muito comum nós irmos a conduzir e irmos a estorvar sem nos apercebermos. Vamos a conduzir e vamos a estorvar. O detrás não quer estar a buzinar e nós vamos na nossa vida e não nos apercebermos. E com eles não acontece isso com tanta facilidade uma vez que eles desenvolveram outra capacidade de atenção. Eles estão atentos a tudo o que os rodeia. Não é fácil estar um veículo atrás dele e eles não se aperceberem. Eles apercebem-se facilmente.

Aqui há uns tempos, inclusivamente, no andar de baixo, estavam a por musica, quando estávamos a dar código. Um surdo-mudo fez o gesto de ali em baixo e dançar e eu: como é que tu sabes? E ele olhou para o chão e fez o gesto de tremer. Ah o chão a vibrar. Eles sentem a vibração...o mesmo acontece com o motor.

I: Sabe quais as restrições que eles têm que ter?

PRT: Tem que ter dois espelhos retrovisores exteriores. Hoje em dia todos os carros têm. Não há dificuldades nesse campo, antigamente só era necessário um espelho

retrovisor do lado esquerdo. É umas das restrições: espelhos retrovisores exteriores bilaterais. Outra das restrições é pára-brisas inamovível. Quer dizer o quê? Antigamente havia aqueles carros cujos pára-brisas abriam um bocadinho e isso lançava para o interior corrente de ar que lhes dificultava a atenção. E mesmo descapotáveis, não me parece adequado para um surdo conduzir. A restrição fundamentalmente é essa: pára-brisas inamovível e espelhos retrovisores dos dois lados. E depois, nalguns casos, o uso obrigatório do aparelho auditivo. Aqueles que usam, terão que constar. Tal como nós se usamos óculos também tem que constar. Alguns têm restrições de velocidade mas eu não vejo qualquer vantagem nisso. Pode, num caso ou outro se justificar mas não pelo facto de ser surdo. Pode justificar-se se tiver outra deficiência qualquer que não lhe permita andar numa determinada velocidade. Acredito que os médicos que passam os atestados atuam com bastante cuidado.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança?

PRT: Não. O facto de não ouvirem, faz com que desenvolvam a capacidade de atenção. a atenção é muito mais desenvolvida do que a nossa, mas muito mais. Apercebem-se de tudo o que se passa à volta e nós muitas vezes estamos distraídos. Até o pisca... há anos, vinha um casal de idosos durante quilómetros com o pisca da direita ligado. Ora, a não ser que a música esteja alta, o pisca ouve-se... Os surdos, chegam a um momento que iriam olhar para o painel de instrumentos e vêem o pisca ligado, pensam: Eu estou a dar informação errada aos outros condutores. Porque se eu vou a conduzir com o pisca da direita ligado e não viro. Se não o faço, engano o outros condutores e posso causar um acidente.

Mas o que quero dizer, é que isso com eles dificilmente acontece, porque eles são mais atentos a tudo o que o rodeia e portanto o painel de instrumentos não lhe passa despercebido.

I: Muito Obrigada. Estamos a terminar. Como resumiria esta experiência, já de tantos anos com os surdos?

PRT: Olhe, acho que foi rica para mim porque tive contactos com muitos deles que passaram a conhecer-me e a estimar-me na vida pública. Vêem-me, cumprimentam-me e acho que consideram. Aprendi um bocadinho também de língua gestual. E acho que de certo modo, fui útil para eles. Foi um grupo que estavam relegados para canto e através destes métodos nós conseguimos integrá-los praticamente no nosso meio. É essencial tirarmos a carta.

I. Depois disponibilizarei a entrevista e os resultados.

PRT: Muito bem. Obrigada.

Apêndice 19 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – STR

Entrevistado: STR

Entrevistadora: Investigadora (I)

Local: Tomar

Data: 24/02/2015

Duração: 00:18:05

Meio da Entrevista: Presencial

Investigadora (I) - Boa tarde. Muito obrigada por participar neste estudo. Aceita que grave a entrevista de modo a registar os dados mais facilmente?

Entrevistado: (STR) - Sim.

I: Deseja saber mais alguma coisa acerca deste estudo? Tem alguma questão que queira ver esclarecida?

STR: Não.

I: Vamos começar então com perguntas sobre si. Qual o seu nível de escolaridade?

STR: Tenho o 11ºano

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

STR: Cerca de 21 anos ou talvez um pouco mais.

I: Tem realizado formação de atualização/reciclagem?

STR: Claro, pois é obrigatório.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

STR: Instrutor de código e condução.

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

STR: Cerca de 20 anos.

I: Teve alguma formação específica para ensinar pessoas com deficiência?

STR: Não, nunca tive. Não há cursos específicos para lidar com a deficiência.

I: O que é que mais gosta na sua profissão?

STR: Tudo. Sei que é uma resposta vaga mas é tudo. Gosto muito de, em primeiro lugar, ser útil aos outros e em segundo lugar, se eu puder ajudar as pessoas e irem fazer coisas bem feitas para a estrada, fico contente por isso.

I: Considera o relacionamento/empatia com os alunos como essencial para o ensino de condução?

STR: Imprescindível e essencial. E tem sido boa..muito boa mesmo.

I: Pode-me falar um pouco da história desta Escola de Condução?

STR: Há quantos anos existe?

I: Desde 1956

STR:

I: Qual o número total de alunos até ao momento?

STR: Cerca de 3.000, mais ou menos.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola?

STR: Deste que eu estou aqui, 3 casos.

I: Sabe se há algum aluno surdo a tirar a carta neste momento?

STR: Nesta escola, não há no momento.

I: Tem conhecimento da relação da taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

STR: Não, não tem uma relação. O factor surdez não é impeditivo da taxa de aprovação ser ou não com sucesso. Nem no código nem na condução.

Obviamente que temos que lidar com as limitações da pessoa, não é? E sobretudo arranjar forma de comunicarmos com ela, de explicarmos que ela perceba o que lhe estamos a transmitir. Mas arranjamos maneira.

I: Como se processa a comunicação entre um aluno surdo e o instrutor durante as aulas teóricas?

STR: Nas aulas teóricas, a comunicação processa-se de forma mais facilmente uma vez que dispomos dos meios audiovisuais e assim e de facto, a pessoa aprende mais facilmente. A nível da condução, há uma dificuldade, em primeiro lugar, pela posição em que estamos. Porque nós estamos no interior do veículo e a pessoa surda não consegue ler nos nossos lábios, não é? Por isso, há muito mais dificuldade. Qual é a estratégia que eu encontrei pessoalmente, por vezes, há necessidade de parar e às vezes com alguma linguagem gestual e alguma verbalização que eles entendem através dos lábios para transmitir a mensagem. Outras vezes, escrevendo também, obviamente nas paragens.

I: E na aula teórica, também recorrem ao esquema ou desenhos?

STR: Sim, eles na parte da aprendizagem teórica, não têm qualquer diferença entre uns e outros. Claro, temos que falar mais diretamente para eles, de forma a que eles estejam sempre a ler os nossos lábios mas tirando isso, não há qualquer dificuldade.

I: Quais as dificuldades mais evidentes da comunicação, então na parte prática?

STR: Também depende dos candidatos. Eu tive 3 casos, nenhum deles, igual como é óbvio. Tivemos que arranjar formas próprias de comunicação entre nós. Por exemplo, com um dos alunos, quando o carro estava a morrer, eu apontava-lhe no tablier, dizia: o Carro vai a morrer e fazia-lhe o sinal da cruz com a mão e ela reduzia a mudança. Tínhamos que arranjar maneira que a mensagem passasse e fosse apreendida. Agora a forma como é... cada um tem de a encontrar.

I: Algum dos alunos surdos trouxe interprete para a sala de aula?

STR: Não, nunca trouxeram, nem para exames.

I: Sendo a audição um elemento essencial na condução, como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo e o ambiente que o rodeia?

STR: Na minha opinião e pela minha experiencia, a pessoa surda desenvolve outras capacidades que não as nossas, não é? Eles vão buscar à vibração do veículo, muitas coisas que nós não vamos buscar porque simplesmente estamos a ouvir. Estão muito mais despiertos a outros estímulos que nós não estamos porque não temos necessidade disso. Eles sentem de outra maneira. Eu acho que eles conseguem através da utilização dos outros sentidos, de certa forma contrapor a parte que falta da audição. No fundo, eles conseguem perfeitamente compensar a falta de audição.

I: E como é que lhe ordenava para mudar de direção?

STR: Fazia o gesto de forma a que conseguissem ver, basta esticar um pouco mais a mão, portanto, direita, esquerda.

I: E as manobras?

STR: Com gestos que inventava também. Tentava captar a atenção deles e depois fazia o gesto de parar - junto ao passeio. Ele fazia o pisca e parava junto ao passeio. Fazer inversão de sentido de marcha, estacionar...arranjava gestos combinados quase unicamente entre nós.

I: Se calhar o que era para um, depois não era igual para o outro...

STR: Sim, não era bem igual. Numa das vezes, foi engraçado, porque vieram duas irmãs (surdas-mudas). Mas a forma que servia para uma delas não servia para a outra e eram irmãs. Lá está, temos mesmo que inventar e arranjar forma de transmitir a mensagem.

I: Como considera essa experiência?

STR: É ótima. Porque ali, sem desprimor para ninguém, não somos simplesmente professores de matemática. Matemática diz: está certo ou está errado. Nós felizmente conseguimos fazer coisas completamente diferentes disso.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança?

STR: Muito pelo contrário, na minha opinião, eles são muito mais seguros do que propriamente nós. Podemos fazer uma experiência muito simples, nós próprios: um dia experimentar colocar 2 tampõezinhos nos ouvidos e passar uma manhã ou uma tarde com os ouvidos tapados e vamos analisar como chegamos ao final do dia. Em primeiro lugar, vamos ter uma descoberta surpreendente. Vamos chegar à noite muito menos cansados e se calhar vamos perceber que fazemos todas as tarefas que temos que fazer e dentro dos tempos que as queríamos fazer. Portanto, se eles não ouvem, se calhar, eles vão ser condutores tão seguros como os outros ou até um pouco mais que os outros. Eles vão estar muito mais atentos, vão olhar muito melhor, vão explorar o mundo que os rodeia muito melhor. Porquê? Porque eles não ouvem. Como não ouvem, eles têm essa percepção que não ouvem, eles tentam captar com a vista o que não conseguem com os ouvidos. Por isso, acho até que eles são mais seguros e menos distraídos que os outros.

I: E em relação aos sinais sonoros? Acha que pode ser perigoso o facto deste não o ouvirem quando lhe são dirigidos em caso de alerta?

STR: Não. Eu acho que não porque eu acho que se nós não ouvirmos. Como é lógico, os ouvidos fazem falta. Eu não estou disposto a prescindir deles como é lógico, mas por outro lado... por exemplo, nós chegamos a um cruzamento... é muito mais importante ver que ouvir. Só há algumas situações em que a audição se pode sobrepor a visão na recolha de informação, fazendo uso de palavras mais técnicas a nível do código. Só quando chegamos a um sítio que tenhamos obstáculos laterais que não podemos ver, podemos recorrer à audição para nos apercebermos da chegada de algum outro veículo. Mas tirando isso... é uma simples questão de andar mais devagar com mais atenção e observar ainda melhor. Portanto, não vejo que traga assim tanta vantagem.

I: Que outras estratégias, para além das mencionadas, utilizou nas aulas práticas para compreender o veículo?

STR: Vamos lá ver, nalgumas situações, eu tive primeiro que fazer para eles compreenderem. Depois eu escrevia e eles liam e fixavam, o que conseguiam, obviamente.

I: Mas o que escrevia?

STR: Escrevia exatamente o que estava a acontecer. Olha, quando sentes o carro... portanto, eu primeiro captava a atenção deles para estarem completamente concentrados no veículo. Depois dizia-lhe: vamos ligar uma ficha ao veículo, e tu vais sentir o veículo e eu dizia-lhe, também com gestos: Assim, o carro precisa de uma mudança mais alta (fazendo gestos). Depois eu escrevia-lhe isso. E assim a pouco e pouco, pouco e pouco, fazia-lhe o gesto com as mãos, exemplificava por vezes os pedais. Portanto, eles estavam a acelerar e eu dizia-lhe pisa a embraiagem, levantas aqui. Agora, mudança, fazia-lhe o gesto com a mão. Agora sobes a embraiagem e aceleras de novo. Ou seja através das minhas mãos eles viam os pés deles, exatamente aquilo que eles deviam de fazer. E pronto, foi assim. E as pessoas conduzem. Ainda aqui há dias passei por elas a conduzir.

I: Tem conhecimento se existem muitos alunos a solicitarem a interpretação do exame de código em Língua Gestual Portuguesa?

STR: Os alunos nunca pediram.

I: Considera que os materiais existentes são suficientes:

STR: Sim, sim. Perfeitamente adequados e corretos. Tem muito o recurso à imagem, à exemplificação e ao sistema de pergunta-resposta. Portanto, dá perfeitamente para complementar e conseguir um bom resultado.

I: Muito Obrigada. Terminamos. Há mais algum aspeto que gostaria de referir relativamente a esta temática? Tem alguma sugestão a fazer?

STR: De momento não me ocorre assim mais nada. Foi realmente um prazer ensinar aquelas pessoas a conduzir. Além de ser um desafio, quando as pessoas aprovam é sempre gratificante, como é lógico, mas nestas situações foi um bocadinho mais gratificante que as outras.

I: Como definiria a experiencia com alunos surdos?

STR: É ótima. Muito enriquecedora. É um desafio bom. Não só a nível da audição, há outras pessoas que tiram a carta, com deficiências a nível de membros, em carros automáticos em que realmente... é um desafio. E quando nós conseguimos, acaba por ser mais gratificante porque aquela pessoa que tem mais dificuldade e que não tem as faculdades todas aos seu dispor. Através do seu esforço e da nossa ajuda acabam por conseguir também fazer a sua vida com o veículo e isso é muito bom.

I: Muito Obrigada. Posso apresentar posteriormente a transcrição da entrevista e os resultados obtidos.

STR: Sim senhor.

I: Obrigada mais uma vez.

STR: Nada. Foi um prazer.

Apêndice 20 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – STB

Entrevistado: STB

Entrevistadora: Investigadora (I)

Local: Setúbal

Data: 07/02/2015

Duração: 00:15:30

Meio da Entrevista: Presencial

Entrevistadora (I): Boa tarde. Obrigada por ter aceitado participar neste estudo.

Aceita que grave a entrevista de modo a registar os dados mais facilmente?

Entrevistado (STB): Sim, claro.

I: Deseja saber mais alguma coisa acerca deste estudo? Tem alguma questão que queira ver esclarecida?

STB: Estou esclarecido. Podemos avançar.

I: O guião está dividido em vários blocos conforme o tema e então vamos começar, falando um pouco sobre si. Qual o seu nível de escolaridade?

S: Licenciatura em Direito.

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

S: 23 anos

I: Tem realizado formação de atualização/reciclagem?

S: Sim, sempre.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

S: Sou socio-gerente e diretor.

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

S: Neste, há 15 anos.

I: Teve alguma formação específica para ensinar pessoas com deficiência?

STB: Não, até porque é um tipo de cliente muito específico e que não aparece com muita frequência. Ao longo destes 15 anos, surgiram-me dois casos, para já.

I: Está a referir-se a alunos surdos?

STB: Sim.

I: O que mais gosta na sua profissão?

S: As relações interpessoais, sem dúvida.

I: A pergunta seguinte vinha mesmo nesse sentido, se considera o relacionamento/empatia com os alunos como essencial para o ensino de condução?

S: É fundamental, sem dúvida. É a parte mais interessante e mais gratificante.

I: Quais são as possíveis barreiras que possam existir?

STB: Poderão haver barreiras de ordem vária, depois cabe-nos a nós identificá-las e tentar transpô-las, melhor que podemos e sabemos. Temos que analisar pois cada caso é um caso.

I: Sobre a Escola de Condução... Há quantos anos existe?

STB: Há 15 anos

I: Qual o número total de alunos até ao momento?

STB: Muitos. Não posso precisar neste momento, mas muitos.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola?

STB: Nesta, ao longo destes 15 anos, foram 2.

I: Sabe se há algum aluno surdo a tirar a carta neste momento?

STB: Não. neste momento não há.

I: Tem conhecimento da relação da taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

STB: Dados os dois casos que por aqui passaram, a taxa de aprovação foi de 100%. Portanto, não dá para comparar.

I: Tanto na teórica, como na prática?

STB: Sim, tanto na teórica como na prática.

I: Há alguma iniciativa ou projetos que esta escola tem e que se destaca das outras?

STB: Destaca-se pelo modo como trata os clientes, pelos resultados obtidos e também pelas condições que oferece ao longo de toda a formação.

I: Como se processa a comunicação entre um aluno surdo e o instrutor durante as aulas teóricas?

STB: Durantas aulas teóricas, só um pedido da parte deles, uma vez que os instrutores não dominavam a linguagem gestual, para que fosse falado, de forma pausada, para que eles conseguissem fazer leitura labial. Uma vez por outra, vinham acompanhados de um familiar, que servia de intérprete mas na maior parte das presenças vinham sozinhos e conseguiam acompanhar.

I: Considera que os materiais que existem são suficientes?

STB: É assim, o feedback da parte deles foi positivo. Felizmente não tivemos nenhum caso complicado, na nossa ótica, é suficiente. Embora, possam haver outros casos, com os quais ainda não nos confrontámos, que poderão ter outras dificuldades, as quais ainda não identificámos.

I: Quais as possíveis dificuldades mais evidentes na comunicação?

STB: É assim, o maior tipo de dificuldades revelaram-se na componente prática. Há que explicar de uma forma, de outra e outra...ir à procura e ver qual a melhor forma de fazer conseguir passar a mensagem e certificarmo-nos que ela realmente passou.

I: E no que respeita às aulas práticas, que estratégias é que utilizavam?

STB: Uma vez que nas aulas práticas não era possível a leitura labial, tinha que ser gestualmente. Quando havia necessidade de explicar alguma coisa, com maior profundidade, parava o carro ou através de linguagem, portanto falada e leitura labial. Em casos mais técnicos, com recurso a desenhos, frases escritas.

I: Sendo a audição um elemento essencial na condução, como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo e o ambiente que o rodeia?

STB: Em termos de visibilidade, com recurso a espelhos retrovisores de maiores dimensões de forma reduzir os ângulos mortos.

I: Tinham esses espelhos?

STB: Sim, temos. Em termos de sensibilidade em relação ao veículo, nesse caso, eles tinham muito mais sensibilidade e conseguiam facilmente apreender e sentir as vibrações do veículo de forma a compreender as suas necessidades.

I: E no que respeita ainda à comunicação mais específica, para solicitar ao aluno para realizar uma determinada manobra?

STB: Nas primeiras aulas, tinham que ser com recurso ao papel e à caneta, fazendo o desenho daquilo que se pretendia e depois nas seguintes, já não era necessário tanto.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança?

STB: Claro que há muita informação que nós recolhemos pela via auditiva, mas não sendo possível recolhê-la, há que compensar, com a recolha de informação visual de forma a evitar que sejam surpreendidos com situações adversas.

Desde que tenham uma boa exploração percetiva de tudo o que se passa à sua volta, irá dispensar a situação da não audição dos sinais sonoros.

I: Agora em relação ao exame de código, tem conhecimento se existem muitos alunos a solicitarem a interpretação do exame de código em Língua Gestual Portuguesa?

STB: É assim, no caso dos surdos-mudos é a única situação em que é permitido o intérprete na sala de exame. É claro que todos os surdos-mudos terão essa necessidade. Agora não tenho presentes os números a nível nacional de quantos serão.

I: Os daqui da escola requisitaram?

STB: Sim, os dois requisitaram, pediram à associação de surdos e eles nomearam um.

I: Tendo em conta que ainda há alguma estranheza pelo facto de os alunos surdos poderem conduzir, o que acha que se possa fazer para ultrapassar esta ideia?

STB: É assim, não há necessidade de justificar, uma vez que um condutor surdo-mudo quando vai a conduzir, não é facilmente identificável pelos outros condutores.

Em termos de circulação, não influencia nada. Em termos de mentalização das outras pessoas, pode fazer um pouco de confusão, mas são pessoas normais que conseguem fazer a sua vida normal e isso é que é importante. O que importa é isso e a opinião dos outros, será secundária. Relacionando ainda com as aulas de condução, o mesmo acontece com os deficientes físicos com dificuldades motoras, o instrutor tem que se adaptar e dar o seu melhor, utilizando os meios que tem ao seu dispor.

I: Muito Obrigada, estamos quase a terminar. Para finalizar, Há mais algum aspeto que gostaria de referir relativamente a esta temática? Tem alguma sugestão a fazer?

STB: Não. À medida que as dificuldades vão surgindo, nós vamos arranando formas de as ultrapassar mas os poucos casos que encontrámos foram superados da melhor forma, com bons resultados. E ainda hoje, como são pessoas aqui da zona, cruzamo-nos e constato que continuam a fazer uma vida de condutores perfeitamente normal e quem não sabe que são surdos, não conseguem identificar que aquele condutor tem aquela adversidade, porque ele faz uma condução completamente normal.

I: E tem alguma restrição na carta?

STB: Sim, tem restrições. São fixadas pelo médico, tanto no caso como noutra, recordo-me dos espelhos retrovisores de maiores dimensões e não me recordo se havia uma limitação de velocidade, já não posso precisar.

Mas penso que a um deles o médico colocou-lhe um limite de velocidade.

I: Muito Obrigada. Depois posso enviar-lhe a transcrição e entrevista.

STB: Não, se possível, gostava era de aceder ao resultado final. Espero que tenha um feedback positivo.

I: Isso também, sem dúvida. Obrigada.

STB: Ora essa. Boa sorte

Apêndice 21 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – VCT

Entrevistado: VCT

Entrevistadora: Investigadora (I)

Local: Tomar

Data: 02/12/2015

Duração: 00:23:00

Meio da Entrevista: Via skype

Entrevistadora (I): Boa noite. Obrigada por ter aceitado participar neste estudo.

Aceita que grave a entrevista de modo a registar os dados mais facilmente?

Entrevistado (VCT): Sim, sim, esteja à vontade. Não há problema nenhum.

I: Deseja saber mais alguma coisa acerca deste estudo? Tem alguma questão que queira ver esclarecida?

VCT: Já sei que é para um estudo do mestrado e o tema é muito interessante. Por isso podemos começar, naquilo que eu puder ajudar.

I: Obrigada. O primeiro bloco de perguntas é sobre si. Qual o seu nível de escolaridade?

VCT: O antigo 7ºano, equivalente ao 12ºano, provavelmente. Tirei o Curso de Contabilidade, Administração e Comércio.

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

VCT: Desde 1985.

I: Tem realizado formação de atualização/reciclagem?

VCT: Sim, sim alguma. Devia de estar a frequentar, mas não houve vaga. Quando tenho de renovar a licença de condução. Estou a aguardar.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

VCT: Olhe, sou proprietário, sócio majoritário, diretor e instrutor. Dou aulas de código, condução e mecânica.

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

VCT: Desde que abriu, fui eu que o abri, desde 9 de dezembro de 1999.

I: Teve alguma formação específica para ensinar pessoas com deficiência?

VCT: Eu creio que nem existe nenhuma formação específica. Apenas a experiência.

I: O que mais gosta na sua profissão?

VCT: De tudo. Gosto das aulas de código, gosto das aulas de condução, do relacionamento que tenho com os alunos. Dá-me experiência. Principalmente no ensino prático que é muito individualizado, não é? Temos que arranjar maneiras e formas diferentes de trabalhar com cada candidato.

I: Considera o relacionamento/empatia com os alunos como essencial para o ensino de condução? Eu creio que sim, que é essencial. Não havendo essa empatia, nem os alunos aprendem, se não há um clima que proporcione para eles assimilarem o que nós estamos a transmitir. Temos que os pôr à vontade mas outras vezes também é necessário chamá-los à atenção. Às vezes eles pensam que sabem tudo, mas não sabem.

VCT: E sobre a escola de condução...

I: Há quantos anos existe?

VCT: A escola existe desde 1999.

I: Qual o número total de alunos até ao momento?

VCT: Uma média de 250 alunos por ano. Mas hoje em dia com o momento de crise que atravessamos, depende.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola?

VCT: Eu creio que foram 4 alunos.

I: Sabe se há algum aluno surdo a tirar a carta neste momento?

VCT: Tenho um que não é totalmente surdo mas tem dificuldades em ouvir.

I: Tem conhecimento da relação da taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

VCT: Acho que têm mais dificuldade. No teórico é mais evidente. Na prática, são muito atenciosos.

I: Tem conhecimento se recorreram ao intérprete de Língua Gestual Portuguesa?

VCT: Sim, sim. Todos pediram. É uma possibilidade e eles pediram. Eu tenho muita pena deles. Porque é um problema que eles não criaram. Nós temos que os ajudar a tornar a vida mais facilitada.

I: Como se processa a comunicação entre um aluno surdo e o instrutor durante as aulas teóricas?

VCT: Nas aulas teóricas tento explicar as coisas mais ao pormenor. Depois, eles estão muito atentos ao que dizemos e aos exemplos escritos, ao que escrevemos no quadro...a tudo. Acompanhando com os gestos que a gente consegue fazer, eles também nos percebem. Também esquemas no quadro. Uma das formas é a leitura labial mas não sei se o fariam, ou não. Eu tenho sala multimédia e isso também os ajuda. Uma imagem vale mais do que mil palavras, não é?

I: Quais as dificuldades mais evidentes na comunicação?

VCT: A dificuldade... há uma barreira muito grande entre aquilo que nós queremos dizer, ou melhor, aquilo que dizemos e aquilo que eles entendem. Nós podemos explicar e eles apenas entendem a 30%. Se nós conseguirmos isso, já é bom. Mas só com a persistência, é que eles poderão atingir.

I: E no que respeita às aulas práticas?

VCT: É mais fácil. Os nossos gestos são mais: virar, apontando para a esquerda ou para a direita. Quando tem o conta-rotações nos carros, a gente aponta e dizemos quando é que deve passar ou não. A passagem das mudanças... eles têm um poder de adaptação muito grande.

I: E para fazerem uma determinada manobra?

VCT: Por gestos também. Colocava uma mão paralela à outra e ele já sabia que era para colocar o carro ao lado do outro. Para parar, também fazia o gesto com a mão...inverter o sentido de marcha... sempre assim. Foi fácil.

I: E também recorreu ao papel e caneta?

VCT: Sim, sim. Para demonstrar como queremos que ele realizasse determinada manobra.

I: Nunca foi necessário demonstrar 1º e depois ele repetir?

VCT: Não, não. Nunca foi necessário.

I: Sendo a audição um elemento importante na condução, como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo e o ambiente que o rodeia?

VCT: Ele percebe, com a prática, com o dia-a-dia. Muitas vezes já andam de bicicleta, o que lhes permite ter uma noção de como se atravessa um cruzamento, quando se deve aumentar ou diminuir a velocidade. A concentração que eles têm também ajuda...não há nada que os distraia. A audição é importante mas não é tudo.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança?

VCT: Claro. Eles são mais limitados, existe uma pequena limitação mas de resto são condutores como qualquer outro. Porque, não existe o rádio a tocar, a música, distração, portanto concentram-se só naquilo que estão a fazer. Ainda no outro dia estive a conversar com um amigo meu que me disse que numa fábrica trabalham 7 ou 8 surdos e que é muito produtiva pois eles não se distraem com nada. Estão focados só

naquilo que estão a cumprir e mais nada. Segundo dizem, quando falta de um sentido, os outros estão mais apurados.

Eu acredito que na presença de um veículo prioritário possa ter mais dificuldade, porque a primeira chamada de atenção, a tendência é de usar o sinal sonoro. Mas depois eles, tendo em conta o comportamento dos outros carros, também se apercebem da presença de um veículo prioritário. Mas em vez de buzinares, respeitem. O respeito é essencial.

I: Como definiria a experiência com pessoas surdas?

VCT: Nunca pensei nisso. Julgo que faz parte do meu currículo e que não é transmissível facilmente a outro. Faz-me lembrar o 25 de abril...só pode saber o que é, quem o viveu. Aqui é a mesma coisa, só quem conviveu com ele, é que poderá dizer. Quando levei um aluno a exame, o examinador estava preocupado. Mas eu disse-lhe para ir em total segurança. E o examinador disse que vindo de mim, acreditava. Nada é difícil quando se faz de boa vontade.

I: Quero muito agradecer-lhe a sua disponibilidade. Depois irei disponibilizar a entrevista e os resultados do estudo. Há mais algum aspeto que gostaria de referir relativamente a esta temática?

VCT: Espero ter sido útil.

I: Tem alguma sugestão a fazer?

VCT: Não. Espero que tudo lhe corra pelo melhor.

I: Muito Obrigada

VCT: Obrigada eu.

Apêndice 22 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – VRL

Entrevistado: VRL

Entrevistadora: Investigadora (I)

Local: Vila Real

Data: 21/03/2015

Duração: 00:32:00

Meio da Entrevista: Presencial

Investigadora (I): Boa tarde, primeiro que tudo gostaria de agradecer a sua colaboração e a possibilidade de dar esta entrevista. Começo por perguntar se aceita que grave a entrevista de modo a registar os dados mais facilmente?

Entrevistado (VRL) : Sim.

I: Gostaria de saber mais alguma coisa sobre este estudo?

VRL: Para já estou esclarecido...vamos seguindo...

I: Muito Obrigada. A primeira parte das perguntas é sobre si. Qual o seu nível de escolaridade?

VRL: O 12ºano.

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

VRL: Desde 1980.

I: E tem em realizado formação de atualização e de reciclagem?

VRL: Sim. Somos obrigados, de 5 em 5 anos.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

VRL: Sou proprietário e instrutor.

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

VRL: Desde o início, desde 2007.

I: Teve alguma formação específica para ensinar pessoas com deficiência?

VRL: Nunca tive formação nem conheço ninguém habilitado para nos dar.

Mas já tive um caso de um aluno com uma perna mais curta do que outra. Deu aulas no seu carro particular. A escola está adaptada para pessoas com deficiência, inclusive a casa de banho. A escola de condução tem condições para receber mas não temos veículo adaptado, uma vez que cada situação é específica.

Apesar de nunca ter tido formação para ensinar pessoas com deficiência, como instrutor tenho que me adaptar a cada aluno, às suas necessidades ou deficiência.

Quando tirei a carta de instrutor, apenas tínhamos que saber conduzir, ter a carta de condução, fazer um exame, mostrando o que sabíamos fazer.

I: O que mais gosta na sua profissão?

VRL: De dar aulas, do relacionamento humano. Gosto muito da comunicação, independentemente das idades ou classes sociais. Apesar das escolas de condução estarem a atravessar um momento difícil, não podemos levar os problemas para casa. Os problemas de casa ficam em casa e não se levam para o trabalho.

I: A pergunta seguinte está relacionada com o que respondeu. Considera o relacionamento/empatia com os alunos como essencial para o ensino de condução?

VRL: Sem dúvida, se não houver uma relação professor-aluno não se chega a lado nenhum. Cada caso é um caso.

É preciso um trabalho contínuo. Começa-se uma aula e termina-se. Logo a seguir, temos outra aula, com outro aluno. Temos que nos esvaziar e isso requer uma certa ginástica mental.

I: Pode falar um pouco sobre a Escola de Condução: Há quantos anos existe?

VRL: A escola existe desde março de 2007. Procuramos seguir pela linha da verdade em que um aluno fica um amigo.

I: Qual o número total de alunos até ao momento?

VRL: Não faço ideia de quantos serão.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola.

VRL: Uma aluna surda que está a tirar a carta atualmente.

I: Tem conhecimento da relação da taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

VRL: Ainda não, uma vez que ainda não fez exame de condução.

I: O próximo bloco de perguntas destina-se à relação com os alunos surdos.

Durante as aulas teóricas, como se processa a comunicação entre o instrutor e os alunos surdos? Que estratégias são utilizadas?

VRL: Nas aulas teóricas obrigo a ler o livro, o manual.

Tento falar pausadamente, pois ela faz leitura labial. Depois recorremos muito a imagens. Temos um software, sala virtual, em que ao clicar, por exemplo no sinal de código, aparece o texto a explicar o que é. O texto associado à imagem ajuda muito.

Quando não consegue perceber, a aluna recorre ao texto. Ela escreve em papel: “O que é isto?”. E eu explico-lhe.

I: Não sente que existam dificuldades?

VRL: Não sinto grandes dificuldades. Sinto que tenho uma grande facilidade de relacionamento, de comunicação...até um sentido paternal em relação à aluna surda. Trato-a como se fosse uma filha, sei que ela está a adorar a experiência.

Também para mim, tem sido um desafio.

I: A aluna tem aulas juntamente com os alunos ouvintes?

VRL: Sim, está sempre com os outros alunos. Tem tablet e faz os testes no computador e em casa.

I: E durante as aulas práticas? Que estratégias utilizou?

VRL: Foi muito engraçado. Só quer ter aulas comigo. Criámos uma maneira de estar juntos, com muita piada. Na primeira aula, utilizei a mesma técnica que uso com todos os alunos. Descrevi os pedais, associando ao gesto. Expliquei-lhe tudo, tendo demorado mais tempo.

I: E como lhe indica para mudar a mudança ou fazer determinada manobra?

VRL: Através do conta-rotações para alterar a mudança e a trepidação do carro também é sinal que é preciso mudar a mudança.

Ou então, bato na manete e mostro com os dedos o número da mudança para a qual deve mudar. Assim já sabe qual a velocidade necessária.

Faço o gesto com o braço e mão para virar à direita ou à esquerda. Basta chegar-me um pouco mais à frente. Quando é numa rotunda, faço o gesto no tablier e indico com os dedos qual o número da saída. Exemplo: dois, já sabe que é na segunda saída, que é para sair.

Sabe que mulher também tem um campo visual maior que o homem e isso também facilita. Tenho muita paciência e sensibilidade também.

I: Pode-se dizer que têm uns códigos muito próprios que combinaram entre si?

VRL: Sim, é isso mesmo. Antes das aulas, combinámos os gestos. Ela também faz a leitura labial. Eu disse-lhe: passadeira e faço o gesto. Como também, pisca, é fácil, com os gestos. Depois, ultrapassagem, estacionar. São gestos específicos que encontrei de forma a que ela perceba.

Depois no final, dou-lhe sempre um reforço positivo e isso sim é mesmo importante para ela.

Tal como faço com os outros alunos, uso um caderno, onde por vezes também escrevo indicações ou informações importantes, como por exemplo: encostar ao eixo da via...

I: Sendo a audição um elemento importante na condução, já referiu como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo. Agora gostaria de perguntar como ensina a compreender o ambiente que o rodeia?

VRL: É fácil, porque, sabe, os surdos são muito mais atentos e mais seguros. Olham muito mais vezes para os espelhos e conseguem controlar tudo. Cumprem muito mais as regras e os limites estabelecimentos.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança?

VRL: Como já disse, os surdos são muito mais atentos e observadores também enquanto conduzem. Ao cumprirem os limites não colocam tão facilmente em perigo a sua segurança e a dos outros condutores.

I: Não foi necessário recorrer a uma intérprete de Língua Gestual Portuguesa?

VRL: Não, ela não pediu intérprete para o exame. Nem durante as aulas teóricas.

I: Para terminar, como definiria a sua experiência de ensinar alunos surdos?

VRL: Um desafio muito grande. Apliquei-me muito desde o início.

Criámos uma grande cumplicidade desde o código. São tão capazes ou mais do que nós. São cumpridores do código e dos seus deveres. Têm uma visão mais apurada e conseguem controlar tudo através dos espelhos.

I: Muito obrigada mais uma vez, pela sua colaboração.

VRL: Eu é que agradeço o facto de ter vindo de tão longe para me entrevistar.

I: Há mais algum aspeto que gostaria de referir relativamente a esta temática?

VRL: Estou um pouco curioso para saber como será o exame de condução.

Estou a pensar conversar antes do exame com o examinador e dar-lhe os gestos que combinei com a aluna, para ele os poder usar, durante o exame.

I: Mais uma vez, obrigada. No final, posso apresentar-lhe os resultados do estudo assim como esta entrevista.

VRL: Agradecia. Obrigada também.

Apêndice 23 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – VIS

Entrevistado: VIS

Entrevistadora: Investigadora (I)

Local: Viseu

Data: 14/02/2015

Duração: 00:30:12

Meio da Entrevista: Presencial

Investigadora **(I)**: Aceita que grave a entrevista de modo a registar os dados mais facilmente?

Entrevistado **(VIS)**: Sim, não tem problema.

I: Deseja saber mais alguma coisa acerca deste estudo? Tem alguma questão que queira ver esclarecida?

VIS: Não, não tenho nenhuma dúvida em particular.

I: O primeiro bloco é então sobre si. Qual o seu nível de escolaridade?

VIS: 12ºano

I: Há quanto tempo tem o curso de instrutor?

VIS: Há 24 anos.

I: Tem realizado formação de atualização/reciclagem?

VIS: Sim, de 5 em 5 anos é mesmo obrigatório.

I: Quais as funções que exerce neste estabelecimento de ensino?

VIS: Sou instrutor de condução (quer da parte teórica, quer da parte prática)

I: Há quantos anos trabalha neste estabelecimento?

VIS: Há 24 anos. Foi sempre aqui nesta escola.

I: Teve alguma formação específica para ensinar pessoas com deficiência?

VIS: Não, não temos. Mas tenho a minha experiência de vida. Tenho um irmão surdo-mudo e pronto através dessa experiência tenho alguma facilidade em comunicar com surdos-mudos.

Ora bem, tenho só a experiência de vida mais nada, porque em termos de formação. Nós temos, todos os 5 anos temos uma atualização, que não é formação rigorosamente nenhuma. O instrutor quer goste ou não goste, tem que estar atualizado no dia-a-dia. Eu tenho que ser profissional naquilo que faço.

I: O que mais gosta na sua profissão?

VIS: Isto é assim, para ser sincero, isto deixa muito a desejar, desde alguns anos para cá e não só...como é que hei-de dizer... O ensino atualmente é muito frustrante, para quem ensina. Os meninos não têm disciplina. Quem ensina, não pode impor disciplina. Os meninos sabem tudo mas não sabem nada.

Muito sinceramente, estou cheio de estar no ensino. Porque isto é assim, isto agravou-se há uns 10 anos para cá...antigamente o professor era visto com outros olhos. Quem ensina, quem dá formação e a partir de uma determinada altura, não. O professor é alguém que tem que aturar os meninos e mais nada. E infelizmente verifica-se a mesma coisa nas escolas de condução, quando até se dá formação a adultos.

Na minha opinião, atualmente os miúdos não têm responsabilidade de nada. Os paizinhos é que fazem tudo. Atualmente é mau comportamento e o meu e a mãe até sabem que é mas dizem: o menino é que é bom, não tem nada que o chatear".

Antigamente não, se os professores dissessem alguma coisa, nós não queríamos que os pais soubessem, porque em casa eramos mais castigados. Havia disciplina, havia mais rigor. E aqui, no ensino da condução é a mesma coisa.

Regra geral, não quer dizer que não continuem a haver miúdos que se interessem e são aplicados e sabem que tem que haver alguma exigência no ensino.

I: Sim, porque estão a formar condutores.

VIS: Exatamente e na formação de condutores, a exigência tem de ser de tal ordem porque tem mesmo que ser. Mas as pessoas não entendem isso. Eu ando aqui há 24 anos... estou cheio, estou cheio do ensino.

A minha esposa também é professora e ela é professora do ensino especial e ela também tirou um mestrado nessa área.

É muito difícil comunicar quando a outra pessoa não quer comunicação. Isto chegou ao cúmulo de um candidato a condutor dizer: "Não me chateei muito porque eu nem queria tirar a carta de condução. Os meus pais é que me estão a obrigar."

Ter a carta de condução é sempre uma mais-valia para tudo. Repare, que até hoje em dia, no currículo, é importante que se tenha carta de condução. Agora não quer dizer que se tenha que ter a carta na altura em que tem 18 anos.

I: Pode-me falar um pouco da história desta Escola de Condução? Há quantos anos existe?

VIS: Esta escola já existe há mais de 50 anos. Penso que é a escola mais antiga cá de Viseu.

I: Qual o número total de alunos até ao momento?

VIS: Desde que a escola abriu? Uns milhares, mesmo uns milhares.

I: Tem conhecimento do número de alunos surdos que já tiraram a carta nesta escola?

VIS: Penso que foi apenas um, foi o único moço surdo-mudo que tirou cá a carta.

I: Sabe se há algum aluno surdo a tirar a carta neste momento?

VIS: Neste momento não.

I: Tem conhecimento da relação da taxa de aprovação entre os alunos ouvintes e surdos?

VIS: Pronto, como apenas tive 1 não tenho esse conhecimento. Mas fez tudo à primeira.

I: Como se processa a comunicação entre um aluno surdo e o instrutor durante as aulas teóricas?

VIS: Pronto, durante as aulas teóricas não há qualquer ensino particular dos outros.

Atualmente não há. Na altura em que esse moço tirou cá a carta, eu estava muitas horas com ele, só mesmo com ele, o que ajudou muito.

Quando ele não percebia determinado conteúdo, eu tentava explicar-lhe, não é? Tentava comunicar com ele de determinada maneira e ele acabava por perceber as coisas. Como eu disse há bocadinho, eles têm uma capacidade de interpretação e de perceber as coisas muito rápidas.

I: Mas ele conseguia fazer leitura labial?

VIS: Não, era mais por gestos ou através de desenhos.

I: E no que respeita às aulas práticas? Sentia dificuldades?

VIS: Antes de começar as aulas, eu explicava-lhe determinados pormenores que ele tinha que fazer. Pronto, eu apontava para a esquerda, fazia assim com o dedo e ele sabia que era para virar para a esquerda. Fazia-lhe assim para aqui, e ele sabia que era para virar para a direita. Para as manobras, mandava-o parar. Ele encostava e depois olhávamos um para o outro e eu dizia-lhe: olha, agora vamos fazer isto ou aquilo.

Bastava o gesto e a fala. À medida que eu explicava, ele fazia nas calmas. Depois de algumas tentativas ele captava e pronto, estava resolvido.

I: Sendo a audição um elemento essencial na condução, como ensina os alunos surdos a compreenderem o seu veículo e o ambiente que o rodeia?

VIS: Pois, isto é assim. O moço, já tinha alguns conhecimentos porque ele já conduzia trator agrícola lá numa quinta. Mas relativamente a isso, já lá vão uns 15 anos, ainda não se fala muito sobre essas coisas. Era aprender a conduzir, andar na estrada e mais nada. Aquela vertente do veículo, do veículo em si, não era muito falada.

Mas não é preciso barulho, porque através da velocidade, de uma determinada velocidade, tem de saber que vai haver necessidade de uma determinada mudança. As pessoas aprendem que sempre que o carro pare, tem que se por a primeira para retomar a marcha, não é? À medida que vai ganhando velocidade, não tem que ter audição, porque é no velocímetro que vemos o aumento da velocidade e mediante a progressão da velocidade, assim há uma mudança que temos que pôr.

Portanto, hoje em dia, os carros até têm conta-rotações. A partir do momento que as rotações aumentam é sinal de que a mudança que tem naquele momento já não serve, não é? Têm que por outra mais forte.

Na altura não tinha conta-rotações. Era através velocímetro. E depois com o hábito, nós pomos a mudança. Ganha velocidade, aumentamos, perde velocidade, diminuímos.

Numa determinada altura, a audição não é essencial.

Na minha opinião, até determinado barulho pode-me tirar a atenção para uma situação mais importante. Mesmo em situações de ambulâncias, por exemplo, o sinal luminoso é o mais importante. Até se diz que o silêncio é de ouro, não é? para que é que eu quero o barulho?

O surdo é muito calmo por natureza. É paciente, é atento. É um bom condutor. Tem o que se quer de um bom condutor: É ser paciente, estar atento, interagir muito bem com os outros utentes.

Explora muito bem os espelhos retrovisores. Não surpreende nem se deixa surpreender, não é?

O surdo tem essas capacidades todas. A falta de audição, neste caso, não é um handicap para ser um bom condutor e na minha opinião melhor ainda que os outros que têm audição.

I: Considera que pode haver uma relação entre a falta de audição e a segurança?

VIS: Não, na minha opinião, pelo contrário. Eu costumo dar o exemplo que quando se anda de mota a alta velocidade, perdemos completamente a audição. Há medida que a velocidade começa a aumentar a audição quase que desaparece.

E nós sentimos que a perdemos. Sabe o que acontece? Ficamos preocupados. Temos então necessidade de explorar tudo através da visão. Por isso é que eu digo, que o surdo é muito mais atento e tem capacidade acrescida para ser um bom condutor.

Um bom condutor tem de ter uma boa visão. A audição para mim é muito subjetiva. Os surdos têm realmente uma restrição na carta de condução que é terem obrigatoriamente espelhos exteriores. Porque num automóvel ligeiro de passageiros, o espelho exterior do lado direito não é obrigatório. Não sei se se lembra, antigamente não tinham. O surdo tem de ter os dois espelhos. Na minha opinião, os espelhos deviam de ser para todos. Se através da visão, que mais de 90% da informação me chega para conduzir porque é que o surdo tem que ter o espelho e não toda a gente?

I: Tem conhecimento se existem muitos alunos a solicitarem a interpretação do exame de código em Língua Gestual Portuguesa?

VIS: Se a condição é saber ler e escrever...não precisou do intérprete de Língua Gestual Portuguesa.

I: Ainda sobre os materiais usados, acha que são suficientes?

VIS: Penso que são suficientes. Na minha opinião, eles pensam que isto melhorou, atualmente mas penso que piorou. Antigamente, as pessoas sabiam o código da estrada para passar no exame. Atualmente, decoram testes. Não sabem código da estrada nenhum. Eles depois não sabem o comportamento a ter na estrada.

I: Como definiria a experiência com os alunos surdos?

VIS: Como lhe disse, a experiência com este aluno, não foi assim muito vivida, porque eu sempre convivi com o meu irmão. Desde miúdo, nós somos 4 irmãos e desde sempre tivemos que conviver com este meu irmão que não tem audição e nós comunicávamos como se ele fosse um miúdo normal. Não havia ali uma diferença.

Para as pessoas de fora é que achavam um bicho de 7 cabeças, e não conseguem entender como nos entendíamos. Mas depois de se estar naquele meio, comunica-se muito normalmente, mesmo sem língua gestual nenhuma. Agora, é assim, quando o meu irmão está a comunicar com os outros surdos, é muito complicado para nós. Algumas coisas percebemos, determinados gestos, mas eles comunicam muito rápido. Dois ou três gestos fazem uma frase muito extensa. E depois, não é só os gestos. Fazem muitas expressões. Eles, a comunicar são mais emotivos que nós. Para coisas boas, coisas más. Em termos de formação específica não se tem. A não ser alguém da área que também seja instrutor de condução, pode acontecer. Porque por incrível que pareça há muitos surdos-mudos, cá em Viseu. Eles têm uma motivação muito grande para conseguir.

I: Há mais algum aspeto que gostaria de referir relativamente a esta temática? Tem alguma sugestão a fazer?

VIS: Não, penso que referi tudo. O principal é as pessoas quererem. Se for por obrigação, é pior. Da minha parte, posso dizer e provar que eles têm capacidades acrescidas de bons condutores.

I: Muito Obrigada pela sua colaboração.

VIS: De nada. Eu não sei até que ponto a ajudei. Peço desculpa se não foi a ajuda que pretendia.

I: Ajudou muito mesmo. Depois posso disponibilizar a entrevista e os resultados finais.

VIS: Sim senhor.

Apêndice 24 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – AVR

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Aveiro (AVR) | | |
|---|--|--|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | <i>Eu tenho bacharelato em Design. (AVR)</i> |
| | Formação para exercer a profissão | <i>O Curso de Instrutora, tirei em 2001. (AVR); para o ano vou fazer a segunda atualização... tenho feito reciclagem(...) também fiz o CAP – formação de formadores. (AVR)</i> |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | <i>Ah, não, infelizmente não (...) tenho imensa pena mas gostaria. (AVR)</i> |
| | Experiência como instrutor | <i>Ah... Estou desde 2001 a exercer esta profissão. (AVR); Aqui na escola trabalho desde 2010(AVR); Eu no estabelecimento sou instrutora de teoria e de prática “misturadamente”. (AVR);</i> |
| | Experiência com alunos surdos | <i>(...), até hoje, nestes anos todos, eu tive quatro pessoas sem... com esta deficiência. (AVR) A experiência é fantástica! Gostei muito, e tenho pena de não ter mais alunos surdos-mudos. Já há muitos anos que eu não tinha e eu agora, quando apareceu este moço, fiquei muito feliz... De voltar, porque adoro. Adoro a dedicação que lhe dou...(AVR)O tentar, às vezes, explicar-lhes... Adoro, fantástico...! Que haja mais! (AVR)</i> |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | <i>Temos bastante material, e muitas vezes trabalhamos dessa forma. Marcamos umas horas, para estar com eles, no computador, e irmos fazendo também exames(...) (AVR)</i> |
| | Materiais - Aulas Práticas | <i>A nível de viatura para aprenderem, e depois para conduzirem, eles têm que ter espelhos bilaterais, ou seja, espelhos exteriores obrigatoriamente. (AVR)</i> |
| | Humanas | <i>E acho que conseguimos lidar bem, mesmo sem o curso de língua gestual. (AVR)</i> |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | <i>E acho que conseguimos lidar bem, mesmo sem o curso de língua gestual. (AVR);</i> |

| | |
|--|--|
| Estratégias Gerais Aulas Teóricas | <i>(...) irmos explicando as dúvidas que lhes vão surgindo e incidir naquela matéria que tiveram dúvidas; percebemos as dúvidas deles. (AVR); Então tem que ser uma aprendizagem personalizada, não é? Ah... então, dependendo do tempo, da disponibilidade... não é, poder-se-á prolongar um bocadinho mais a aprendizagem, também por eles terem lá uma falha ao nível de alfabeto... (AVR); Conjuntamente com os outros? No nosso caso, não. É sempre separadamente. É de um para um. É assim que aqui... que eu sempre funcionei (...) e tem funcionado. (AVR); A fazer esquemas, para eles, então, resulta muito bem.(AVR); Nos que eu cá tive nenhum quis recorrer a... linguagem gestual, não. Porque acho que há... é assim, uma questão de tempo, e dedicação, e neste caso, também da nossa parte. Sabemos que é uma situação especial e dedicarmos algum tempo para...(AV); Não podemos juntar estes alunos com os outros, numa sala teórica e dar uma aula teórica. Podemos colocá-los lá, mas eles não vão perceber, não vão entender, não é? (AV)</i> |
| Estratégias Gerais Aulas Práticas | <i>Acho que na parte prática eles têm muita facilidade... Porque, claro, falta-lhes ali um dos sentidos – acho que se focam. A nível de indicações, é fácil, também. (AVR); As manobras que têm que fazer por gestos, porque no exame acaba por ser também assim, não é? (AVR); Detalhamos no início, como é que vamos dar indicação para a direita, para a esquerda, as manobras... (AVR); delineamos logo como é que... damos as indicações gestualmente(...) (AVR); Detalhamos logo. “Olha, esta manobra... vou-te dar indicação desta forma...” (AVR); Um conjunto de códigos já pré definidos, para eles já saberem. Se vais parar(um gesto); o pisca, como é que tens que fazer o pisca(outro gesto)... O indicador de mudança de direção, (outro gesto), não é...? (AVR); Normalmente paro sempre o veículo, e, se tiver que fazer alguma coisa a nível gráfico para explicar, claro que faço, também . E é mais fácil, exatamente, para compreender. (AVR); Tem um painel, não é, onde eles vão buscar informações. O aluno também sente o carro, o tacto... não é? (AVR)</i> |
| Dificuldades - Aulas Teóricas | <i>(...)acabamos por perceber que há palavras que eles desconhecem e que nos perguntam “não sei o que é isto?”. (AVR); O vocabulário é mais reduzido..., temos que ir procurar outras palavras. (AVR); Ter que ir procurar palavras que eles conheçam, para lhes explicar outras que eles nunca ouviram na vida, não é? Que acho que é a dificuldade... (AVR); O mais difícil a nível de comunicação muitas vezes é tentar, para mim, tentar procurar palavras que eles entendam. Muitas vezes não é à primeira que chego... “Não, também não entendo esta...”. (AVR); A dificuldade maior que eu tenho tem sido, às vezes, aí. Não é? Porque tenho que ir procurar uma... também não... (AVR); E tentar ir procurar mais palavras que tenham aquele significado que eles querem saber, portanto, aquela palavra que eles desconhecem, aquele exame que apareceu, não é? Ou no livro, que estavam a ler e não percebem aquela palavra. (AVR); Ter que ir procurar palavras que eles conheçam, para lhes explicar outras que eles nunca ouviram na vida, não é? Que acho que é a dificuldade... (AVR); Recorro ao desenho, escrita e parte gráfica, sem dúvida alguma ... bastante, mesmo. (AV); Não podemos juntar estes alunos com os outros, numa sala teórica e dar uma aula teórica. Podemos colocá-los lá, mas eles não vão perceber, não vão entender, não é? (AV)</i> |
| Dificuldades - Aulas Práticas | <i>(...)até hoje não tive problemas nenhuns. Muito fácil, mesmo. (AVR)</i> |

| | | |
|-------------------------------------|--|--|
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | <i>(...)tentar procurar uma forma de lhes explicar. (AVR); Ah..., eu utilizo bastante a escrita...(AVR);Ter que ir procurar palavras que eles conheçam, para lhes explicar outras que eles nunca ouviram na vida, não é? Que acho que é a dificuldade... (AVR)</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>[o carro]tem um painel, não é, onde eles vão buscar informações. O aluno também sente o carro, o tacto... não é? (AVR); A vibração do carro, essas coisas sentem-se, não é? Claro que a audição também tem alguma importância mas eles vão procurar de outra forma. (AVR); (...) ? Na visão vão procurar tudo à volta deles. E têm. Porque eles acabam por ter muito mais atenção visual, não é? do que nós, que ouvimos e vemos.(AVR) ; olha que, realmente, são mais atentos, mais observadores...(AVR); Por isso, a parte de sentirem o carro e de o perceberem, eles percebem-no perfeitamente. (AVR); Eu não sei, mas eu acho que as pessoas, por terem essa deficiência, se calhar sentem-se inferiorizados, inferiores. Não deveriam, sem dúvida alguma...(AVR); Mas como só vejo e não oiço, tenho mais atenção às coisas, não é?, ando com muito mais atenção. Observo tudo de outra forma; antevejo, prevejo as coisas com muito mais antecendência que um condutor que ouve e vê...(AVR)E acho que as pessoas não se devem acanhar, não devem ter vergonha. E, claro que conseguem, como os outros, e devem, como é lógico, devem tirar a carta de condução. (AVR) Neste caso eles, graças a Deus, veem e estão muito atentos... ao nível de campo visual estão muito mais atentos que um aluno que ouve e vê. São pessoas com uma grande sensibilidade. (AVR) sempre que tive contacto com pessoas com deficiência surda, muda, ou até invisuais, eles têm muito mais sensibilidade noutros sentidos. (AVR)</i> |
| | Aulas | <i>eu acho que eles têm muito mais facilidade para a parte prática.Pelo menos, da experiência que eu tenho, com os alunos que tive.(AVR); porque têm os mesmos direitos, não é? E conseguem, como os outros.(AVR)</i> |
| | Exames | <i>Porque no exame também não vai ninguém que saiba linguagem gestual, e aqui é difícil porque é o examinador vai à frente com eles a fazer o exame(AVR); De todos os que eu conheci, não sendo meus alunos ou sendo, não conheço nenhum a solicitar.(AVR); A nível de pessoas surdas-mudas, acabam por achar que conseguem perfeitamente fazer o exame e normalmente não solicitam.(AVR); Não, não reprovam mais. (AVR)</i> |

| | | |
|--|-----------------------------|---|
| | Segurança Rodoviária | <i>Mas se eu não tiver a audição, se calhar sinto-me mais responsável de andar com segurança, para mim e para os outros. (AVR) E vão ver que ainda vão, se calhar, ser melhores que as pessoas, que muitos outros. (AVR) É importante, mas o que detém a maior importância a nível da condução, 80% da importância é a visão, não é? E então eles têm esse; porque infelizmente, não é, as pessoas com... invisuais, não podem tirar a carta. (AVR) Neste caso, ah, eu imaginando que sendo surda e a tirar a carta e eu acho que isto é um mal, de certa forma, o que eu vou dizer... porque acho que isto, toda a gente devia ter essa mesma responsabilidade, mesmo vendo e ouvindo, a segurança deve estar acima de tudo, não é?(AVR)</i> |
|--|-----------------------------|---|

Apêndice 25 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – BJA

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Beja (BJA) | | |
|---|--|---|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | 11 ^º ano. (BJA) |
| | Formação para exercer a profissão | Tenho o curso de instrutor. (BJA) |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | Nunca tivemos formação sobre isso. Nem faz parte do nosso currículo. (BJA) |
| | Experiência como instrutor | Há 26 anos. (BJA); Sou instrutor de código, condução e todas as categorias ministradas no ensino de condução, diretor, sócio-gerente e administrativo. Faço tudo. (BJA) |
| | Experiência com alunos surdos | Apontamos para uns 15 alunos. (BJA); Eu sinto orgulho de ter sido instrutor de alguns surdos-mudos e de saber que até hoje, destes que tiraram a carta, não tenho conhecimento de nenhum acidente grave. Temos orgulho que eles consigam tirar a carta. (BJA) |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | A Informática ajuda muito. (BJA) |
| | Materiais - Aulas Práticas | Antes da aula, era-lhe comunicado no papel o trajeto que iriam percorrer. (BJA) |
| | Humanas | Com intérprete torna-se mais fácil. Quando temos mais 15 alunos, sem a intérprete seria mais difícil. Uma delas já tinha sido professora deles na escola. (BJA) |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | Tenho um filho de 22 anos que me ajudava aqui na escola e também começou a aprender algumas coisas em língua gestual para comunicar com eles. Havia trocas de mensagens de telemóveis entre uns e outros e sentiam-se muito acolhidos aqui. (BJA); Comunicamos por gestos e quando tinham dificuldade, escrevíamos. (BJA) |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | Depois também me enviam mensagens por telemóvel e às vezes dava para perceber as dificuldades que eles sentiam, por determinadas palavras que se usam nos testes de exames. (BJA); Comunicamos por gestos e quando tinham dificuldade, escrevíamos. (BJA) |
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | Antes da aula, era-lhe comunicado no papel o trajeto que iriam percorrer. (BJA) |

| | | |
|-------------------------------------|--|---|
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | <i>O que eu notei também foi a interpretação. Há palavras que eles não conhecem como por exemplo, fiquei estupefacto como muitos deles não conheciam a palavra "jejum". Havia uma pergunta em que dizia que quando um condutor ingere bebidas alcoólicas em jejum se era o mesmo que quando bebia bebidas alcoólicas depois do almoço. O Vocabulário é muito diferente, mais limitado. (BJA)</i> |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | <i>Logo inicialmente, para quem nunca conduziu, não se torna logo muito fácil dizer quando se deve mudar de mudança(...) (BJA)</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Eu solicitei à tradutora gestual o horário para saber quando ela podia aparecer. Estruturei uma formação, em que apenas estava o instrutor, o aluno e a professora de língua gestual e facultei manuais para que a intérprete pudesse estar a par do código atual, porque apesar de ter a carta, desconhecia regras novas de sinalização. Depois, os alunos já frequentavam as aulas em sala de aula normal, com a intérprete. (BJA)</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | <i>Logo inicialmente, para quem nunca conduziu, não se torna logo muito fácil dizer quando se deve mudar de mudança, mas nós demonstramos a conduzir. (BJA)</i> |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>Sim, sim, faziam leitura labial.(BJA); Provamos que derivado da reação do veículo, é preciso mudar de mudança, automaticamente eles percebem. (BJA); Tive um de Faro, já tinha estado em algumas escola de condução, e como não lhe arranjavam intérprete de língua gestual e o tratavam da mesma maneira do que os outros e veio para aqui e tirou a carta connosco. (BJA);</i> |
| | Aulas | <i>Não é devido ao facto de serem surdos, porque até na prática, alguns têm mais dificuldades que outros mas tivemos alunos surdos muito melhores que alunos ouvintes. (BJA); Muitos até conseguem fazer as tarefas melhor que os ouvintes. (BJA); (...) mas eles estão mais atentos aos espelhos do que a pessoa que ouve. (...) Têm muito mais cuidado. (BJA)</i> |
| | Exames | <i>Os primeiros, aqui há muitos anos, não havia a possibilidade do intérprete. Agora, estes últimos já fizeram com a intérprete da língua gestual. (BJA); Os pais também são logo informados que existe a possibilidade da vinda da intérprete. É uma despesa que eles têm que pagar. Mas depois compensa. (BJA) Embora haja uma outra reprovação, isso é normal em qualquer pessoa. (BJA)</i> |
| | Segurança Rodoviária | <i>Claro que faz falta[a audição], mas eles estão mais atentos aos espelhos do que a pessoa que ouve. Se vier um veículo prioritário, ele vê, através dos sinais de luzes. (...) mas são mais atentos, apercebendo-se mais das situações. Têm muito mais cuidado. (BJ)</i> |

Apêndice 26 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – BRG

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Braga (BRG) | | |
|--|--|--|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | 11 ^º ano. |
| | Formação para exercer a profissão | Temos mais formações. Até sou examinador de condução (BRG); |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | |
| | Experiência como instrutor | Desde 1992, cerca de 23/24 anos (BRG); Aqui sou socio-gerente e instrutor das duas componentes. Também sou formador e desde 2008 também sou examinador (BRG); |
| | Experiência com alunos surdos | Meus, tive uns 3 alunos (BRG); A experiência foi enriquecedora para minha atividade profissional. Embora lhe explicamos as técnicas de condução, mas aprendemos muitas coisas com eles também. Já sabia muita coisa em linguagem gestual.(BRG) |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | Sou suspeito mas perguntando aos alunos poderá ver, que nós temos qualquer coisa que saia nova, situações de imagens... tentamos sempre, de todas as formas e sempre que possível em investir a pensar nas dificuldades que os alunos poderão tentar e minimizar essa dificuldade. (BRG) |
| | Materiais - Aulas Práticas | |
| | Humanas | |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | Depois na condução, é que descobrimos e perguntamos como fazia e eles respondem: lia nos lábios. É a única técnica que eles têm. (BRG) |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | Isso é uma das práticas que um instrutor que está na parte teórica, tem que ter sempre em cima da mesa para se escrever. Ter um marcador, para exemplificar no quadro, fazer um desenho aqui ou ali...para todos mas sobretudo para os surdos. Mas no fundo é mesmo para todos. (BRG); |
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | |

| | | |
|-------------------------------------|--|--|
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Durante as aulas teóricas, é mais fácil, um bocadinho de resolver o assunto. (BRG); (...)e depois há uma coisa que a meu ver, que vai influenciar muito que é: ele chega à sala de código e não nos diz nada [que é surdo], nós não conseguimos descobrir, muitas das vezes. (BRG); Mas muitas vezes, não nos dizem[que são surdos], por vergonha...nós normalmente temos sempre muita gente no código, e podem sentir-se envergonhado de dizer o seu problema. E só nos dizemos passado uns tempos (BRG); Os alunos deviam dizer logo os seus problemas ou dificuldades e nós tentamos ajudar. O nosso dever é esse. Mas se nós não sabemos, vamos descobrindo...mas pode já ter passado algum tempo, para prejuízo deles e nosso (BRG); Às vezes eles não conseguem perceber uma coisa mais complexa . (BRG);</i> |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | <i>Depois na parte prática, é já é mais complicado. (BRG); Com uma das alunas, lembro-me que tinha muitas vezes de parar. (BRG);</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | <i>O facto de nós depois sabermos da dificuldade deles, vamos tentar focarmo-nos mais neles...vamos tentar arranjar uma forma de lhes conseguir incutir a mensagem que queremos transmitir. (BRG); Nós colocamos o aluno mais à frente e de frente para o instrutor. Ele vai conseguir fazer a leitura labial com mais facilidade. (BRG)</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | <i>Muitas das vezes exemplificava e depois ele repetia e nessas manobras... parava, explicava bem: gestual ou pelos lábios, tentava ver se ele percebeu. Se ele não conseguia, exemplificava eu e depois repetia ele... e foi dessa forma que eu consegui que eles tivessem êxito. (BRG)</i> |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>(...)por exemplo na caixa de velocidades, eles não está a ouvir o veículo, ele não ouve o motor, então uma das técnicas, é ver no conta- rotações e vermos a rotação em que o motor está.(BRG); A única técnica que temos é olhar para o conta-rotações do motor e por aí guiar-se mais ou menos para trabalhar com a caixa de velocidades. Agora os veículos novos até dizem lá: “Ponha a 1ª, ponha a 2ª ” mas nos veículos mais antigos tem que ser mesmo por aí. (BRG); Mesmo com os veículos prioritários que assinalam a marcha de urgência, temos que lhes dizer para olhar logo para cima, para as luzes. Eles também têm mais percepção do que nós temos. A única técnica é dizer para olhar para as luzinhas de cima; Aprendi a dizer, agora já me esqueci, a dizer Guiante (nome da escola de condução) em língua gestual. Ela ensinou-me uma série de coisas. (BRG);</i> |
| | Aulas | <i>Se ele não conseguia, exemplificava eu e depois repetia ele... e foi dessa forma que eu consegui que eles tivessem êxito. (BRG)</i> |
| | Exames | <i>Pediram [intérprete em LGP] só para o exame, mas para as aulas não foi preciso. Só um é que não pediu.</i> |
| | Segurança Rodoviária | <i>Não há [relação entre a falta de audição e segurança]. Eles por saberem da sua dificuldade, são mais cuidados. Pela experiência que eu tive são bastantes mais cuidadosos do que os alunos que acham que têm as suas capacidades a 100%, porque muitas vezes não têm e falham.(BRG)</i> |

Apêndice 27 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – BGC

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Bragança (BGC) | | |
|---|--|--|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | 12 ^º ano. (BGC) |
| | Formação para exercer a profissão | Curso de instrutor. |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | Não, por acaso tenho uma sobrinha que é licenciada em Língua Gestual. Não tive formação nenhuma, só que acho uma coisa muito bonita e ela, a minha sobrinha ensinou-me muita coisa em relação a isso. (BGC); Faz um bocado de falta não ter aquela formação[LGP], de poder comunicar com a pessoa surda.(BGC) |
| | Experiência como instrutor | Desde 1997, portanto, há quase 20 anos.(BGC); Faço um pouco de tudo, desde o trabalho administrativo, assim como instrutora da componente teórica e prática.(BGC); |
| | Experiência com alunos surdos | Desde que eu estou a trabalhar lá, foi apenas um. (BGC); Uma experiência linda, espetacular, fora de série. Foi uma experiência única e que gostei muito. Gostava de repetir.(BGC) |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | Sim, sim...para o ensino de condução, [os materiais] são suficientes(BGC); Nós temos sala de aula virtual, nós colocamos tudo no quadro e o instrutor tem a opção de colocar ou não colocar legenda. E ele [aluno surdo] foi através das legendas, que aprendeu os sinais e tudo. Tem situações reais do trânsito em vídeo.(BGC); Muitas vezes também fazia esquemas, através de papel e caneta para as rotundas, cruzamentos, por exemplo.(BGC) |
| | Materiais - Aulas Práticas | |
| | Humanas | |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | |

| | | |
|-------------------------------------|--|---|
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | <i>Uma pessoa tenta...ele também sabia ler nos lábios e portanto, não foi muito difícil. (BGC); Muitas vezes ele estava a fazer os testes e mostrava-lhe depois na parte real do programa, porque é que ele errou. (BGC); Ao resumir as matérias, eu escrevo sempre no quadro e ponho aquelas palavras base, que costumam sair nas perguntas. Eu escrevo muito. Ao fim de cada matéria, resumo aquilo que disse e depois faço um teste. Temos que avaliar o aluno. Para um instrutor que escreva e faça resumos, é fácil.(BGC); Na teórica, é fácil: eles lêem, captam através de esquemas, imagens... (BGC); Muitas vezes também fazia esquemas, através de papel e caneta para as rotundas, cruzamentos, por exemplo.(BR); Na avaria das luzes, temos sinais que podemos fazer manualmente. E foi uma coisa que quando eu dei na teórica, que fiz com que ele compreendesse bem os sinais. O de parar, arrancar. Temos os sinais próprios... e eu fazia o gesto... foi muito fácil.</i> |
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | <i>Eu mandava ir para a direita e fazia através de gestos, com o braço, porque eu dizia-lhe: direita... e depois quando íamos a ver ele não fazia. Mas depois usava os gestos e foi fácil. Tinha que falar um bocadinho mais alto, também. (BGC);</i> |
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Ele como não falava... O instrutor durante a aula vai fazendo perguntas aos instruendos, não é? E essa parte, claro, como era mudo, era um bocado complicado. (BGC);(...) ele também sabia ler nos lábios e portanto, não foi muito difícil. (BGC); Para um instrutor que escreva e faça resumos, é fácil.(BGC)</i> |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | <i>A prática ia ser difícil se não ouvisse os 20%. Foi um bocado engraçado. (BGC); Não dei só eu a prática. Nas primeiras aulas fui eu mas tanto eu como os meus colegas. Não achámos dificuldade. (BGC);</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Eu tentava explicar, foi através dos testes. Ele fazia os testes e quando ele errava, eu tentava explicar melhor a situação. (BGC)</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>Através do conta- rotações. E a vibração do volante. Foi fácil. (BGC); São pessoas um bocado diferentes, mas são iguais. Por isso penso que não faz muita diferença, pois estão mais atentos. (BGC); Se nós vamos num carro e através dos espelhos nós vemos tudo, não sei porque um aluno surdo possa ter tanta dificuldade em tirar a carta. (BGC)</i> |
| | Aulas | <i>Na teórica, é fácil: eles lêem, captam através de esquemas, imagens... (BGC); Aprendeu muito facilmente.(BGC)</i> |
| | Exames | |
| | Segurança Rodoviária | <i>Um dos sentidos mais importantes na condução é a visão e logo de seguida a audição. (BGC); Ele já usava a prótese auditiva. E tinha que ter espelhos duplos exteriores. (BGC)</i> |

Apêndice 28 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO - CTB

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Castelo Branco (CTB) | | |
|---|--|---|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | Tenho formação superior em Economia. |
| | Formação para exercer a profissão | Tenho o curso de instrutor desde 1989.(CTB) |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | Não, nunca tive e penso que o mercado é reduzido. (CTB) |
| | Experiência como instrutor | Tenho o curso de instrutor desde 1989.(CTB) |
| | Experiência com alunos surdos | Eu pessoalmente só tenho experiência em duas situações.(CTB) |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | Não estão direcionados para eles, nem há no mercado. Mesmo sendo visuais.. tem uma linguagem muito trabalhada. (CTB); Ela levou algum material[para casa], foi estudando. (CTB) |
| | Materiais - Aulas Práticas | Sim, a gente tem que trazer sempre uma folha limpa e fazer bonecos. (...) CTB |
| | Humanas | Então depois ficou acordado que como não tinham capacidade para arranjar interprete e eu também não, que iam-se tentando fazer tentativas até ele ser aprovado. (CTB) |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | A comunicação é sempre difícil. (CTB); Para se fazer um bom trabalho, um trabalho bem feito, com surdos deveria ser com profissionais. O trabalho em parceria seria o ideal. Não vejo outra alternativa. (CTB); A gente tem de ter sempre muito cuidado porque eles emocionam-se muito, são muito emotivos (CB) |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | Vinha, fazia exames, às vezes explicava com esquemas, desenhos. (CTB); A gente explica de diferentes maneiras. (...) CTB |

| | | |
|-------------------------------------|--|---|
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | <p>Sim, a gente tem que trazer sempre uma folha limpa e fazer bonecos. Porque é a única forma de passar a informação. (CTB); Então é preciso passar muitas vezes por alguns sinal, fazer uns bonecos... no papel. (CTB); Nas aulas práticas, foi completamente diferente daquilo que é feito com os outros candidatos. (CTB); A gente tem que mostrar primeiro, não é? Temos mesmo que fazer, exemplificar mesmo. (CTB); O método demonstrativo aqui predomina.(CTB); A gente tem que mostrar, exemplificando alguns comportamentos da máquina e essencialmente do conta-rotações e depois daí tirar algumas ilações. (CTB); A mudança de direção indicava com o braço, gestualmente. Conversa não dá, porque ele tem que ir atento à estrada.(CTB); É muito por tentativa e erro. Passamos num determinado sítio, de propósito para o erro acontecer e depois passa-se a seguir para que o erro seja menor. (CTB); A gente está sempre disposto a aprender, mas aquilo [LGP] é uma matéria muito difícil.(CTB)</p> |
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | <p>A comunicação é sempre difícil (CTB); Mas temos sempre dificuldade em perceber o feedback. (CTB)O facto de abanar a cabeça não nos garante que haja compreensão, porque ele não comunica. (CTB); Disse-lhes que não tinha formação em linguagem gestual que a comunicação ia ser difícil (CTB); Se eu não sei comunicar gestualmente, não sei até que ponto só o abanar com a cabeça responde à verdade. (CTB);A gente não sabe a linguagem gestual(CTB); No fim de fazermos um esforço, não temos nenhuma ferramenta que nos permita que nos garanta que houve compreensão. Só havendo um intérprete de língua gestual. Mas eu acho que não era capaz de aprender língua gestual. (...) Se um dia tiver que aprender, vai ser um tormento, vai ser muito difícil. (CB)</p> |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <p>O conta-rotações tem uma informação mas o carro vibra, por exemplo, às vezes o carro ia abaixo e ele só depois de um bocadinho é que se apercebia disso e não percebia porque é que tinha ido abaixo. (CTB); E esta comunicação era muito difícil porque não há o auditivo, há só a sensibilidade física. (CTB); O conta-rotações ali é uma peça fundamental para perceber. (CTB); Eles são muito inteligentes, desenvolvem outras competências que nós no dia-a-dia não precisamos de desenvolver. (CTB)Ele, como disse já tinha alguma experiência, senão ia ser mais difícil para compreender a trepidação, por exemplo. Ele era cru no código mas não era cru na condução.(CTB)</p> |

| | |
|-----------------------------|---|
| Aulas | É uma aprendizagem mais difícil mas para ele correu bem porque ele já trazia alguma experiência de condução que tinha adquirido porque ele já tinha uns 40 anos. (CTB) |
| Exames | Então depois ficou acordado que como não tinham capacidade para arranjar intérprete e eu também não, que iam-se tentando fazer tentativas até ele ser aprovado. (CTB); a lei permite que nestas situações haja um intérprete para realizar o exame e ela fazia parte de uma associação e ela solicitou uma intérprete credenciada. Mas correu muito mal. (...) Depois uma outra polémica, foi a posição que o intérprete tinha que ter relativamente ao computador. Estava habituada a estar numa determinada posição mas não havia ninguém no IMT que autorizasse a ter aquela posição. (...) tinha que ter uma posição em que a aluna via os gestos dela mas não podia ser interpretada como sendo uma ajuda. Não poderia influenciar na resposta. A posição pode condicionar isso e na altura foi um problema. Na altura, não a deixaram ficar na posição que ela queria. (CTB); E a primeira vez que foi a exame reprovou. Depois, pediu uma segunda vez e reprovou outra vez. E aqui, o problema é que ele não tinha forma de requisitar o intérprete. Ou porque estava longe desses meios ou porque não estava inscrito na associação. O interprete foi sempre uma dificuldade, não havia. Primeiro disseram que sim mas depois o interprete nunca apareceu. (CTB); Depois à terceira vez, foi e passou. (CTB), |
| Segurança Rodoviária | Penso que poderá haver uma propensão em determinadas situações maior mas se compararmos a falta de ruído com o excesso de ruído caímos na mesma falácia. Tudo depende das pessoas. (CTB); Depende da forma como eles [surdos] vão conduzir. Que seja importante, é, mas não quer dizer que a pessoa que tenha essa capacidade lhe dê essa importância que ela tem. Pode ouvir bem e ser surda em determinados sítios. Ouvem bem mas são surdos. Cada condutor é um condutor, não se pode comparar. (CTB); A segurança depende do comportamento individual de cada pessoa. (CTB); Os especialistas não põem isso como um obstáculo, já que 90 e tal por cento da informação é visual e isso sim é determinante. Pode haver situações em que o ouvido seja importante mas também podemos pôr em causa que o excesso de ruído também pode pôr em causa. A gente sabe que hoje dentro do carro também há muita poluição sonora. Quando as pessoas andam com música em alto som, se buzinares lá fora, também ninguém ouve, não é? Há pessoas com auscultadores, andam distraídas. (CTB) |

Apêndice 29 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – CBR1

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Coimbra | | |
|--|--|--|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | 12 ^a ano. (CBR1) |
| | Formação para exercer a profissão | Tenho o curso de instrutor há cerca de 25/26 anos. (CBR1) |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | Não temos. Tentamos acompanhar na medida do possível. Mas depois também depende daquelas pessoas, se têm mais dificuldades ou não. Se não, há um intérprete que o pode acompanhar, precisamente. (CBR1); Tenho pena de não ter conhecimento de língua gestual. Ajudava muito se tivéssemos formação nesse sentido. Não havia necessidade do intérprete. (CBR1); Não temos qualquer formação. Seria sempre uma mais-valia se nós entendêssemos a língua gestual. Se tivéssemos esse conhecimento sairíamos todos a ganhar. (CBR1); Daqui a uns anos, podem introduzir a componente, da língua gestual na formação dos instrutores. (CBR1) |
| | Experiência como instrutor | Já estou a dar instrução, há cerca de 25/26 anos. (CBR1). Nesta escola, há cerca de 25/26 anos. Desde que comecei a dar aulas. (CBR1); |
| | Experiência com alunos surdos | À vontade, mais de 100 (...) À volta de 100, mais ou menos, não posso precisar o número, mas é à volta disso (CBR1); Não é pela deficiência mas é um elo de ligação mais íntima, uma ligação mais profunda entre nós. Ligamo-nos muito mais. Tem tendência a ligarem-se mais. Os outros são mais desprendidos. Temos uma ternura maior, porque há mais feedback. É recíproco. E eu gosto de lidar com os alunos surdos. É gratificante. (CBR1) |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | Ou então, através de imagens no quadro, para que eles consigam compreender o que eu estou a dizer. Como sabe, por vezes, uma imagem vale mais do que mil palavras, não é? Então, depois tento complementar aquilo que eu disse, através de imagens projetadas no ecrã ou através de esquemas que eu faço no quadro. (CBR1); Através de esquemas ou desenhos no quadro, ou até mesmo projeção de imagem. (CBR1); Nós temos já componentes visuais, temos os projetores com programas multimédia. A informação é escrita e visual. (CBR1) |
| | Materiais - Aulas Práticas | |

| | | |
|--|--|---|
| | Humanas | <i>Têm vindo intérprete para acompanhar esses candidatos. Há outros candidatos que preferem não ter intérprete porque eles percebem bem(CBR1); Quando há, o intérprete vai logo traduzindo precisamente aquilo que eu vou dizendo. (CBR1)</i> |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | <i>A maioria consegue perceber-se bem. Têm aparelho e é fácil, percebê-los. Nunca houve uma barreira de comunicação (CBR1); Eu suponho que quando eles nos percebem, a comunicação estabelece-se bem. Pode haver um caso ou outro, que também já aconteceu, praticamente é impossível mesmo perceber o que eles dizem e eles também não nos entendem. (CBR1) ; Agora, quando nos percebemos bem como acontece com os que agora estão a tirar a carta, não é necessário o intérprete e a comunicação percebe-se muito bem. (CBR1); Requer uma atenção diferente e depois individualmente existe um carinho diferente. Não é por pena, mas é aquele carinho que se estabelece com a pessoa. (C1); Não é pela deficiência mas é um elo de ligação mais íntima, uma ligação mais profunda entre nós. Ligamo-nos muito mais.</i> |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | <i>Ou então, através de imagens no quadro, para que eles consigam compreender o que eu estou a dizer. Como sabe, por vezes, uma imagem vale mais do que mil palavras, não é? Então, depois tento complementar aquilo que eu disse, através de imagens projetadas no ecrã ou através de esquemas que eu faço no quadro. (CBR1);</i> |
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | |
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Quando não é possível transferir para imagem, como por exemplo, a questão do alcool e os seus efeitos psicológicos...é difícil(...)(CBR1)</i> |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Nunca houve uma barreira de comunicação. Quando acontece, recorre-se à escrita.(CBR1); Eu tento olhar sempre para eles, no momento em que eu explico qualquer coisa, que é para eles conseguirem ler os lábios. (C1); Ou então tento falar um bocado mais devagar do que o normal. Se não tiver ninguém com essa deficiência na sala, se calhar falo um bocadinho mais rápido. Se estiver com essas pessoas falo mais pausadamente de modo a que consigam compreender (CBR1);(...)nesses casos uso a escrita ou esquemazinhos. Para que consigam visualizar aquilo que vamos dizendo que acaba por ajudar precisamente em algumas situações</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | |

| | | |
|-------------------------------------|-----------------------------------|--|
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>Alguns nem tem essa facilidade de ler nos lábios, ou não conseguem ler tão rápido como outros e então aí o interprete é fundamental. (C1); Alguns percebem perfeitamente bem, fazem leitura labial e então não querem o intérprete. Fica ao critério do próprio candidato, se quer o interprete ou não. (CBR1); (...)nem normalmente se estabelece diferença entre os candidatos surdos e os ouvintes precisamente porque sabemos que eles têm condições de aprendizagem iguais ou maiores que os outros. (C1); Eu noto que a concentração é muito maior e o empenho acaba por ser maior. Se calhar até mesmo para mostrar que não é por serem assim, que deixam de ser bons condutores. (CBR1); Compensa a audição noutras coisas mais importantes na condução automóvel, que é o caso da visão. (C1); De certeza que até são condutores mais atentos. Têm a consciência das dificuldades, e então tem uma atenção muito maior. Tem muito mais noção das coisas. Os condutores ditos normais estão mais atentos a outras coisas menos importantes à condução.(CBR1); Tem tendência a ligarem-se mais. Os outros são mais desprendidos. (CBR1);</i> |
| | Aulas | <i>Se eles nos entendem perfeitamente, são os primeiros a dizer que não querem interprete. Eles conseguem levar a coisa a bom porto, sem o intérprete. Há outros que logo de início requerem o interprete que faz sempre o acompanhamento até ao próprio exame. (CBR1); Até porque o nível de concentração é maior nesses indivíduos. Os outros são um bocadinho mais baldas como se costuma dizer e eles não. (CBR1)</i> |
| | Exames | <i>O candidato pode ter um intérprete que o pode acompanhar quer durante as aulas teóricas, quer inclusive o exame de código. (CBR1); Mas há sempre a possibilidade de ter o intérprete na aula e no exame, ao lado do aluno. (CBR1); É uma questão também de empenho do próprio candidato e do seu interesse e não pela dificuldade. Já tive candidatos com essa deficiência que tinham um nível de aprendizagem muito maior do que aqueles que tinham uma situação normal. (CBR1); Aqui na nossa escola, apenas uns 10, 20 solicitaram[intérprete de LGP]. Todos os outros, foi sem intérprete e com sucesso. (CBR1)</i> |
| | Segurança Rodoviária | <i>Mas não é [falta de audição] suficiente para determinarmos que causa insegurança ou torna mais inseguro a falta ou diminuição da audição. A visão é o mais importante e os surdos têm uma visão mais desenvolvida até para compensar a deficiência da audição. (C1); Não vejo uma relação direta entre a questão da falta de audição e a segurança. Tudo depende do próprio individuo em si, maneira de ser e de estar e depois há outros fatores para a segurança, para além dos sentidos. Muita coisa para além dos sentidos (CBR1); A nossa condução depende um bocadinho de nós. Há pessoas que têm as faculdades todas, mas a personalidade de cada pessoa pode causar mais insegurança. (C1)</i> |

Apêndice 30 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – CBR2

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Coimbra | | |
|--|--|---|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | 12 ^º ano (CBR2) |
| | Formação para exercer a profissão | Curso de instrutor há cerca de 4 anos. (CBR2) |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | Não, nunca tive. (CBR2) |
| | Experiência como instrutor | há cerca de 4 anos. (CBR2) |
| | Experiência com alunos surdos | |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | |
| | Materiais - Aulas Práticas | Ando sempre com uma folha para fazer esquemas.(CBR2) |
| | Humanas | |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | |
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | Isso com qualquer um. Muitas vezes faço um desenho, para compreenderem melhor. (CBR2); Tem que se explicar ao aluno pela própria velocidade: a gente não pode ir a 60km em 1 ^a . à medida que imprimimos velocidade ao carro temos que ir passando a mudança. (CBR2) |
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | |

| | | |
|-------------------------------------|--|---|
| | Dificuldades - Aulas Práticas | <i>Claro que existem. A fala é extremamente importante. Para quem não ouve, nós temos que estar a dar orientação. Se não ouve e não percebe o que estamos a dizer é complicado. (CBR2); Não tem sido difícil. Uma pessoa adapta-se à situação. É importante é perceber logo que a pessoa tem deficiência auditiva e tentar fazer uma coisa diferente. Tentar perceber sempre se ela está a conseguir acompanhar. (CBR2)</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | <i>Usando os gestos: virar à direita ou à esquerda. Através do gesto, consegue fazer-se entender. Falar um pouco mais alto, mais direcionado ao aluno. Ele também vai fazendo um esforço para tentar captar. Vou tentando perceber se ele entendeu ou não.(CBR2); Quando o carro está parado para fazer uma manobra, tentar explicar alguma coisa que ficou por perceber. Tentar fazer uma adaptação à situação. (CBR2); Há que procurar outras situações que os permitam perceber. (CBR2); Falar mais pausadamente, um pouco mais alto. A tendência é virar-se, para ler nos lábios. Tentar explicar quando estamos parados, que é mais fácil. (CBR2); Não tendo a audição, desenvolve mais outros sentidos. Tenta compensar por aí. Mas tem uma desvantagem em relação a não conseguir ouvir.(C2)</i> |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>O carro também tem conta rotações e conta rotações não pode ir para o vermelho. Portanto, ali nas 3000 rotações passar à mudança seguinte(...). (CBR2); Tem velocidade limitada para além dos aparelhos, que usa. (CBR2); Para mim,o sucesso não está relacionada a deficiência e o sucesso da aprendizagem. Tem mais a ver com o empenho e o interesse do próprio candidato em si. O mesmo acontece com as pessoas que não têm essa deficiência. (CBR1)</i> |
| | Aulas | <i>Demora muito mais tempo a chegar ao objetivo. (CBR2)</i> |
| | Exames | |
| | Segurança Rodoviária | <i>A audição é muito importante na condução. Saber quando se tem que mudar uma mudança é extremamente mais complicado, quando não se ouve. (CBR2); A visão é muito importante na condução. A audição também é mas não chega aos calcanhares da visão. Mas há situações, ouvindo buzinas, em cruzamentos ou entroncamentos de pouca visibilidade, o som é importante. Às vezes abro o vidro do carro, para o aluno ouvir de onde vem o som. Um aluno que não oiça, não considerar sentir essa aproximação, pois é um som muito ténue. Aí, tem de usar mais a visão. (C2)</i> |

Apêndice 31 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – EVR

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Évora (EVR) | | |
|--|--|--|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | 12ºano. (EVR) |
| | Formação para exercer a profissão | Curso de instrutor desde os 20 anos. Há 23 anos. (EVR); Dou formação nesses cursos de atualização de instrutores. (EVR) |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | Não. Sabe que o curso de instrutor é muito específico e como é que hei-de explicar, a parte da psicopedagogia é um bocado pobre. Tem a ver com a experiência do instrutor no dia-a-dia. Assim é que vai enriquecendo. (EVR); A formação inicial fica assim um bocado aquém do que realmente faz falta no dia-a-dia. Não apenas no caso de instruendos com dificuldades auditivas mas para os outros sem dificuldades. A experiência é que vai colmatar todas essas deficiências. (EVR) |
| | Experiência como instrutor | |
| | Experiência com alunos surdos | Um aluno, um senhor que era surdo-mudo e tirou a carta com êxito. (EVR); Não sei se serão todos dessa forma, apenas tive um candidato. (EVR); Foi uma experiência enriquecedora, não há dúvidas nenhuma, a maneira de comunicar é completamente diferente mas o instrutor aprende com todos. Tem que se adaptar à pessoa que leva ao lado embora o instrutor com alguma experiência vai identificando grupos de alunos, vai enquadrando nesses grupos. (EVR) |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | (...) recorriamos a escrever num papel e com uma caneta. (EVR) |
| | Materiais - Aulas Práticas | |
| | Humanas | |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | (...)a maneira de comunicar é completamente diferente. (...) (EVR); No caso de haver muitos alunos, teria que me adaptar. Se me aparecesse outro, tentava deserascar-me da mesma forma, sem fazer o curso. Se aparecessem muitos, teria que fazer um curso de Língua gestual. (EVR) |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | |

| | | |
|-------------------------------------|--|---|
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | <i>O que fazia com que muitas das vezes, para fazer coisas novas, parasse o carro e tivesse que escrever no papel. Só depois é que arrancávamos, o que acabou por demorar mais tempo. Foi mais trabalhoso mas conseguiu-se.(EVR); Utilizava-se muito, a linguagem gestual. Havia muita cumplicidade entre mim e o aluno e usava-se bastante a linguagem gestual: encosta ali à direita e para. Para ao lado daquele carro. (EVR); A ordem na instrução é quase sempre a mesma. Quando era para chamar a atenção de alguma coisa mais complexa, tinha que se recorrer ao papel: parar o carro e escrever. (E)</i> |
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Durante as aulas teóricas, o aluno que tinha, percebia-se mal o que se dizia mas conseguia-se perceber.(EVR); No cruzamento, perceber a ordem correta de passagem. Identificar se um veículo vem da direita ou da esquerda dele, na figura que lhe é apresentada, eles têm alguma dificuldade inicialmente. Mais tarde com a prática, a experiência superou. (EVR); Não há dúvidas nenhuma, com alguma dificuldade e quando era coisas mais difíceis recorriamos a escrever num papel e com uma caneta. (EVR)</i> |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | <i>(...) Ele não podia estar a olhar para o instrutor. Tinha que ser com gestos. (EVR); Onde fez realmente falta [intérprete de LGP] foi na prática, porque ele não podia, de forma alguma, ir a olhar para o instrutor e aí era mais difícil. (EVR); Só depois é que arrancávamos, o que acabou por demorar mais tempo. Foi mais trabalhoso mas conseguiu-se.(EVR)</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Não há dúvidas nenhuma, com alguma dificuldade e quando era coisas mais difíceis recorriamos a escrever num papel e com uma caneta. (EVR); Quando havia mais dificuldade, também recorriamos ao papel e à caneta.</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | <i>A ordem era acompanhada por gestos. Ele não podia estar a olhar para o instrutor. Tinha que ser com gestos. (EVR);</i> |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>Sabe que derivado ao problema que têm da audição, a orientação também é um problema.(EVR); Uma imagem apresentada de um cruzamento para saber a ordem correta de passagem, o aluno tinha dificuldade em orientar-se na figura qual era a esquerda do veículo. Na teoria, muitas vezes tem problemas em perceber como é que funciona. (EVR); Ele percebia-me a mim com muita facilidade através dos lábios, fazia leitura labial. (EVR); (...)ao meter as mudanças é muito fácil, através do conta-rotações. Ele próprio começou a conseguir aperceber-se até pela própria vibração do automóvel, ou seja, ele não ouve mas sente a vibração do automóvel... é muito importante. (EVR); Começou a associar o conta-rotações e a vibração e começou a conseguir aperceber-se do momento exato para realizar as mudanças.(EVR); Eu apercebi-me que era um aluno muito especial. Quando percebia, ficava percebido. Não era preciso, como muitos alunos, repetir e voltar a repetir. Era preciso era ele perceber bem. (EVR); (...)era uma pessoa madura, cautelosa até da própria circulação da via publica como peão ele já sabia de muitos cuidados a ter, o que fazia com que também o ajudasse no carro. (EVR); Tive que o chamar a atenção de algumas situações que poderiam vir a acontecer mas ele era muito cauteloso, o que tornava tudo mais fácil. (EVR)</i> |
| | Aulas | <i>Na parte prática é diferente, qualquer pessoa, mesmo com esse problema, consegue desenrascar-se nos cruzamentos. (EVR)</i> |

| | | |
|--|-----------------------------|---|
| | Exames | <i>Ficou bem da primeira vez no exame de código e à primeira, na condução. (EVR); O exame correu maravilhosamente, os dois conversaram para ali que foi uma coisa séria, eu é que não os percebi. Mas durante a instrução nunca teve intérprete. (EVR); No caso que se passou comigo, o senhor fez exame com interprete de língua gestual. Na condução, falei com o coordenador do centro de exames, que tem formação específica em língua gestual e foi quem lhe fez o exame. (EVR); Um aluno, um senhor que era surdo-mudo e tirou a carta com êxito. Ficou bem da primeira vez no exame de código e à primeira, na condução. (EVR)</i> |
| | Segurança Rodoviária | <i>Sabe que nós para conduzirmos recebemos cerca de 80% da informação através da visão. 20 dessa informação vai chegar através dos outros órgãos do sentido, incluindo a audição. (EVR); Os condutores são todos diferentes, o que faz com que isto não seja uma implicação... a falta de audição implique na falta de segurança. Não há dúvida nenhuma que se uma pessoa tiver noção das limitações que tem e que conduza com cautela e com velocidade moderada, consegue conduzir em segurança. (EVR)</i> |

Apêndice 32 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – FAR

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Faro (FAR) | | |
|---|--|---|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | <i>Tenho o 12ºano. (FAR)</i> |
| | Formação para exercer a profissão | <i>Sim, de 5 em 5 anos fazemos a atualização, não é? Também fiz uma formação CAP. Também sou formador. (FAR)</i> |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | <i>Não, nunca tive. (FAR)</i> |
| | Experiência como instrutor | <i>Não sei, talvez mais de 25 anos. (FAR);</i> |
| | Experiência com alunos surdos | <i>Realmente, considero (a experiência) como quase normal. Ensinei quase da mesma maneira, apenas não ouvia sons. Havia vibrações. (FAR); A Escola de Condução está ao dispor para qualquer coisa sempre a favor do ensino. Um dos nossos lemas é: Escola para todos.</i> |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | <i>(...)adotámos o sistema: temos uma pen com um programa e os testes. Os alunos levam para casa a pen e desenrascam-se em casa(...) (FAR);(...)tenho um projetor, projeta a imagem na tela, eles apontam para a imagem e eu explico. (FAR)</i> |
| | Materiais - Aulas Práticas | |
| | Humanas | |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | <i>Comunica-se de outra maneira, há tanta maneira de comunicar...até o olhar. Não tenho problemas em ensinar alunos surdos. (FAR);</i> |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | <i>Conseguem fazer leitura labial porque eu tenho o cuidado. (FAR); Falo mais pausadamente, como já disse e um pouco mais alto.(FAR);[recurso à escrita] Pouco (...)FAR); O campo visual deles é a primeira coisa que eu começo a treinar no código. (FAR)</i> |

| | | |
|-------------------------------------|--|--|
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | <i>Nós usamos muito a linguagem gestual, mesmo com os alunos ditos normais, está a ver? O gesto da alavanca, encaminhar a mão para o pisca, mudança de direção, pôr as mãos no sítio do volante.(FAR);Eu explico-lhe, às vezes tirando o meu sapato, não tem dificuldade nenhuma, que a grossura da sola do sapato influencia muito a captação da vibração do automóvel, do motor. (FAR); Eu faço com o braço (com o gesto para a direita) ou para a esquerda, para a mudança de direção. Ele vai sentado ao meu lado mas eu faço assim (um pouco mais à frente). A pessoa percebe perfeitamente; No princípio, eu ponho-me no lugar do aluno as vezes que forem precisas. Ele põe-se no meu lugar, coloca-se no meu banco e eu faço o que pretendo com gestos. (FAR);</i> |
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Ao princípio é um bocadinho complicado mas a pouco e pouco se o aluno vier assiduamente às aulas, entramos depressa no rodar da carruagem.(FAR);</i> |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | <i>Com as manobras é um bocadinho mais complicado.(FAR); É muito fácil ensinar a conduzir um surdo porque eu faço os mesmos gestos que faço com os outros alunos.(FAR); Na condução foi fácil, era uma pessoa muito sociável(...) (FAR);</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Quando há um aluno surdo na turma, eu tenho o cuidado de falar pausadamente e direcionado para ele.(FAR)</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | <i>Eu gosto que os alunos surdos aprendam em carro com motor diesel pois vibra mais um bocadinho do que o motor de gasolina. Captam melhor as vibrações num motor diesel. O motor a gasóleo será o indicado a um surdo.(FAR); A visão periférica tem de ser muito bem treinada, porque eles não têm ouvido, têm que utilizar mais a visão periférica.(FAR); Já tive vários semi-surdos, com aparelho (...)mas já todos conduzem. Já todos têm carta de condução. (FAR); É muito fácil ensinar a conduzir um surdo porque eu faço os mesmos gestos que faço com os outros alunos. (FAR); Mas eu sou a favor de que toda a gente deve ter carta de condução. (FAR)</i> |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>(...) o principal são as vibrações, sentir as vibrações. (FAR); É muito importante a vibração e a repetição, a mecanização dos gestos. (FAR)</i> |
| | Aulas | <i>Têm um bocadinho mais dificuldade nas aulas teóricas (...) (FAR); A condução foi fácil, porque captou bem e já me conhecia das aulas de código e também já tínhamos confiança. (FAR); Os alunos surdos vão sempre muito mais atentos. (FAR)</i> |
| | Exames | <i>Fizeram sem intérprete. O exame de código é escrito. Os que eu tive não tiveram necessidade de recorrer. (FAR); À primeira vez chumbou no código mas à segunda passou(FAR)</i> |
| | Segurança Rodoviária | <i>O pior é a saída das garagens. A saída das garagens e locais de má visibilidade. Nos locais de má visibilidade, reduzir a velocidade devagarinho, entrar com calma e olhar para todos os lados.(FAR); se for um camião, ou se for um trator agrícola, a gente para, porque a gente sente-o. Faz tremer o chão. O camião treme o chão. A gente sente-o chegar. Mas é mais difícil em termos de saída de uma garagem ou de um local de visibilidade reduzida. (FAR)</i> |

Apêndice 33 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – GDR

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito da Guarda | | |
|---|--|---|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | 12ºano. (GRD) |
| | Formação para exercer a profissão | Há uns 20 e tal anos. (GRD) |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | Não. Eu só tinha era conhecimento através da função pública, onde também trabalho. Lidava com meninos que tinham certas dificuldades e que ia interpretando aquilo que eles diziam. (GRD); Não cheguei a fazer o curso mas ainda estive em algumas sessões algumas aulas de língua gestual para poder compreendê-los. Como era a escola pública e lá era o meu trabalho, aprendi a lidar com eles. (GRD); |
| | Experiência como instrutor | |
| | Experiência com alunos surdos | (...)Como era a escola pública e lá era o meu trabalho, aprendi a lidar com eles. (GRD); (...)já são, neste momento, 6 cartas, a alunos nessas condições e agora presentemente, também temos 1 que está inscrito e ainda anda nas aulas de código. (GRD) |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | |
| | Materiais - Aulas Práticas | |
| | Humanas | (...) pedimos à intérprete e ela traduz e vice-versa. (GRD) |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | As aulas de condução foram comigo e com outro instrutor que já está habituado com eles, porque teve um grande amigo que é surdo-mudo. Entende-se muito bem com ele e como tal, como tem essa experiência pessoal, colaborou com estes meninos.(GRD) |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | A senhora professora, [intérprete de LGP] vem às horas conforme os alunos que vêm. Desloca-se à aula de código. Está de frente, juntamente comigo, virada para o aluno e aquilo que digo, ela transmite ao aluno. O aluno assim compreende (...) (GRD); |
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | Por sinais. Explico-lhe na primeira aula e eles lêem nos lábios e percebem o que se diz. Quando há dificuldades eles fazem sinal que não percebem. (GRD); A gente diz-lhe: Olha para fazer o ponto de embraiagem, dá-se o sinal de ponto de embraiagem e fazem...são extraordinários... |
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | Não há. Se há alguma coisa mais complicada, pedimos à intérprete e ela traduz e vice-versa. (GRD) |

| | | |
|-------------------------------------|--|---|
| | Dificuldades - Aulas Práticas | |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Antes, tínhamos que explicar numa folha o que não percebiam. Agora é através do telemóvel. Escrevem se não perceberem e nós respondemos na mesma. Esquerda, direita, era por gestos... mas quando era coisas mais complicadas...ele escreve no telemóvel que não percebe e transmitimos. (GRD)</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>Eles têm uma certa tendência para fixar muito bem. Enquanto que os outros alunos, ao ensinar-lhe o ponto de embraiagem, tentam mas muitas vezes esquecem ou não ligam, a estes alunos, dizemos-lhes como se faz e não se esquecem.(GRD); Fixam muito mais do que os outros alunos. Têm muito mais vontade de aprender, por causa, se calhar, da deficiência que têm eles dedicam-se muito mais. São muito dedicados.(GRD); (...)Enquanto o surdo, dedica-se muito mais. São mais trabalhadores. Eles vêem as coisas com muita rapidez. Os reflexos deles são mais apurado e agora com os telemóveis... são excecionais para comunicarmos.(GRD)São muito atentos, muito muito. Muito mais concentrados. Eles acham-se inferiores, então é uma dedicação extraordinária... (GRD)</i> |
| | Aulas | |
| | Exames | <i>Sim. Pedem e vão com interprete daqui, a senhora professora deles. Houve uma menina que a irmã dela também tinha o curso e foi com ela a exame. (GRD); Eles têm é que ser acompanhados pelo intérprete. Na condução, antes de iniciar o instrutor explica ao examinador como há-de comunicar com ele.(GRD)</i> |
| | Segurança Rodoviária | <i>Não[relação segurança rodoviária e falta de audição] porque eles são muito atentos.</i> |

Apêndice 34 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – LSB1

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Lisboa (LSB1) | | |
|--|--|---|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | 12ºano |
| | Formação para exercer a profissão | |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | |
| | Experiência como instrutor | |
| | Experiência com alunos surdos | <i>Eu penso que à volta de 80 [alunos surdos] (LSB1)</i> |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | |
| | Materiais - Aulas Práticas | |
| | Humanas | <i>Os valores das cartas de condução não permitem grandes apoios mas nós temos ainda este apoio como gratuito. A senhora [intérprete de LGP] é remunerada mas a escola de condução assume isto. Ela vem ao sábado fazer a tradução das aulas. (LSB1); [a intérprete de LGP] só vem para as aulas de código. Nas aulas de condução, não há necessidade. (LSB1)</i> |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | |
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | |

| | | |
|-------------------------------------|--|--|
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | <i>É na conjugação das frases porque o português não é feito da mesma forma do que normalmente. (LSB1)</i> |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | <i>Tenho que falar só mais calmamente para eles lerem os lábios. Já sei que não posso colocar um instrutor que tenha bigode ou barba porque é mais difícil.(LSB1)</i> |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>E também é fácil: os carros hoje têm um sistema de rotações, que lhes é explicado. Eles já sabem que a mudança tem que se colocar na rotação x ou y. (LSB1); Alguns carros, até mais recentes, até já têm umas setinhas verdes que acendem quando é para aumentar a mudança e uma seta vermelha quando se tem que baixar. De maneira que a condução é muito tranquila.(LSB1);</i> |
| | Aulas | |
| | Exames | <i>(...)ao contrário daquilo que as pessoas possam pensar, o resultado final em termos de aprovação de exame, quer de código, quer de condução é bastante aceitável, é muito bom. (LSB1); Quando vão fazer exame de código, (...) eles podem levar a intérprete ao exame. (LSB1); Alguns deles, mas a maior parte não quer. É pago à parte, através da associação de surdos. (LSB1); Quando vai a exame, o aluno requer à associação um tradutor oficial. Para não levar a mesma pessoa, para não haver uma cumplicidade. (LSB1); Sim, eu até posso dizer que é capaz de ser 50 por 50. [alunos que solicitam intérprete de LGP]. (LSB1); Até porque regra geral, as pessoas que têm um sentido diminuído, são muito muito mais atentos, perspicazes. (LSB1)</i> |
| | Segurança Rodoviária | <i>Quando alguém diz assim: Mas um surdo tira a carta? Mas como um surdo pode andar a conduzir? Para conduzir um automóvel, um condutor tem que estar mais alerta para a visualização do que para a audição. Para já é proibido utilizar os sinais sonoros. Portanto, não vale a pena andarmos aqui a buzinar uns aos outros. (LGP); Não vejo assim um motivo à partida que diga: há alguma relação entre a falta de segurança rodoviária e os surdos? Eles só são surdos, não são invisuais ou com capacidades diminuídas. (LSB1); Eu creio que não. Eu acho que às vezes, há pessoas que ouvem muito bem e causam grandes faltas de segurança.(LSB1);</i> |

Apêndice 35 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – LSB2

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Lisboa (LSB2) | | |
|--|--|---|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | 12ºano mas neste momento acabei a licenciatura em Medicina Tradicional Chinesa. (LSB2) |
| | Formação para exercer a profissão | Curso de Instrutor desde 2006 (LSB2); De 5 em 5 anos somos obrigados a fazer a atualização. Ainda fiz o ano passado. (LSB2); |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | Não faz parte dos conteúdos do curso. Tudo o que nós sabemos, quer para surdos, ou deficiência motora é quase autodidata. No caso dos surdos, tudo o que sei, fui perguntando a eles, ou perguntando à intérprete e fomos evoluindo. (LSB2); Não tive qualquer formação...fui aprendendo com eles, que ainda é melhor pois vamos aprendendo mais coisas e quando eu posso, acabo por ir facilitando. (LSB2); |
| | Experiência como instrutor | |
| | Experiência com alunos surdos | Bastante gratificante. Não só porque eu aprendo, mas acabo por ajudar alguém que de uma maneira geral tem uma limitação. Todos nós temos limitações. Mas neste caso, é uma limitação que para a condução, por vezes não ajuda. Pode não ser muito limitativa. Mas se pudesse ouvir, tinha uma noção diferente das coisas. (LSB2); Mas é bastante gratificante, ajudar as pessoas surdas e eu acabo por aprender uma coisa nova, que é o caso da língua gestual. (LSB2); |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | Se não é no quadro, a escrever, porque há certas situações que é mais fácil de perceber pela imagem do que pela verbalização ou pela escrita, muitas vezes também temos a parte interativa e os nossos quadros interativos e acabam por facilitar.(LSB2); (...)temos projeções que facilitam bastante e depois também está escrito por baixo.(LSB2); [A intérprete] fica na sala dos computadores a ajudar a traduzir as perguntas e respostas(...) (LSB2); Uma coisa é certa, eles passam muito mais tempo em frente ao computador a fazer os testes do que os ouvintes.(LSB2) |
| | Materiais - Aulas Práticas | |
| | Humanas | (...)com intérprete, penso que é a única que existe com intérprete de língua gestual para as aulas de código. Para as aulas de condução, não...mas para a parte teórica existe.(LSB2); No nosso caso, temos interprete. No caso de não haver. Isto porque a intérprete só vem aos sábados, durante a semana os alunos também podem vir às aulas.(LSB2); Então, criamos ao sábado duas aulas em que ela está a fazer a tradução em linguagem gestual. (LSB2); É uma despesa para as Escolas de Condução ter um intérprete nas escolas. Penso que deveria de haver formação para as escolas de condução e para as entidades como a polícia, em língua gestual. Até mesmo nos serviços públicos. Ter pelo menos alguém que soubesse comunicar com eles. (LSB2) |

| | | |
|---|---|---|
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | <i>(...)Nós normalmente perguntamos se eles conseguem ler bem os lábios, se conseguem fazer leitura labial e normalmente estamos a dar a aula mais virados para eles, para assim poderem olhar mais para a nossa postura e para o que vamos dizendo. (LSB2);</i> |
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | <i>Dar instruções ou pedir para fazer manobras é a coisa mais fácil que existe. Da mesma maneira que se diz para alguém ir para a direita ou ir para a esquerda. (LSB2); (...) apontar para os sinais, para os outros condutores, para os espelhos e essas coisas todas. (LSB2)</i> |
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Com a nossa intérprete já é fácil, já conseguimos trabalhar bem um com o outro. É fantástica naquilo que faz e então acaba por ser uma coisa natural. Vamos falando e ela vai fazendo a tradução.(LSB2); (...)Temos que nos aperceber se eles estão a entender, ou não estão a entender o que lá está escrito.(LSB2); Eu acho que as dificuldades são de parte a parte(LSB2); Quando não há um intérprete é tão difícil para nós perceber o que eles querem dizer, qual é a pergunta que eles estão a fazer, como para nós responder a essa pergunta e passar a informação. (LSB2)</i> |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | <i>Ele [outro instrutor] estava a dar aulas com o radio ligado. E o surdo desligou-lhe o rádio. E ele voltou a ligar e o surdo desligou novamente. E ele disse: "Queres ver? Ele não ouve e eu também não posso ouvir?"Ligou e o surdo fez-lhe ver para ele o desligar porque assim ele não conseguia sentir o motor. Porque o som do rádio interferia com o vibrar do motor. Não conseguia sentir o motor. (LSB2); (...)muitas vezes temos termos técnicos. No geral, já é difícil, para um aluno que seja surdo, torna-se ainda mais difícil. (LSB2); E depois é preciso ter cuidado, quase que não podemos mexer as mãos. Eu habituei-me que mesmo que eu tenha a mãos em cima das pernas ou mais à frente...se eu mexer as mãos por algum motivo eles acham que eu já estou a dizer alguma coisa. (LSB2);</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Muitas vezes recorremos, eu falo por mim, ao quadro, escrevemos ou fazemos um desenho. (LSB2); Por vezes, recorremos à parte visual, o que facilita bastante a vida, quer para nós quer para eles.(...)Quando se sente que há falta de comunicação e não percebem o que queremos dizer, é por aí que vamos. (LSB2); Peço-lhes para virem fazer o que eles querem. Às vezes peço-lhes para eles desenharem o que aconteceu e depois explicar. Até porque pode ser uma situação difícil para eles, mas também para outra pessoa qualquer. (LSB2)</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | <i>Ou então fazia um desenho, se fosse necessário. Com o passar do tempo como eu fui aprendendo alguma língua gestual, vai sendo mais fácil para mim passar a informação. Muitas vezes, já nem é preciso parar, basta fazer a língua gestual. (LSB2); Se fosse possível, parava o carro, tentava que eles olhassem para mim, para ver se eles percebiam o que eu estava a dizer. (LSB2); Mas quando eles não entendem, o melhor é parar o carro e tentar explicar a situação. (LSB2); Se não se puder falar é só apontar para um lado e para o outro e eles perfeitamente sabem. (LSB2); (...)quando é para dizer algo, tenho mesmo que chegar -me mais à frente que é para estar dentro do ângulo de visão deles e vou dizendo-lhe as coisas. (LSB2); Quando o carro está a perder força, começa a tremer e então é dizer-lhes que quando isso acontece, o que é que o carro está a dizer ou a pedir que eles façam. (LSB2);</i> |

| | | |
|-------------------------------------|-----------------------------------|---|
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>No caso dos surdos, é preciso aprender a sentir o carro, ou seja, quando o carro treme, quando o carro acelera mais ou menos, eles não ouvem o acelerador, às vezes o acelerador está quase no fundo e eles não ouvem.(LSB2); Mas sentem o vibrar do carro que é diferente. Então, às vezes deixo-os ir um bocado com o acelerador quase a fundo que não faz bem ao carro mais pronto, só para eles sentirem, o acelerador e aquele vibrar e perceberem que aquilo é acelerar. (LSB2); Eles dão é mais atenção aquilo que está à volta deles. A nível visual, estão sempre a captar tudo o que existe. Se lhes dão a importância devida ou não, isso já é outra coisa. Agora que eles captam as coisas ligeiramente diferente... Há falta de um sentido os outros têm que estar mais apurados, isso é verdade...(LSB2); Agora se isso a nível de compreensão, se é diferente dos outros, eu acho que não. Porque eu posso estar a ver uma coisa e não lhe ligar nenhuma e no caso deles, a única coisa que existe é que eles conseguem captar muito mais informação e estão atentos a tudo o que mexe.(LSB2); Como já disse, perde-se um sentido mas apura-se bastante outros, normalmente a visão. Até de mota, podem andar. (L2)</i> |
| | Aulas | |
| | Exames | <i>eu tenho que pensar que quando eles forem para fazer exame de condução, têm alguém ao lado deles que pode ou não saber alguma coisa de língua gestual e que vai fazer os gestos mais simples e mais fáceis que possam existir e que normalmente a gente já está habituada a esses gestos. E então eles acabam até por aprender esses gestos e ser mais fácil para eles mesmo que venha outra pessoa. (LSB2); Mais de 75% pede intérprete. São raros os que não pedem. O pedido implica gastos e por vezes... eu penso que são 25€. Eles pedem à associação, é quem combina a pessoa que vai. E depois, eles pagam à associação. (LSB2); Muitas vezes não há verba para gastar e arriscam ir sem intérprete e às vezes, chumbam e depois o que acontecem é na segunda vez já irem com intérprete. (LSB2); Os surdos acabam por compreender bem e depois se pedirem interprete, ainda mais difícil é de eles reprovarem (LSB2)</i> |
| | Segurança Rodoviária | <i>Sinceramente acho que não. [relação entre falta de audição e segurança]. Se assim fosse, seria proibido conduzir, se fosse surdo. Mas atenção, existe algo que a lei por vezes, impõe a certas pessoas, quando existem determinadas limitações e graus de limitação, a lei impõe que a pessoa tenha algumas limitações também na sua condução. (LSB2); O mais engraçado, segundo o estudo que foi feito, 80% da informação que recolhemos, enquanto condutores, é visual. Os outros 20% são através dos outros sentidos. O que não será assim nada por ali além. Até porque temos os espelhos conseguimos ver o que vem atrás. Tudo o resto, é visível à nossa frente. (LSB2); (...) existe algo que (...)a lei impõe que a pessoa tenha algumas limitações também na sua condução. Por exemplo, pode impor limites de velocidade, mais baixos que o normal. Pode pôr a obrigação de usar aparelho, se as pessoas têm. Vai um código, tal como para as pessoas quando precisam de óculos, quando uma pessoa tem uma prótese, têm um código. Pode obrigar ou não a ter um espelho maior ou mais pequeno e a obrigação de ter os três espelhos: o espelho de dentro e os dois laterais.(LSB2)</i> |

Apêndice 36 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – LRA

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Leiria (LRA) | | |
|---|--|---|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | 12 ^º ano. (LRA); |
| | Formação para exercer a profissão | Curso de instrutora. (LRA); Sim, temos realizado quando é obrigatória. Sendo certo que esta profissão acho que não é vista, ainda aos olhos da nossa sociedade, como um bem para a sociedade pública. (LRA); (...) nós devíamos ter mais formação, mais e mais e mais. Nós temos aquela que é obrigatória, renovação da licença de instrutor. Claro que todas as outras que poderão eventualmente vir, elas crescem de custos financeiros. (LRA); |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | Não, mas gostava de ter tido. Esses casos são muito pontuais e quando me surgiu uma cliente, é claro que não lhe disse: "Vai-te embora". (...) Vou ter que me desenrascar, encontrar uma forma de eu comunicar com ela e ela comigo (...) Nessa altura, pensei na possibilidade de fazer uma formação em linguagem gestual. |
| | Experiência como instrutor | Já desde 1988(LRA); |
| | Experiência com alunos surdos | Foram duas experiências. Até eu já sabia algumas palavras [LGP]: bom dia, os dias da semana. Mas já esqueci.(LRA); Para mim foi uma experiência super gratificante e tenho pena de não ter tido mais (...) (LRA) E garanto-lhe que se tivesse mais alunos, eu ter-me-ia inscrito num curso de Língua gestual. |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | (...)eu ia pelo método do desenho quer no quadro, quer na folha. (LRA) |
| | Materiais - Aulas Práticas | É o que melhor transmite [o papel e a caneta]. Senti a necessidade, pois não tinha outro método. Lá está, a tal falta do meu conhecimento em língua gestual ... (LRA) |
| | Humanas | |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | Vou ter que me desenrascar, encontrar uma forma de eu comunicar com ela e ela comigo. (LRA); Se me têm aparecido mais clientes, eu ia procurar uma forma de conseguir aprender linguagem gestual porque acho que é fundamental. (LRA) |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | É o que melhor transmite (o papel e a caneta). Senti a necessidade, pois não tinha outro método. Lá está, a tal falta do meu conhecimento em língua gestual . (LRA) |

| | | |
|-------------------------------------|--|---|
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | <i>(...)como a experiência era muito pouca, ela fixava-se demasiado tempo a olhar para o ponteiro [conta-rotações]e esquecia-se da trajetória do veículo. E fiquei com um certo receio nesse sentido.(LRA); Aí tinha que gesticular bastante bem. Porque ao olhar para mim podia alterar a trajetória do veículo e eu então tinha que fazer bem os sinais para que me percebem perfeitamente. Chegava-me ligeiramente mais para a direita ou para a esquerda (LRA); Através do volante e da conta-rotações como já disse. (LRA)</i> |
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | <i>(...)eles não conseguiam perceber. (LRA); Fazia desenhos para perceberem e mesmo assim as vezes diziam-me que não percebiam. (LRA); Elas tiveram aulas de linguagem gestual e aí havia esse problema, de eu não ter o conhecimento linguístico para poder falar com elas. Aí o problema era meu e não delas.(LRA); senti para além de ter conseguido ultrapassar essa barreira, se eu tivesse conhecimento da linguagem gestual seria muito mais fácil. Aí o problema foi meu e o esforço também. Eu queria ficar com a certeza que aquilo que explicava, eles ficavam a perceber.</i> |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | <i>Quando havia alguma dúvida ou quando não eu percebia que elas não estavam a perceber nada, eu encostava o veículo à berma sempre quanto possível para poder fazer a explicação ou gestual ou através do desenho. E elas aí entendiam, percebiam. (LRA)</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Fiz-lhe o desenho: tinha lá a alavanca da caixa de velocidades e que sabiam que aquilo havia que passar. Mas elas não sabiam quando é que havia de mudar. Aí é que está o problema. (LRA); Eu acho que é até muito idêntico com um outro aluno que não é surdo e eu volto a frisar: primeiro porque eles lêem e a informação é muito visual. (LRA); Então eu tentava procurar mesmo com carrinhos pequenos (...) fazer a situação real para elas perceberem o que poderia efetivamente acontecer ou não(...)(LRA);</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | <i>(...)eles não conseguiam perceber e eu ia pelo método do desenho quer no quadro, quer na folha. (LRA); E eu tinha-lhes que dizer que ela tinha que sentir[a trepidação do carro] e ela fez-me (gesto positivo) que sim, que estava a sentir. (LRA); E era dizer-lhe, orientá-la, pelo ponteiro das rotações do motor. (LRA);</i> |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>Não recorrem à leitura labial. (LRA); (...)E a partir daí, elas sentiam aquela trepidação do volante, que nós nem pensamos o quanto importante é para elas. Foi através daí. (LRA); Ela já associava o ponteiro para o sentido do volante e ali ela já começou associar, um pouco mais tarde, mas conseguiu fazê-lo. A outra não, foi só com o sentir da trepidação do volante. (LRA); Tanto que ela um dia disse-me assim: “Diz-me onde está a buzina”. “Sabes onde é que ela está, não sabes?” E ela disse-me que não. Fiz-lhe sinal e ela disse (com o gesto positivo). Tinha sentido muito bem a buzina. Impressionante. O ponto de embraiagem aprenderam muito bem. (LRA); Mas depois conseguiu esforçar-se mais e conseguiu sem ele[intérprete de LGP]. (LRA); Os surdos têm outro poder de observação que nós não temos(...) as alunas surdas olhavam constantemente ao espelho.(LRA); Mas tem um poder de observação muito superior...que os outros não têm. (LRA)</i> |
| | Aulas | <i>Na prática, é diferente, porque os alunos com que eu trabalhei eram senhoras com trinta e tais anos. A dificuldade também é maior em termos de aprendizagem...está associada à idade. (LRA); E depois vem o fator económico, porque para haver uma aprendizagem, adequada a esse tipo de pessoas é preciso lecionar mais aulas, dar-lhe mais aulas de condução e aí eles vão ter que comprar. Para ter que comprar essas aulas, efetivamente precisam de dinheiro. (LRA); Inicialmente, para uma delas, veio um interprete. Entretanto ela deixou. Porquê? Esse interprete não veio a custo zero e implicava mais custos para ela.(LRA)</i> |

| | | |
|--|-----------------------------|---|
| | Exames | <i>Penso que elas conseguiram perceber e eu consegui passar a mensagem tanto que nem uma nem outra no exame de código tiveram dificuldades. (LRA); Ela[taxa de reprovação] pode haver da mesma maneira do que um que não seja surdo. Eles sabem ler. Têm a possibilidade de acompanhar o exame, um intérprete. A taxa é idêntica. (LRA); Pediram o interprete para a hora do exame. (LRA)</i> |
| | Segurança Rodoviária | <i>Não [relação entre falta de audição e segurança]. Porque têm o sentido de observação muito mais evoluído do que eu até. (LRA)</i> |

Apêndice 37 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – PRT

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito do Porto (PRT) | | |
|--|--|---|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | <i>Eu tenho o antigo 7ºano. É o curso complementar do liceu. Equivale atualmente ao 11ºano. (PRT)</i> |
| | Formação para exercer a profissão | <i>O curso de instrutor creio que tirei no ano de 1988. (PRT); Curso de atualização é obrigatório. Fiz aos 60 e aos 65 anos. (PRT)</i> |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | <i>Quem me tem dado a formação para ensinar as pessoas com deficiência tem sido os próprios deficientes. (PRT)</i> |
| | Experiência como instrutor | <i>O curso de instrutor creio que tirei no ano de 1988. (PRT)</i> |
| | Experiência com alunos surdos | <i>Olhe, não tenho bem presente mas acho que nos anos 80 já comecei a ter alunos surdos(...) (PRT); (...)desenrrasquei-me sempre. Em contacto com eles, também os comecei a ensinar o código. E eles aprendiam muito bem.(PRT); Foi um grupo que estavam relegados para canto e através destes métodos nós conseguimos integrá-los praticamente no nosso meio. É essencial tirarmos a carta. (PRT); Acho que foi rica para mim porque tive contactos com muitos deles que passaram a conhecer-me e a estimar-me na vida pública. Vêem-me, cumprimentam-me.(PRT); Aprendi um bocadinho também de língua gestual. E acho que de certo modo, fui útil para eles. (PRT)</i> |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | <i>(...) o manual de código vende-se muito pouco....a partir do momento em que o IMT publicou os testes de exame na internet(...) (PRT); (...) os candidatos começaram a ir à internet e fazer os testes de exame através da internet. (PRT); O que se tem vendido é a pen com os testes. (PRT); Depois, temos outro quadro magnético no qual eu ensino o que diz respeito à cedência de passagem em cruzamento, entroncamento, rotundas (...)</i> |
| | Materiais - Aulas Práticas | |
| | Humanas | <i>Aqui há uns anos atrás, falou-se na possibilidade de vir cá um intérprete para dar as aulas comigo. Eu falava e ele traduzia. Mas aí tínhamos que pagar ao interprete. Tínhamos que aumentar o custo da carta. (PRT); Achávamos que não seria uma boa forma (...)porque ele tinha que ser bem compensado, evidentemente, e adicionar esse custo ao custo da carta não me pareceu economicamente viável. (PRT);</i> |

| | | |
|---|--|---|
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | <i>Há coisas que não fazem parte da condução mas fazem parte da comunicação entre aluno e instrutor. (PRT); Claro que às vezes há coisas que eu tenho que aprender, como por exemplo os números, tive que aprender.(PRT); Daí para a frente, iam aparecendo surdo-mudos e eu ia ensinando-lhes o código e depois aí é que fui enfarinhando nalguns gestos que fazem parte da linguagem de código: os números, velocidade, importante, difícil ou fácil ou os meses (respetivos gestos). (PRT);</i> |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | <i>Agora, num surdo-mudo, normalmente não acontece isso, digo e faço o gesto: "Vire à direita", "vire à esquerda..."(PRT); (...) se nós falarmos para eles com alguns gestos e abertamente eles até através dos lábios compreendem perfeitamente o que estamos a dizer. Meia dúzia de coisinhas, é o suficiente para eles perceberem o conteúdo.(PRT); Só transmitindo em gestos. Por exemplo, há pouco tempo, um candidato chamou-me...e apontando para o livro, perguntou-me, (fazendo gestos): a ultrapassagem, o que é? (PRT); Fazendo gestos com as duas mãos, representando os carros, eles percebeu. (PRT); Desenho no quadro, mas é desenho para o comum dos alunos. Desenho cruzamentos, uma passagem estreita... isso faço, tanto a eles como os outros. (PRT); O quadro magnético está pejado de marcas rodoviárias que também fazem parte da matéria, tenho que explicar o significado de tudo aquilo. Mas tanto é para eles como para os outros. (PRT)</i> |
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | <i>Nunca foi necessário parar o carro. Vire à direita, estacione, pare o carro (com gestos)(...) (PRT); (...) normalmente não acontece isso, digo e faço o gesto: "Vire à direita", "vire à esquerda". (PRT)</i> |
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | <i>A dificuldade que eu sinto relativamente a eles, não é nesse campo, é nos testes escritos, o significado das palavras. (PRT); É tudo uma questão de falar diretamente para eles, abertamente e o gesto mais ou menos, e as palavras dizem tudo e e eles compreendem perfeitamente. Eu não tenho tido dificuldade nesse campo.(PRT);</i> |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | <i>A única chatice que há para um instrutor, na aula prática, com um surdo é que não fala para eles. (...) Não há aquele diálogo a que estamos habituados. (PRT)</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Longitudinal... o que quer dizer? Alguns conseguem dizer qualquer coisa. E eu lá dizia com gestos. Muitas vezes, o gesto não precisa de ser aquele gesto, científico, igual ao da televisão, em língua gestual. (PRT); (...)As letras, quando não sei uma palavra ponho as letras, ou como se faz uma letra. Por exemplo: guia. Faço o gesto da letra G, depois U, depois I e depois A. Claro que não faço com aquela destreza que eles fazem porque passaram a vida toda deles a fazer. Por exemplo, o meu I é assim (faz o gesto) e o meu dedo não endireita bem, não é? Mas sei que é G, U,I ,A. Pronto, isto é um exemplo. (PRT);</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | |

| | | |
|------------------------------|----------------------------|---|
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | Nós temos a noção que eles são surdos. Eles não gostam que sejam chamados deficientes. Eles dizem que são surdos-mudos e não deficientes. (PRT); Deficiente é uma pessoa que tem uma deficiência. Eles simplesmente não ouvem. Pronto, não têm essa caraterística de ouvir, que nós temos. (PRT); Eles também têm consciência da sua dificuldade e aplicam-se mais.(PRT); Nós às vezes temos a ideia que eles são surdos e não nos ouvem mas com os gestos para eles, quaisquer que sejam, eles aprendem muito facilmente. (PRT); Eles não têm esse sentido mas devido às circunstâncias desenvolveram outra capacidade de atenção que nós não temos.(PRT); ...)uma vez que eles desenvolveram outra capacidade de atenção. Eles estão atentos a tudo o que os rodeia, portanto o painel de instrumentos não lhe passa despercebido.(PRT); Mas de qualquer maneira, tinha uma interpretação, desenhava tudo...sinais e tudo, por forma a compreender bem(...) (PRT); |
| | Aulas | (...) vai-se avaliando se o candidato faz os respetivos sinais, como ele se comporta, se ele reduz a velocidade numa travessia para peões. Ele[o instrutor] não está a dizer isso, vê como o candidato se comporta mas está calado. (PRT) |
| | Exames | Eles quando forem a exame de código podem ser acompanhados por um intérprete de linguagem gestual. Esse intérprete tem que estar devidamente credenciado. Chega lá, à hora marcada e ele vai traduzir o que está no texto para a linguagem gestual. (PRT); A todos os surdos-mudos eu aconselho a irem a exame com o intérprete de língua gestual. (PRT); A aluna é muito boa, sabia muito bem os testes de código. Aconselhei-a a não ir com intérprete mas mesmo assim ela achou melhor e levou o intérprete. Os gastos foram à conta dela. (...) Eu disse-lhe que não percebia porque ela levava intérprete, mas ela preferiu levar. (PRT); (...) fez o exame de código sem dificuldade alguma.(PRT); Não têm mais dificuldade do que os outros. No exame código, com o intérprete, que traduz aquilo para linguagem gestual e é muito raro um surdo-mudo que reprove.(PRT); Daí que seja muito raro reprovarem no exame de código. (PRT) |
| | Segurança Rodoviária | (Não é fácil estar um veículo atrás dele e eles não se aperceberem. Eles apercebem-se facilmente.(PRT); Os surdos, chegam a um momento que iriam olhar para o painel de instrumentos e vêem o pisca ligado, pensam: Eu estou a dar informação errada aos outros condutores. Porque se eu vou a conduzir com o pisca da direita ligado e não viro. Se não o faço, engano o outros condutores e posso causar um acidente. (PRT); O facto de não ouvirem, faz com que desenvolvam a capacidade de atenção. A atenção é muito mais desenvolvida do que a nossa, mas muito mais. Apercebem-se de tudo o que se passa à volta e nós muitas vezes estamos distraídos.(PRT); Tem que ter dois espelhos retrovisores exteriores. (PRT); É umas das restrições: espelhos retrovisores exteriores bilaterais. Outra das restrições é pára-brisas inamovível. E depois, nalguns casos, o uso obrigatório do aparelho auditivo.(PRT); Aqueles que usam, terão que constar. Tal como nós se usamos óculos também tem que constar. Alguns têm restrições de velocidade mas eu não vejo qualquer vantagem nisso. (PRT); |

Apêndice 38 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – PRT

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Portalegre (PTG) | | |
|---|--|--|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | 12ºano. (PTG) |
| | Formação para exercer a profissão | Há 25/26 anos. (PTG); É obrigatório[curso de atualização] e também gosto de estar informado e vou tendo outras formações também. (PTG); |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | Não. Não, nunca tive. (PTG); Que me lembre não houve nenhuma formação que se falasse de alguns aspetos desses. (PTG); |
| | Experiência como instrutor | Desde 1999. Já vai para 16 anos. (PTG) |
| | Experiência com alunos surdos | Foram no total três[alunos surdos] (PTG); (...)o que mais gozo, mais gozo, sinceramente, no ensino, foi essa miúda. Foi recompensador...e ficou a conduzir muitíssimo bem. (PTG) |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | Tínhamos que ter um quadro, ainda hoje senão tivérmos sala virtual, temos que ter um quadro magnético com os cruzamentos e carrinhos... (PTG);Tínhamos um baralho de sinais, era tipo um baralho de cartas mas com os sinaizinhos todos. |
| | Materiais - Aulas Práticas | |
| | Humanas | |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | Na parte teórica, conseguia comunicar com ela, devagarinho, ela ia lendo nos lábios e a coisa ia funcionando assim. (PTG); Eu, com a primeira aluna surda, passado uma semana, na parte prática tive para desistir, no final da semana. (PTG); Então, no final da primeira semana lembro-me de pensar: Desisto disto, isto é uma complicação. (PTG); |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | Também sim, também. [esquemas em papel] (PTG) |
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | |

| | | |
|-------------------------------------|--|---|
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Já não sabia o que fazer à minha vida, porque em termos de língua gestual, eu não percebia nada. (PTG); Perguntávamos: Que sinal é este? Era fácil comunicar com eles dessa forma. Porque eles conseguiam ler nos lábios. (PTG)</i> |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | <i>Mas na [parte]prática, ela não pode olhar para mim, e eu também não posso estar a olhar para ela. (PTG);</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Fiz uma grande maioria das vezes individualmente, para conseguir comunicar com eles. Ninguém trouxe intérprete. (PTG)</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | <i>(...) por exemplo, sobre o ponto de embraiagem, uma coisa que nós não autorizamos, normalmente a fazer, a meter a mão na manete das mudanças como é que eu consegui arranjar ali um estratagema que ela conseguisse perceber que estava no ponto de embraiagem? Tão simples como tudo isto: meter a mãozinha na manete. Quando a manete começasse a trepidar estava no ponto.(PTG);</i> |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>E então, foi a manete a tremer que deu resultado. (PTG);</i> |
| | Aulas | <i>Houve uma que vinha às aulas com o intérprete. Ela era mesmo professora e queria vir acompanhar. (PTG);</i> |
| | Exames | <i>E também foi [intérprete] ao exame. Lembro-me perfeitamente dessas aulas. (PTG); A primeira mocinha que foi a exame, foi elogiada pelo seu desempenho(...) (PTG); (...) nos casos que tive ficaram todos aprovados à primeira vez. (PTG); O examinador quando chegámos quase ao final do exame, deu os parabéns à mocinha, do exame que estava a fazer e deu-me os parabéns a mim. (PTG)</i> |
| | Segurança Rodoviária | <i>Há surdos-mudos que conduzem melhor que se calhar alguns que não têm surdez. Todos diferentes, todos iguais. Por isso não é por aí [falta de segurança e falta de audição].Depende se tem mais aptidão ou não para a condução. (PTG); Tem que existir[relação entre falta de segurança e falta de audição], minimamente mas tem que existir. Senão, não tinham as restrições que tinham. (PTG)</i> |

Apêndice 39 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – STR

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Santarém (STR) | | |
|---|--|---|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | <i>Tenho o 11ºano. (STR)</i> |
| | Formação para exercer a profissão | <i>Curso de instrutor à cerca de 21 anos ou talvez um pouco mais. (STR); Claro[frequência de curso de atualização], pois é obrigatório. (STR)</i> |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | <i>Não, nunca tive. Não há cursos específicos para lidar com a deficiência. (STR)</i> |
| | Experiência como instrutor | <i>Cerca de 21 anos ou talvez um pouco mais.</i> |
| | Experiência com alunos surdos | <i>Eu tive 3 casos, nenhum deles, igual como é óbvio. (STR); É ótima. Muito enriquecedora. É um desafio bom. E quando nós conseguimos, acaba por ser mais gratificante porque aquela pessoa que tem mais dificuldade e que não tem as faculdades todas aos seu dispor. Através do seu esforço e da nossa ajuda acabam por conseguir também fazer a sua vida com o veículo e isso é muito bom.(STR)</i> |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | <i>Perfeitamente adequados e corretos. Tem muito o recurso à imagem, à exemplificação e ao sistema de pergunta-resposta. Portanto, dá perfeitamente para complementar e conseguir um bom resultado. (STR);(...) dispomos dos meios audiovisuais e assim e de facto, a pessoa aprende mais facilmente. (STR)</i> |
| | Materiais - Aulas Práticas | |
| | Humanas | |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | <i>Obviamente que temos que lidar com as limitações da pessoa, não é? E sobretudo arranjar forma de comunicarmos com ela, de explicarmos que ela perceba o que lhe estamos a transmitir. Mas arranjamos maneira. (STR); Tivemos que arranjar formas próprias de comunicação entre nós. (STR); Tínhamos que arranjar maneira que a mensagem passasse e fosse apreendida. Agora a forma como é... cada um tem de a encontrar. (STR)</i> |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | <i>Claro, temos que falar mais diretamente para eles, de forma a que eles estejam sempre a ler os nossos lábios mas tirando isso, não há qualquer dificuldade. (STR)</i> |

| | | |
|-------------------------------------|--|--|
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | <i>pessoalmente, por vezes, há necessidade de parar e às vezes com alguma linguagem gestual e alguma verbalização que eles entendem através dos lábios para transmitir a mensagem. Outras vezes, escrevendo também, obviamente nas paragens. (STR); Depois dizia-lhe: vamos ligar uma ficha ao veículo, e tu vais sentir o veículo e eu dizia-lhe, também com gestos: Assim, o carro precisa de uma mudança mais alta (fazendo gestos). Depois eu escrevia-lhe isso. (STR);</i> |
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Nas aulas teóricas, a comunicação processa-se de forma mais facilmente (...) (STR);</i> |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | <i>A nível da condução, há uma dificuldade, em primeiro lugar, pela posição em que estamos. (STR); Porque nós estamos no interior do veículo e a pessoa surda não consegue ler nos nossos lábios, não é? Por isso, há muito mais dificuldade. (STR);</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | <i>com um dos alunos, quando o carro estava a morrer, eu apontava-lhe no tablier, dizia: "o carro vai a morrer" e fazia-lhe o sinal da cruz com a mão e ela reduzia a mudança (...) (STR); Fazia o gesto de forma a que conseguissem ver, basta esticar um pouco mais a mão, portanto, direita, esquerda. (STR); Nalgumas situações, eu tive primeiro que fazer para eles compreenderem. Depois eu escrevia e eles liam e fixavam, o que conseguiam, obviamente. (STR); Com gestos que inventava também. Tentava captar a atenção deles e depois fazia o gesto de parar - junto ao passeio(...) arranjava gestos combinados quase unicamente entre nós. (STR); Exemplificava por vezes os pedais(...) Agora, mudança, fazia-lhe o gesto com a mão. Agora sobes a embraiagem e aceleras de novo. Ou seja através das minhas mãos eles viam os pés deles, exatamente aquilo que eles deviam de fazer.(STR); Eles vão buscar à vibração do veículo, muitas coisas que nós não vamos buscar porque simplesmente estamos a ouvir. (STR); Eles vão estar muito mais atentos, vão olhar muito melhor, vão explorar o mundo que os rodeia muito melhor. Porquê? Porque eles não ouvem. (STR); Estão muito mais despertos a outros estímulos que nós não estamos porque não temos necessidade disso. Eles sentem de outra maneira. (STR); Eu acho que eles conseguem através da utilização dos outros sentidos, de certa forma contrapor a parte que falta da audição. No fundo, eles conseguem perfeitamente compensar a falta de audição. (STR)</i> |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>Na minha opinião e pela minha experiência, a pessoa surda desenvolve outras capacidades que não as nossas, não é? (STR)</i> |
| | Aulas | <i>Sim, eles na parte da aprendizagem teórica, não têm qualquer diferença entre uns e outros.(STR);</i> |
| | Exames | <i>Não, nunca trouxeram interpretes, nem para exames. (STR); O factor surdez não é impeditivo da taxa de aprovação ser ou não com sucesso. Nem no código nem na condução. (STR); Além de ser um desafio, quando as pessoas aprovam é sempre gratificante, como é lógico, mas nestas situações foi um bocadinho mais gratificante que as outras. (STR); (...)quando as pessoas aprovam é sempre gratificante, como é lógico, mas nestas situações foi um bocadinho mais gratificante que as outras. (STR)</i> |

| | | |
|--|-----------------------------|--|
| | Segurança Rodoviária | <p><i>Como não ouvem, eles têm essa percepção que não ouvem, eles tentam captar com a vista o que não conseguem com os ouvidos. Por isso, acho até que eles são mais seguros e menos distraídos que os outros. (STR); Portanto, se eles não ouvem, se calhar, eles vão ser condutores tão seguros como os outros ou até um pouco mais que os outros. (STR); (...)na minha opinião, eles são muito mais seguros do que propriamente nós. (STR); eles tentam captar com a vista o que não conseguem com os ouvidos. Por isso, acho até que eles são mais seguros e menos distraídos que os outros. (STR); Só quando chegamos a um sítio que tenhamos obstáculos laterais que não podemos ver, podemos recorrer à audição para nos apercebermos da chegada de algum outro veículo. Mas tirando isso... é uma simples questão de andar mais devagar com mais atenção e observar ainda melhor</i></p> |
|--|-----------------------------|--|

Apêndice 40 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – STB

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Setúbal (STB) | | |
|--|--|--|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | <i>Licenciatura em Direito. (STB)</i> |
| | Formação para exercer a profissão | <i>Curso de instrutor há 23 anos. (STB)</i> |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | <i>Não, até porque é um tipo de cliente muito específico e que não aparece com muita frequência. Ao longo destes 15 anos, surgiram-me dois casos, para já. (STB)</i> |
| | Experiência como instrutor | <i>Há 23 anos (STB)</i> |
| | Experiência com alunos surdos | <i>Ao longo destes 15 anos, surgiram-me dois casos, para já. (STB)Ao longo destes 15 anos, surgiram-me dois casos, para já.</i> |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | <i>É assim, o feedback da parte deles foi positivo. Felizmente não tivemos nenhum caso complicado, na nossa ótica, é suficiente [o material] (STB); Nas primeiras aulas, tinha que ser com recurso ao papel e à caneta(...) (STB)</i> |
| | Materiais - Aulas Práticas | <i>Em termos de visibilidade, com recurso a espelhos retrovisores de maiores dimensões de forma reduzir os ângulos mortos. (STB)</i> |
| | Humanas | |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | <i>Poderão haver barreiras de ordem vária, depois cabe-nos a nós identificá-las e tentar transpô-las, melhor que podemos e sabemos. Temos que analisar pois cada caso é um caso. (STB)</i> |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | <i>Durantes aulas teóricas, só um pedido da parte deles, uma vez que os instrutores não dominavam a linguagem gestual, para que fosse falado, de forma pausada, para que eles conseguissem fazer leitura labial. (STB); Nas primeiras aulas, tinham que ser com recurso ao papel e à caneta, fazendo o desenho daquilo que se pretendia e depois nas seguintes, já não era necessário tanto. (STB)</i> |
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | <i>o instrutor tem que se adaptar e dar o seu melhor, utilizando os meios que tem ao seu dispor. (STB); Quando havia necessidade de explicar alguma coisa, com maior profundidade, parava o carro ou através de linguagem, portanto falada e leitura labial. Em casos mais técnicos, com recurso a desenhos, frases escritas. (STB); Há que explicar de uma forma, de outra e outra...ir à procura e ver qual a melhor forma de fazer conseguir passar a mensagem e certificarmo-nos que ela realmente passou. (STB)</i> |

| | | |
|-------------------------------------|--|--|
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Embora, possam haver outros casos, com os quais ainda não nos confrontámos, que poderão ter outras dificuldades, as quais ainda não identificámos. (STB)</i> |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | <i>(...) o maior tipo de dificuldades revelaram-se na componente prática. Há que explicar de uma forma, de outra e outra...ir à procura e ver qual a melhor forma de fazer conseguir passar a mensagem e certificarmo-nos que ela realmente passou. (STB);</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | <i>Uma vez que nas aulas práticas não era possível a leitura labial, tinha que ser gestualmente. (STB); À medida que as dificuldades vão surgindo, nós vamos arranjando formas de as ultrapassar mas os poucos casos que encontrámos foram superados da melhor forma, com bons resultados. (STB); (...) um condutor surdo-mudo quando vai a conduzir, não é facilmente identificável pelos outros condutores. (STB); Claro que há muita informação que nós recolhemos pela via auditiva, mas não sendo possível recolhê-la, há que compensar, com a recolha de informação visual de forma a evitar que sejam surpreendidos com situações adversas. (STB)</i> |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>(...)Eles tinham muito mais sensibilidade e conseguiam facilmente apreender e sentir as vibrações do veículo de forma a compreender as suas necessidades. (STB); Desde que tenham uma boa exploração percetiva de tudo o que se passa à sua volta, irá dispensar a situação da não audição dos sinais sonoros. (STB);(...) tem restrições. São fixadas pelo médico, tanto no caso como noutra, recorde-me dos espelhos retrovisores de maiores dimensões e não me recorde se havia uma limitação de velocidade, já não posso precisar. (STB)</i> |
| | Aulas | <i>Uma vez por outra, vinham acompanhados de um familiar, que servia de intérprete mas na maior parte das presenças vinham sozinhos e conseguiam acompanhar. (STB)</i> |
| | Exames | <i>É assim, no caso dos surdos-mudos é a única situação em que é permitido o interprete na sala de exame. É claro que todos os surdos mudos terão essa necessidade. (STB); Sim, os dois requisitaram, pediram à associação de surdos e eles nomearam um. (STB); Dados os dois casos que por aqui passaram, a taxa de aprovação foi de 100%. (STB)</i> |
| | Segurança Rodoviária | <i>Em termos de circulação, não influencia nada. Em termos de mentalização das outras pessoas, pode fazer um pouco de confusão, mas são pessoas normais que conseguem fazer a sua vida normal e isso é que é importante. (STB)</i> |

Apêndice 41 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – VCT

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Viana do Castelo (VCT) | | |
|---|--|--|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | O antigo 7ºano, equivalente ao 12ºano. (VCT) |
| | Formação para exercer a profissão | Tenho o curso de instrutor desde 1985. (VCT); Quando tenho de renovar a licença de condução. Estou a aguardar [curso de atualização]. (VCT) |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | Eu creio que nem existe nenhuma formação específica. Apenas a experiência. (VCT) |
| | Experiência como instrutor | (...)desde 1985. (VCT) |
| | Experiência com alunos surdos | Eu creio que foram 4 alunos.(VCT); Julgo que [a experiência] faz parte do meu currículo e que não é transmissível facilmente a outro. Faz-me lembrar o 25 de abril...só pode saber o que é, quem o viveu. Aqui é a mesma coisa, só quem conviveu com ele, é que poderá dizer.(VCT) |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | Também esquemas no quadro. (VCT); Eu tenho sala multimédia e isso também os ajuda. Uma imagem vale mais do que mil palavras, não é? (VCT) |
| | Materiais - Aulas Práticas | |
| | Humanas | |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | <i>Eu tenho muita pena deles. Porque é um problema que eles não criaram. Nós temos que os ajudar a tornar a vida mais facilitada.(VCT)</i> |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | |
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | |

| | | |
|-------------------------------------|--|--|
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | <i>A dificuldade... há uma barreira muito grande entre aquilo que nós queremos dizer, ou melhor, aquilo que dizemos e aquilo que eles entendem. (VCT); Nós podemos explicar e eles apenas entendem a 30%. Se nós conseguirmos isso, já é bom. Mas só com a persistência, é que eles poderão atingir. (VCT)</i> |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | <i>Na parte prática, é mais fácil. (VCT); Nada é difícil quando se faz de boa vontade. (VCT)</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Nas aulas teóricas tento explicar as coisas mais ao pormenor. (VCT); Acompanhando com os gestos que a gente consegue fazer, eles também nos percebem. Também esquemas no quadro. (VCT)</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | <i>Quando tem o conta-rotações nos carros, a gente aponta e dizemos quando é que deve passar ou não. VCT); Nunca foi necessário fazer primeiro e ele repetir. (VCT)</i> |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>Depois, eles estão muito atentos ao que dizemos e aos exemplos escritos, ao que escrevemos no quadro...a tudo.(VCT); A passagem das mudanças... eles têm um poder de adaptação muito grande. (VCT); (...) eles têm um poder de adaptação muito grande. (VCT); Muitas vezes já andam de bicicleta, o que lhes permite ter uma noção de como se atravessa um cruzamento, quando se deve aumentar ou diminuir a velocidade.(VCT); A concentração que eles têm também ajuda...não há nada que os distraia.(VCT); Eles são mais limitados, existe uma pequena limitação mas de resto são condutores como qualquer outro. (VCT); Segundo dizem, quando falta de um sentido, os outros estão mais apurados.(VCT); Não existe o rádio a tocar, a música, distração, portanto concentram-se só naquilo que estão a fazer.(VCT)</i> |
| | Aulas | |
| | Exames | <i>Todos pediram interprete para o exame. É uma possibilidade e eles pediram. (VCT); Acho que têm mais dificuldade. No teórico é mais evidente. Na prática, são muito atenciosos. (VCT); Quando levei um aluno a exame, o examinador estava preocupado. Mas eu disse-lhe para ir em total segurança.</i> |
| | Segurança Rodoviária | <i>A audição é importante mas não é tudo. (VCT); Eu acredito que na presença de um veículo prioritário possa ter mais dificuldade, porque a primeira chamada de atenção, a tendência é de usar o sinal sonoro. (VCT); Mas depois eles, tendo em conta o comportamento dos outros carros, também se apercebem da presença de um veículo prioritário. O respeito é essencial. (VCT)</i> |

Apêndice 42 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – VRL

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Vila Real (VRL) | | |
|--|--|---|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | <i>O 12ºano. (VRL)</i> |
| | Formação para exercer a profissão | <i>Curso desde 1980. (VRL); Sim. Somos obrigados, de 5 em 5 anos[curso de atualização]. (VRL)</i> |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | <i>Nunca tive formação nem conheço ninguém habilitado para nos dar. (VRL); Apesar de nunca ter tido formação para ensinar pessoas com deficiência, como instrutor tenho que me adaptar a cada aluno, às suas necessidades ou deficiência. (VRL); Quando tirei a carta de instrutor, apenas tínhamos que saber conduzir, ter a carta de condução, fazer um exame, mostrando o que sabíamos fazer.(VRL); Tenho muita paciência e sensibilidade também. (VRL);</i> |
| | Experiência como instrutor | <i>Desde 1980. (VRL)</i> |
| | Experiência com alunos surdos | <i>Também para mim, tem sido um desafio. (VRL); Um desafio muito grande. Apliquei-me muito desde o início. (VRL)</i> |
| Condições da Escola de | Materiais - Aulas Teóricas | <i>Temos um software, sala virtual, em que ao clicar, por exemplo no sinal de código, aparece o texto a explicar o que é. O texto associado à imagem ajuda muito. (VRL)</i> |

| | | |
|--|--|---|
| Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Práticas | <i>Tal como faço com os outros alunos, uso um caderno, onde por vezes também escrevo indicações ou informações importantes, como por exemplo: encostar ao eixo da via... (VRL)</i> |
| | Humanas | |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | <i>Sinto que tenho uma grande facilidade de relacionamento, de comunicação...até um sentido paternal em relação à aluna surda. Trato-a como se fosse uma filha (...) (VRL); Depois no final, dou-lhe sempre um reforço positivo e isso sim é mesmo importante para ela. (VRL); Criámos uma grande cumplicidade desde o código. (VRL)</i> |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | <i>Antes das aulas, combinámos os gestos. Ela também faz a leitura labial. (VRL); Nas aulas teóricas obrigo a ler o livro, o manual.(VRL); Tento falar pausadamente, pois ela faz leitura labial.(VRL); Quando não consegue perceber, a aluna recorre ao texto. Ela escreve em papel: "O que é isto?". E eu explico-lhe. (VRL); Sim, está sempre com os outros alunos. Tem tablet e faz os testes no computador e em casa.(VRL)</i> |
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | <i>Criámos uma maneira de estar juntos, com muita piada. Na primeira aula, utilizei a mesma técnica que uso com todos os alunos. Descrevi os pedais, associando ao gesto. (VRL); Através do conta-rotações para alterar a mudança e a trepidação do carro também é sinal que é preciso mudar a mudança. (VRL); Ou então, bato na manete e mostro com os dedos o número da mudança para a qual deve mudar. Assim já sabe qual a velocidade necessária. (VRL); Faço o gesto com o braço e mão para virar à direita ou à esquerda. Basta chegar-me um pouco mais à frente. (VRL); Quando é numa rotunda, faço o gesto no tablier e indico com os dedos qual o número da saída. Exemplo: dois, já sabe que é na segunda saída, que é para sair. (VRL)</i> |
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Não sinto grandes dificuldades. Sinto que tenho uma grande facilidade de relacionamento, de comunicação...até um sentido paternal em relação à aluna surda. (VRL)</i> |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | |

| | | |
|-------------------------------------|--|---|
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | <i>Expliquei-lhe tudo, tendo demorado mais tempo. (VRL)</i> |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | <i>São tão capazes ou mais do que nós. São cumpridores do código e dos seus deveres. Têm uma visão mais apurada e conseguem controlar tudo através dos espelhos. (VRL)</i> |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | |
| | Aulas | |
| | Exames | |
| | Segurança Rodoviária | <i>É fácil, porque, sabe, os surdos são muito mais atentos e mais seguros. Olham muito mais vezes para os espelhos e conseguem controlar tudo. Cumprem muito mais as regras e os limites estabelecimentos. (VRL); (...) Ao cumprirem os limites não colocam tão facilmente em perigo a sua segurança e a dos outros condutores. (VRL)</i> |

Apêndice 43 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO – VIS

| Entrevista ao Instrutor da Escola de Condução do Distrito de Viseu (VIS) | | |
|--|--|--|
| Categorias | Subcategorias | Unidades de Registo |
| Perfil do Entrevistado | Nível de escolaridade | 12 ^º ano (VIS) |
| | Formação para exercer a profissão | Tenho o curso de intrutor Há 24 anos. (VIS); Nós temos, todos os 5 anos temos uma atualização, que não é formação rigorosamente nenhuma. O instrutor quer goste ou não goste, tem que estar atualizado no dia-a-dia. Eu tenho que ser profissional naquilo que faço. (VIS) |
| | Formação Específica para trabalhar com alunos surdos | Não, não temos. Mas tenho a minha experiência de vida. Tenho um irmão surdo-mudo e pronto através dessa experiência tenho alguma facilidade em comunicar com surdos-mudos. (VIS); |
| | Experiência como instrutor | Há 24 anos. (VIS) |
| | Experiência com alunos surdos | Penso que foi apenas um, foi o único moço surdo-mudo que tirou cá a carta. (VIS);(...)eu sempre convivi com o meu irmão que não tem audição e nós comunicávamos como se ele fosse um miúdo normal. Não havia ali uma diferença.(VIS) |
| Condições da Escola de Condução para o ensino de alunos surdos | Materiais - Aulas Teóricas | Penso que são suficientes.(VIS); |
| | Materiais - Aulas Práticas | |
| | Humanas | |
| Comunicação entre o instrutor e o aluno surdo | Interação/relacionamento | Mas depois de se estar naquele meio, comunica-se muito normalmente, mesmo sem língua gestual nenhuma. (VIS); E depois, não é só os gestos. Fazem muitas expressões. Eles, a comunicar são mais emotivos que nós. (VIS) |
| | Estratégias Gerais Aulas Teóricas | Na altura em que esse moço tirou cá a carta, eu estava muitas horas com ele, só mesmo com ele, o que ajudou muito.(VIS); Quando ele não percebia determinado conteúdo, eu tentava explicar-lhe, não é? Tentava comunicar com ele de determinada maneira e ele acabava por perceber as coisas. (V); Não fazia leitura labial... era mais por gestos ou através de desenhos.(V) |
| | Estratégias Gerais Aulas Práticas | Antes de começar as aulas, eu explicava-lhe determinados pormenores que ele tinha que fazer. Eu apontava para a esquerda, fazia assim com o dedo e ele sabia que era para virar para a esquerda. (VIS); Fazia-lhe assim para aqui, e ele sabia que era para virar para a direita. Para as manobras, mandava-o parar. Ele encostava e depois olhávamos um para o outro e eu dizia-lhe: "olha, agora vamos fazer isto ou aquilo". (VIS); Bastava o gesto e a fala (...) Depois de algumas tentativas ele captava e pronto, estava resolvido. (VIS) |

| | | |
|-------------------------------------|--|--|
| | Dificuldades - Aulas Teóricas | |
| | Dificuldades - Aulas Práticas | |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Teóricas | |
| | Estratégias para ultrapassar as dificuldades - Aulas Práticas | |
| Desempenho dos alunos surdos | Caraterísticas específicas | <i>oje em dia, os carros até têm conta-rotações. A partir do momento que as rotações aumentam é sinal de que a mudança que tem naquele momento já não serve, não é? Têm que pôr outra mais forte. (VIS); Na altura não tinha conta-rotações. Era através do velocímetro. E depois com o hábito, nós pomos a mudança. Ganha velocidade, aumentamos, perde velocidade, diminuímos. (VIS); Eles têm uma capacidade de interpretação e de perceber as coisas muito rápidas. (VIS); Explora muito bem os espelhos retrovisores. Não surpreende nem se deixa surpreender, não é? (VIS); Se através da visão, que mais de 90% da informação me chega para conduzir porque é que o surdo tem que ter o espelho e não toda a gente? (VIS); Eles têm uma motivação muito grande para conseguir. (VIS); Da minha parte, posso dizer e provar que eles têm capacidades acrescidas de bons condutores. (VIS); Os surdos têm realmente uma restrição na carta de condução que é terem obrigatoriamente espelhos exteriores. (VIS); Um bom condutor tem de ter uma boa visão. A audição para mim é muito subjetiva.</i> |
| | Aulas | <i>O moço, já tinha alguns conhecimentos porque ele já conduzia trator agrícola lá numa quinta. (VIS)</i> |
| | Exames | <i>fez tudo à primeira. (VIS)</i> |
| | Segurança Rodoviária | <i>A falta de audição, neste caso, não é um handicap para ser um bom condutor e na minha opinião melhor ainda que os outros que têm audição. (VIS); O surdo é muito calmo por natureza. É paciente, é atento. É um bom condutor. Tem o que se quer de um bom condutor: É ser paciente, estar atento, interagir muito bem com os outros utentes. (VIS);</i> |